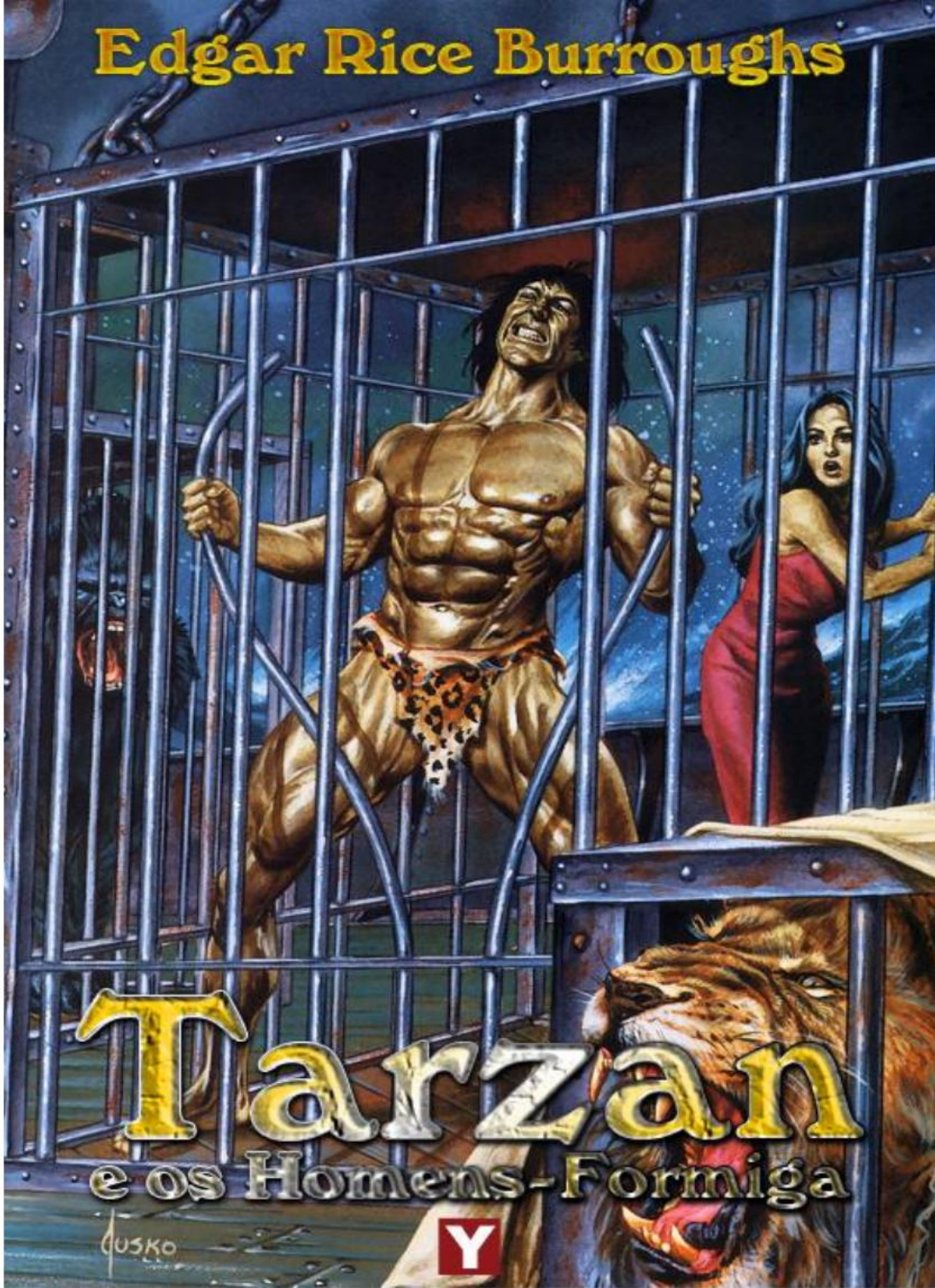


Edgar Rice Burroughs



Tarzan  
e os Homens-Formiga

LUSKO

Y

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

Edgar Rice Burroughs

**Tarzan**  
**e os Homens-Formiga**

Digitalização de Digital Source

Formatação de LeYtor

Tradução de RUY JUNGSMANN

Título original norte-americano:  
TARZAN AND THE ANT-MEN

# Capítulo 1

Na imundície de uma escura choça na aldeia de Obebe, o canibal, às margens do Ugogo, Esteban Miranda, sentado no chão, roia os restos de um peixe semicozido. Em torno do pescoço, uma gargalheira de ferro de escravo, da qual alguns metros de corrente enferrujada corriam para um forte poste cravado profundamente no solo, próximo à baixa entrada que dava para a rua do povoado, não muito longe da choça do próprio chefe.

Durante um ano, Esteban Miranda fora acorrentado como um cão e, como um cão, ocasionalmente rastejava através da baixa entrada da toca e esquentava-se ao sol. Tinha duas diversões, e apenas duas. A primeira, a persistente idéia de que era Tarzan dos Macacos, que personificara durante tanto tempo, e com tal sucesso que, como bom ator, viera não apenas a personificar o papel, mas a vivê-lo — ser o papel. Era, tanto quanto o interessava, Tarzan dos Macacos — não havia outro — e era Tarzan dos Macacos para Obebe, igualmente. O feiticeiro da aldeia, porém, insistia ainda em que ele era o demônio do rio e, como tal, pessoa a propiciar, e não a irritar.

Fora a divergência de opinião entre o chefe e o feiticeiro que mantivera Esteban Miranda longe dos caldeirões da aldeia, pois Obebe queria devorá-lo, considerando-o o velho inimigo, o homem-macaco. O feiticeiro, porém, despertara os receios supersticiosos dos aldeões, convencendo-os quase de que o prisioneiro era o demônio do rio, disfarçado de Tarzan. E, como tal, catastróficos desastres se abateriam sobre a aldeia caso ele fosse molestado. Como resultado da divergência entre Obebe e o feiticeiro fora preservada a vida do espanhol até que uma ou outra alegação fosse comprovada. Se Esteban falecesse de morte natural, era Tarzan, o mortal, e Obebe, o chefe, estaria justificado; se vivesse para sempre ou misteriosamente desaparecesse, a alegação do feiticeiro seria aceita como dogma.

Após ter aprendido a língua dos negros e, dessa maneira, ter compreendido por que estreita margem o destino o livrara dos caldeirões dos canibais, mostrou-se menos ansioso em proclamar-se Tarzan dos Macacos. Na verdade, fez misteriosas sugestões de que era, realmente, o demônio do rio. O feiticeiro ficou deliciado e todos foram enganados, com a exceção de Obebe, velho, sábio e descrente de demônios. O feiticeiro era também idoso, sábio e tampouco neles acreditava, mas compreendia que era excelente que seus paroquianos pensassem de outro modo.

A segunda diversão de Esteban Miranda, além de julgar-se intimamente Tarzan, consistia em olhar avidamente para o saco de diamantes que Kraski, o russo, roubara do homem-macaco, e que lhe caíra nas mãos ao assassiná-lo — as mesmas pedras que o ancião entregara a Tarzan nas caixas-forte sob a Torre dos Diamantes, no vale do Palácio dos Diamantes, quando salvara os gomanganis da opressão tirânica dos bolganis.

Durante horas de cada vez, Esteban Miranda permanecia sentado à luz mortiça da imunda toca contando e acariciando as pedras brilhantes. Mil vezes pesara cada uma delas na mão avaliadora, computando-lhe o valor e traduzindo-o em prazeres da carne que a grande riqueza poderia comprar-lhe nas capitais do mundo. Chafurdando na própria imundície, alimentando-se de restos que lhe eram atirados por sujas mãos, ainda assim possuía a riqueza de um Creso e era como Creso que vivia imaginariamente, transformada a esquálida choça na pompa e instalações de um palácio pelo brilho cintilante das preciosas pedras. Ao som de cada passo que se aproximava, escondia apressadamente a fabulosa fortuna na esmulambada tanga que era sua única vestimenta e, mais uma vez, transformava-se no prisioneiro de uma choupana de canibal.

Naquele momento, após um ano de prisão solitária, surgiu a terceira diversão sob a forma de Uhha, a filha de Khamis, o feiticeiro. Uhha contava quatorze anos, era bem feita de corpo e curiosa. Durante um ano observara a distância o misterioso prisioneiro até que, finalmente, a familiaridade lhe vencera os

receios. Certo dia, aproximou-se dele, encontrando-o deitado no solo no exterior da choça. Esteban lhe observara as tímidas tentativas, sorrindo-lhe encorajadoramente. Não tinha amigo entre os aldeões. Se pudesse conquistar um deles, o seu destino seria mais fácil e a liberdade ficaria um passo mais perto. Finalmente, Uhha aproximou-se e parou a pouca distância dele. Era uma criança, ignorante e selvagem. Mas era uma mulher-criança e Esteban Miranda conhecia as mulheres.

— Estou na aldeia do chefe Obebe há um ano — disse ele hesitantemente, na língua laboriosamente aprendida de seus captores — mas nunca imaginei que, dentro dessas paredes, houvesse uma mulher tão bela como você. Qual o seu nome?

Uhha ficou satisfeita e abriu-se num sorriso.

— Eu sou Uhha — respondeu. — Meu pai é Khamis, o feiticeiro.

Desta vez, Esteban é que se alegrou. O destino, depois de adverso por tanto tempo, mostrava-se finalmente bondoso. Enviara-lhe uma pessoa que, devidamente cultivada, poderia ser, realmente, uma flor de esperança.

— Por que nunca veio ver-me antes? — perguntou ele.

— Tive medo — respondeu Uhha simplesmente.

— Por quê?

— Tive medo... ela hesitou.

— Medo de que eu fosse o demônio do rio e lhe fizesse mal? — perguntou, rindo, o espanhol.

— Sim.

— Escute! — sussurrou ele. — Mas não diga coisa alguma a ninguém. Eu sou mesmo o demônio, mas não lhe farei mal.

— Se o senhor é o demônio, por que continua acorrentado a uma estaca? — perguntou Uhha. — Por que não se transforma em alguma coisa e volta ao rio?

— Você gostaria de saber o motivo, não? — perguntou Miranda, enquanto ganhava tempo para inventar uma resposta plausível.

— Não é somente Uhha que gostaria de saber — disse a jovem.

— Muitas outras pessoas fizeram ultimamente a mesma pergunta. Obebe perguntou, em primeiro lugar, e ninguém soube explicar. Obebe diz que o senhor é Tarzan, inimigo dele e de seu povo. Mas o meu pai, Khamis, diz que o senhor é o demônio do rio e que, se quisesse fugir, se transformaria numa serpente e rastejaria através da coleira de ferro que leva no pescoço. E o povo se pergunta por que o senhor não faz isso. Muitos deles começam a pensar que o senhor não é, absolutamente, o demônio.

— Aproxime-se mais, bela Uhha — murmurou Miranda — para que nenhum outro ouvido ouça o que lhe vou dizer.

A moça aproximou-se um pouco mais e inclinou-se para a figura agachada.

— Eu sou realmente o demônio do rio — disse Esteban — e venho e vou quando quero. À noite, quando a aldeia dorme, eu vagueio pelas águas do Ugogo, mas volto sempre. Estou à espera, Uhha, para conhecer o povo da aldeia de Obebe e descobrir quem é meu amigo e quem é meu inimigo. Já descobri que Obebe não é amigo, e não tenho certeza sobre Khamis. Se Khamis o fosse, ele me teria trazido boa comida e cerveja. Posso libertar-me quando quiser, mas espero para ver se há alguém na aldeia que me solte. Assim, saberei quem é meu melhor amigo. Se houver tal pessoa, Uhha, a fortuna lhe sorrirá sempre, todos seus desejos lhe serão concedidos e ela viverá até uma idade muito avançada, pois nada terá a temer do demônio do rio, que a ajudará em tudo. Mas, ouça, Uhha, não conte a ninguém o que lhe disse. Esperarei um pouco mais e, se não houver tal amigo aqui, voltarei a meu pai e minha mãe, o Ugogo, e destruirei o povo desta aldeia. Ninguém escapará.

A jovem afastou-se, apavorada. Era evidente que estava muito impressionada.



— Não tenha medo — tranqüilizou-a Esteban. — Não lhe farei mal.

— Mas, se o senhor destruir todo o povo? — indagou ela.

— Então, neste caso, não poderei ajudá-la. Mas esperamos que venha alguém e me liberte para que eu saiba que tenho, pelo menos, um bom amigo aqui. Agora, corra, Uhha, e lembre-se de que não deve contar a ninguém o que lhe disse.

Ela se afastou até uma pequena distância e, em seguida, retornou.

— Quando destruirá a aldeia? — perguntou.

— Dentro de alguns dias — respondeu ele.

Uhha, tremendo de pavor, correu rapidamente para a choça do pai, Khamis, o feiticeiro. Esteban Miranda sorriu satisfeito e rastejou de volta para a toca para divertir-se com os diamantes.

Khamis, o feiticeiro, não se encontrava na choça no momento em que Uhha, a filha, quase desmaiando de medo, rastejou para o escuro interior. Tampouco lá estavam as esposas do feiticeiro. Acompanhadas dos filhos, encontravam-se nos campos além da paliçada, onde Uhha deveria estar também. E, assim, a jovem teve tempo para pensar antes que voltassem. Lembrou-se claramente, o que quase esquecera no primeiro ataque de medo, de que o demônio do rio lhe dissera que não revelasse a pessoa alguma o que lhe contara.

E estivera a ponto de contar tudo ao pai! Que horrenda calamidade lhe teria acontecido? Tremeu à simples sugestão de um destino tão medonho que não podia nem mesmo imaginar. Como escapara por pouco Mas o que deveria fazer?

Permaneceu enrodilhada sobre uma esteira de palha trançada, torturando o pequeno e selvagem cérebro em busca de uma solução para o imenso problema que a confrontava: o primeiro contratempo que enfrentara em sua jovem vida, salvo outro, constantemente repetido, de evitar mais facilmente a parcela no trabalho cansativo nos campos. Logo em seguida, sentou-se

subitamente ereta, galvanizada em rigidez estatuesca por um pensamento provocado pela recordação de uma das observações do demônio do rio. Por que não lhe ocorrera isso antes? Ele dissera muito claramente, e repetira, que, se fosse libertado, saberia que tinha, pelo menos, um amigo na aldeia de Obebe e que quem quer que o libertasse viveria até uma grande idade e teria tudo o que desejasse. Após alguns minutos de pensamento, todavia, Uhha acabrunhou-se novamente. Quem era ela, uma mocinha, para conseguir sozinha a libertação do demônio do rio?

— Como, baba — perguntou ao pai ao voltar ele à choça ao fim do dia — o demônio do rio destrói os que o molestam?

— Como os peixes no rio, assim são os recursos do demônio... inumeráveis — replicou Khamis. — Ele pode enviar os peixes do rio e a caça da floresta para destruir nossas colheitas. Neste caso, morreríamos de fome. Poderia trazer à noite o fogo dos céus e matar toda a gente de Obebe.

— E o senhor pensa que ele pode fazer estas coisas a nós, baba?

— Ele não fará mal a Khamis, que o salvou da morte que Obebe lhe teria infligido — respondeu o feiticeiro.

Uhha recordou-se de que o demônio do rio se queixara de que Khamis não lhe levava boa comida nem cerveja. Nada disse a respeito, porém, embora compreendesse que o pai estava longe das boas graças do demônio do rio, como pensava. Em vez disso, escolheu outra maneira de abordar o assunto.

— Como é que ele pode escapar enquanto a gargalheira estiver em torno de seu pescoço? Quem é que a tirará para ele?

— Ninguém pode tirá-la, salvo Obebe, que leva na bolsa um pedaço de latão que abre a gargalheira — respondeu Khamis — mas o demônio do rio não precisa de ajuda, pois quando chegar o momento em que quiser libertar-se, ele se transformará numa serpente e rastejará do aro de ferro em torno de seu pescoço. Onde é que você vai, Uhha?

— Eu vou visitar a filha de Obebe — disse ela por sobre o ombro.

A filha do chefe pilava milho, como Uhha deveria estar fazendo. Levantou a vista e sorriu ao aproximar-se a filha do feiticeiro.

— Não faça barulho, Uhha — avisou ela — pois Obebe, meu pai, está dormindo lá dentro. — Com a cabeça, indicou a choça. A visitante sentou-se e as duas jovens ficaram conversando em voz baixa. Falaram dos seus ornamentos, penteados e dos jovens da aldeia. E, amiúde, quando falavam deles, soltavam risinhos. A conversação não era diferente da que teriam duas jovens de qualquer raça ou clima. Enquanto conversavam, os olhos de Uhha desviavam-se freqüentemente para a entrada da choça. Em muitas ocasiões, porém, suas sobrancelhas se contraíam em pensamentos muito mais profundos do que o ociosa conversação justificava.

— Onde — perguntou ela subitamente — está a pulseira de cobre que seu pai lhe deu no início da última lua?

A filha de Obebe encolheu os ombros.

— Ele a tomou de mim — respondeu — e deu-a à irmã de sua esposa mais jovem.

Uhha pareceu abatida. Poderia ter acontecido que tivesse cobijado o bracelete de cobre? Examinou atentamente a amiga. As suas sobrancelhas quase se juntaram, tão imersa estava em pensamento. Subitamente animou-se.

— Aquele colar de muitas contas que seu pai tirou do corpo do guerreiro capturado para o último banquete! — exclamou. — Você o perdeu?

— Não — respondeu a amiga. — Está na casa de meu pai. Quando eu pilo milho ele me atrapalha e eu o tiro.

— Posso vê-lo? — perguntou Uhha. — Vou buscá-lo.

— Não, você acordará Obebe, e ele ficará muito zangado — disse a filha do chefe.

— Eu não o acordarei — respondeu Uhha e começou a dirigir-se furtivamente para a entrada da choça.

A amiga tentou dissuadi-la.

— Eu irei buscá-lo logo que baba acordar — disse a Uhha. Esta, porém, não lhe deu atenção e entrou sorrateiramente na choça. Uma vez no interior, esperou silenciosamente até acostumar os olhos à luz mortiça. Encostado à parede oposta da choça, deitado a fio comprido, Obebe roncava vigorosamente. Uhha aproximou-se furtivamente. Andava de modo sorrateiro como Sheeta, o leopardo. O coração lhe batia como o tantã quando a dança está no auge. Temia que o ruído do seu coração e a respiração opressa acordassem o velho chefe, de quem tinha tanto medo como do demônio do rio. Obebe, porém, continuou a roncar.

Uhha aproximou-se mais. Os olhos já estavam acostumados ao lusco-fusco do interior da choça. Ao lado de Obebe, e meio coberta pelo corpo dele, viu a bolsa. Cautelosamente, estendeu uma mão « trêmula e segurou-a. Tentou soltá-la de debaixo do corpo. O dorminhoco moveu-se inquieto e Uhha recuou, apavorada. Obebe mudou de posição e Uhha pensou que ele tivesse despertado. Não estivesse ela imobilizada pelo terror, teria saído em desabalada carreira, mas, por sorte, não se podia mover. Logo depois, ouviu Obebe reiniciar os roncos. A coragem, porém, lhe desaparecera e ela pensava apenas em fugir da choça sem ser descoberta. Lançou um último olhar apavorado ao chefe para certificar-se de que ele ainda dormia. Os seus olhos caíram sobre a bolsa. Obebe virara-se e a bolsa estava a seu alcance, livre do peso do corpo.

Estendeu a mão mas afastou-a subitamente. Recuou. Tinha o coração na boca. Cambaleou um pouco e pensou no demônio do rio e nas possibilidades de uma morte horrível que ele podia infligir. Mais uma vez, estendeu a mão e segurou a bolsa. Apressadamente, abriu-a e examinou-lhe o conteúdo. Encontrou a chave de latão. Reconheceu-a porque era a única coisa cuja finalidade desconhecia. A gargalheira, a corrente e a chave haviam sido tomadas de um mercador de escravos árabe que Obebe matara e devorara. E como

alguns dos anciãos da aldeia haviam usado grilhões semelhantes no passado, não havia dificuldade em adaptá-los à sua finalidade quando a ocasião o exigia.

Rapidamente, Uhha fechou a bolsa e colocou-a ao lado de Obebe. Segurando a chave na mão suada, afastou-se cautelosamente em direção à entrada da choça, i Naquela noite, após terem sido as fogueiras das cozinhas reduzidas a carvão e cobertas de terra, e se recolhido o povo às choças, Esteban Miranda ouviu um movimento cauteloso à entrada da toca. Alguém entrava — alguém, ou alguma coisa.

— Quem é? — perguntou o espanhol numa voz em que tentou evitar o tremor.

— Psii! — respondeu o intruso em voz baixa. — Sou eu, Uhha, a filha de Khamis, o feiticeiro. Vim libertá-lo para que o senhor saiba que tem um bom amigo na aldeia de Obebe e para que não nos destrua.

Miranda sorriu. A sugestão produzira fruto mais rapidamente do que ousara esperar. E, evidentemente, a jovem obedecera a sua ordem de permanecer calada. Nisso raciocinou erroneamente, mas, naquele momento, o seu único objetivo na vida — a liberdade — estava prestes a ser concedida. Avisara a moça para conservar-se calada, acreditando ser esta a maneira mais segura para disseminar a informação que queria espalhar na aldeia, onde, tinha certeza, teria chegado aos ouvidos de algum dos supersticiosos selvagens, que o libertaria, agora que o incentivo fora fornecido.

— E como é que você vai libertar-me? — perguntou Miranda.

— Veja! — exclamou Uhha. — Eu trouxe a chave da coleira.

— Ótimo — bradou o espanhol. — Onde está ela?

Uhha aproximou-se mais e entregou-lhe a chave. E teve vontade de fugir.

— Espere! — exigiu o prisioneiro. — Quando eu estiver livre, você terá de me levar até a floresta. Quem quer que me libertar deverá fazer isto para conquistar as boas graças do deus do rio.

Uhha sentiu medo, mas não ousou recuar. Miranda mexeu na antiga fechadura durante vários minutos antes que ela cedesse à gasta chave que a jovem trouxera. Em seguida, após libertar-se, fechou-a novamente e, levando a chave, dirigiu-se furtivamente para a entrada.

— Consiga-me algumas armas — sussurrou à moça. Uhha partiu através das sombras da rua da aldeia. Miranda sabia que ela estava apavorada, mas confiava em que esse próprio pavor constituísse o meio de trazê-la de volta com as armas. Não se enganou, pois mal se passaram cinco minutos e Uhha voltou com uma aljava de flechas, um arco e uma grossa faca.

— Agora, leve-me até o portão — ordenou Esteban.

Mantendo-se fora da rua principal e tão a retaguarda das choças quanto possível, Uhha conduziu o fugitivo para o portão da aldeia. Surpreendeu-a um pouco que ele, um demônio do rio, não soubesse abri-lo, pois pensava que os demônios tudo soubessem. Fez, porém, o que ele ordenou e mostrou-lhe como o grande barrote podia ser retirado. E ajudou-o a empurrar o portão para que ele saísse. Além, ele viu a clareira que conduzia ao rio, ladeada de cada lado pelos gigantes da floresta. Estava muito escuro e Esteban descobriu subitamente que a recém-conquistada liberdade encerrava certas desvantagens. Penetrar sozinho na sombria e misteriosa selva enchia-o de pavor indizível.

Uhha afastou-se do portão. Fizera seu papel e salvara a aldeia da destruição. Naquele momento, queria fechar novamente o portão e voltar apressadamente à choça do pai, esperando trêmula, em nervosa agitação e terror, a manhã que revelaria à aldeia a fuga do demônio.

Esteban estendeu a mão e segurou-a pelo braço.

— Venha — disse — receber sua recompensa...

Uhha afastou-se dele.

— Solte-me! — exclamou. — Estou com medo.

Esteban, porém, estava também apavorado e resolvera que a companhia da jovem negra seria melhor do que a solidão nas profundezas da floresta. Possivelmente, ao raiar o dia, deixaria que ela voltasse a seu povo, mas, naquela noite, tremia ao pensamento de penetrar na selva sem companhia humana.

Uhha tentou libertar de suas mãos. Lutou como um pequeno filhote de leão e, finalmente, teria erguido a voz num grito selvagem de socorro não tivesse Esteban subitamente lhe fechado a boca com a palma da mão, levantado-lhe o corpo do solo e cruzado velozmente a clareira, desaparecendo na selva.

Na aldeia, os guerreiros de Obebe, o canibal, dormiam em pacífica ignorância da tragédia inesperada que se abatera sobre a pequena Uhha. Diante deles, bem distante na floresta, um leão bramiu forte.

## Capítulo 2

Três pessoas desceram da varanda do bangalô africano de Lord Greystoke e caminharam lentamente em direção ao portão ao longo de um caminho orlado de rosas que coleava, em graciosas curvas, através dos bem cuidados, embora modestos, terrenos que cercavam a esparramada casa térrea do homem-macaco. Eram dois homens e uma mulher, vestidos de caqui. O mais idoso levava um capacete de aviador e um par de óculos numa das mãos. Sorriu tranqüilamente ao ouvir as palavras do mais moço.

— Você não faria isto agora se mamãe estivesse aqui — disse o jovem. — Ela nunca permitiria isso.

— Receio que você tenha razão, filho — respondeu Tarzan. — Mas quero fazer apenas este vôo-solo e prometo-lhe não voar novamente até que ela volte. Você mesmo disse que sou bom aluno e, se você é um bom instrutor, deve ter absoluta confiança em mim depois de ter dito que eu tenho competência para voar sozinho. Hei, Meriem, isto não é verdade? — perguntou à jovem.

Ela sacudiu a cabeça.

— Como o meu querido, tenho sempre medo pelo senhor, *mon père* — respondeu. — O senhor assume tais riscos que se pensaria que se considera imortal. O senhor deve ter mais cuidado.

O jovem passou o braço em torno dos ombros da esposa.

— Meriem tem razão — disse. — O senhor devia ser mais cauteloso, pai.

Tarzan encolheu os ombros.

— Se eu deixasse que você e sua mãe fizessem o que querem, meus nervos e músculos se teriam atrofiado há muito tempo. Eles me foram dados para que os usasse e tenciono usá-los... com prudência. Sem dúvida alguma, serei velho, e inútil, dentro em pouco. E já é tempo.



Uma criança saiu correndo subitamente do bangalô, perseguida por uma suada governanta, e correu para Meriem.

— Mamãe — exclamou ela. — Posso ir? Posso ir?

— Deixe que ele venha até aqui — disse Tarzan.

— Duvido que me pegue! — exclamou a criança, voltando-se triunfantemente para a governanta. — Duvido que me pegue!

A distância, na planície que se estendia do bangalô até a selva verdejante, cujas massas e sombras profundas eram vagamente discerníveis a noroeste, estava pousada um biplano, a sombra do qual mandriavam dois waziris. Eles haviam sido treinados por Korak, filho de Tarzan, como mecânico e, mais tarde, para pilotar o próprio avião. O fato não deixara de revestir-se de certo peso ao levar Tarzan dos Macacos a aprimorar-se na arte do vôo desde que, como chefe dos waziris, não era apropriado que guerreiros menores de sua tribo o excedessem em alguma coisa. Ajustando o capacete e os óculos, subiu na nacela.

— É melhor levar-me também — aconselhou Korak. Tarzan sacudiu a cabeça, sorrindo de bom humor.

— Então, um dos rapazes — insistiu o filho. — Pode haver algum enguiço que o obrigue a um pouso forçado e, se não tiver mecânico para fazer os consertos, o que fará?

— Andarei — respondeu o homem-macaco. — Vire a hélice, Andua! — ordenou a um dos negros.

Um momento depois o avião corria aos solavancos pelo *veldt*, do qual levantou vôo suave e graciosamente, descreveu um círculo, ganhando mais altitudes e, finalmente, firmou-se em linha reta, enquanto que, no chão, seis olhos o seguiram até que a mancha trêmula em que se transformara desapareceu inteiramente.

— Para onde você acha que ele está indo? — perguntou Meriem.

Korak sacudiu a cabeça.

— Não a qualquer lugar em particular — respondeu. — Está fazendo apenas o primeiro vôo-solo. Mas, conhecendo-o como o

conheço, não ficaria surpreso se ele resolvesse voar até Londres para visitar mamãe.

— Mas ele jamais poderia consegui-lo! — exclamou Meriem.

— Nenhum homem comum o conseguiria com a experiência que ele tem. Mas você deve convir que papai não é um homem comum.

Durante uma hora e meia Tarzan voou sem mudar a rota, sem prestar atenção ao tempo de vôo ou à grande distância que cobria, tão deliciado estava com a facilidade com que controlava o avião e excitado por um novo poder que lhe dava a liberdade e a mobilidade das aves, os únicos habitantes da selva amada que jamais tivera ocasião de invejar.

Logo depois, à frente, observou uma grande bacia, ou o que poderia ser descrito mais fielmente como uma série de bacias, cercadas por colinas arborizadas. Imediatamente, discerniu à esquerda o coleante Ugogo. O território das bacias, contudo, era novo para ele e sentiu-se perplexo. Percebeu, simultaneamente, outro fato: que estava a mais de cento e sessenta quilômetros do lar. Resolveu voltar imediatamente. O mistério das bacias, porém, atraiu-o — e não pôde convencer-se a voltar sem examiná-las mais de perto. Por que seria que jamais penetrara nesse território em suas numerosas andanças? Por que não ouvira menção dele dos nativos que moravam tão perto? Baixou o avião para inspecionar melhor as bacias, que lhe pareceram agora uma série de crateras rasas de vulcões há muito tempo extintos. Distinguiu florestas, lagos e rios, com cuja existência jamais sonharia. Inesperadamente, porém, descobriu a solução do aparente mistério de haver um território que, ele, tão conhecedor de uma grande área, ignorava totalmente, juntamente com os nativos do território circundante. Reconheceu-o naquele momento — era a denominada Grande Floresta dos Espinhos. Durante anos tivera conhecimento daquela impenetrável floresta que, supostamente, cobria um vasto território, no qual podiam aventurar-se apenas os menores animais. Naquele momento, porém, viu apenas uma franja relativamente estreita cercando um território agradável e habitável, mas uma

franja tão cruelmente farpada que parecia ter defendido para sempre de olhos humanos os segredos que guardava.

Tarzan resolveu descrever um círculo em torno da há muito impenetrável terra do mistério antes de embicar para o lar. A fim de obter melhor visão, desceu mais o aparelho. Abaixo viu uma grande floresta e, além dela, um veldt descampado que terminava nos sopés de colinas alcantiladas e rochosas. Notou que, absorvido como estivera no estranho e novo território, deixara que o avião baixasse demais. Coincidindo com a percepção e antes que pudesse mover os controles, o avião tocou a copa frondosa de algum velho monarca da selva, virou para um lado, deu uma volta completa e caiu através da folhagem entre estalos, galhos quebrados e a destruição da própria nacela de madeira. Durante apenas um segundo, o ruído e, em seguida, o silêncio.

Ao longo da trilha da floresta caminhava inclinada uma poderosa criatura, de aparência humana em seus atributos físicos, embora vagamente inumana: um grande bruto que caminhava ereto sobre dois pés e conduzia uma clava nas mãos calejadas e escamadas. O longo cabelo lhe caía desgrenhado sobre os ombros e havia pêlos no peito e um pouco nas pernas e braços, embora não mais do que na maioria das raças civilizadas. Uma fita de couro em torno da cintura prendia as extremidades de uma tanga, bem como numerosas correias de couro cru, de onde pendiam pedras redondas de dois a cinco centímetros de diâmetro. Diversas pequenas penas, a maioria de tonalidades brilhantes, estavam presas às pedras. As correias que prendiam as pedras caíam do cinto a intervalos de dois e meio a cinco centímetros, e as próprias correias, medindo cerca de quarenta e cinco centímetros cada, formavam uma espécie de camisa, franjada pelas pedras e penas, caindo quase até os joelhos da criatura. Tinha os pés descalços e a pele branca de cor amorenada, em consequência da exposição aos elementos. A ilusão de grande tamanho era sugerida mais pela aparência maciça dos ombros e o desenvolvimento dos músculos das costas e braços do que pela altura, embora a criatura medisse um metro e oitenta e seis. O rosto era carnudo, com um nariz largo, boca rasgada e

lábios grossos. Os olhos de tamanho normal eram encimados por sobrancelhas proeminentes e uma testa larga e baixa. Enquanto caminhava, movia as grandes orelhas chatas e, ocasionalmente, com rapidez, parte da pele de várias partes da cabeça e do corpo para espantar as moscas, à semelhança do que faz um cavalo com os músculos ao longo do dorso e dos flancos.

Movia-se silenciosamente, com os olhos escuros em constante alerta, enquanto os ouvidos móveis paravam amiúde durante um momento quando a mulher escutava os sons de uma presa ou um inimigo.

Parou, com os ouvidos curvados para frente, as narinas dilatadas, farejando o ar. Algum odor ou som que nossos embotados sentidos não poderiam ter percebido atraíram-lhe a atenção. Cautelosamente, arrastou-se pela trilha até que, numa volta, viu uma figura de bruços no chão. Era Tarzan dos Macacos. Jazia inconsciente enquanto os restos partidos do avião abriam uma cunha nos ramos da grande árvore que lhe provocara a queda.

A mulher firmou a clava na mão e aproximou-se. Sua expressão refletia a perplexidade que a descoberta dessa estranha criatura engendrara em sua mente primitiva. Não revelou medo. Dirigiu-se diretamente para o homem prostrado, com a maça em posição para o ataque. Algo, porém, deteve-lhe a mão. Ajoelhou-se ao lado dele e começou a examinar-lhe as roupas. Desvirou-o e colocou o ouvido contra o coração. Mexeu no peito da camisa durante algum tempo e, subitamente, segurando-a com as mãos poderosas, rasgou-a. Mais uma vez escutou, com o ouvido contra a carne nua. Levantou-se e olhou em torno, farejando e escutando. Em seguida, curvou-se e, levantando o corpo do homem-macaco, lançou-o sem esforço sobre os poderosos ombros e continuou pela trilha na mesma direção que seguia. A trilha coleante deixava logo as sombras da floresta e prosseguia por um trecho descampado, com algo de parque ondulado, estendendo-se até os sopés das colinas rochosas. Atravessando o trecho, desapareceu pela entrada de uma estreita ravina, corroída caprichosamente pelos elementos no calcário

nativo como a estranha arquitetura de um sonho, por entre cujos grotescos domos e pequenas rochas a mulher levou o fardo.

A uns oitocentos metros da entrada da ravina a trilha penetrava num anfiteatro aproximadamente circular, cujas paredes íngremes eram perfuradas pelas bocas de numerosas cavernas, diante das quais agachavam-se criaturas semelhantes à que levara Tarzan a esse meio estranho e selvagem.

Ao penetrar no anfiteatro, todos os olhos se voltaram para ela, pois os grandes e sensíveis ouvidos das criaturas as haviam avisado da aproximação muito antes que ela chegasse ao alcance da visão. Logo que a viram e o fardo que conduzia, diversas delas se levantaram e foram ao seu encontro. Eram todas mulheres, tinham o mesmo físico e usavam o escasso vestuário da captora do homem-macaco, embora diferissem em proporções e fisionomia como os indivíduos de todas as raças diferem entre si. Nem falaram nem emitiram som, nem tampouco o fez a recém-chegada, enquanto se dirigia em linha reta para o que era evidentemente a boca de uma caverna, embora segurasse fortemente a clava e a agitasse de um lado para outro, enquanto seus olhos, sob as mal-humoradas sobrancelhas, seguiam irritados os movimentos das companheiras.

Aproximara-se da caverna, que era evidentemente seu destino, quando uma das que a seguiam arremeteu inesperadamente e agarrou Tarzan. Com a rapidez de um gato, a mulher deixou cair o fardo, voltou-se contra a temerária e, erguendo a clava com a rapidez de um raio, derrubou-a com um pesado golpe na cabeça. Em seguida, com um pé de cada lado do prostado Tarzan, olhou furiosa em torno como uma leoa no cio, embotadamente desafiando a próxima que lhe quisesse tomar a presa. As outras, porém, arrastaram-se para suas cavernas, deixando a derrotada no solo, inconsciente, na areia quente, e a vitoriosa a conduzir o fardo, sem nova provocação, até a caverna, onde o lançou sem-cerimônia ao chão à sombra da entrada. Agachando-se ao lado dele, voltou-se para a entrada da caverna para não ser surpreendida pelas companheiras. Em seguida, passou a examiná-lo cuidadosamente.

As roupas de Tarzan lhe despertaram a curiosidade ou lhe provocaram nojo, pois começou quase imediatamente a despi-lo. Não tendo experiência com botões e fivelas, arrancou-os à força bruta. As pesadas botas de couro de cabra criaram-lhe problema por alguns minutos, mas, finalmente, as costuras cederam aos poderosos músculos.

Deixou apenas pendente da corrente no pescoço o medalhão de ouro cravejado de brilhantes que pertencera à mãe de Tarzan.

Durante um momento, permaneceu sentada, fitando-o. Finalmente, levantou-se e, lançando-o mais uma vez ao ombro, dirigiu-se ao centro do anfiteatro, a maior parte do qual era coberto por baixos edifícios construídos com enormes lajes de pedra, algumas colocadas sobre as extremidades para formar paredes, enquanto outras, ao comprimento destas, constituíam telhados. Ligados pelas extremidades, com alas a intervalos irregulares, entrando no anfiteatro, circundavam um terreno aberto aproximadamente oval que formava um grande pátio.

As diversas outras entradas dos edifícios eram fechadas por duas lajes de pedra, uma das quais, pousada sobre uma das extremidades, cobria a abertura, enquanto a outra, encostada sobre a primeira no lado de fora, mantinha-a seguramente no lugar contra quaisquer esforços que pudessem ser feitos do interior do edifício para desalojá-la.

A uma das entradas a mulher levou o prisioneiro inconsciente, colocou-o no solo e removeu as lajes que fechavam a abertura, depois, puxou Tarzan para o mortício e sombrio interior, onde o depositou no chão, batendo secamente palmas três vezes. Logo em seguida, entraram no aposento seis ou sete crianças de ambos os sexos, variando de idade de um a dezesseis ou dezessete anos. O mais jovem deles andava com facilidade e parecia apto a cuidar de si mesmo como as crias das espécies mais baixas de animais em tal idade. As moças, até as mais jovens, estavam armadas de clavas. Os rapazes, porém, não conduziam armas ofensivas ou defensivas. Ao vê-los, a mulher apontou para Tarzan, bateu na cabeça com o

punho cerrado e tocou no peito várias vezes com o polegar calejado. Fez diversos outros movimentos com as mãos, de significado tão eloqüente que até mesmo uma pessoa que desconhecesse inteiramente a linguagem de sinais poderia compreender-lhe a intenção. Voltou-se, em seguida, e deixou o edifício, recolocando as pedras na entrada. Terminado este trabalho, dirigiu-se para a caverna, passando aparentemente sem ver pela mulher que atacara e que recuperava rapidamente a consciência.

No momento em que a agressora se agachou em frente à boca da caverna, a vítima sentou-se, cocou a cabeça durante um momento e, após olhar estúpidamente em torno, levantou-se vacilante. Durante um único instante balançou-se, mal segura sobre os pés. Logo depois, porém, controlou-se e com um único olhar para a atacante, encaminhou-se para sua própria caverna. Antes que a alcançasse, porém, sua atenção, juntamente com a de todas as demais dessa estranha comunidade, ou pelo menos das que estavam à vista, foi atraída pelo som de passos que se aproximavam. Ela parou, empinando as grandes orelhas, escutando, com os olhos voltados para a trilha que subia do vale. As demais observavam e escutavam também, e, momentos depois, a espera foi recompensada pelo aparecimento de outra mulher da mesma raça, entrando no anfiteatro. Era uma imensa criatura, mais forte ainda do que a que capturara o homem-macaco — mais robusta e pesada, embora pouco mais alta, se tanto — trazendo sobre um ombro a carcaça de um antílope e, sobre o outro, o corpo de uma criatura que poderia ter sido semi-humana e semi-animal, mas que, com certeza, nem era uma coisa nem outra.

O antílope estava morto, mas não a outra criatura. Contorcia-se debilmente — em movimentos inúteis que não podiam ser chamados de luta — pendurada do ombro moreno e nu da captora, com os braços e as pernas pendendo frouxos à frente e atrás, em parcial inconsciência ou na paralisia do medo.

A mulher que trouxera Tarzan para o anfiteatro levantou-se e postou-se à frente de sua caverna. Teremos de chamá-la de A

Primeira Mulher, pois não tinha nome. Nas confusas circunvoluções de seu cérebro atrasado não sentira nem mesmo a necessidade de um nome específico. Entre as companheiras, não tinha igualmente nome, como tampouco elas, e assim, para que possamos diferenciá-las das demais, nós a chamaremos de a Primeira Mulher. Da mesma forma, apelidaremos a criatura que ela derrubou com a clava como a Segunda Mulher e, a que entrou no anfiteatro com um fardo em cada ombro, como a Terceira. A Primeira, portanto, ergueu-se, com os olhos fixos na recém-chegada e as orelhas empinadas. A Segunda ergueu-se também e todas as demais que se encontravam por ali olharam furiosas para a Terceira, que caminhava resolutamente com o fardo às costas, com os olhos atentos sobre as figuras ameaçadoras das companheiras. Era muito poderosa esta Terceira Mulher e, durante um momento, as demais somente a olharam irritadas. Em seguida, a Primeira deu um passo à frente e, voltando-se, lançou um longo olhar à Segunda. Deu outro passo, parou e, mais uma vez, olhou para a Segunda. Desta vez apontou para si mesma, para a Segunda e, logo depois, para a Terceira, que apressou os passos em direção à caverna, pois compreendeu a ameaça da atitude da Primeira. A segunda compreendeu, igualmente, e adiantou-se em companhia da Primeira. Nenhuma palavra foi pronunciada, nenhum som escapou daqueles lábios selvagens, lábios que nunca se haviam entreaberto num sorriso, lábios que jamais haviam conhecido o riso e jamais o conheceriam.

Ao se aproximarem as duas, a Terceira deixou cair no chão os despojos, firmou a clava mais fortemente na mão e preparou-se para defender seus direitos. As inimigas, brandindo suas próprias armas, atacaram-na. As mulheres restantes permaneceram apenas como espectadoras, as mãos contidas, talvez, por antigo costume tribal que calculava o número de atacantes pela quantidade dos despojos, concedendo o direito de luta a quem quer que a iniciasse. No momento em que a Primeira fora atacada pela Segunda, as demais permaneceram indiferentes, pois fora a Segunda quem avançara primeiro, tentando evidentemente apossar-se de Tarzan.



A Terceira chegara com duas presas e, desde que a Primeira e a Segunda haviam-se adiantado para enfrentá-la, as demais permaneceram imóveis.

Ao se chocarem, pareceu inevitável que a Terceira cairia sob as clavas das adversárias. Ela, porém, esquivou-se de ambos os golpes com a habilidade e celeridade de um esgrimista treinado. Penetrando rapidamente na abertura, desfechou um terrível golpe na Primeira que se estendeu imóvel no solo, onde uma pequena poça de sangue e material cerebral atestaram a força terrível da manejadora da clava e, ao mesmo tempo, assinalaram o selvagem e não lamentado falecimento da Primeira.

A Terceira podia, a partir daquele momento, dedicar toda a atenção à Segunda. Esta, porém, vendo o destino que coubera à companheira, não esperou para discutir ulteriormente o assunto. Em vez de continuar a brigar, interrompeu a luta e correu para a caverna, enquanto a criatura que a Terceira transportara juntamente com a carcaça do antílope, aparentemente entrevedo uma oportunidade de fuga enquanto a captora engajava-se em lutar com as assaltantes, afastava-se sorrateiramente na direção oposta. A tentativa poderia ter tido êxito caso a luta tivesse durado. A habilidade e a ferocidade da Terceira, todavia, concluíram o encontro em questão de segundos. Voltando-se naquele momento, viu que parte da presa procurava fugir e saltou rapidamente em sua direção. Ao fazê-lo, a Segunda voltou-se e correu para agarrar a carcaça do antílope enquanto o rastejante fugitivo punha-se de pé e corria rapidamente pela trilha que, pela boca do anfiteatro, conduzia até o vale.

No momento em que a coisa levantou-se, tomou-se claro que era um homem, ou pelo menos um macho, e evidentemente da mesma espécie das mulheres dessa raça peculiar, embora muito mais baixo e proporcionalmente de constituição mais leve. Media aproximadamente um metro e cinquenta e cinco de altura, possuía alguns fios de cabelos no lábio superior e no queixo e uma testa muito mais estreita do que as das mulheres. Os olhos eram também muito mais juntos. As pernas pareciam muito mais

compridas e esguias do que as das mulheres. Aparentemente tinham sido formadas para a força e não para a velocidade. Como resultado, afigurou-se desde o início que a Terceira Mulher não poderia nutrir esperança de alcançar a presa. Neste momento, verificou-se também a utilidade da estranha saia de correias, pedras e penas. Agarrando uma das correias, soltou-a fácil e rapidamente do cinto que as mantinha em torno da cintura. Segurando a extremidade da correia entre o polegar e o indicador, girou-a no plano vertical até que a pedra emplumada começou a mover-se com grande rapidez — e soltou-a. Como uma flecha, o míssil dirigiu-se para o fugitivo. A pedra, de bom tamanho, como uma noz de nogueira inglesa, atingiu o homem na base do crânio, prostando-o inconsciente no solo. A Terceira Mulher voltou-se, em seguida, contra a Segunda, que, por essa ocasião, agarrara o antílope, e, brandindo a clava, atacou-a. A Segunda, possuindo mais coragem do que bom senso, preparou-se para defender a carne roubada, com a clava em posição. Atacando-a a Terceira, que era uma verdadeira montanha de músculos, a Segunda enfrentou-a com a ameaçadora clava. Tão terrível, porém, foi o golpe desfechado pela poderosa adversária que sua arma, reduzida a pedaços, foi-lhe arrancada das mãos e ela se viu à mercê da criatura que queria roubar. Evidentemente, sabia quanta piedade podia esperar. Não caiu de joelhos numa atitude de súplica. Não, ela. Em vez disso, tirou um punhado de mísseis emplumados do cinto numa vã tentativa de defender-se. A enorme e destruidora clava não parará e, girando num grande círculo, caiu esmagadoramente sobre o crânio da Segunda.

A Terceira parou e olhou em volta inquisidoramente, como se perguntasse: “Há mais alguém que queria roubar meu antílope e meu homem? Se há, que avance”. Ninguém, porém, aceitou o desafio. A mulher voltou-se e dirigiu-se ao homem prostrado. Asperamente, levantou-o sacudiu-o. A consciência lhe voltava lentamente e ele tentou pôr-se de pé. Fracassou, contudo. Ela o lançou novamente aos ombros e voltou ao antílope, que pôs no outro ombro e, continuando a marcha interrompida até a caverna,

jogou os dois rudemente no chão. Na boca da caverna, acendeu uma fogueira, atritando habilmente um graveto entre galhos secos num pedaço de madeira oca e, cortando grandes pedaços da carcaça do antílope, pôs-se a comer vorazmente. Enquanto estava assim ocupada, o homem recuperou a consciência e, sentando-se, olhou em volta, confuso. As suas narinas captaram o cheiro da carne assada e ele a indicou com o dedo. A mulher entregou-lhe a grosseira faca de pedra que lançara no chão da caverna e, com um gesto, mandou-o servir-se. O homem agarrou o implemento e, logo depois, fazia um generoso churrasco na fogueira. Meio queimada e meio crua como estava a carne, comeu-a com prazer. Enquanto comia, a mulher observava-o. Ele não tinha muito a mostrar, mas, apesar disso, ela podia considerá-lo belo. Ao contrário das mulheres, que não usavam ornamentos, o homem possuía braceletes e argolas, bem como um colar de dentes e pedras, enquanto que, no cabelo, amarrado em um pequeno nó em cima da testa, estavam enfiados diversos espetos de madeira de vinte e cinco ou trinta centímetros de comprimento, que se projetavam em várias direções no plano horizontal.

Logo que o homem terminou a refeição, a mulher ergueu-se e, agarrando-o pelos cabelos, arrastou-o para o interior da caverna. Ele se debateu e mordeu-a, tentando escapar, mas não era adversário à altura.

Sobre o chão do anfiteatro, diante da entrada das cavernas, jaziam os corpos da Primeira e Segunda Mulheres. Escuros sobre elas, enxameavam os circulantes coveiros dos céus. Ska, o abutre, foi o primeiro a descer para o banquete.

## Capítulo 3

No interior da estranha câmara rochosa onde fora tão rudemente lançado, Tarzan tornou-se imediatamente o centro do interesse dos diversos jovens alalus que o cercavam. Examinaram-no cuidadosamente, desviraram-no, seguraram-no com as mãos, beliscaram-no. Finalmente, um dos jovens machos, atraído pelo medalhão de ouro, tirou-o do pescoço do homem-macaco e colocou-o no seu. Talvez os mais baixos seres na ordem da evolução humana, coisa alguma lhes prendia o interesse por muito tempo. Logo depois, cansaram-se de Tarzan e saíram para o pátio ensolarado, deixando que o homem-macaco recuperasse a consciência como pudesse, ou não absolutamente. Para eles era inteiramente irrelevante o que acontecesse. Por sorte do Senhor das Selvas, a queda através do teto da floresta fora amortecida pela ocorrência fortuita de ramos flexíveis diretamente no caminho da descida. Em conseqüência, sofreu apenas ligeira concussão cerebral. Já estava recuperando os sentidos. Logo depois de ser abandonado pelos jovens alalus, abriu os olhos, rolou-os pesadamente, inspecionando o escuro interior da prisão, e fechou-os novamente. Tinha a respiração normal e ao reabrir os olhos pareceu-lhe como se tivesse emergido de um sono profundo e natural, tendo apenas como único lembrete do acidente uma surda dor de cabeça.

Sentando-se, olhou em volta, acostumando gradualmente os olhos à escuridão do aposento. Verificou que estava num grosseiro abrigo construído com grandes lajes de pedra. Uma única abertura conduzia para o que, aparentemente, era outra câmara similar, cujo interior parecia muito mais iluminado do que aquela onde se encontrava. Lentamente, levantou-se atravessou a abertura. Através da segunda câmara viu outra abertura conduzindo para o ar fresco e a luz do sol. Exceto por montes imundos de palha velha no assoalho, os aposentos não tinham mobília nem sugeriam que

fossem utilizados como locais de habitação humana. Da segunda porta, que cruzou, olhou para um estreito pátio murado por grandes lajes de pedra, cujas extremidades cravadas no chão as mantinham eretas. Viu no local jovens alalus, alguns agachados ao sol e outros à sombra. Tarzan observou-os com evidente perplexidade. Quem eram? Que lugar era esse em que se encontrava, claramente encarcerado? Eram seus guardiões, ou prisioneiros como ele? Como viera parar ali?

Passando os dedos pela espessa cabeleira preta num gesto característico de perplexidade, sacudiu a cabeça. Lembrou-se da infeliz conclusão do vôo e até mesmo da queda através da folhagem da grande árvore. Daí em diante havia um vazio no seu cérebro. Permaneceu durante um momento examinando os alalus, que nenhum sinal davam de ter-lhe percebido a presença ou os olhares. Penetrou ousadamente no pátio como um leão indômito que ignora a presença dos chacais.

Viram-no imediatamente, levantaram-se e cercaram-no, as moças empurrando os rapazes e aproximando-se ousadamente. Tarzan falou-lhes primeiro num dialeto nativo, experimentou outro, mas, aparentemente, não o entendiam, pois não responderam. Finalmente, como último recurso, falou-lhe na primitiva língua dos grandes macacos, a língua de Manu, o macaquinho, a primeira que aprendera, quando, em criança, mamava no peito cabeludo de Kala, a fêmea, e escutava os sons guturais emitidos pelos selvagens membros da tribo de Kerchak. Mais uma vez, o auditório permaneceu calado — pelo menos não deu resposta audível, embora movessem as mãos, ombros, corpos e sacudissem a cabeça no que o homem-macaco logo reconheceu ser uma espécie de linguagem de sinais. Tampouco emitiram quaisquer sons vocais que pudessem indicar que se comunicassem entre si por meio de língua falada. Logo em seguida, perderam novamente o interesse pelo recém-chegado e reiniciaram as indolentes atividades em torno das paredes do pátio enquanto Tarzan percorria para a frente e para trás o local, ao mesmo tempo que, com os olhos agudos, procurava um meio de fuga que o acaso pudesse fornecer. Viu-o na altura das

paredes cuja parte superior poderia alcançar correndo para ela e saltando, estava certo. Mas não ainda. Teria de esperar pela noite para ocultar a tentativa dos que também permaneciam no recinto fechado. Aproximando-se a noite, os atos dos demais ocupantes do pátio modificaram-se visivelmente. Andaram de um lado para outro, passando constantemente pela entrada do abrigo na extremidade do pátio. Ocasionalmente, entravam no segundo aposento, onde se punham à escuta durante um momento diante da grande laje que fechava a abertura exterior. Voltavam em seguida ao pátio, em movimentos inquietos. Finalmente, um deles bateu com o pé no chão. O gesto foi repetido pelos demais até que, em cadência regular, o ruído dos pés nus no solo deve ter sido percebido a alguma distância além dos limites do estreito pátio-prisão.

O que quer que tenham pretendido com o ato, coisa alguma aparentemente aconteceu. Logo depois, uma das jovens, com o rosto mal-humorado, contraído num rosnado de raiva, agarrou mais firmemente a clava com ambas as mãos e, aproximando-se das paredes, começou a bater violentamente numa das lajes de pedra. Imediatamente, as outras jovens seguiram-lhe o exemplo, enquanto os jovens machos continuavam a marcar o compasso com os calcanhares.

Durante um momento, Tarzan ficou confuso, procurando uma explicação para o comportamento dos prisioneiros. Mas foi o estômago que, finalmente, lhe sugeriu uma resposta: — as criaturas estavam esfomeadas e tentavam atrair a atenção dos carcereiros. O método de fazê-lo sugeria também algo mais, algo que a curta experiência com eles já o havia parcialmente convencido — que eram destituídos da fala, talvez totalmente mudos.

A moça que começara a bater na parede parou subitamente e apontou para Tarzan. Os outros olharam-no e entreolharam-se. Ela apontou para a própria clava e indicou-o novamente. Em seguida, fez uma pequena pantomima, muito curta e rápida, mas, apesar disso, não menos realística. A pantomima descrevia a clava caindo sobre o crânio de Tarzan, depois do qual ela, auxiliada pelos

companheiros, o devorariam. As clavas deixaram de bater nas paredes. Os calcanhares não mais amassaram a terra. O grupo estava interessado na nova sugestão. Olharam esfaimados para Tarzan. A mãe que lhes devia ter trazido comida, a Primeira Mulher, estava morta. Nada sabiam a respeito, mas apenas que estavam famintos e que a Primeira Mulher não lhes levara alimentos desde o dia anterior. Não eram canibais. Somente nos últimos estágios da fome ter-se-iam devorado entre si como se sabe que fizeram marinheiros naufragados das raças civilizadas. Não consideravam o estranho, porém, como um membro da própria espécie. Era tão diferente deles como algumas das outras criaturas com que a Primeira Mulher os alimentava. Não seria mais errado devorá-lo do que comer um antílope. O pensamento, contudo, não teria ocorrido à maioria. Fora a moça mais velha que o sugerira e ele não lhe teria ocorrido se houvesse outro alimento, pois sabia que ele não fora levado ali com essa finalidade — fora trazido como companheiro da Primeira Mulher, que, em comum com outras dessa raça primitiva, caçava um novo companheiro cada estação entre as florestas e a selva, onde os tímidos machos levavam vidas solitárias, exceto nas curtas semanas em que eram mantidos prisioneiros nos currais de pedra do sexo dominante. Ali eram tratados com grande brutalidade e desprezo até mesmo pelos filhos das esposas temporárias. Às vezes, conseguiam escapar, embora raramente, mas, por fim, eram soltos, desde que parecia mais fácil caçar um novo macho na estação seguinte do que alimentá-lo em cativeiro durante um ano inteiro. Nada havia que se aproximasse de amor nas relações familiares desses selvagens. Os jovens, concebidos sem amor, não conhecendo os pais, não revelavam nem mesmo afeição elementar entre si, nem por qualquer outro ser vivo. Um certo laço prendia-os às selvagens mães, em cujos seios mamavam durante poucos meses e de quem esperavam alimento até que se tornassem suficientemente desenvolvidas para penetrar na floresta, caçar as próprias presas, ou obter o alimento que a Natureza bonançosa lhes oferecesse.

Mais ou menos entre as idades de quinze e dezessete anos, os jovens machos eram soltos e expulsos para a floresta, depois do que as mães não mais os distinguiam de outros. Em idade análoga as fêmeas eram levadas para a caverna maternal, onde passavam a morar, acompanhando a mãe na caça diária até que conseguissem capturar o primeiro companheiro. Depois disso, passavam a morar em cavernas separadas, cortando-se tão completamente o laço entre genitora e filha como se jamais tivesse existido. E podiam, na estação seguinte, tornar-se mesmo rivais pelo mesmo homem ou em qualquer ocasião lutar até a morte pelos despojos de uma caçada.

A construção dos abrigos e currais de pedra onde eram mantidos as crianças e os machos constituía a única atividade comunal de que participavam as mulheres. E neste trabalho eram obrigadas a agir sozinhas, desde que os homens teriam fugido para a floresta na primeira oportunidade em que fossem soltos dos currais para participar do trabalho de construção. As crianças, tão logo se tornassem bastante fortes para prestar alguma ajuda, teriam, decerto, agido da mesma maneira. As grandes fêmeas, porém, eram capazes de realizar sozinhas as obras titânicas.

Equipadas pela natureza com poderosos esqueletos e músculos de aço, extraíam as grandes lajes de uma vertente debruçada sobre o anfiteatro, deixavam-nas escorregar para o chão do pequeno vale, arrastavam-nas e empurravam-nas à força bruta.

Por sorte, raramente era necessário ampliar os abrigos e currais, pois a alta taxa de mortalidade entre as fêmeas deixava habitualmente aberturas vazias para as jovens em crescimento. O ciúme, a cobiça, os perigos da caça e as contingências das guerras intertribais exigiam pesado tributo das fêmeas. Até mesmo os desprezados machos, lutando pela liberdade, podiam matar ocasionalmente a captora.

A horrenda vida dos alalus constituía resultado natural de uma estranha inversão da dominação dos sexos. É da alçada dos machos dar início ao amor e, por sua superioridade, inspirar inicialmente



respeito e, em seguida admiração no seio da fêmea que deseja atrair. O amor em si desenvolve-se após estas emoções. A ascendência gradualmente crescente das fêmeas alalus sobre os machos finalmente impediu que fossem despertadas as emoções de respeito e admiração por eles, com o resultado de jamais surgir o amor.

Sem amor pelo companheiro e tendo-se transformado em bruto mais poderoso, a selvagem mulher alalu logo depois passou a tratar com desprezo e brutalidade os membros do sexo oposto. Em conseqüência, a capacidade ou, pelo menos, o desejo de iniciar o amor deixou de existir no coração do macho; não podia amar uma criatura que temia e odiava, nem respeitar nem admirar as criaturas assexuadas em que as mulheres alalus haviam-se transformado. Fugia, assim, para a selva, onde as fêmeas dominantes os caçavam para evitar que a raça desaparecesse da face da terra.

E eram os descendentes dessas criaturas selvagens e pervertidas que Tarzan enfrentava, plenamente consciente de suas intenções cani-balescas. Os machos não o atacaram imediatamente. Em vez disso, ocuparam-se em reunir palha seca e pequenos pedaços de madeira, retirados de uma das câmaras cobertas, enquanto as três moças, uma delas mal ainda na casa dos sete anos, aproximavam-se cautelosamente com as clavas em posição. Os machos preparavam a fogueira onde esperavam, antes de muito tempo, assar suculentos nacos da estranha criatura que a cabeluda mãe lhes trouxera.

Um dos machos, um rapaz de dezesseis anos, manteve-se afastado, fazendo excitados sinais com as mãos, cabeça e corpo. Parecia tentar dissuadir as jovens de executar o plano. Chegou mesmo a apelar para os outros rapazes para que recuassem. Eles, porém, meramente lançaram um olhar às jovens e continuaram com os preparativos culinários. Finalmente, contudo, quando as jovens aproximaram-se deliberadamente do homem-macaco, ele lhes tomou a frente e tentou detê-las. Instantaneamente, os três pequenos demônios giraram as clavas no ar e saltaram para

destruí-lo. O rapaz esquivou-se, tirou diversas pedras emplumadas do cinto e lançou-as contra as assaltantes. Tão rápidos e certos voaram os mísseis que duas moças caíram, gemendo. O terceiro míssil, atingindo um dos rapazes na têmpora, matou-o instantaneamente. Era ele o rapaz que roubara o medalhão de Tarzan e que, sendo como todos os outros machos uma tímida criatura, manteve-o continuamente oculto pela palma da mão desde que o homem-macaco recobrou os sentidos e entrou no pátio.

A moça mais velha, em nada amedrontada, saltou para frente com a face contorcida numa careta de ódio. O rapaz lançou-lhe outra pedra, voltou-se e correu na direção do homem-macaco. Que recepção esperava, provavelmente não sabia. Talvez fosse a recrudescência da emoção há longo tempo morta do companheirismo que o levou a colocar-se ao lado de Tarzan. Talvez o próprio homem-macaco, em quem a lealdade à espécie era forte, tivesse inspirado esse redespertar de um atrofiado sentido de solidariedade. O que quer que tenha sido, o rapaz aproximou-se e postou-se ao lado de Tarzan enquanto a moça, evidentemente percebendo haver perigo para si mesma nesta nova e estranha temeridade do irmão, avançava mais cautelosamente.

Em sinais, parecia dizer-lhe o que lhe faria se ele não deixasse de interpor sua fraca vontade entre ela e seus desejos gastronômicos. Ele, porém, respondeu desafiadoramente com sinais e permaneceu onde estava. Tarzan estendeu a mão e deu-lhe uma palmadinha no ombro, sorrindo. O rapaz mostrou horrivelmente os dentes, mas parecia evidente que tentava retribuir o sorriso do homem-macaco. Nessa ocasião, a moça estava quase sobre eles. Tarzan ficou sem saber como agir. O seu cavalheirismo natural impedia-o de atacá-la e lhe parecia um ato extremamente repelente feri-la, mesmo em autodefesa. Mas sabia que, antes de terminar, poderia, possivelmente, ter de matá-la. Assim, procurando uma alternativa, enrijeceu-se para praticar o ato que abominava. Apesar disso, esperava escapar sem ter que fazê-lo.

A Terceira Mulher, conduzindo o novo companheiro da caverna para o curral onde o manteria aprisionado durante uma ou duas semanas, ouviu as batidas cadenciadas dos calcanhares nus e o ruído das pesadas clavas que partiam do curral da Primeira Mulher. Imediatamente, compreendeu o que significavam. O bem-estar dos filhos da Primeira Mulher não lhe interessava pessoalmente. O instinto comunal, porém, levou-a a libertá-los para que pudessem procurar alimentos e não se perdessem seus serviços à tribo pela fome. Não os alimentaria, naturalmente, pois não lhe pertenciam, mas abriria a porta da prisão e os soltaria para que se arranjassem como pudessem, encontrassem ou não alimentos, vivessem ou perecessem segundo a lei inexorável da sobrevivência dos mais aptos.

A Terceira Mulher, porém, não tinha pressa. Com os dedos poderosos enfiados no cabelo do rosnante esposo, arrastou a rebelde criatura até seu curral, removeu a grande laje que tapava a entrada, empurrou-o rudemente para dentro, recolocou a pedra no lugar e dirigiu-se preguiçosamente para o curral da Primeira Mulher. Retirando a porta de pedra, passou pelas duas câmaras e penetrou no curral no momento em que a moça mais velha avançava contra Tarzan. Parando à entrada, bateu a clava contra o muro de pedra do abrigo, evidentemente para atrair a atenção dos que se encontravam no interior. Imediatamente, todos a olharam. Era a primeira fêmea adulta que não a própria mãe que as crianças da Primeira Mulher haviam visto. O jovem ao lado de Tarzan escondeu-se por trás dele. Tarzan não se espantou com o medo despertado. A Terceira Mulher era a primeira alalu adulta que vira, desde que durante todo o tempo em que permanecera nas mãos da Primeira estivera sem sentidos.

A moça que o ameaçara com a grande clava parecia tê-lo esquecido. Voltou uma face rosnadora e olhos apertados para a intrusa. De todas as crianças, ela parecia a menos amedrontada.

O homem-macaco examinou a enorme e brutal fêmea de pé na extremidade do curral, com os olhos selvagens postos sobre ele. Não o vira antes, pois estivera na floresta caçando na ocasião em

que a Primeira Mulher trouxera a presa para o anfiteatro. Não soubera que a Primeira tinha um macho no curral, com exceção dos próprios filhos. Ali, realmente, estava uma presa valiosa. Levá-lo-ia para seu próprio curral. Com esse pensamento, e sabendo que, a não ser que ele pudesse esquivar-se dela e alcançar a entrada, não lhe poderia escapar, dirigiu-se lentamente para o homem-macaco, ignorando os demais ocupantes.

Tarzan, desconhecendo-lhe a intenção, pensou que ela ia atacá-lo, considerando-o um estranho perigoso no sagrado interior de seu lar. Examinou-lhe o grande volume, o enorme desenvolvimento muscular e o grande clava numa mão que parecia um presunto e comparou-os com sua própria nudez inerme.

Para os nascidos na selva a fuga do combate inútil e desigual não encerra o estigma da covardia. E não apenas Tarzan dos Macacos nascera e fora criado nas selvas, mas o desnudamento, como sempre, despojava-o do leve e antinatural verniz de civilização. Foi, então, um animal selvagem que enfrentou a atacante mulher alalu — um animal astucioso e poderoso — um animal que sabia quando lutar e quando fugir.

Lançou um rápido olhar para trás. Viu agachado, tremendo de medo, o jovem alalu. Além erguia-se a parede posterior do curral, com uma das grandes lajes inclinadas ligeiramente para fora. Lenta é a mente do homem, mais lento ainda seu olho em comparação com o olho e a mente do animal acuado que procura fugir. Tão rápido foi o homem-macaco que desapareceu antes que a Terceira Mulher imaginasse que ele tentava fugir. E com ele desapareceu o mais velho dos rapazes alalus.

Girando em um único movimento, Tarzan pôs o jovem macho ao ombro, saltou rapidamente os poucos metros que o separavam da parede posterior do curral e, como um gato, galgou a superfície lisa da laje ligeiramente inclinada até fechar os dedos na sua parte superior, alçou-se sem um único olhar para trás, deixou o jovem cair no chão no lado oposto, seguindo-o com tanta rapidez que quase desceram juntos. Olhou em volta. Pela primeira vez, viu o anfiteatro

natural e as cavernas, diante das quais permaneciam ainda agachadas várias mulheres. Logo depois cairia a noite. O sol escondia-se por trás das colinas que se situavam a oeste. Tarzan percebeu apenas uma rota de fuga — a abertura na extremidade inferior do anfiteatro, através da qual a picada descia para a floresta e o vale. Para ela correu, seguido pelo jovem.

Imediatamente, uma mulher sentada à entrada de uma caverna viu-o e, agarrando a clava, levantou-se de um salto e iniciou a perseguição. Atraídas por ela, outras a acompanharam até que cinco ou seis corriam pesadamente, descendo a trilha.

O jovem, apontando o caminho, corria velozmente à frente do homem-macaco, mas, apesar de ágil, não podia superar na corrida os músculos flexíveis que haviam, com tanta freqüência no passado, livrado seu possuidor da arremetida do furioso Numa ou lhe dado uma refeição disputando uma corrida com a ágil Bara, a corça. As pesadas e desajeitadas mulheres não tinham possibilidade de alcançar a ágil dupla se fossem depender inteiramente de velocidade. Mas isto tampouco tinham intenção de fazer. Possuíam os mísseis de pedra com os quais, quase desde o nascimento, o haviam praticado até conseguir quase a perfeição no arremesso contra alvos móveis ou estacionários. Mas escurecia, a trilha contorcia-se e dava voltas, e a velocidade das presas tornava-se alvos esquivos contra os quais as fêmeas pudessem lançar um míssil com pontaria certa para atordoar, sem matar. Naturalmente, com grande freqüência, o míssil destinado a atordoar matava realmente, mas a presa teria que correr o risco. O instinto advertia-as a não matar os machos, embora não contra a tratá-los com a maior brutalidade. Tivesse Tarzan compreendido por que as mulheres o perseguiam, teria corrido ainda mais velozmente. Logo que os mísseis começaram a voar em volta, porém, talvez tenha acelerado um pouco a velocidade.

Logo depois, alcançou a floresta e, como se se tivesse dissolvido no ar, desapareceu das vistas das espantadas perseguidoras, pois, a partir daquele momento, estava em seu próprio elemento. Enquanto elas o procuravam no solo, saltava agilmente pelos ramos

mais baixos, mantendo sob vigilância o garoto alalu que corria pela trilha.

Escapando o homem, as mulheres pararam e voltaram para as cavernas. Não queriam o rapaz. Durante dois ou três anos ele vagaria pela floresta sem ser molestado por sua própria espécie. E, se escapasse dos animais selvagens, e das azagaias e flechas dos homens-formiga e chegasse ao status de homem, seria boa presa das grandes fêmeas durante a estação de acasalamento. Durante algum tempo, pelo menos, levaria uma existência relativamente segura e feliz.

As suas possibilidades de sobrevivência foram substancialmente reduzidas pela fuga prematura para a floresta. Tivesse sobrevivido a Primeira Mulher, ela o teria mantido em segurança no interior do curral por outro ano, pelo menos, quando teria melhor oportunidade de enfrentar os perigos e emergências da vida na floresta.

O rapaz, percebendo com os aguçados ouvidos que as mulheres haviam desistido da perseguição, parou e procurou a estranha criatura que o havia libertado do odiado curral. Mas pôde ver apenas por uma curta distância na escuridão da noite cada vez mais fechada da floresta. O estranho não estava à vista. O jovem empinou as grandes orelhas e escutou atentamente. Não ouviu outro som de passos humanos do que os das mulheres, que rapidamente diminuía. Escutou outros sons, porém, sons desconhecidos da floresta que lhe encheram de terrores o estúpido cérebro — sons que vinham das moitas circundantes e dos ramos das árvores. E captou também apavorantes odores.

A escuridão, completa e impenetrável, fechou-se em torno dele com uma subitaneidade que o deixou trêmulo. Podia quase senti-la fechando-se sobre ele, esmagando-o e, ao mesmo tempo, deixando-o exposto a indizíveis terrores. Olhou em volta e nada viu. Pareceu-lhe que estava sem olhos e, não tendo voz, não podia amedrontar inimigos ou atrair a atenção da estranha criatura que o ajudara, e cuja presença havia, estranhamente, despertado em seu peito uma emoção inexplicável — e emoção agradável. Não podia

explicá-la. Não tinha uma palavra para ela, pois não tinha palavras para coisa alguma. Mas sentia que ela ainda lhe aquecia o peito e desejava, à sua maneira confusa, que pudesse emitir um som que lhe trouxesse, mais uma vez, a estranha criatura. Sentiu-se solitário e profundamente amedrontado.

Um estalo nas moitas próximas provocou-lhe novo e mais profundo pavor. Alguma coisa grande se aproximava pela noite escura. O jovem permaneceu com as costas contra uma grande árvore. Não ousava mover-se. Farejou, mas o sopro de ar que porventura havia dirigia-se dele em direção à coisa que se aproximava furtivamente na terrível floresta, e não a pôde identificar. O instinto, porém, disse-lhe que a criatura o identificara e aproximava-se para saltar sobre ele e devorá-lo.

Nada sabia de leões, a menos que o instinto possuía uma imagem das várias criaturas que os habitantes da selva instintivamente temem. Em toda sua vida jamais estivera fora do curral da Primeira Mulher. E como seu povo era destituído de fala, a mãe coisa alguma lhe poderia ter dito do mundo exterior. Mas, ainda assim, quando o leão bramiu, soube que era um leão.

## Capítulo 4

Esteban Miranda, apertando fortemente o pulso da pequena Uhha, agachou-se na escuridão de outra floresta a uns trinta quilômetros de distância e tremeu quando as trovejantes notas de outro bramido de leão reverberaram pela selva.

A moça percebeu o tremor do corpo do possante indivíduo ao lado e voltou-se desdenhosamente para ele.

— O senhor não é o demônio do rio! — exclamou. — O senhor está com medo. Não é nem mesmo Tarzan, pois Khamis, meu pai, disse-me que Tarzan nada teme. Solte-me para que eu possa subir numa árvore... Somente um covarde ou um idiota ficaria aqui paralisado de medo esperando que um leão viesse devorá-lo. Solte-me! — E tentou soltar o pulso.

— Cale-se! — silvou ele. — Quer atrair o leão para aqui? — mas as palavras e a luta da jovem haviam-no libertado da paralisia e, curvando-se, agarrou-a e levantou-a até que ela alcançasse os ramos mais baixos da árvore sob a qual se encontravam. Logo que ela galgou o tronco em segurança, saltou facilmente para seu lado.

Em seguida, nos ramos mais altos, encontrou um refúgio mais seguro e confortável. Ali ficaram os dois para esperar a chegada do amanhecer, enquanto embaixo, Numa, o leão, rondava, tossindo e rosnando, e ocasionalmente emitia um bramido que sacudia a floresta.

Ao chegar finalmente o dia, exaustos pela noite insone, os dois deslizaram para o chão. A moça quis atrasar a marcha, na esperança de que os guerreiros de Obebe os alcançassem. O homem, porém, abrigava medo e não esperança de tal contingência e queria, por isso, andar tão rapidamente quanto podia para colocar tanta distância quanto possível entre ele e o chefe canibal.

Estava inteiramente perdido, não tendo nem mesmo a mais remota idéia sobre onde procurar uma trilha razoavelmente segura



até a costa. Nem, no momento, preocupava-se com isso. O único desejo que sentia era evitar a recaptura por Obebe. Resolveu, portanto, dirigir-se para o norte, mantendo sempre um olho aberto para a menor indicação de uma trilha bem marcada em direção ao oeste. Finalmente, esperava, poderia descobrir uma aldeia de nativos amigos, que o ajudariam na viagem até a costa. Dirigiram-se, assim, tão rapidamente quanto podiam na direção norte, margeando a Grande Floresta dos Espinhos, pela orla oriental da qual viajavam.

O sol, batendo forte sobre o quente curral da Primeira Mulher, encontrou-o destituído de vida. Estirado ali havia apenas o cadáver do rapaz que morrera na tarde anterior. Uma mancha apareceu no azul distante. Cresceu e aproximou-se até tomar a forma de uma ave que deslizava facilmente sobre asas imóveis. Aproximou-se mais e mais, descrevendo grandes e lentos círculos até que, finalmente, passou pelo curral da Primeira Mulher. Mais uma vez fez um círculo e, por fim, pousou dentro do recinto fechado. Chegara Ska, o abutre. Dentro de uma hora o cadáver do jovem estava coberto por um manto de grandes aves. Era um banquete de dois dias e, quando se afastaram, restavam apenas ossos esgaravataados. Em volta do pescoço de uma das aves havia uma corrente de ouro da qual pendia uma medalha incrustada de brilhantes. Ska lutou com a jóia que pendia aborrecidamente quando voava e impedia-lhe de caminhar no chão. A jóia, porém, estava passada duas vezes pelo seu pescoço e não pôde desalojá-la. Afastou-se sobrevoando a Grande Floresta dos Espinhos, com as brilhantes gemas cintilando à luz do sol.

Tarzan dos Macacos, após ter-se esquivado das mulheres que o haviam perseguido e ao jovem alalu pela floresta adentro, parou na árvore sob a qual o apavorado filho da Primeira Mulher deteve-se também. Estava ali, bem perto dele, quando Numa atacou. Estendendo rapidamente a mão para baixo, segurou-o pelo cabelo

e puxou-o para a segurança, enquanto as cortantes garras abraçavam o ar sob os pés do rapaz.

No dia seguinte, o homem-macaco saiu diligentemente à procura de alimentos, armas e vestuário. Nu e desarmado como estava, teria sido difícil a situação fosse ele outro que Tarzan dos Macacos.

E teria sido difícil para o alalu não fosse a ajuda dele. Encontrou frutas, nozes e ovos de aves, mas ansiava por carne e, para obtê-la, procurou assiduamente a caça não apenas pela carne da presa, mas pela pele, tripas e tendões, que poderia usar na fabricação das coisas de que precisava e lhe dariam segurança e conforto naquela existência primitiva.

Enquanto procurava o rastro da presa, buscava também madeiras apropriadas para uma azagaia, arco e flechas, não difíceis de encontrar nessa floresta de árvores conhecidas. O dia, porém, quase havia terminado quando a brisa suave, contra a qual estivera caçando, trouxe às suas sensíveis narinas o odor de Bara, a corça.

Subindo para uma árvore, indicou com um movimento ao alalu para segui-lo. Tão inábil e desastrosa era a criatura, porém, que Tarzan foi obrigado a arrastá-la para um local entre os ramos, onde, por sinais, procurou dizer-lhe que queria que ficasse ali, tomando conta dos materiais que reunira para fabricar as armas, enquanto continuava sozinho a caçada.

Não teve absoluta certeza de que o jovem o compreendera, mas ele, pelo menos, não o seguiu quando saltou silenciosamente pelos galhos da floresta ao longo da trilha indefinível do ruminante, cujo odor era sempre traduzido pelo filho de criação de Kala, a macaca, como Bara, a corça, embora, de fato, e praticamente sempre, o animal fosse um antílope. Fortes, porém, são as impressões da infância e desde o velho dia em que estudara a colorida cartilha na distante cabana do falecido pai, no porto cercado de terras na Costa Ocidental, aprendeu que "C significa Corça", e admirara o desenho do belo animal. A coisa que mais se parecia com ela, e que

conhecia bem na vida diária, o antílope, tornou-se para ele, e para sempre, Bara, a corça.

Aproximar-se o suficiente de Bara para abatê-la com azagaia ou flecha exige astúcia e conhecimento da selva muito acima dos limites dos conhecimentos do civilizado. O caçador nativo perde mais do que ganha neste jogo de habilidade e conhecimentos. Tarzan, contudo, deveria exceder a ambos na agudeza das faculdades perceptivas e na coordenação de músculos e mente para que pudesse abatê-la com as únicas armas com que a natureza o dotara.

Correndo em alta velocidade pela selva, guiado pelas narinas, na direção de Bara, a corça, o eflúvio familiar cada vez mais forte informou-o de que a presa não estava muito longe, com muitas outras de sua espécie. A boca do selvagem homem-macaco encheu-se de água pensando no banquete que o aguardava na volta. Aumentando o odor, mais cautelosamente seguiu o grande animal, movendo-se silenciosamente qual sombra entre as sombras da floresta, até que chegou às bordas de uma clareira onde viu uma dúzia de antílopes pastando.

Agachando-se imóvel num ramo baixo, observou os movimentos do rebanho, esperando o momento em que um deles se aproximasse o suficiente das árvores circundantes para dar ao ataque pelo menos uma oportunidade de êxito. Esperar pacientemente, muitas vezes hora após hora, para que a presa se exponha à morte certa constitui parte da grande partida que precisam jogar os caçadores da vida selvagem. Um único movimento inoportuno ou impensado pode provocar o disparo da assustada vítima para uma distância muito grande, da qual talvez não volte durante dias.

Evitando essa possibilidade, permaneceu em estatuésca imobilidade esperando que o acaso enviasse um dos antílopes à distância de ataque. Enquanto esperava, chegou vagamente as suas narinas o odor de Numa, o leão. Tarzan contraiu as sobrancelhas. Estava contra o vento em relação a Bara e não havia

leão entre ele e o antílope. Devia, por conseguinte, estar a favor do vento em relação à presa e a si mesmo. Mas por que não haviam as sensíveis narinas dos herbívoros captado o cheiro do arquiinimigo antes que o percebesse o homem-macaco? Que não o haviam percebido era evidente pela placidez com que contentes pastavam, com as caudas mexendo-se e, ocasionalmente, a cabeça erguida e as orelhas empinadas sem exhibir nenhum dos sintomas do terror que imediatamente se seguiria à descoberta de Numa nas vizinhanças.

Concluiu o homem-macaco que um desses caprichos das correntes de ar que, com tanta freqüência, deixa um bolsão imóvel diretamente no caminho do fluxo, havia envolvido momentaneamente os antílopes, isolando-os, por assim dizer, do meio imediato. E enquanto assim pensava, desejando que Numa se fosse, ouviu, chocado, um súbito estalo nas moitas no lado oposto da clareira onde pastavam os antílopes, que imediatamente ficaram alertas e prepararam-se para a fuga. Quase imediatamente surgiu um jovem leão que, ao ver os antílopes, emitiu um aterrorizante bramido e atacou. Tarzan poderia ter arrancado os cabelos de fúria e decepção. A estupidez do jovem leão havia-o roubado da carne e os ruminantes disparavam em todas as direções. O leão, atacando inutilmente, perdera sua carne e a de Tarzan. Mas, espere O que seria isso? Um macho apavorado, cego para tudo salvo para o único pensamento de escapar das garras do temível carnívoro, corria diretamente para a árvore onde ele se empoleirava. Ao chegar embaixo, um lustroso corpo amorenado mergulhou de cabeça saindo da folhagem, dedos de aço fecharam-se em torno da garganta do macho e fortes dentes abocanharam-lhe o pescoço. O peso do caçador selvagem lançou a presa de joelhos e, antes que ela pudesse levantar-se mal segura nas patas, uma rápida sacudidela das poderosas mãos torceram-lhe e quebraram-lhe o pescoço.

Sem um único olhar para trás, o homem-macaco lançou a carcaça aos ombros e pulou para a árvore mais próxima. Não precisava ter perdido tempo para ver o que Numa estaria fazendo,

pois compreendeu que saltara sobre Bara aos olhos do rei dos animais. Mal havia alcançado a segurança quando o grande gato saltou com estardalhaço no lugar que havia ocupado.

Numa, confuso, rugiu furiosamente ao olhá-lo, empoleirado da árvore. Tarzan sorriu.

— Filho de Dango, a hiena — disse zombeteiramente —, fique com fome até aprender a caçar — e lançando desdenhosamente um ramo quebrado no focinho do leão, desapareceu entre os copados ramos, levando a presa sem esforço sobre os grandes ombros.

Era dia ainda quando voltou ao local onde o alalu o aguardava. O jovem possuía uma pequena faca de pedra e, com ela, o homem-macaco cortou uma generosa porção do antílope para o filho da Primeira Mulher e outra para si mesmo. Na carne crua, esfomeados, cravaram-se os poderosos dentes brancos do lorde inglês, enquanto o jovem alalu, fitando-o surpreso, procurava materiais para fazer uma fogueira. Divertido, Tarzan observou-o até ele preparar o alimento como julgou que devia fazê-lo — a parte externa queimada até as cinzas, e a interna crua. Apesar disso, era comida assada e, sem dúvida, dava ao comensal um sentimento de grande superioridade sobre os animais inferiores que devoravam carne crua, como se fosse um epicurista civilizado comendo caça estragada e queijos podres em algum clube da moda de Londres.

Tarzan sorriu pensando como é tênue, afinal de contas, a linha que separa o homem primitivo do civilizado em questões referentes a instintos e apetites. Alguns dos seus amigos franceses, com quem jantara certa ocasião, ficaram horrorizados ao saber que, em comum numerosas tribos africanas e macacos, ele comia lagartas. E manifestaram o horror com as bocas cheias de caracóis, que degustavam naquele momento. O provinciano americano zomba dos franceses por comerem pernas de rã enquanto mastiga perna de porco! Os esquimós comem gordura crua e os amazonenses, brancos e nativos, o conteúdo do estômago de papagaios e macacos, considerando-o petiscos, ao passo que o cule chinês não pergunta como morreu a carne que come, nem quando. E há um

homem em Nova Iorque, estimável e em outras coisas inofensivo, que come queijo Limburger com pêssegos.

No dia seguinte, dispondo de carne suficiente para vários dias, Tarzan começou a trabalhar nas armas e na tanga. Mostrando ao alalu como raspar a pele do antílope com a faca de pedra, o homem-macaco lançou-se ao trabalho sem outras ferramentas que uma pedra tirada do leito de um regato a fim de modelar as armas com que poderia lutar com êxito contra as mulheres alalus, os grandes carnívoros, e quaisquer outros inimigos.

Enquanto trabalhava, observava o jovem alalu, perguntando-se que utilidade poderia ter para ele a pobre criatura se queria encontrar o caminho através da floresta de espinhos circundante, que precisaria atravessar antes de alcançar terreno conhecido e uma trilha para o lar. Que a pobre criatura era medrosa fora evidenciado pela maneira como fugira das mulheres alalus e pelo pavor ao ver-se frente a frente com Numa. A sua mudez tornava-o inútil como companheiro. Desconhecia tudo sobre a vida na selva e possuía apenas um grosseiro e instintivo tipo de conhecimento que em nada lhe serviria. Mas ele se havia postado a seu lado durante a luta no curral e, embora não pudesse ter sido útil em coisa alguma, ganhara pelo ato o direito à consideração. Além disso era claro, evidente, que a criatura ligara-se a Tarzan e que tencionava permanecer em sua companhia.

Ocorreu-lhe uma idéia enquanto trabalhava nas armas e pensava no alalu: fazia armas semelhantes para o jovem e lhe ensinaria a usá-las. Notara que as grosseiras armas das mulheres alalus não ficariam à altura de alguém armado com arco e flechas, ou mesmo uma boa azagaia. Elas não podiam ter esperança de atirar os mísseis tão longe quanto um bom arqueiro podia enviar as flechas. E as clavas de nada valiam frente a uma azagaia bem lançada.

Sim, fazia armas para o jovem e o treinaria no seu uso. Ele passaria a ser útil na caça e, se necessário, na luta. Enquanto pensava no assunto, o alalu parou subitamente o trabalho e

encostou um ouvido no chão. Levantou a cabeça e voltou os olhos para Tarzan, indicando-lhe com um gesto que devia fazer o mesmo. O homem-macaco compreendeu que devia escutar como ele e, ao fazê-lo, ouviu claramente o som de passos ressoando na batida picada.

Reunindo suas posses, levou-as para bem alto entre as altas árvores, onde as guardou com os restos de Bara, a corça. Voltando em seguida, ajudou o jovem a subir para a árvore a seu lado.

Aos poucos o jovem alalu já se sentia mais à vontade nas árvores e podia ajudar-se muito mais, escalando-as sem auxílio. Mas era ainda praticamente inútil na estimativa de Tarzan.

Não tiveram de esperar muito e apareceu na trilha uma das terríveis mulheres do anfiteatro e, atrás delas, a uns dez ou quinze passos, outra, seguida de uma terceira. Não era comum que viajassem assim, pois levavam existência solitária, sendo as alalus quase destituídas de instintos gregários. Apesar disso, muitas vezes partiam à caça juntas, especialmente quando atrás de algum animal perigoso que lhes invadira o território ou, quando, não conseguindo capturar homens suficientes na floresta durante a estação de acasalamento, as infelizes reuniam-se para fazer uma incursão nos currais de uma tribo vizinha.

As três, inclinadas para frente, passaram bem por baixo da árvore de onde Tarzan e o jovem as observavam. As grandes e chatas orelhas balançavam preguiçosamente, os olhos escuros vagueavam de um lado para outro e, muitas vezes, elas moviam rapidamente a pele de parte do corpo para desalojar insetos incômodos.

Os dois na árvore permaneceram imóveis enquanto as três mulheres passavam pela trilha e se perdiam de vista numa curva. Após curto intervalo de escuta, desceram para o solo e reiniciaram os trabalhos interrompidos. O homem-macaco sorriu, pensando nos eventos dos últimos minutos. Tarzan dos Macacos, Rei das Selvas, escondendo-se nas árvores para ocultar-se de três mulheres! Mas, que mulheres! Pouco conhecia ainda sobre elas e seus costumes,

mas o que sabia já era suficiente para convencê-lo de que eram inimigas tão formidáveis como quaisquer outros que encontrara e, enquanto permanecesse desarmado, não era adversário à altura das grandes clavas e mísseis rapidamente arremessados.

Passaram-se os dias. O homem-macaco e o mudo companheiro aperfeiçoaram as armas que lhes trariam mais facilmente os alimentos. O último trabalhava mecanicamente, seguindo as instruções do amo até que, finalmente, chegou a ocasião em que Tarzan e o alalu estavam plenamente equipados. Caçaram juntos, treinando o homem-macaco o jovem no uso do arco, azagaia e na longa corda de embira que, desde a infância, formara um aspecto diferente do armamento do homem-macaco.

Durante os dias de caça o jovem alalu, de maneira inesperada, passou por uma grande mudança. Fora hábito seu deslizar sorrateiramente pela floresta, inclinando-se muitas vezes para olhar de um lado para outro, aparentemente temeroso de todas as criaturas que vagueavam pelas picadas escuras, além do grande medo das ferozes fêmeas de sua espécie. Subitamente, tudo isso mudou como por passe de mágica. Aos poucos começou a dominar a arte do arco, flecha e azagaia. Com profundo interesse e respeito observara Tarzan abater numerosos animais, grandes e pequenos, para obter alimento. E uma vez o vira matar Sabor, a leoa, com um único golpe de azagaia quando a fera o surpreendera numa clareira longe do abrigo das árvores amadas. Por fim, chegou seu dia. Caçava em companhia de Tarzan quando provocaram o disparo de um pequeno bando de javalis, abatendo ele dois com suas flechas. Os outros dispararam em todas as direções. Um deles, um macho, vendo o alalu, atacou-o. O jovem teve vontade de fugir, pois idades de instinto herdado aconselhavam-no a isso. Os alalus machos sempre fugiam do perigo e, fugindo dos carnívoros e de suas próprias mulheres, eles se haviam tornado muito velozes, tão velozes que nenhum inimigo perigoso podia alcançá-los. O homem alalu podia ser capturado apenas pela astúcia. Podia ter escapado do javali pela fuga e, durante um instante, esteve a ponto de empreendê-la. Um súbito pensamento, porém, deteve-o. Recuou a



mão que segurava a azagaia como o homem-macaco lhe ensinara a fazer e pôs todo o peso do corpo no arremesso. O javali corria diretamente para ele. A azagaia atingiu-o na frente do ombro esquerdo e penetrou até o coração. Horta, o javali, desmoronou-se sobre as patas.

Uma nova expressão apareceu nos olhos e espalhou-se pela face do alalu. Não teve mais aquela expressão acovardada; não mais se arrastava pela floresta lançando olhares medrosos para cada lado. Caminhava agora ereto, ousadamente, e com fisionomia intemorata e, talvez, em vez de temer o aparecimento de uma fêmea, desejasse o acontecimento. Era a personificação da masculinidade vingativa. No íntimo, inflamavam-se idades incontáveis de tratamento desdenhoso e de crueldade às mãos das fêmeas. Sem dúvida, não pensou no assunto desta maneira, mas o fato permaneceu e Tarzan compreendeu que a primeira infeliz mulher que cruzasse com o jovem, ia ter a surpresa de sua vida.

E enquanto Tarzan e o alalu vagueavam pela estranha terra orlada pela Grande Floresta dos Espinhos e o primeiro procurava uma rota de fuga, Esteban Miranda e a pequena Uhha, filha de Khamis, o feiticeiro, percorriam a orla exterior da floresta em busca de uma trilha para o oeste e a costa.

## Capítulo 5

Com uma devoção canina, o jovem alalu apegou-se a Tarzan. Este aprendera a escassa linguagem de sinais do seu protege, o que lhes deu um meio de comunicação adequado para as necessidades. O primeiro, ganhando confiança com o crescente conhecimento das novas armas, tornou-se mais independente. Em conseqüência, os dois se separavam com maior freqüência para caçar, o que assegurava uma cozinha mais abastecida.

Numa dessas ocasiões, Tarzan deparou inesperadamente com um espetáculo estranho. Estivera seguindo o odor de Bara, a corça, quando o odor misturou-se com o de uma das grandes fêmeas alalus. Isto provavelmente significava que outro ser tentaria roubá-lo da presa. O instinto selvagem da besta predominou nos pensamentos do homem-macaco. Não foi o polido Lord Greystoke, de Londres, cujos lábios superiores revelaram duas brilhantes presas — mas, sim, o bruto caçador primevo a ponto de ser espoliado.

Subindo às árvores, dirigiu-se rapidamente para a mulher alalu, mas, antes de avistá-la, um novo odor chegou-lhe às narinas — um estranho e novo cheiro que o deixou perplexo. Coisa alguma anteriormente parecida com aquilo lhe chamara a atenção. Era muito leve, mas, apesar disso, sabia que a coisa estava próxima. Logo em seguida, à frente, ouviu vozes, baixas vozes musicais que lhe chegaram amortecidas aos ouvidos. E embora fossem baixas e musicais havia algo na qualidade e timbre delas que sugeriam excitação. Tarzan passou a andar mais cautelosamente, esquecido inteiramente de Bara, a corça.

Ao aproximar-se, compreendeu que eram muitas vozes e grande a comoção. Chegou a uma grande planície que se estendia até as colinas distantes e, no primeiro plano, a não mais de cem metros de distância, viu algo que o levou a duvidar da veracidade dos próprios olhos. A única figura conhecida era a gigantesca mulher

alalu. Cercando-a, havia uma horda de homens diminutos — pequenos guerreiros brancos — montados no que parecia ser uma forma do Antílope Real da Costa Ocidental. Armados com lanças e espadas, atacavam repetidamente as enormes pernas da alalu, que, recuando lentamente para a floresta, chutava violentamente os assaltantes e atacava-os com a pesada clava.

Tornou-se evidente para Tarzan que eles tentavam cortar-lhe os tendões e, tivessem obtido sucesso, poderiam tê-la facilmente matado. Mas, embora houvesse uns cem deles, as oportunidades de sucesso pareciam escassas, desde que com um único pontapé das possantes pernas a mulher podia abater uma dúzia ou mais dos assaltantes de cada vez. Já metade da força estava *hors de combat*, os seus corpos e muitas de suas montarias dispersas pela planície marcando a trilha do combate até o momento em que Tarzan chegou ao local.

A coragem dos sobreviventes, contudo, encheu-o de admiração, ao observá-los lançando-se à morte quase certa no teimoso esforço para derrubar a fêmea. Nesta ocasião, o homem-macaco percebeu a razão aparente dos insanos sacrifícios de vidas — na mão esquerda, a alalu tinha um dos pequenos guerreiros. Era para salvá-lo, evidentemente, que os demais mantinham a carga sem esperança.

Se os guerreiros encheram Tarzan de admiração, o mesmo, ou pouco menos, fizeram suas corajosas e ágeis montarias. Sempre pensara que o Antílope Real, o menor membro conhecido dessa família, fosse a mais assustadiça das criaturas, mas isto não acontecia com esses primos. Um pouco maiores, talvez com trinta e sete centímetros e meio na cernelha eram em todas as demais aparências idênticos. Apesar disso, guiados pelos cavaleiros, saltavam corajosamente para junto dos pés enormes e da grande clava, a trabalhar como um mangual. Eram perfeitamente conduzidos, também, tão habilmente que seus músculos pareciam coordenados com a mente dos cavaleiros. Saltavam para frente e para trás, mal tocando o solo para evitar um ataque. Cobriam três a três metros e meio em cada salto. Tarzan espantou-se não apenas

com a coragem que demonstravam mas com a quase maravilhosa habilidade dos guerreiros, que se podiam manter na sela de modo tão perfeito nas montarias que saltavam, corcoveavam, viravam e se contorciam.

Era um espetáculo belo e inspirador e, por mais irreal lhe tivesse parecido à primeira vista, logo depois compreendeu que observava uma raça de autênticos pigmeus — não membros das tribos negras que todos os exploradores da África mais ou menos conhecem, mas daquela perdida raça branca de homens diminutos, mencionados ocasionalmente em antigos manuscritos de viagens e exploração, mito e lenda.

Muito embora o combate o interessasse e o tivesse observado inicialmente como neutro imparcial, Tarzan descobriu que suas simpatias gravitavam para os minúsculos guerreiros. Logo que se tornou evidente que a mulher alalu conseguiria fugir para a floresta com a vítima, o homem-macaco resolveu intervir pessoalmente no assunto.

Ao sair do esconderijo na floresta, os pequenos guerreiros foram os primeiros a vê-lo. Decerto, tomaram-no inicialmente por outro dos gigantescos inimigos, pois soltaram um grande grito de desapontamento e recuaram pela primeira vez desde que Tarzan os observava na luta desigual. Desejando tornar claras suas intenções antes que os homenzinhos o atacassem, dirigiu-se rapidamente para a mulher. No instante em que o viu, ela lhe fez gestos imperativos dizendo-lhe que a ajudasse a liquidar o resto dos pigmeus. Estava acostumada a ser temida e obedecida pelos homens quando os tinha em seu poder. Talvez se espantasse um pouco com a temeridade desse macho, pois, de modo geral, todos fugiam dela. Mas precisava dele urgentemente e foi essa a idéia que lhe dominou os pensamentos.

Aproximando-se, Tarzan ordenou-lhe na língua dos sinais, que aprendera com o jovem, que soltasse o cativo e fosse embora, não molestando mais os homenzinhos. Ao compreender o que ele lhe

dizia, a mulher fez uma feia careta e, erguendo a clava, aproximou-se para atacá-lo. O homem-macaco ajustou uma flecha no arco.

— Recue! — disse em sinais. — Recue, ou eu a matarei. Recue e solte o homenzinho.

Rosnando furiosamente, ela aumentou a velocidade. Tarzan ergueu o arco à altura do olho e puxou-o até curvá-lo. Os pigmeus, compreendendo que, pelo menos na ocasião, este estranho gigante apresentava-se como aliado, continuaram nas suas montarias, esperando o resultado do duelo. O homem-macaco esperava que a mulher lhe obedecesse as ordens antes que fosse obrigado a tirar-lhe a vida. Mas até mesmo um olhar superficial para o rosto da atacante nada revelou senão que queria levar avante seus propósitos, que pareciam agora o de aniquilar também esse presunçoso intrumetido.

Continuou a avançar. Já estava perto demais para tornar seguro a menor demora. O homem-macaco soltou a flecha. O dardo penetrou diretamente no selvagem coração e, enquanto ela tropeçava, caindo,

Tarzan saltou, ao seu encontro, tirando-lhe o guerreiro das mãos antes que ela pudesse cair sobre o minúsculo corpo e esmagá-lo. Ao fazê-lo, os demais guerreiros, evidentemente lhe compreendendo mal as intenções, esporearam as montarias e avançaram brandindo armas. Mas, antes que o alcançassem, pôs o antigo prisioneiro no solo e soltou-o.

Imediatamente mudou mais uma vez a atitude dos pigmeus atacantes e os brados de guerra transformaram-se em vivas. Acicatando as montarias, colheram as rédeas diante do guerreiro que Tarzan salvara. Diversos deles saltaram e, ajoelhando-se, levaram-lhe a mão aos lábios. O homem-macaco compreendeu logo que havia salvo alguém muito importante entre eles, talvez o chefe. E perguntou-se que atitude tomariam, enquanto, com uma expressão de divertida tolerância nas feições sombrias, observava-os como alguém pode observar as interessantes ações de um formigueiro.

Ao felicitarem o companheiro pela salvação milagrosa, Tarzan teve oportunidade de examiná-los mais de perto. O mais alto deles media quarenta e cinco centímetros de altura, tinha a pele branca amorenada pela exposição aos elementos e era um pouco mais escura do que a sua. Apesar disso, dúvida alguma havia de que eram homens brancos, com feições regulares e corpo bem proporcionado. Por quaisquer padrões, a nossa raça os teria considerado belos. Havia, naturalmente, variações e exceções. Mas de modo geral, eram homens de excelente aparência. Tinham todos rostos lisos e não parecia haver pessoa alguma muito idosa entre eles, ao passo que aquele que salvara da mulher alalu era aparentemente mais jovem do que a média e muito mais moço do que os que haviam desmontado para prestar-lhe vassalagem.

Enquanto Tarzan os observava, o jovem mandou que os outros se erguessem, falou-lhes durante um momento e, em seguida, voltando-se para o homem-macaco, dirigiu-lhe algumas observações, nenhuma das quais, naturalmente, ele conseguiu entender. Pela maneira, contudo, imaginou que o outro lhe agradecia e, possivelmente, pedia-lhe esclarecimento de suas intenções ulteriores para com eles. Em resposta, o homem-macaco esforçou-se para assegurar-lhes de que lhes desejava a amizade. E para frisar ainda mais as intenções pacíficas, lançou fora as armas e deu um passo à frente, com os braços ligeiramente estendidos e as palmas das mãos viradas para eles.

O jovem pareceu entender o gesto cordial, pois avançou também, oferecendo-lhe a mão. O homem-macaco percebeu que o outro queria que ele a beijasse, mas isto não faria, preferindo assumir o papel de igual com os mais altos. Em vez disso, caiu sobre um joelho para poder alcançar mais facilmente a mão estendida do pigmeu e, apertando suavemente os diminutos dedos, inclinou ligeiramente a cabeça numa curvatura formal em que não havia a menor sugestão de servilismo. O outro pareceu satisfeito, retribuiu a curvatura com igual dignidade e tentou dizer ao homem-macaco que ele e seu grupo iam atravessar a planície, convidando-o a acompanhá-los.

Bastante curioso e desejoso de saber mais alguma coisa sobre o pequeno povo, Tarzan aceitou prazerosamente o convite. Antes de partirem, contudo, o grupo dispersou-se para recolher os mortos e feridos e sacrificar os antílopes estropiados demais para viajar. Fizeram isto com a espada relativamente comprida e reta que fazia parte do armamento de cada um. Deixaram as lanças em repouso nas guardas cilíndricas presas ao lado direito das selas. No tocante a outras armas, Tarzan nada mais pôde descobrir com exceção de uma diminuta faca na bainha, levada à ilharga direita de cada guerreiro. A lâmina, parecida com a de um florete, tinha dois gumes, mas media apenas cerca de quatro centímetros de comprimento.

Tendo recolhido mortos e feridos, estes foram examinados pelo jovem líder, que se fazia acompanhar dos quatro ou cinco que o haviam cercado no momento em que Tarzan o libertara. Estes Tarzan julgou tenentes ou subchefes. Viu-os interrogarem os feridos e, em três casos, evidentemente sem remédio, o líder cravou rapidamente a espada no coração dos infelizes.

Enquanto a medida militar aparentemente cruel, embora válida, estava sendo tomada, o resto dos guerreiros, sob a ordem de suboficiais, abriram uma longa cova ao lado dos mortos, vinte ao todo, usando uma forte pá presa à sela e que podia ser rapidamente ajustada à haste da lança ou de uma azagaia. Trabalhavam com extrema rapidez e de acordo com um plano que parecia abominar movimentos inúteis, que foram reduzidos ao mínimo. Dentro de um tempo incrivelmente curto escavaram uma cova de um metro e vinte de comprimento, quarenta e cinco centímetros de largura e vinte e dois e meio de profundidade, a equivalente da qual para homens normais teria sido de quase vinte e dois metros de comprimento, um e oitenta de largura e noventa centímetros de profundidade. Na cova arrumaram os mortos como sardinhas, em duas fileiras. Em seguida, lançaram terra suficiente para encher os interstícios entre os corpos e alcançar o nível da fileira superior, depois do que pedras soltas foram roladas até os cobrirem por uns

cinco centímetros. A terra restante da escavação foi então colocada em cima das pedras.

Ao ser terminado o trabalho, os antílopes desgarrados haviam sido capturados e amarrados os feridos às suas costas. A uma palavra do comandante, o grupo formou com precisão militar. Um destacamento partiu à frente com os feridos e, momentos depois, o resto da tropa montou e iniciou a marcha. Essa manobra, pelo seu caráter excepcional, interessou profundamente a Tarzan. Os guerreiros desmontados formaram em linha, de frente para o jovem líder, que estava montado, bem como diversos oficiais. Os guerreiros seguravam as montarias pelas rédeas. O comandante fez um rápido sinal com a espada — não foram pronunciadas ordens de comando — e, logo, baixou-a rapidamente, virando no mesmo instante a montaria, que saltou com rapidez na direção para onde se voltava a tropa, virando com ele as montarias dos oficiais como se motivados por um único cérebro. No mesmo instante, a montaria de cada guerreiro alternado na linha saltou e, quando saltou, o cavaleiro pulou para a sela, escanchando-se nela com a leveza de uma pena. No momento em que a primeira linha passou, os antílopes da segunda saltaram atrás, montando os cavaleiros da mesma forma que os demais. Com um segundo e mais longo salto, os intervalos foram fechados e a tropa partiu a galope em linha compacta. Era uma evolução muito inteligente e prática e que tornava possível pôr em ação a cavalaria com a mesma rapidez que a infantaria. Nada havia das longas demoras causadas pela marcação de distância, montagem e fechamento das linhas.

Galopando a tropa para frente, dez guerreiros fizeram uma conversão saindo do flanco esquerdo e, seguindo um dos oficiais que se separara do grupo do comandante, aproximou-se de Tarzan. Por sinais, o oficial informou-o de que o devia seguir e que guiaria até o destino. O principal grupo, por essa ocasião já muito distante, atravessava a planície descampada, saltando suas ágeis montarias um metro e meio a dois metros em cada movimento. Até mesmo o veloz Tarzan não os poderia ter acompanhado.



Partindo sob a orientação do destacamento, os pensamentos do homem-macaco voltaram, durante um instante, para o jovem alalu que caçava sozinho na floresta que deixavam atrás. Mas logo o esqueceu, compreendendo que ele estava mais bem equipado para defender-se do que qualquer outro membro de sua espécie e que, quando tivesse visitado o país dos pigmeus, poderia, sem dúvida alguma, voltar e encontrá-lo se assim desejasse.

Tarzan, acostumado à dureza e às longas e rápidas marchas, iniciou um trote que podia manter durante horas sem descanso, enquanto os guias trotavam também em suas graciosas montarias, justamente à frente. A planície era mais ondulada do que parecera à borda da floresta, surgindo aqui e ali grupos de árvores. Havia relva em abundância e se viam bandos ocasionais da espécie maior de antílopes, pastando. À vista dos cavaleiros e da figura relativamente gigantesca de Tarzan, estouraram e correram. Certa ocasião, passaram por um rinoceronte, fazendo o grupo apenas um pequeno desvio para evitá-lo. Mais tarde, num grupo de árvores, o líder deteve subitamente o destacamento e, tirando a lança, avançou mais uma vez com cautela para as moitas, transmitindo ao mesmo tempo uma ordem aos soldados, que se dispersaram e cercaram o pequeno bosque.

Tarzan parou e observou-lhe os atos. O vento soprava dele em direção ao bosque e, por isso, não podia determinar que tipo de criatura, se alguma, atraíra a atenção do oficial. Logo depois, porém, quando os guerreiros cercavam inteiramente as moitas e os que se encontravam no lado oposto nela penetraram, com as azagaias em posição, ouviu um feroz rosnado partindo do centro do bosque e, um instante depois, um gato do mato africano saltou diretamente sobre o oficial, que o esperava de lança em riste. O peso e ímpeto da fera quase desmontaram o cavaleiro, cuja lança cravou-se no seu peito. Houve alguns espasmódicos movimentos antes que ocorresse a morte. Se, durante esses momentos, a azagaia tivesse quebrado, o homem teria sido extensamente mutilado e, talvez, morto, pois o gato era um animal relativamente tão formidável como é o leão para nós. No instante em que morreu,

quatro guerreiros saltaram das montarias e, com as afiadas facas, cortaram-lhe a cabeça e tiraram-lhe a pele em tempo incrivelmente curto.

Tarzan não pôde deixar de notar que tudo que essas pessoas faziam era realizado com o máximo de eficiência. Não parecia haver jamais qualquer movimento inútil, ninguém ficava sem saber o que fazer, nem um atrapalhava os movimentos de outro. Mal passaram dez minutos desde o momento em que encontraram o gato e o destacamento pôs-se mais uma vez a caminho, com a cabeça da fera presa à sela de um dos guerreiros e a pele à de outro.

Era jovem o oficial que comandava o destacamento, pouco mais velho, se é que o era, do que o comandante da tropa. Que era corajoso, Tarzan podia testemunhar pela maneira como enfrentara o que devia ter sido, para um povo tão diminuto, uma fera mortal e feroz. Mas, igualmente, o ataque sem esperança de todo o grupo sobre a mulher alalu provara que eram todos valentes. E o homem-macaco admirava e respeitava a coragem. Já gostava dos homenzinhos, embora lhe fosse difícil às vezes aceitá-los como coisas reais, tão inclinados somos nós a duvidar da possibilidade de existência de qualquer forma de vida que não conhecemos por associação ou por informação digna de fé.

Viajavam quase havia seis horas pela planície quando o vento mudou e chegou às narinas de Tarzan, iniludivelmente, o odor de Bara, a corça, que se encontrava à frente. O homem-macaco, que não provara alimento naquele dia, estava esfomeado. O odor da carne despertou todos os instintos selvagens nutridos pela educação que recebera. Saltando para o lado do líder do destacamento que o escoltava, disse-lhe em sinal que parasse e, tão claramente como podia com o relativamente trabalhoso, e nunca inteiramente satisfatório, meio de outros sinais explicou que estava com fome, que havia carne à frente, que deviam permanecer na retaguarda até que seguisse a presa e a abatesse.

Tendo o oficial compreendido e manifestado seu assentimento, Tarzan rastejou furtivamente para um pequeno grupo de árvores,

além da qual o agudo olfato informou-o de que havia diversos antílopes. Atrás de Tarzan seguia o destacamento, tão silenciosamente que nem mesmo os agudos ouvidos do homem-macaco os ouviu.

Abrigado pelas árvores, Tarzan viu uma dúzia ou mais de antílopes pastando a curta distância. O mais perto estava a uns trinta metros, se tanto, do pequeno bosque. Tirando o arco que trazia a tiracolo e um punhado de flechas da aljava, o homem-macaco dirigiu-se silenciosamente para a árvore mais próxima do antílope. O destacamento seguiu-o de perto, embora parasse no momento em que o oficial viu a caça que Tarzan seguia, com medo de afugentá-la.

Os pigmeus nada sabiam de arco e flechas e por isso mesmo observaram com profundo interesse cada movimento do homem-macaco. Viram-no ajustar uma flecha no arco, puxá-la bem para trás e soltá-la quase num mesmo movimento, tão rápido era com a arma. E viram o antílope saltar ao receber o impacto do míssil, seguido em rápida sucessão por um segundo e terceiro. E enquanto atirava, Tarzan saltou à frente em perseguição da presa. Mas não havia perigo de perdê-la. Ao receber a segunda flecha o macho caíra de joelhos e, ao alcançá-lo, já estava morto.

Os guerreiros, que o haviam seguido imediatamente desde o momento em que não havia mais necessidade de cautela, já cercavam o antílope, onde conversavam com muito mais agitação do que Tarzan vira em ocasiões anteriores, com o interesse aparentemente centralizado nos projéteis mortais que tão facilmente haviam abatido um grande animal, pois para eles o antílope era tão grande como é para nós o maior dos elefantes. Ao verem o olhar do homem-macaco, sorriram e esfregaram rapidamente as palmas das mãos num movimento circular, ato este que Tarzan supôs manifestar aplauso.

Tendo retirado as flechas e as recolocado na aljava, Tarzan, com gestos, pediu emprestado o florete do líder. Durante um momento, o homem pareceu hesitar e seus companheiros olharam-no

atentamente. Ele, porém, tirou a espada e entregou-a, pelo cabo, ao homem-macaco. Quem vai comer carne crua ainda quente não sangra a carcaça, nem isso fez Tarzan na ocasião. Em vez disso, cortou um quarto traseiro, tirou o que queria e começou a devorá-lo esfomeadamente.

Os homenzinhos observaram-lhe os atos com uma surpresa em que não deixava de haver certo horror. E quando lhes ofereceu parte da carne, recusaram-se e afastaram-se. O que eram suas reações, não podia saber, mas desconfiou que sentiam forte aversão pela carne crua. Mais tarde, descobriria que, em toda a experiência anterior deles, as únicas criaturas que devoravam carne crua devoravam-nos também. Quando, por conseguinte, viram o poderoso gigante comer a carne crua da presa não podiam deixar de evitar a conclusão de que, caso ficasse suficientemente esfomeado, ele os devoraria também.

Embrulhando parte da carne do antílope na própria pele do animal, Tarzan lançou-a aos ombros e o grupo reiniciou a marcha. Os guerreiros pareciam preocupados e, enquanto conversavam em voz baixa, lançavam numerosos olhares na direção do homem-macaco. Não sentiam medo por si mesmos, pois estes guerreiros mal sabiam o significado do medo. A questão que os preocupava dizia respeito à prudência de levar para o meio do povo um enorme devorador de carne crua que, numa única refeição apressada, comera o equivalente a um homem adulto.

A tarde caía quando Tarzan observou a distância o que parecia um grupo de pequenas colinas simétricas, em forma de domos. Mais tarde, aproximando-se mais, notou que um grupo de guerreiros montados lhes vinha ao encontro. De sua grande altura, viu-os antes que os pigmeus que o acompanhavam. Atraindo a atenção do oficial, informou-o por sinais de sua descoberta. Os guerreiros que se aproximavam, porém, estavam ocultos pelas ondulações do terreno.

Compreendendo isto, Tarzan curvou-se e, antes que o oficial lhe pudesse imaginar a intenção, segurou o antílope e o cavaleiro

suavemente nas mãos poderosas e levantou-os muito acima do chão. Durante um momento, os demais guerreiros ficaram consternados.

Espadas brilharam e um grito de advertência subiu-lhes das gargantas e até mesmo o corajoso pigmeu que ele segurava nas mãos sacou de sua diminuta arma. Um sorriso do homem-macaco, porém, tranqüilizou-os. Um momento depois, o oficial percebeu por que motivo Tarzan o levantara do chão. Gritou para os companheiros embaixo e, pelas suas maneiras e do homenzinho que ele alçara às alturas, o homem-macaco compreendeu que o grupo que se aproximava era composto de amigos. Minutos depois, o fato confirmou-se ao serem cercados por várias centenas de pigmeus, todos cordiais, entusiásticos e curiosos. Entre ele figurava o líder que salvara da mulher alalu, que cumprimentou com um aperto de mão.

Houve uma conferência entre o líder do destacamento que o escoltara, o jovem comandante do grupo maior, e diversos outros guerreiros mais velhos. Pela expressão dos rostos e tom das vozes, Tarzan compreendeu que o assunto era grave e, que lhe dizia respeito, teve certeza pelos numerosos olhares que lhe dirigiam. Não podia saber, no entanto, que o tema da conferência era o relatório do comandante da escolta, de que o possante convidado comia carne crua e, conseqüentemente, constituía um perigo levá-lo para o meio do povo.

O chefe, o jovem comandante, contudo, resolveu a questão lembrando-lhes de que, embora o gigante devesse ter estado muito esfomeado para ter devorado tanta carne como lhe haviam dito, apesar disso viajara durante muitas horas com apenas um pequeno número de guerreiros, ao seu fácil alcance, e que não os molestara. Parecia isto argumento conclusivo de boas intenções. A cavalgada recomeçou sem mais demora na direção das pequenas colinas claramente visíveis a uns dois ou três quilômetros de distância.

Aproximando-se, Tarzan viu o que pareceu, literalmente, um número incontável de homenzinhos andando em torno das

pequenas colinas. Chegando mais perto, verificou que o que pareciam câmoros eram montes simétricos de pequenas pedras, evidentemente construídos pelos pigmeus e que as hordas que se moviam por ali eram operários, pois uma longa fila caminhava toda na mesma direção, emergindo de um orifício no chão e tomando um caminho bem marcado até um câmoro semicompletado, evidentemente em obras. Outra fila movia-se, de mãos vazias, em direção oposta, penetrando no solo através de um segundo orifício. Nos flancos de cada linha e a intervalos freqüentes marchavam guerreiros armados, enquanto outras filas similares de trabalhadores protegidos entravam e saíam de aberturas em cada uma das estruturas em forma de domo, lembrando ao homem-macaco um formigueiro ocupado em suas panelas.

# Capítulo 6

Ska, o abutre, voava preguiçosamente em grandes círculos sobre a margem direita do Ugogo. O medalhão, brilhando à luz do sol, deixara de incomodá-lo no vôo e somente quando pousava e caminhava pelo chão o estorvava. Nestas ocasiões, pisava nele e tropeçava, mas muito antes deixara de procurar tirá-lo, aceitando-o como mal inevitável. Muito embaixo, viu a forma imóvel e deitada de Gorgo, o búfalo, cuja postura proclamava que já era comida apropriada. A grande ave desceu, pousando numa árvore próxima. Tudo estava bem, nenhum inimigo à vista. Convencido, Ska desceu batendo as asas para a besta caída.

A quilômetros de distância, um branco gigantesco ocultava-se agachado num denso grupo de árvores em companhia de uma jovem negra. Os dedos da mão do homem tapavam-lhe a boca e a outra lhe apontava uma faca contra o coração. Os olhos do homem não estavam na moça. Através da densa folhagem, observavam uma picada de caça ao longo do qual avançavam dois guerreiros de ébano. O socorro estava próximo para Uhha, filha de Khamis, o feiticeiro, pois os dois eram caçadores da aldeia de Obebe, o chefe. Ela, porém, não ousou chamá-los em voz alta com receio de que a ponta aguda da faca de Miranda mergulhasse em seu jovem coração. Viu-os, assim, surgirem e desaparecerem até que suas vozes se perderam na distância. O espanhol ergueu-se e puxou-a de volta à trilha, onde reiniciaram o que para Uhha parecia um vaguear interminável e infrutífero pela selva.

Na aldeia dos homens-formiga, Tarzan, recebido com grande amizade e resolvido a ficar durante algum tempo para estudá-los e a sua maneira de vida, dedicou-se, como era seu costume quando entre povos estranhos, a aprender-lhes o idioma tão rapidamente quanto possível. Tendo já dominado diversas línguas e numerosos dialetos, o homem-macaco jamais julgara difícil ampliar seus

conhecimentos lingüísticos. E em relativamente pouco tempo descobriu que podia entender os hospedeiros e fazer-se compreender por eles. Soube, então, que pensaram inicialmente que ele fosse alguma forma de alalu e que, em conseqüência, haviam acreditado ser impossível comunicarem-se com ele por outros meios que não sinais. Ficaram profundamente satisfeitos ao descobrirem que ele podia emitir sons vocais iguais aos deles. E, logo que lhe perceberam o desejo de aprender a língua local, Adendrohahkis, o rei, colocou diversos professores às suas ordens, determinando a todas as pessoas com quem o gigante estrangeiro entrasse em contato que o ajudassem para que aprendesse mais depressa o idioma.

Adendrohahkis sentia forte inclinação pelo homem-macaco, porquanto fora o filho do rei, Komodoflorensal, que Tarzan salvara das garras das mulheres alalus. E, assim, tudo foi feito para tornar agradável a estada do gigante. Uma centena de escravos levava-lhe alimento ao local que escolhera como residência sob uma grande árvore que crescia em solitária majestade bem perto da cidade. Nos momentos em que passeava entre o grupo de casas-domos, uma tropa de cavalaria galopava à frente para abrir caminho, dado o receio de que ele pisasse em algum dos habitantes da cidade. Tarzan, porém, mostrava considerações pelos hospedeiros e nenhum mal lhes ocorreu por sua causa.

Aprendendo a língua, descobriu numerosas coisas a respeito desse povo notável. O Príncipe Komodoflorensal quase diariamente ia assistir à aula do colossal hóspede e foi com ele que Tarzan mais aprendeu. Tampouco conservava os olhos ociosos quando passeava em torno da cidade. Especialmente interessante era o método de construção usado nas relativamente gigantescas casas-domos que se alçavam mesmo acima do grande Tarzan. O primeiro passo na construção constituía em demarcar a periferia da base com calhaus de tamanho uniforme, pesando, talvez vinte e cinco quilos cada. Dois escravos transportavam facilmente o calhau quando pendurado numa rede de cordas e, como milhares deles eram empregados, o trabalho progredia rapidamente. Tendo sido



delineada a base circular, com um diâmetro que variava de quarenta e cinco a cinquenta metros, uma menor era posta em cima, cerca de três metros e meio mais para dentro, deixando-se quatro aberturas em cada círculo para marcar a localização das quatro entradas do edifício completo, e que correspondiam aos quatro pontos cardiais. As paredes das entradas eram, então, marcadas no chão com calhaus de tamanho similar, selecionando-se estes algo mais cuidadosamente no interesse da uniformidade, após o que as quatro aberturas eram enchidas. Os corredores e câmaras do andar térreo eram, em seguida, delimitados e enchidos os espaços com calhaus com o maior cuidado e perfeição porque neles tocariam e descansariam quando o segundo andar fosse construído, pois teriam de suportar um peso enorme ao ser completado o edifício. Os corredores mediam geralmente noventa centímetros de largura, equivalentes a três metros e sessenta pelos nossos padrões, enquanto que as câmaras variavam de dimensões segundo os usos que lhe eram destinados. No centro exato do edifício deixava-se uma abertura circular de três metros e meio de diâmetro, que subia à medida que o edifício progredia até que o todo formava um poço aberto do térreo ao telhado no edifício.

Tendo sido construído desta maneira os andares inferiores até uma altura de quinze centímetros, arcos de madeira eram colocados a intervalos ao longo do comprimento dos corredores, que recebiam um teto graças ao expediente simples de colocar ripas de madeira ao longo do comprimento, de arco a arco, até que o trabalho fosse completado. As ripas, ou tábuas, que se tocavam entre si eram presas por tarugos de madeira, que as penetravam na periferia dos arcos. À medida que prosseguia este trabalho, as paredes dos vários aposentos e a parede exterior do edifício eram elevadas até uma altura de sessenta centímetros, alcançando o nível dos tetos dos corredores arqueados. Os espaços entre as câmaras e os corredores eram enchidos com calhaus e os interstícios entre eles socados com pedras menores e cascalho. As vigas do teto eram postas em seguida ao comprimento das outras câmaras. Era uma madeira de lei, dura, de quinze centímetros

quadrados. Nas câmaras mais amplas eram ainda suportadas a intervalos por colunas das mesmas dimensões e materiais. Colocadas nos seus lugares as vigas do teto, eram cobertas com tábuas bem ajustadas, presas também com tarugos. Os tetos das câmaras projetavam-se agora em cerca de quinze centímetros sobre o andar circundante da estrutura. Nesta altura, traziam-se centenas de caldeirões, no qual asfalto virgem era aquecido até liquefazer-se. Os interstícios do andar seguinte, de quinze centímetros, eram enchidos com o material, levando todo o andar completo ao mesmo nível, na altura de setenta e cinco centímetros, sobre o qual um segundo andar de quinze centímetros de rocha e asfalto era colocado, iniciando-se o segundo andar, que era completado de idêntica forma.

O palácio de Adendrohahkis, construído desta maneira, media setenta e cinco metros de diâmetros e quarenta de altura, possuindo trinta e seis andares, capazes de abrigar oitenta mil pessoas, um verdadeiro formigueiro de humanidade. A cidade consistia de dez domos similares, embora todos ligeiramente menores do que o do rei, abrigando quinhentas mil pessoas, dois terços das quais constituídas de escravos. Estes eram principalmente artesãos e os criados da classe dominante. Outro meio milhão de escravos, a mão-de-obra não qualificada da cidade, morava em câmaras subterrâneas nas pedreiras de onde era retirado o material de construção. Os túneis e câmaras das minas eram cuidadosamente escorados e revestidos com madeira à medida que o trabalho progredia, daí resultando aposentos bastante cômodos e confortáveis para os escravos dos níveis superiores, pelo menos. E como a cidade fora construída sobre a superfície de uma antiga morena em virtude da acessibilidade do material de construção, o sistema de esgoto era perfeito, não sofrendo os escravos maior desconforto devido à residência subterrânea.

Os próprios domos possuíam boa ventilação através do poço central e das numerosas seteiras que se abriam nas paredes internas e intervalos freqüentes em cada andar acima do térreo, no

qual, conforme explicado, havia apenas quatro entradas. As seteiras, medindo quinze centímetros de largura por quarenta e cinco de altura, admitiam a entrada de certa quantidade de luz e ar. O interior do domo, porém, especialmente as câmaras sombrias a meio caminho entre as janelas e a luz do centro do poço, eram iluminadas por enormes velas, de queima lenta e que não desprendiam fumaça.

Tarzan observou com o mais vivo interesse a construção do novo domo, compreendo haver aí a única oportunidade que jamais teria de ver o interior de uma dessas notáveis colméias humanas. E enquanto assim se ocupava, Komodoflorensal e seus amigos apressaram-se em iniciá-lo nos mistérios da língua local. Aprendendo o idioma, Tarzan descobriu também numerosas outras coisas de interesse sobre eles. Os escravos, descobriu, eram prisioneiros de guerra ou descendentes de prisioneiros. Alguns viviam nessa condição havia tantas gerações que se desconheciam todos os traços de sua origem e eles se consideravam tão cidadãos de Trohanadalmakus, a cidade do Rei Adendrohahkis, como qualquer membro da nobreza. De modo geral, recebiam tratamento bondoso e não se exigia muito deles após a segunda geração. Os prisioneiros recentes e seus filhos incluíam-se, na maior parte, na casta da mão-de-obra não qualificada, da qual o máximo de resistência humana era exigida. Mineiros, operários das pedreiras e de construção civil, nunca menos cinquenta por cento deles eram literalmente explorados até a morte. A educação dos filhos começava na segunda geração e os que mostravam aptidões para qualquer ofício eram imediatamente transferidos das pedreiras para os domos, onde levavam a vida relativamente fácil de uma próspera e tolerada classe média. De outro modo podia o indivíduo escapar das pedreiras — por casamento, ou melhor, por seleção, como resolveram chamá-la — com um membro da classe dominante. Numa comunidade onde a consciência de classe constituía tal característica do povo e a casta revestia-se de atributos de fetiche, era notável que tais ligações não provocassem

o ódio dos inferiores, mas, ao contrário, automaticamente elevasse o inferior à casta da parte contratante mais alta.

— Foi assim, Salvador do Filho de Adendrohahkis — explicou Komodoflorensal em resposta à pergunta de Tarzan sobre essa exceção bastante peculiar à distinção rígida de classe com que o filho do rei sempre o impressionara. — Há muitas eras passadas, durante o reinado de Klamataamorosal na cidade de Trohanadalmakus, os guerreiros de Veltiopishago, rei da cidade de Veltopismakus, marcharam sobre nossa bela Trohanadalmakus e, na batalha que se seguiu, as tropas de nossos ancestrais foram praticamente aniquiladas. Milhares de nossos homens e mulheres foram escravizados e tudo que nos salvou de ser totalmente eliminados foi a corajosa defesa que os nossos escravos ofereceram, lutando pelos seus senhores. Klamataamorosal, de quem descendo, pelejando no aceso da batalha, notou a grande resistência dos escravos. Eles eram mais fortes do que os guerreiros de ambas as cidades e não pareciam cansar-se absolutamente, embora a nobreza de alta casta dos clãs guerreiros, ainda que altamente corajosa, tornava-se completamente exausta após minutos de luta.

“Concluída a batalha — prosseguiu — Klamataamorosal convocou os principais funcionários da cidade, ou melhor, os que não haviam sido mortos ou aprisionados e observou-lhes que o motivo da derrota de nossa cidade não ocorrera tanto em virtude das forças vastamente superiores do Rei Veltopishago, como devido ao fato de que nossos guerreiros eram fisicamente débeis. Perguntou-lhes por que acontecia isto e o que podia ser feito para remediar a grave situação. O mais jovem entre eles, ferido e fraco com a perda de sangue, foi o único capaz de oferecer uma explicação razoável ou sugerir um meio de corrigir a debilidade óbvia de nossa cidade.”

“Chamou-lhe a atenção — continuou — para o fato de que, entre toda a raça dos minunianos, o povo da cidade de Trohana-dalmakus era o mais antigo e que, durante eras, não houvera infusão de sangue novo, desde que não tinha permissão para casar fora da

própria casta, enquanto que os escravos, recrutados em todas as cidades de Minuni, haviam herdado tal sangue, com o resultado de se tornar mais fortes e robustos, enquanto seus amos, através de casamentos entre si, haviam-se tornado correspondentemente mais fracos.”

“Ele exortou Klamataamorosal a promulgar uma lei elevando à classe dos guerreiros qualquer escravo que fosse escolhido como companheiro por homem ou mulher da classe e, além disso, a obrigar todos os guerreiros a selecionar pelo menos uma companheira entre seus escravos. Inicialmente, claro, as objeções a uma sugestão tão iconoclástica foram violentas e amargas. Klamataamorosal, porém, percebeu logo a sabedoria da idéia e não apenas promulgou a lei, mas foi o primeiro a casar-se com uma escrava. E o que o rei fizera todos se sentiram ansiosos por fazer também.”

“A geração imediata mostrou a sabedoria da mudança e cada geração seguinte mais do que correspondeu às expectativas de Klamataamorosal, até que hoje, no povo de Trohanadalmakus, podem-se ver os mais poderosos e belicosos dos minunianos.”

“A nossa antiga inimiga, Veltopismakus, foi a cidade seguinte a adotar a nova ordem, tendo-se informado dela através de escravos capturados em excursões contra nossa comunidade. Mas estavam muitas gerações atrás de nós. Atualmente, todas as cidades de Minuni casam seus guerreiros com escravas. E por que não? Nossos escravos são todos descendentes da classe guerreira de outras cidades, nas quais seus ancestrais foram capturados. Somos todos da mesma raça, falamos todos a mesma língua e, em todos os aspectos importantes, temos idênticos costumes.”

“O tempo introduziu algumas ligeiras modificações na maneira de selecionar as novas companheiras e agora é freqüente fazer guerra a outra cidade com a exclusiva finalidade de capturar-lhes os mais bem nascidos e as mais belas mulheres.”

“Para nós da Família Real, o costume foi praticamente a salvação da extinção. Nossos antepassados transmitiam doenças e

loucura aos filhos. O sangue novo, puro e viril dos escravos lavou a mácula de nossas veias e de tal modo alterou nosso ponto de vista que, quando, no passado, o filho da escrava e guerreiro não tinha casta, e era o mais baixo entre os mais baixos, agora figura entre os mais altos, desde que é considerado imoral para um membro da Família Real casar com outra pessoa que não uma escrava.”

— E sua esposa? — perguntou-lhe Tarzan. — Tomou-a em batalha em outra cidade?

— Não tenho esposa — respondeu Komodoflorensal. — Estamos nos preparando agora para declarar guerra a Veltopismakus, a filha de cujo rei, segundo ouvimos contar por escravos daquela cidade, é a criatura mais bela do mundo. Chama-se Janzara e como não é minha parenta, exceto, possivelmente, de modo muito remoto, é uma companheira apropriada para o filho de Adendrohahkis.

— Como é que sabe que ele não é sua parenta? — indagou o homem-macaco.

— Nós mantemos registros exatos das Famílias Reais de Veltopismakus e de várias outras das cidades mais próximas de Minuni, como fazemos com a nossa — replicou Komodoflorensal — obtendo nossa informação de cativos, habitualmente daqueles que são escolhidos para casar com o nosso próprio povo. Há diversas gerações os reis de Veltopismakus não são suficientemente poderosos ou felizardos para tomar-nos princesas reais pela força das armas ou pela estratégia, embora jamais tenham deixado de tentá-lo. O resultado de tudo isso foi que eles se viram forçados a procurar suas companheiras em outras cidades, muitas vezes distantes.

— O atual rei de Veltopismakus, Elkomoelhago, o pai da Princesa Janzara, conseguiu a companheira, e mãe da princesa, em uma cidade distante que, nunca, dentro dos tempos históricos, fez escravos em Trohanadalmakus, nem tampouco nossos guerreiros a visitaram na memória de qualquer homem vivo. Janzara, por conseguinte, deve ser uma excelente companheira para mim.

— Mas, o que me diz do amor? Não acha que deve haver afeição mútua? — perguntou Tarzan.

Komodoflorensal encolheu os ombros.

— Ela me dará um filho que algum dia será Rei de Trohanadalmakus — replicou — e isto é tudo que se pode pedir.

Enquanto eram feitos os preparativos para a expedição contra Veltopismakus, Tarzan ficou mais ou menos entregue a si mesmo. As atividades do minúsculo povo constituíam uma permanente fonte de interesse para ele. Observava as fileiras intermináveis de escravos vergados sob os pesados fardos a caminho do novo domo, que subia com uma velocidade quase incrível, ou passava pelas fazendas além da cidade, onde outros escravos cultivavam o solo, que lavravam com minúsculos arados puxados por pares de diadetes, os pequeninos antílopes que eram a única alimária local. Se eram escravos da primeira ou segunda geração, trabalhavam sempre à vista de guerreiros armados para que não tentassem escapar ou rebelar-se, bem como para protegê-los contra feras e inimigos humanos, desde que os escravos não podiam usar armas e, conseqüentemente, defender-se. Os escravos da primeira e segunda gerações eram sempre reconhecidos sem dificuldade pela túnica de verde-vivo que lhes chegava quase aos joelhos, o único vestuário da casta, e que levava na frente e nas costas um emblema, ou dístico, indicando-lhe a cidade de nascimento e o indivíduo a quem pertencia. Os escravos empregados em obras públicas pertenciam, sem exceção, ao rei, Adendrohahkis. Nos campos, porém, numerosas famílias eram representadas pelos cativos.

Andando pela cidade a caminho dos seus vários deveres viam-se milhares de escravos de túnicas brancas. Exercitavam as montadas dos amos, supervisionavam grande parte do serviço mais humilde ou trabalhoso das castas inferiores, ocupavam-se de seus ofícios e vendiam suas mercadorias em perfeita liberdade. Mas, como os demais escravos, vestiam apenas uma única roupa, juntamente com as sandálias grosseiras comuns a ambas as classes. No peito e

costa levavam, em vermelho, os emblemas dos seus senhores. Os escravos de segunda geração, de túnicas verdes, levavam um emblema similar, tendo nascido na cidade, sendo, em conseqüência, considerados parte dela. Havia outras pequenas marcas distintivas nas túnicas dos escravos de casta mais alta: uma pequena insígnia num ombro ou em ambos, ou sobre a manga, denotando a ocupação. Cavalariços, criados, mordomos, cozinheiros, cabeleireiros, artesãos em ouro, prata, louça — podia-se, à primeira vista, distinguir o ofício de cada um — pertenciam todos, de corpo e alma, ao senhor, que era obrigado a alimentar e vestir estes dependentes, o fruto de cujo trabalho lhe pertencia inteiramente.

A riqueza de uma família de guerreiros poderia residir na beleza e perfeição dos ornamentos de ouro e prata que vendia aos colegas ricos e, em tal caso, todos seus escravos especializados, excluídos os necessários a trabalhos pessoais e domésticos, eram empregados no desenho e fabricação desses artigos. Outra família poderia dedicar a atenção à agricultura, uma segunda à criação de diadetes, e assim por diante. Todo o trabalho, porém, era feito pelos escravos, com a única exceção da doma dos diadetes de montaria, ocupação esta não considerada abaixo da dignidade da classe dos guerreiros, mas, ao contrário, julgada apropriada aos nobres. O próprio filho do rei domava seus diadetes.

Como espectador interessado, Tarzan passava preguiçosamente os dias. Às repetidas perguntas que fazia sobre a possibilidade de fuga desse bizarro mundo pontilhado de espinhos, os hospedeiros respondiam que não era difícil penetrar na floresta dos espinheiros, mas, desde que ela continuava infinitamente até o fim do mundo, era inteiramente inútil tentar nela entrar, tendo a concepção do mundo confinada ao que realmente haviam visto — uma terra de colinas, vales e floresta, cercada de espinheiros. Para criaturas de seu tamanho, a floresta estava longe de impenetrável, mas Tarzan não era daquele tamanho. Apesar disso, não deixou nunca de planejar um meio de fuga, embora não tivesse grande pressa em tentá-la, pois julgava interessantes os minunianos e agradava ao



seu atual estado de espírito primitivo mandriar na cidade de Trohanadalmakus.

Inesperadamente, porém, ocorreu uma mudança. No início da manhã, exatamente no momento em que a primeira pálida promessa da aurora começou a tingir o céu oriental.

# Capítulo 7

O jovem alalu, filho da Primeira Mulher, percorreu a floresta em busca do homem-macaco, a primeira criatura que despertara no seu selvagem e primitivo peito uma emoção mesmo ligeiramente parecida com a afeição. Não o encontrou, porém. Em vez disso, juntou-se a dois machos mais velhos da própria raça e caçaram juntos, como ocasionalmente ocorria com as inofensivas criaturas. Os novos conhecidos mostraram pouco interesse pelo seu estranho armamento: estavam muito contentes com uma clava e uma faca de pedra. Sob as armas do primeiro caía um roedor ocasional enquanto os segundos descobriam saborosas comidas e insetos sob o mofo que cobria o chão da floresta ou sob a casca de uma árvore. Na maior parte, contudo, alimentavam-se de frutas, nozes e raízes. Não assim, contudo, o filho da Primeira Mulher. Abateu numerosas aves e um ou outro antílope, pois se estava tornando diariamente mais proficiente com o arco e a azagaia. E como muitas vezes trazia mais do que podia comer e deixava o restante aos dois companheiros, ficaram permanentemente ligados a ele, ou pelo menos até a ocasião em que as medonhas mulheres aparecessem em cena para despedaçar-lhe a idílica existência e arrastar um deles para o curral.

De mentes embotadas e estúpidas, espantavam-se um pouco com ele, que parecia diferir de alguma maneira vaga e intangível de todos os demais do próprio sexo que haviam conhecido. Pelo menos por uma coisa, mantinha o queixo mais alto e seu olhar era muito menos furtivo e apologético. Caminhava com passos mais firmes e com menos cautela. Mas talvez, por dentro, sorrissem ao pensar obscuramente naquele inevitável momento em que uma das ásperas, brutais e cabeludas fêmeas o derrubaria com a clava e o arrastaria pelos cabelos até as cavernas.

Certo dia, a coisa aconteceu ou, pelo menos parte dela — encontraram inesperadamente uma imensa fêmea numa clareira da

floresta. Os dois que acompanhavam o filho da Primeira Mulher deram a volta e fugiram. Ao alcançarem esconderijo entre a vegetação densa, no entanto, pararam e olharam para trás procurando ver se a mulher os perseguia e o que acontecera ao companheiro. Aliviados, notaram que a mulher não os seguia e, consternados, que o companheiro não fugira, mas a encarava desafiadoramente, dizendo-lhe com gestos que fosse embora ou seria morta. Que crassa estupidez! Devia ter nascido sem cérebro. Nunca lhes ocorreu atribuir o ato à coragem. Coragem era coisa de mulheres; o macho passava a vida fugindo do perigo e das fêmeas da raça.

Mas estavam gratos a ele. O ato temerário os salvaria, pois ela levaria apenas um deles e este seria aquele que idiotamente permanecera para desafiá-la.

A mulher, desacostumada a ver seus direitos desafiados por um simples homem, encheu-se de surpresa e de honesta fúria. A surpresa levou-a a parar subitamente a vinte passos do homem e a fúria fê-la estender a mão para um dos mísseis que lhe pendiam da cinta. Esta, a sua desgraça. O filho da Primeira Mulher, em frente a ela com uma flecha já ajustada ao arco, não esperou para descobrir-lhe as intenções ulteriores. No momento em que os dedos da mulher soltaram o mensageiro da morte da correia da cinta, puxou o arco para o rosto e soltou a flecha.

Os dois companheiros, observando a cena do esconderijo no bosque, viram a mulher enrijecer-se com o rosto contorcido num espasmo de dor. Viram-na agarrar-se freneticamente à flecha emplumada que se projetava do seu peito, cair de joelhos e estirar-se a fio comprido no chão, onde bateu com os pés e esgaravatou a terra com as unhas durante um curto momento antes de entrar no repouso eterno. Emergiram do esconderijo e, no momento em que o filho da Primeira Mulher aproximou-se da vítima e tirou-lhe a flecha do coração, chegaram ao seu lado. E, como estavam meio atordoados de surpresa, olharam primeiro para o cadáver com expressões de incredulidade e, em seguida, para ele com o que parecia pavor e respeito.

Examinaram-lhe o arco e as flechas e repetidas vezes voltaram ao ferimento no peito da mulher. Era tudo espantoso demais. E o filho da Primeira Mulher? Mantinha a cabeça alta, o peito estufado e andava emproudamente. Nunca, anteriormente, ele ou qualquer homem desempenhara o papel de herói, e gostou. Mas ele os impressionaria mais ainda. Agarrando o corpo da mulher, puxou-o até uma árvore próxima, onde o encostou sentado contra o tronco. Em seguida, distanciou-se uns doze metros e, dizendo por sinais aos companheiros que o olhassem atentamente, ergueu a pesada azagaia e lançou-a ao alvo real, que atravessou, cravando-se a azagaia na árvore atrás.

Os outros ficaram grandemente excitados. Um deles quis tentar a maravilhosa façanha e, depois de ter atirado e errado, o companheiro insistiu em experimentar. Mais tarde, quiseram praticar com o arco e as flechas. Durante horas os três permaneceram diante do macabro alvo e não desistiram até que a fome os forçou a afastar-se e depois de ter o filho da Primeira Mulher lhes prometido mostrar como fazer armas semelhantes à sua — uma ocorrência momentosa na história dos alalus, embora os três percebessem o fato tão vagamente como as centenas de mulheres alalus, que voltavam às suas cavernas naquela noite, abençoadamente ignorantes do golpe que fora assestado na sua supremacia pelos sufragistas militantes de Minuni.

E com igual subitaneidade, embora com resultados mais imediatos, a uniformidade da vida de Tarzan na cidade de Trohanadalmakus foi alterada e iniciada uma série de eventos que conduziram ao mais estranho e inesquecível desfecho.

O homem-macaco dormia numa cama de relva sob a grande árvore que se erguia justamente fora da cidade do Rei Adendrohahkis. O amanhecer emprestava tintas rosadas ao céu acima da floresta a leste de Trohanadalmakus, quando Tarzan, com o ouvido colado no chão, foi subitamente despertado pelas estranhas reverberações que pareciam provir, muito apagadas, das

entranhas da terra. Era um som tão morto e distante que dificilmente teria sido percebido por mim ou pelo leitor, caso tivéssemos colado um ouvido ao chão depois de ter sido informado que existia o ruído. Mas, para Tarzan, constituía uma interrupção dos ruídos comuns da noite. E, por isso, por mais leve fosse, de suficiente importância para invadir-lhe a consciência, mesmo no sono.

Despertado, permaneceu imóvel, escutando atentamente. Sabia que o som não provinha das entranhas da terra, mas da superfície. Imaginou que se originava a grande distância e sabia, igualmente, que se aproximava com grande rapidez. Durante um rápido momento o som deixou-o perplexo, mas, de súbito, como se fez luz e ele se levantou com um salto. O domo do rei Adendrohahkis ficava a uns cem metros e em sua direção encaminhou os passos. Pouco antes da entrada sul, foi chamado às falas por uma minúscula sentinela.

— Avise ao rei — ordenou-lhe o homem-macaco — que Tarzan ouve numerosos diadetes galopando para Trohanadalmakus e que, a menos esteja muito enganado, cada um deles conduz um guerreiro hostil na sela.

A sentinela voltou-se e gritou pelo corredor que partia da entrada. Um momento depois, apareceu um oficial e diversos outros guerreiros. À vista de Tarzan, estacaram.

— O que é que houve? — indagou o oficial.

— O convidado do rei diz que ouve a aproximação de numerosos diadetes — respondeu a sentinela.

— De que direção? — perguntou o oficial, dirigindo-se a Tarzan.

— O som parecia vir daquela direção — respondeu o homem-macaco apontando para o oeste.

— Os veltopismakusianos! — exclamou o oficial. Voltando-se para os guerreiros que o cercavam, vindo do interior do domo do rei, ordenou: — Depressa! Dêem o alarme em Trohanadalmakus... Eu avisarei no domo do rei e ao próprio rei. — Voltou-se e correu

rapidamente para o interior enquanto os demais abalavam para despertar a cidade.

Num tempo extremamente curto, Tarzan viu milhares de guerreiros fluir de dentro dos dez domos. Das portas norte e sul de cada domo saíram homens montados. Do leste e oeste marchava a infantaria. Não havia confusão. Tudo se processava com exatidão militar e, evidentemente, de acordo com um plano de defesa no qual cada unidade fora exaustivamente instruída.

Pequenos destacamentos de cavalaria galoparam rapidamente para os quatro pontos cardiais: eram os escoteiros, grupos dos quais se espalharam em leque além dos limites dos domos até que toda cidade ficou cercada por uma fina linha de homens montados que parariam ao alcançar uma distância predeterminada a partir da cidade e recuariam com informações diante do inimigo atacante. Seguindo-os, destacamentos mais fortes de cavalaria dirigiam-se para o norte, sul, leste e oeste para tomar posições por trás da linha de esculcas. Esses destacamentos tinham força suficiente para engajar o inimigo e impedir-lhe o progresso, enquanto recuavam sobre as forças principais da cavalaria, que, graças a esse plano, poderia ser chamada em tempo suficiente para o ponto onde o inimigo fizesse o esforço mais determinado para chegar à cidade.

Saiu, então, o principal corpo de cavalaria, desta vez na direção do oeste, ponto do qual já tinham certeza que se aproximava o inimigo. Entrementes, a infantaria, que não parará sequer por um momento desde que emergira dos domos, marchava de igual modo para os quatro pontos cardiais em quatro compactas formações, das quais a mais aguerrida dirigiu-se para o oeste. A infantaria avançada tomou posição a curta distância da cidade, ao passo que, no interior da área dos domos, as últimas tropas a emergir, cavaleiros e infantas, permaneciam evidentemente como força de reserva. E foi entre elas que Adendrohahkis instalou seu posto de comando, onde ficaria centralmente localizado para dirigir a defesa da cidade da maneira a mais eficaz.

Komodoflorensal, o príncipe, partira no comando do principal corpo de cavalaria, que ofereceria a primeira e resoluta defesa contra o atacante. Este grupo consistia de sete mil e quinhentos homens cuja posição ficaria a três quilômetros e meio da cidade, a uns oitocentos metros atrás de uma patrulha de cavalaria, dividida em quatro grupos de quinhentos homens cada, totalizando dois mil cavaleiros. O resto dos dez mil soldados que avançavam consistia de quinhentos escudos montados, que, por seu turno, cavalgavam a uns oitocentos metros à frente dos piquetes de patrulha, a intervalos de cento e vinte metros, cercado inteiramente a cidade a uma distância de cinco mil metros. Dentro da cidade, quinze mil homens montados permaneciam de reserva.

Na luz montante do amanhecer Tarzan observou, com crescente admiração pelos minúsculos minunianos, os metódicos preparativos de defesa. Não se ouviram gritos nem cantos, embora, na face de cada guerreiro que passava suficientemente perto, o homem-macaco pudesse discernir uma expressão de exaltado êxtase. Nenhuma necessidade havia ali de gritos de guerra ou hinos de batalhas para reforçar a coragem duvidosa dos fracos: não havia fracos.

Cessara o trovejar de patas da horda atacante dos veltopisma-kusianos. Era evidente que seus escoteiros haviam descoberto que falhara a esperada surpresa. Estariam alterando o plano ou o ponto de ataque, ou haviam detido temporariamente o corpo principal para esperar o resultado de um reconhecimento? Tarzan perguntou a um oficial próximo se o inimigo não teria, por acaso, abandonado inteiramente a intenção de atacar. O homem sorriu e respondeu:

— Os minunianos nunca abandonam um ataque.

Passando os olhos sobre os dez domos da cidade, iluminados agora pelos raios de sol nascente, viu em cada uma das numerosas seteiras que se abriam a intervalos regulares de cada um dos trinta e tantos andares, um guerreiro a postos, a cujo lado havia um grande feixe de javelinas curtas, tendo imediatamente atrás certa quantidade de pequenos seixos. O homem-macaco sorriu.

— Não esquecem a menor possível contingência — pensou. — Mas, e os escravos das pedreiras! O que farão? Não se revoltarão contra os seus senhores na primeira oportunidade de fuga, que a batalha iminente quase certamente lhes dará? Novamente dirigiu-se ao oficial e fez-lhe a pergunta.

Ele se voltou e apontou para a pedreira mais próxima, onde Tarzan viu centenas de escravos de túnicas brancas empilhando pedras contra a entrada, um destacamento de infantaria inclinado preguiçosamente sobre as azagaias, enquanto os oficiais dirigiam o trabalho dos escravos.

— Há outro destacamento de guerreiros no interior da pedreira — explicou-lhe o oficial. — Se o inimigo entrar na cidade e essa guarda externa for empurrada para os domos, morta, ou capturada, a guarda interna pode deter um exército inteiro, desde que apenas um homem de cada vez pode atacá-la. Os escravos estão em segurança, por conseguinte, a menos que caia a cidade e isto não aconteceu a qualquer cidade minuniana dentro da memória do homem. O melhor que os veltopismakusianos podem esperar agora é fazer alguns prisioneiros, mas, disto não há dúvida, deixarão tantos quantos levarem. Tivesse tido êxito o golpe de surpresa, poderiam ter forçado a entrada num dos domos e fugido com numerosas mulheres e grande pilhagem. Agora, porém, nossas forças estão bem dispostas demais no terreno para tornar possível que uma tropa, a menos que imensamente superior, ameace seriamente a própria cidade. Duvido mesmo que nossa infantaria chegue a participar.

— De que modo está disposta a infantaria? — perguntou Tarzan.

— Há cinco mil homens guardando as seteiras dos domos — respondeu o oficial. — Outros cinco mil compreendem a reserva que o senhor vê aqui e da qual destacamentos foram enviados para guardar as pedreiras. A quilômetro e meio da cidade estão estacionados quatro corpos de infantaria, tendo os localizados a leste, norte e sul um efetivo de mil homens cada, enquanto que o



situado a oeste, de frente para o possível ponto de ataque, consiste de sete mil guerreiros.

— Então, o senhor acha que a luta não chegará à cidade? — indagou Tarzan.

— Não. Os felizardos de hoje são os da cavalaria avançada... Eles pelejarão o que houver a pelejar. Duvido que um infante saque da espada ou arremesse uma azagaia. Mas é sempre assim... É a cavalaria que luta sempre.

— Acho que o senhor se sente infeliz por não estar numa unidade de cavalaria. Não poderia ser transferido?

— Oh, todos nós temos de nos revezar em cada arma — explicou o oficial. — Somos todos montados, exceto para a defesa da cidade e para esse fim somos designados para a infantaria durante quatro luas, seguidas de cinco luas na cavalaria — a palavra, usada foi diadetax — e cinco mil homens são transferidos de uma para outra na noite de cada lua nova.

Tarzan voltou-se e olhou pela planície na direção do oeste. Viu as tropas mais próximas em posição de descansar, esperando o inimigo. Podia mesmo discernir o principal corpo de cavalaria, a três mil e quinhentos metros de distância, tal era o seu número. Estavam invisíveis, porém, os piquetes e esculcas. Apoiado sobre a azagaia, observando a cena, uma cena que homem algum de sua raça presenciara, e compreendendo a seriedade desses homenzinhos na guerra que os confrontava, não pôde deixar de pensar nas gentes de seu próprio mundo, alinhando soldados para finalidades habitualmente muito menos importantes para eles do que o grito de "Às armas", que havia lançado em grande número os pequenos guerreiros de Ádendrohahkis na defesa do lar e da cidade.

Nenhuma cavilação havia ali, nenhuma mal velada ambição de algum potencial tirano, nenhum conceito insano de sonhadores negligentes, aproveitado pelo criminoso ávido de autopromoção e riquezas, nada disso, apenas patriotismo da mais pura lavra, motivado pelo poderoso instinto de autoconservação. Os lutadores

perfeitos, os guerreiros perfeitos, os heróis perfeitos, tais eram eles. Nenhuma necessidade havia de estridentes clarins, em coisa alguma lhes auxiliariam as ajudas artificiais à coragem concebidas pelos capitães do mundo exterior, que enviavam homens hesitantes a uma luta cujo motivo desconheciam, enganados pela propaganda mentirosa, enfurecidos por falsas estórias de barbaridades do inimigo, cuja fúria fora despertada contra eles por meios análogos.

Durante a pausa que se seguiu à saída da cidade das últimas tropas avançadas, Tarzan aproximou-se de Ádendrohahkis, que encontrou montado no seu diadete, cercado por numerosos altos oficiais. O rei resplandecia num gibão dourado, um traje de couro sobre qual pequenos discos de ouro eram cosidos, superpostos uns aos outros. Em torno da cintura levava um pesado cinturão de couro, preso por três fivelas de ouro de tais dimensões que tinha quase a aparência de um colete. Ao cinto estavam presos o florete e a faca, com bainhas pesadamente incrustadas de ouro e metais mais baixos, em intrincados e belos desenhos. Coxotes de couro protegiam-lhe a parte superior da perna descendo das coxas até os joelhos, enquanto os antebraços eram envolvidos por malha de metal dos punhos até quase os cotovelos. Aos pés estavam presas resistentes sandálias, com uma placa circular de ouro protegendo os tornozelos. Um capacete de couro bem modelado cobria-lhe inteiramente a cabeça. Ao parar diante do rei, o soberano recebeu-o com um amável cumprimento.

— O Capitão da Guarda comunicou-me que foi o senhor que nos deu o primeiro aviso da chegada dos veltopismakusianos. Mais uma vez, o senhor colocou o povo de Trohanadalmakus como seu profundo devedor. De que modo poderíamos resgatar nossa dívida?

Tarzan fez um gesto depreciativo.

— O senhor nada me deve, Rei de Trohanadalmakus — respondeu. — Dê-me sua amizade e diga-me que posso ir à frente juntar-me a seu nobre filho, o príncipe. Neste caso, todas as obrigações cairão sobre mim.

— Até que os vermes da morte me devorem, eu serei sempre seu amigo, Tarzan — respondeu graciosamente o rei. — Vá aonde quiser, e que escolha ir aonde se luta em nada me surpreende.

Fora esta a primeira vez que um minuniano o chamara pelo nome. Até então fora chamado de Salvador do Príncipe, Convidado do Rei, Gigante da Floresta e por outros títulos análogos, impessoais. Entre os minunianos o nome é considerado posse sagrada, usado apenas por amigos escolhidos e amigos da família. Ser chamado de Tarzan por Adendrohahkis equivalia a um convite, ou a «ma ordem, para estabelecer a mais íntima das amizades com o rei.

Tarzan respondeu a gentileza com uma curvatura.

— A amizade de Adendrohahkis constitui honra sagrada, enobrecendo quem a merece. Eu sempre a considerarei, durante toda minha vida, como a minha posse mais valiosa — disse em voz baixa. O Senhor das Selvas, porém, não fora condicionado por sentimentalismo piegas ao dirigir-se ao rei nesses termos. Havia muito reconhecera em si uma profunda admiração pela pequena gente e viera a sentir profundo respeito, pelo caráter de Adendrohahkis. Desde que lhes aprendera a língua não cessaria de fazer perguntas a respeito das maneiras e costumes dessas gentes. E descobrira que a personalidade de Adendrohahkis estava tão inextricavelmente entrelaçada com a vida de seus vassalos que, ao receber a resposta às suas perguntas, não pôde deixar de absorver a prova irrefutável das glórias do caráter do soberano.

Adendrohahkis pareceu satisfeito ao ouvir-lhe as palavras, que recebeu graciosamente. O homem-macaco retirou-se e tomou a direção da frente de combate. A caminho, arrancou um copado galho de árvore, pois lhe ocorrera que tal arma poderia ser útil contra os minunianos e não sabia o que lhe aguardava o dia.

Ultrapassara justamente a infantaria avançada quando passou, a seu lado, em louca carreira um correio em direção à cidade. Tarzan forçou a vista, mas sinal algum viu de batalha. Ao alcançar a

cavalaria principal, nenhuma indicação havia ainda do inimigo, tanto quanto podia ver.

O Príncipe Komodoflorensal cumprimentou-o calorosamente e olhou um pouco espantado, talvez, para o copado galho que ele levava ao ombro.

— Quais as novidades? — perguntou-lhe Tarzan.

— Acabei de enviar um mensageiro ao rei — respondeu o príncipe — comunicando que nossos esculcas entraram em contato com os dos inimigos, que são, como pensávamos, os veltopiamakusianos. Uma forte patrulha de um posto avançado de nossa frente abriu caminho pela linha de esculcas inimigos e um corajoso guerreiro conseguiu mesmo chegar até o cume da Colina dos Gartolas, de onde viu o principal corpo do exército inimigo formando para o ataque. Diz ele que soma entre vinte e trinta mil.

Calando-se Komodoflorensal, um som ondulante começou a rolar das bandas do oeste.

— Lá vêm eles! — anunciou o Príncipe.

# Capítulo 8

Ska, empoleirado sobre os chifres do cadáver de Gorgo, percebeu subitamente movimentos numa moita próxima. Virou a cabeça na direção do som e viu Sabor, a leoa, emergir da folhagem e caminhar lentamente em sua direção. Ska não se amedrontou. Poderia ir embora, mas iria com dignidade. Agachou-se para saltar para cima e estendeu as grandes asas para ajudá-lo na largada. Ska, o abutre, porém, jamais deixou o chão. Enquanto tentava fazê-lo, algo puxou-lhe subitamente o pescoço e prendeu-o ao solo. Levantou-se rapidamente e, usando de violência, tentou voar para longe. Mais uma vez foi puxado para trás. Ska ficou apavorado. A odiosa coisa que pendia havia tanto tempo de seu pescoço acorrentava-o à terra — a volta balouçante da corrente de ouro que se prendera em torno dos chifres de Gorgo, o búfalo. Ska ficou acuado.

Lutou, batendo as asas. Sabor parou para examiná-lo e a seus movimentos insanos. Ska batia as asas da maneira a mais surpreendente. Sabor nunca vira Ska comportar-se assim antes e os leões são animais sensíveis e temperamentais. Sabor, por conseguinte, não apenas ficou surpresa, mas começou a sentir medo. Durante mais outro momento observou as inexplicáveis cabriolas de Ska, deu-lhe as costas e rastejou para as moitas, voltando um ocasional focinho rosnante para o abutre, como se dissesse: “Cuidado, se me perseguir!” Ska, porém, não pensava em persegui-la. Nunca mais Ska, o abutre, perseguiria coisa alguma.

— Lá vêm eles! — anunciou Komodoflorensal, Príncipe de Trohanadalmakus.

Olhando pela planície ondulante na direção do inimigo, Tarzan viu logo, graças a sua grande altura, o avanço dos veltopismakusianos.

— Nossos esculcas estão recuando — anunciou a Komodoflorensal.

— Pode ver o inimigo? — perguntou-lhe o Príncipe.

— Sim.

— Mantenha-me informado dos movimentos dele.

— Está avançando em várias longas linhas, dispostas sobre uma frente considerável — comunicou o homem-macaco. — Os esculcas estão recuando para os postos avançados, que parecem destinados a recebê-los. Serão esmagados, se não pela primeira linha, pelo menos pela que a suceder.

Komodoflorensal deu uma curta ordem. Mil homens montados, saltaram para frente, esporeando os diadetes em pulos que cobriam um metro e meio, um metro e oitenta e mesmo dois metros e dez de cada vez. Abalaram diretamente para o posto avançado, dispondo a tropa no terreno à medida que avançavam.

Outro milheiro dirigiu-se rapidamente para a direita e um terceiro para a esquerda da posição avançada da cavalaria ao anunciar Tarzan que o inimigo se dividira em dois corpos principais pouco antes de atacar o posto avançado e que um deles movia-se como se tivesse a intenção de envolver o flanco direito da cavalaria principal de Trohanadalmakus, enquanto o outro revolia na direção do flanco, esquerdo.

— Estão atacando ousada e rapidamente para tomar prisioneiros — disse o Príncipe a Tarzan.

— A segunda e terceira linha deles estão atacando o centro e dirigindo-se diretamente em nossa direção — disse Tarzan. — Chegaram ao posto avançado, cujos soldados correm para ele, enfrentando-os vigorosamente com os floretes.

Komodoflorensal despachou mensageiros para a retaguarda.

— É assim que lutamos — disse, evidentemente numa explicação, da ação do posto avançado. — Seria bom que voltasse para a retaguarda, pois dentro de mais alguns momentos será

cercado pelo inimigo, se aqui permanecer. Logo que eles nos alcançarem, nós também lutaremos corpo a corpo, recuando para a cidade. Se é intenção deles entrar na cidade, a batalha parecerá mais uma corrida do que qualquer outra coisa, pois a velocidade será grande demais para permitir luta eficaz. Mas, se abandonaram a idéia e pretendem contentar-se com prisioneiros, haverá muita luta antes de alcançarmos a infantaria, além da qual duvido que avancem. Com a sua capacidade numérica vastamente superior, eles farão alguns prisioneiros, e nós faremos também alguns. Mas, ande logo! Deve voltar para a cidade, se não for já tarde demais.

— Acho que permanecerei aqui — replicou o homem-macaco.

— Mas eles o farão prisioneiro ou o matarão. Tarzan dos Macacos sorriu e agitou o copado galho.

— Não os receio — disse, simplesmente.

— Isto porque não os conhece — respondeu o Príncipe. — O seu grande tamanho o torna excessivamente confiante, mas lembre-se de que é apenas quatro vezes mais alto do que nós e que haverá trinta mil procurando derrubá-lo.

Os veltopismakusianos avançavam rapidamente. O Príncipe não pôde dedicar mais tempo ao que compreendeu ser uma inútil tentativa de convencer Tarzan a recuar. E conquanto admirasse a coragem do estranho gigante, deplorava-lhe a ignorância. Komodoflorensal desenvolvera grande amizade pelo estranho hóspede e o teria salvo, se possível. Naquele momento, porém, devia voltar ao comando das tropas desde que o inimigo já quase os alcançava.

Tarzan observou a chegada dos homenzinhos nas suas ágeis e musculosas montarias. Linha após linha derramavam-se pelo terreno ondulado em sua direção, lembrando-lhe a similaridade com as ondas do oceano, cada gota da qual é mole e inofensiva, mas que, em números incontáveis, combinam-se numa incansável e apavorante força de destruição. O homem-macaco olhou para o copado galho e sorriu, embora com um pouco de melancolia.

Naquele momento, porém, sua atenção fixou-se na luta em andamento nas duas primeiras linhas de horda atacante. Cavalgando pescoço a pescoço com os guerreiros veltopismakusianos estavam os homens do posto avançado de Adendrohahkis e os milhares que os haviam reforçado. Cada um deles escolhia um cavaleiro inimigo, que procurava derrubar da sela. À alta velocidade, os duelos eram travados com agudos floretes, embora aqui e ali um homem manejasse a azagaia com bons resultados. Alguns diadetes sem cavaleiros saltavam para a frente acompanhando a vanguarda, enquanto outros, procurando voltar ou correr para os flancos, lançavam a confusão nas velozes linhas, muitas vezes lançando animais e cavaleiros ao solo. Com muito maior freqüência, porém, os guerreiros saltavam com suas montarias inteiramente por cima dos apavorados animais. A arte eqüestre dos minunianos era soberba e bordejava o milagroso o controle aparentemente sem esforço que exerciam sobre as rápidas e nervosas montarias. Aqui, um guerreiro, elevando a montaria alta no ar, ultrapassou um adversário e, enquanto se erguia no ar, atacou violentamente com o florete a cabeça do inimigo, lançando-o fora da sela. Pouco tempo havia, porém, para captar mais do que uma impressão caleidoscópica do rápido espetáculo antes que a grande horda descesse sobre ele.

Armado com o folhoso Galho, Tarzan pensava em varrer os homenzinhos do seu caminho. Naquele momento, porém, amigos e inimigos estavam tão misturados que não tentou a manobra por receio de derrubar e ferir alguns guerreiros de suas próprias hostes. Elevou o galho acima das cabeças dos guerreiros e esperou até que passassem por ele as primeiras linhas. Nessa ocasião, tendo apenas em volta inimigos de Adendrohahkis, varre-los-ia para os lados e quebraria a espinha dorsal do ataque.

Notou as expressões espantadas dos veltopismakusianos que passaram por ele — surpresa, não medo — e ouviu os gritos daqueles mais felizardos dos seus colegas que podiam aproximar-se dele e atacar-lhe cruelmente as pernas quando passavam em alta velocidade. Nessa ocasião, tornou-se nada mais do que um assunto



de autopreservação tentar evitá-los com o galho e isto não era mais impossível desde que as primeiras linhas já haviam passado em fileiras abertas. Mas, logo depois, a massa sólida da cavalaria veltopismakusiana desceu sobre ele. Não houve desvio para evitá-lo. Em fileiras compactas, fila após fila, atacaram-no. Lançou fora o inútil galho e procurou, para impedir-lhes o avanço, agarrá-los com os dedos, tirá-los das selas e lançá-los sobre os companheiros atacantes. Mas, ainda assim, continuavam o ataque.

Pulavam com os diadetes sobre todas as obstruções. Um cavaleiro, saltando diretamente em sua direção, atingiu-o na boca do estômago, quase lhe tirando o fôlego e fazendo-o recuar um passo. Um e mais outro atacaram-lhe as pernas e os flancos. Vezes sem conta as pontas da agulha dos floretes picaram-lhe a pele morena até que, dos quadris aos pés, viu-se coberto com o próprio sangue. E havia sempre mais alguns milhares a atacá-lo. Sendo inúteis suas armas, não tentou mais usá-las e embora fizesse grande destruição entre eles com as mãos nuas, havia sempre centenas para tomar o lugar dos que ele exterminava.

Sorriu sombriamente compreendendo que, nesses homenzinhos, que mal chegavam a um quarto de sua altura, ele, o incomparável Tarzan, o Senhor das Selvas, encontrara seu Wellington. Compreendeu que estava inteiramente cercado pelos veltopismakusianos. Tendo engajado o inimigo, os guerreiros de Trohanadalmakus corriam para a retaguarda acompanhando-os em direção aos sete mil infantes que deveriam receber o peso daquela terrível carga. Tarzan gostaria de ter presenciado aquela fase da batalha, mas já tinha luta mais do que suficiente para ocupar-lhe a atenção no local onde se encontrava.

Mais uma vez foi atingido no estômago por um cavaleiro e mais uma vez o golpe abalou-o. Antes que se pudesse recuperar, outro atingiu-o no mesmo lugar e, desta vez, caiu. Imediatamente, foi coberto, sepultado por guerreiros e diadetes como formigas, em números incontáveis. Tentou levantar-se e isto foi a última coisa de que se lembrou antes de perder a consciência.

Uhha, a filha de Khamis, o feiticeiro da tribo de Obebe, o canibal, deitava-se aconchegada numa pequena cama de palha num grosseiro abrigo de espinhos na floresta aberta. Era noite, mas não dormia. Com as pestanas contraídas de ódio, fitava o gigante branco com fogo nos olhos. Não havia medo de sobrenatural em sua expressão: apenas ódio, ódio imorredouro.

Muito tempo antes deixara de considerá-lo o Demônio do Rio. O medo óbvio que ele revelara das grandes feras da selva e dos negros havia-a, a princípio, deixado perplexa e, mais tarde, convenceu-a de que o companheiro era um impostor. Os Demônios do Rio nada temem. Começava mesmo a duvidar que aquele indivíduo fosse Tarzan, do qual ouvira contar muitas fabulosas histórias durante a infância, a ponto de considerá-lo quase como o próprio demônio — o seu povo não possuía deuses, apenas demônios, que atendem tão bem à finalidade entre os ignorantes e supersticiosos como os deuses entre os educados e supersticiosos.

E logo que Esteban Miranda, de maneira iniludível, provou pelos seus atos que temia os leões e que estava perdido na floresta, tais fatos não corresponderam absolutamente às suas idéias preconcebidas dos poderes e atributos do famoso Tarzan.

Com a perda de respeito por ele foi-se também quase todo o medo. Ele era mais forte do que ela, e brutal. Podia magoá-la, e a magoava, se ela o irritava. Mas não poderia feri-la de qualquer outro modo que fisicamente e não absolutamente se pudesse livrar-se de suas garras. Muitas vezes ensaiara planos de fuga, mas sempre hesitara devido ao medo horrível que tinha de ficar sozinha na selva. Recentemente, contudo, viera a compreender com crescente clareza que o branco lhe servia de pouca ou nenhuma proteção. De fato, poderia tirar melhor proveito da situação sem ele, pois, ao primeiro indício de perigo, tinha sido hábito de Miranda correr para a árvore mais próxima e, nos locais em que as árvores eram poucas, esse hábito sempre a colocara em desvantagem na corrida pela autoconservação, desde que Esteban, sendo mais forte,

podia empurrá-la para o lado se ela lhe criasse algum obstáculo à fuga para a segurança.

Sim, ficaria tão bem sozinha na selva como na companhia desse homem que desprezava e odiava profundamente. Mas antes que o deixasse, precisava, dizia-lhe o pequeno cérebro selvagem, vingar-se dele por tê-la enganado e a levado a dar-lhe fuga da aldeia de Obebe, o canibal, bem como por a tê-la forçado a acompanhá-lo.

Uhha tinha certeza de que podia encontrar o caminho para a aldeia por mais distante tivessem viajado, e certa também de que poderia encontrar meios de subsistência pelo caminho e esquivar-se dos animais de presa que a pudessem acossar. Temia apenas o homem, mas, nisto, não diferia das outras coisas criadas. O homem somente entre todas as criações de Deus é universalmente odiado e temido, não apenas pelos animais inferiores, mas também pela sua própria raça, pois entre todos eles somente o homem rejubila-se com a morte de outros — o grande covarde que, entre toda a criação, é o que mais a teme.

E assim, a pequena negra permanecia observando o espanhol com olhos brilhantes, pois na ocupação dele via um meio de vingança. Agachado diante da fogueira, bem inclinado para frente, Esteban Miranda examinava cùpidamente o conteúdo da pequena sacola de pele de gamo que esvaziara parcialmente na palma da mão. A pequena Uhha sabia que o branco atribuía grande importância às pedras brilhantes, embora lhes desconhecesse inteiramente o valor intrínseco. Nem mesmo sabia que eram diamantes. Tudo que sabia era que o branco adorava-as, que as preferia a todas as suas outras posses, e que lhe repetira incontáveis vezes que preferia morrer a separar-se delas.

Durante longo tempo Miranda brincou com os diamantes e, durante longo tempo, Uhha observou-o. Finalmente, colocou-os na sacola, que prendeu seguramente dentro da tanga. Em seguida, rastejou por baixo do abrigo de espinhos, puxou uma pilha do mesmo material para a entrada, fechando-a contra as feras rondantes, e deitou-se na palha ao lado de Uhha.

De que modo iria a pequena garota conseguir roubar os diamantes do grande espanhol? Não podia surripiá-los, pois a sacola que os continha estava tão segura dentro da tanga que seria impossível removê-la sem o acordar. E, certamente, a fraca criança, em hipótese alguma, poderia arrancar pela força bruta as jóias das mãos de Esteban. Não, o plano devia morrer onde nascera — dentro do espesso pequeno cérebro de Uhha.

Do lado de fora do abrigo, o fogo tremeluzia, iluminando a relva da floresta em volta e lançando sombras sobrenaturais e fantásticas que saltavam e dançavam na noite. Algo andava furtivamente na luxuriosa vegetação a uma dúzia de passos do minúsculo acampamento. Era algo grande, pois a relva se afastou quando ele passou. Separou-se e apareceu a cabeça de um leão. Os olhos amarelo-esverdeados olharam inquietos para o fogo. De trás do fogo emanava o odor de homem e Numa estava com fome. Além disso, certa ocasião comera um homem e gostara — a presa mais lenta e a menos capaz de defender-se. Numa, porém, não gostou do aspecto das coisas no local e, portanto, deu a volta e desapareceu por onde havia chegado. Não tinha receio do fogo. Caso tivesse, teria também medo do sol durante o dia, pois não podia nem mesmo olhá-lo sem desconforto e, para ele, o fogo e o sol poderiam ter sido a única e a mesma coisa porque não tinha maneira de saber qual estava a dezoito metros e qual a centenas de milhões de quilômetros. Eram as sombras dançantes que lhe causavam apreensão. Enormes e grotescas criaturas com as quais não tinha experiência e que pareciam saltar sobre ele, ameaçando-o de todos os lados.

Uhha, porém, não prestou atenção às sombras dançantes e não viu Numa, o leão. Permaneceu muito quieto, à escuta. O fogo passou a morrer à medida que os lentos minutos arrastavam-se em pés de chumbo. Não passou muito tempo assim deitada, embora lhe parecesse longo o tempo, pois Uhha tinha todos os planos amadurecidos e prontos para execução. Uma menina civilizada de doze anos poderia tê-los concebido, mas é duvidoso que os tivesse

levado até o fim. Uhha, contudo, não era civilizada, e sendo o que era, não a incomodavam escrúpulos de consciência.

Logo depois, a respiração do espanhol indicou-lhe que ele dormia. Uhha esperou um pouco mais para ficar duplamente convencida. Estendeu a mão sob a relva ao lado e dela retirou um curto e grosso porrete. Lenta e cautelosamente levantou-se e ajoelhou-se ao lado do espanhol adormecido. Suspendeu a arma e descarregou-a apenas uma vez, pesadamente, sobre o crânio de Esteban. Não continuou a bater. Um único golpe foi suficiente. Teve esperança de não o ter matado, pois ele precisava viver para que fosse cumprido seu plano de vingança. Precisava viver e saber que Uhha roubara a sacola de pedras que ele tanto adorava. Uhha apanhou a faca que pendia do quadril de Esteban, com ela cortou a tanga e apossou-se da sacola e de seu conteúdo. Removeu os espinhos da entrada do abrigo, deslizou para a noite e desapareceu na floresta. Durante todo o vaguear com o espanhol não perdera nem uma única vez o sentido de direção, que apontava para o lar. E naquele momento, livre, dirigiu-se resolutamente para o sudoeste e para a aldeia de Obebe, o canibal. Uma trilha de elefantes formava uma estrada na selva ao longo da qual andava gingando, com o caminho iluminado pelos raios da lua cheia que se filtravam pela folhagem da rala floresta. Temia a noite na selva e os animais de presa, mas sabia que devia arriscar-se e aproveitar a oportunidade para pôr uma distância tão grande quanto possível entre ela e o homem branco, antes que ele recuperasse os sentidos e desse início à perseguição.

A cem metros à frente, na densa folhagem que bordejava a trilha, Numa, o leão, farejou e escutou com as orelhas empinadas na direção de onde ela vinha. Não havia ali sombras dançantes a sugerir formas ameaçadoras ao sistema nervoso altamente tenso de Numa — apenas o odor de homem aproximando-se mais e mais — uma jovem fêmea, a mais tenra de sua raça. Numa lambeu as mandíbulas salivantes e esperou.

A jovem apareceu caminhando rapidamente pela trilha. Estava à mesma altura do animal, mas o rei dos animais não saltou. Há algo

no odor e no aspecto da coisa-homem que provoca estranhos horrores no peito de Numa. Quando segue furtivamente Horta, o javali, ou Bara, a corça, coisa alguma há na presença de ambos que provoque uma sensação parecida no carnívoro selvagem. Nessas ocasiões não conhece hesitação quando chega o momento de saltar sobre a presa. É somente a coisa-homem, inofensiva, de pés de chumbo, que o leva a parar, indeciso, no momento crucial.

Uha passou, ignorante do fato de que um grande leão, à caça e esfaimado, estava a dois passos dela. Logo que passou, Numa tomou a trilha atrás, acompanhando-a sorrateiramente, esperando pelo momento em que fossem dissipados os nevoeiros de sua indecisão. E assim seguiram pela noite — o grande leão, andando sobre patas de almofadas furtivas e silenciosas e, diretamente à frente, uma jovem negra, sem saber que horrível morte a seguia pela noite estrelada.

# Capítulo 9

Ao recuperar os sentidos, Tarzan descobriu que estava deitado no chão de areia de uma grande câmara. Abrindo os olhos antes de lhe voltar inteiramente a consciência, notou que o quarto era bem iluminado, embora não brilhantemente, e que havia outros ali além dele. Mais tarde, ao começar a reunir e ordenar as faculdades mentais, observou que a iluminação era proporcionada por duas imensas velas que pareciam ter bem noventa centímetros de diâmetro e, embora claramente derretidas pela metade, ainda eram de pelo menos metro e meio de altura. Delas saíam pavios tão grossos como um punho de homem e, embora a maneira como queimassem fosse parecida com a das velas que conhecia, estas não desprendiam fumaça, nem estavam enegrecidas as vigas e as ripas do teto diretamente acima delas.

As luzes, sendo as coisas mais visíveis no aposento, haviam sido as primeiras coisas a atrair-lhe a atenção. A partir daquele momento, porém, relanceou os olhos em volta. Havia cinqüenta ou cem homens de mais ou menos sua altura, embora vestidos e armados como os pequenos trohanadalmakusianos e veltopismakusianos. Tarzan contraiu as sobrancelhas e olhou-os demorada e firmemente. Quem eram? Onde estava?

Espalhando-se lentamente as sensações pelo corpo, percebeu que sofria dores e que tinha os braços pesados e dormentes. Tentou movê-los e descobriu que não podia, pois estavam fortemente amarrados às suas costas. Moveu os pés, que não estavam presos. Finalmente, após esforço considerável, pois descobriu estar muito fraco, sentou-se e olhou em volta. O aposento estava cheio de guerreiros que pareciam exatamente iguais aos pequenos veltopismakusianos, mas eram tão altos como homens normais. A sala em si era imensa. Havia certo número de bancos e mesas no assoalho e a maioria dos homens estava sentado e parecia neles trabalhar. Nessa ocasião, percebeu Tarzan que quase todos os

presentes no aposento estavam feridos, muito deles gravemente. Os homens que se moviam por ali estavam evidentemente tratando dos feridos e, os que poderiam ter sido enfermeiros, vestiam túnicas brancas como a casta alta dos escravos de Trohanadalmakus. Além dos feridos e dos enfermeiros havia uma meia dúzia de guerreiros armados, estes sãos. Um deles foi o primeiro a notar que Tarzan se sentara.

— Ho! — gritou. — O gigante recuperou a consciência. — E atravessando a sala, aproximou-se do homem-macaco. À frente de Tarzan, com as pernas bem separadas, olhou-o com um grande sorriso no rosto.

— O seu grande tamanho pouco lhe valeu — zombou — e agora somos tão grandes como você. Nós, também, somos gigantes, hem? — E voltou-se para os companheiros, que o acompanharam no riso.

Percebendo que era prisioneiro, cercado de inimigos, o homem-macaco adotou a velhíssima característica do animal selvagem — o silêncio mal-humorado. Não lhes respondeu. Permaneceu sentado como estava, deitando-lhe o olhar selvagem e frio do animal acuado.

— Ele é mudo como as grandes mulheres-animais das cavernas — disse o guerreiro aos companheiros.

— Talvez seja um deles — sugeriu outro.

— Sim — apoiou o terceiro — talvez seja um dos zertalacolols.

— Mas os homens delas são covardes — insistiu o primeiro orador — e este lutou como um guerreiro de nascença.

— Sim, com mãos nuas, lutou até cair.

— Você devia tê-lo visto lançar três diadetes e os respectivos guerreiros como uma pessoa pode apanhar pequenos seixos e jogá-los longe.

— Ele não recuou nem um passo ou correu. E sorria sempre.



— Ele não se parece com os homens dos zertalacolols. Pergunte-lhe o que é que ele é.

O que lhe falara em primeiro lugar fez a pergunta. Tarzan, porém, permaneceu calado, fitando-os irritado.

— Ele não me compreende — disse o guerreiro. — Apesar disso, não acho que seja um zertalacolol. O que é, contudo, não sei.

Aproximou-se e examinou os ferimentos de Tarzan.

— Estes sararão logo. Em sete dias ou menos ele estará em condições de seguir para as pedreiras.

Borrifaram um pó marrom sobre os ferimentos, deram-lhe alimento, água e leite de antílope. E logo que descobriram que os braços lhe inchavam muito e descoravam, trouxeram uma corrente de ferro e, fechando uma das extremidades em torno de sua cintura com um grosseiro cadeado, prenderam-no a uma argola na parede de pedra da câmara, tirando-lhe os laços.

Uma vez pensando que ele não lhes compreendia a língua, falaram livremente em sua presença. E como o idioma era quase idêntico ao empregado pelas trohanadalmakusianos, Tarzan compreendeu tudo que disseram. Soube, assim, que a batalha em frente à cidade de Adendrohahkis não se desenvolvera da forma desejada por Elkomoeelho, o rei. Havia perdido numerosos mortos e prisioneiros e, em troca, não haviam morto tantos inimigos e feito relativamente poucos prisioneiros, embora Elkomoeelho o considerasse valer todo o custo da curta guerra.

Como poderiam eles ter-se transformado em homens de sua própria estatura era coisa que Tarzan não compreendia nem qualquer uma das observações que ouviu lançou a menor luz sobre esse mistério dos mistérios. O clímax da improbabilidade, porém, foi alcançado dias depois quando viu passar pelo corredor, para o qual dava o local onde estava encarcerado, uma fila de guerreiros de seu tamanho, todos montados em animais tão altos na cernelha como um cefo, embora, obviamente, pelos seus contornos e características fossem antílopes reais, que é a menor espécie

conhecida. Tarzan passou os dedos bronzeados pela cabeleira espessa e desistiu de tentar solucionar os enigmas que o cercavam.

As feridas sararam rapidamente, como as dos veltopismakusianos que convalesciam em volta. No sétimo dia, meia dúzia de guerreiros veio buscá-lo, tirando a corrente da cintura para que ele os pudesse acompanhar. Os captos muito tempo antes haviam deixado de dirigir-lhe a palavra, acreditando que Tarzan lhes ignorava a língua, o que significava para eles ser tão mudo como um alalu, pois não podiam conceber outro idioma diferente do que falavam. Mas, pela conversação, quando o levavam da câmara ao longo de um corredor circular, descobriu que estava sendo levado à presença do Rei Elkomoelhago, que expressara o desejo de conhecer o notável prisioneiro tão logo ele se recuperasse dos ferimentos.

O longo corredor que percorria era parcialmente iluminado por pequenas velas colocadas em nichos e pela luz dos aposentos iluminados, cujas portas se abriam para ele. Escravos e guerreiros moviam-se em duas filas contínuas e opostas pelo corredor e por todos aqueles por onde passaram. Eram escravos de alta casta, de túnicas brancas, com os emblemas vermelhos dos seus senhores e as insígnias de suas ocupações. Havia também escravos de túnica verde da segunda geração, com o emblema do amo no peito e nas costas e, também, de primeira geração, com um emblema negro no peito, denotando a cidade de origem o emblema do amo nas costas. Viam-se guerreiros de todos os postos e graduações. Misturavam-se os simples trajos de couro dos jovens e pobres e o vestuário cravejado de jóias dos ricos e, passando por eles em ambas as direções, freqüentemente a alta velocidade, viu guerreiros montados em possantes antílopes, que constituíam ainda o maior motivo de espanto de Tarzan, desde seu encarceramento na cidade de Veltopismakus.

A intervalos ao longo do corredor, Tarzan viu escadas estendendo-se para um andar superior, mas, como nunca viu ninguém descendo, supôs que estavam no piso mais baixo da estrutura. Pelo tipo de edifício, convenceu-se de que era

semelhante ao domo que vira em construção na cidade de Adendrohahkis. Mas, quando permitia à mente demorar-se sobre as imensas proporções de um domo capaz de abrigar homens de seu tamanho, ficou atordoado. Tivesse o domo de Adendrohahkis sido duplicado nessas dimensões, embora nas mesmas proporções, teria tido duzentos e quarenta metros de diâmetro e cento e vinte de altura. Parecia absurdo pensar que existisse uma raça capaz de realizar tal façanha de arquitetura com os meios primitivos de que parecia dispor. Apesar disso, ali estavam os corredores com os tetos arqueados, as paredes de calhaus elegantemente alinhados, as grandes câmaras com as pesadas vigas no teto e as robustas colunas, todas exatamente iguais às que vira no domo em Trohanadelmakus, embora em escala imensamente superior.

Enquanto olhos e mente demoravam-se nesses enigmas, a escolta conduziu-o do corredor circular para outro que nele entrava em ângulo reto, onde logo depois pararam à entrada de uma câmara cheia de fileiras após fileiras de prateleiras abastecidas com todos os tipos possíveis de artigos. Havia grandes e pequenas velas, de todos os tipos e formas concebíveis, capacetes, cintos, sandálias, túnicas, escudelas, jarros, vasos e milhares de outros artigos da vida diária dos minunianos que Tarzan conhecera mais ou menos bem durante sua estada entre os trohanadalmakusianos.

Parando em frente à entrada do aposento, um escravo de túnica branca apareceu atendendo ao chamado de um dos guerreiros da escolta.

— Uma túnica verde para este indivíduo de Trohanabalmakus — ordenou.

— Que insígnia nas costas? — perguntou o escravo.

— Ele pertence a Zoanthrothago — respondeu o guerreiro.

O escravo correu até uma das prateleiras e escolheu uma túnica verde. De outra tirou dois grandes blocos de madeira sobre a face de cada qual estava esculpido um dístico diferente. Cobriu-os por igual com algum tipo de corante ou tinta, enfiou um pedaço de madeira macia sob a túnica, colocou um dos blocos de face para

baixo sobre o tecido, bateu nele vivamente com uma maça de madeira várias vezes e, em seguida, repetiu a operação com o outro bloco no reverso da túnica. Ao entregar o vestiário a Tarzan com instrução para que o vestisse, viu o homem-macaco que ela continha um emblema preto no peito e outro nas costas, mas não os pôde ler. A sua educação não chegara até esse ponto.

O escravo deu-lhe, em seguida, um par de sandálias e, tão logo calçou-as, os guerreiros indicaram-lhe com um gesto para descer o corredor, o qual, segundo notou ao continuarem a marcha, mudava rapidamente de aparência. Os ásperos calhaus da parede estavam rebocados e decorados com pinturas coloridas, mostrando, com maior freqüência, cenas de batalha e acontecimentos de caçadas, habitualmente emolduradas por painéis de desenho complicado e formal. Predominavam as cores vivas. Velas de várias nuances queimavam em freqüentes nichos. Eram numerosos os guerreiros ricamente vestidos. Desapareceram quase inteiramente os escravos de túnica verde, ao passo que as vestes brancas dos cativos de classe mais alta eram feitas de material mais fino. Os próprios escravos, às vezes, apresentavam-se esplendorosos, usando jóias e couro fino.

A pompa da cena e o brilho da iluminação aumentaram até que o corredor terminou abruptamente diante de duas portas maciças de ouro batido a martelo, em frente da qual montavam guarda guerreiros ricamente ataviados, que os detiveram e perguntaram ao comandante da escolta ao que vinham.

— Por ordem do rei, trazemos o escravo de Zoanthrothago — respondeu o comandante. — O gigante que foi aprisionado em Trohanadalmakus.

O guerreiro que os interpelava voltou-se para um dos companheiros e disse-lhe:

— Leve essa mensagem ao rei.

Saindo o mensageiro, os guerreiros passaram a examinar Tarzan, fazendo numerosas perguntas a respeito dele, a pouca das quais os guardas podiam dar senão respostas especulativas. Logo

depois, voltou o mensageiro com ordem de levar imediatamente o grupo à presença do rei. As pesadas portas foram escancaradas e Tarzan penetrou nos umbrais de uma câmara enorme, cujas paredes convergiam para a extremidade oposta, onde se alteava um trono sobre uma plataforma. Colunas de madeira maciça suportavam o teto, revestido entre as vigas. Estas e as colunas eram esculpidas, enquanto que as partes rebocadas do teto mostravam maravilhosos arabescos de cores brilhantes. As paredes eram apaineladas até metade da altura, havendo quadros acima dos lambris, os quais Tarzan supôs mostrarem eventos da história de Veltopismakus e seus reis.

O aposento estava vazio salvo por dois guerreiros, de guarda em frente às portas que flanqueavam a plataforma do trono. Aproximando-se o grupo pela larga coxia em direção ao trono, um dos guerreiros fez um sinal ao líder do grupo e com um gesto indicou-lhe a porta que estivera guardando, que abriu, revelando uma pequena antecâmara na qual havia uma meia dúzia de guerreiros elegantemente vestidos, sentados em pequenos bancos trabalhados, enquanto um sétimo mandriava numa cadeira de alto espaldar, batendo com os dedos nos seus largos braços enquanto ouvia a conversação dos demais, contribuindo com uma palavra ocasional, sempre escutada com a mais profunda atenção. Se fazia uma carranca quando falava, os outros tornavam-se ainda mais carrancudos; se sorria, estouravam em gargalhadas. Raramente seus olhos deixavam-lhe o resto com medo de perder a menor indicação dos humores passageiros.

Ao atravessarem o umbral, pararam os guerreiros que conduziam Tarzan, permanecendo em silêncio até que o homem da cadeira alta dignou-se a notar-lhes a presença. Nesta ocasião, o líder do grupo caiu sobre um joelho, levantou os braços, com as palmas para frente, bem acima da cabeça, reclinou-se para trás tanto quanto podia e, num tom monótono e uniforme, entoou a saudação:

— Oh, Elkomoelhago, Rei de Veltopismakus, Governador de Todos os Homens, Senhor das Coisas Criadas, Todo-Sábio, Todo-

Corajoso, Todo-Glorioso! Nós trouxemos, na forma que ordenastes, o escravo de Zoanthrohago.

— Levantem-se e traga o escravo para mais perto — ordenou o homem da alta cadeira. Em seguida, voltou-se para os companheiros: — É este o gigante que Zoanthrohago trouxe de Trohanadalmakus?

— Ouvimo-lo dizer isso, Todo-Glorioso — responderam.

— E da aposta de Zoanthrohago? — perguntou o Rei.

— E da aposta de Zoanthrohago, Todo-Sábio! — respondeu um deles.

— E que acham dela? — indagou Elkomoelhago.

— O mesmo que vós, Governante de Todos os Homens — replicou rapidamente o outro.

— E o que é que eu acho? — indagou o Rei. Os seis entreolharam-se rápido e inquietamente.

— O que é que ele acha? — sussurrou o mais distante de Elkomoelhago ao vizinho, que encolheu desamparado os ombros e olhou para outro colega.

— O que foi, Gofoloso? — perguntou o Rei. — O que foi que você disse?

— Eu estava a ponto de observar que a menos que Zoanthrohago tivesse consultado em primeiro lugar nosso Todo-Augusto e Todo-Sábio governante e esteja agindo agora de acordo com seu julgamento, ele deve, necessariamente, perder a aposta — respondeu astutamente Gofoloso.

— Naturalmente — concordou o Rei. — Há algo de verdade no que você diz, Gofoloso. Zoanthrohago consultou-me. Fui eu quem descobriu o princípio vibratório que tornou a coisa possível. Fui eu quem resolveu de que modo deviam ser levado a efeito os primeiros experimentos. Até agora, não duraram. Mas acreditamos que a nova fórmula terá uma persistência de, pelo menos, trinta e

nove luas — e foi sobre isso que Zoanthrohago fez a aposta. Se ele se enganar, perderá mil escravos para Dalfastomalo.

— Maravilhoso! — exclamou Gofoloso. — Abençoados somos realmente, entre todos os povos, por termos um rei tão culto e sábio como Elkomoelhago.

— Você tem muito motivo para ser grato, Gofoloso — concordou o rei — mas coisa alguma será comparável com o que se seguirá ao sucesso dos meus esforços para aplicar este princípio de que estive falando, mas com resultados diametralmente opostos aos que até agora conseguimos. Mas trabalhamos no assunto, trabalhamos no assunto! Algum dia conseguiremos e eu darei a Zoanthrohago a fórmula que revolucionará Minuni. Nessa ocasião, com cem homens conquistaremos o mundo.

Elkomoelhago voltou subitamente a atenção para o escravo de túnica verde a alguns passos a sua frente. Observou-o atentamente e em silêncio durante vários minutos.

— De que cidade vem você? — perguntou finalmente o Rei.

— Oh, Todo-Glorioso Elkomoelhago — falou o líder da escolta — a pobre ignorante criatura é muda.

— Emite ela qualquer som? — perguntou o Rei.

— Nenhum desde que foi capturado, Senhor dos Homens — respondeu o guerreiro.

— Ele é um zertalacolol — declarou Elkomoelhago. — Por que toda essa tola excitação com uma dessas inferiores criaturas mudas?

— Vejam só — exclamou Gofoloso — com que rapidez e segurança o pai da sabedoria compreende todas as coisas, sondando o fundo de todos os mistérios, revelando-lhes os segredos! Não é isto maravilhoso?

— Agora que o Sol da Ciência brilhou, até mesmo os mais estúpidos podem ver que a criatura é realmente um zertalacolol — exclamou outro dos cortesãos. — Como era simples, e que

estupidez a de todos nós! Ah o que aconteceria a nós não fosse a gloriosa inteligência do Todo-Sábio!

— Ele não tem as feições dos zertalacolol — ponderou o Rei. — Vejam-lhe as orelhas. Não são as orelhas dos mudos, nem tampouco o cabelo. O corpo não é formado como o deles e ele tem uma cabeça modelada para armazenar conhecimentos e raciocinar. Não, ele não pode ser um zertalacolol.

— Maravilhoso — exclamou Gofoloso. — Eu não lhes disse! Elkomoelhago, nosso Rei, tem sempre razão.

— O mais estúpido pode ver facilmente que ele não é um zertalacolol agora que a divina inteligência do Rei tornou o assunto tão claro — exclamou o segundo cortesão.

Nesse momento, a porta em frente àquela pela qual Tarzan fora introduzido abriu-se e um guerreiro apareceu.

— Oh, Elkomoelhago, Rei de Veltopismakus — ronronou — vossa filha, a Princesa Ianzara, chegou. Ela quer ver o estranho escravo que Zoanthrohago trouxe de Trohanadalmakus e suplica a permissão real para entrar.

Elkomoelhago deu o assentimento com um sinal de cabeça.

— Conduza a Princesa até nossa presença — ordenou.

A Princesa devia estar escutando imediatamente do outro lado da porta, pois mal havia o Rei falado quando ela apareceu no umbral, seguida por duas outras jovens, atrás das quais havia uma meia dúzia de guerreiros. Ao vê-la os cortesãos se ergueram, mas não o Rei.

— Entre, Janzara — disse ele — e observe o estranho gigante que é mais comentado em Veltopismakus do que seu rei.

A Princesa atravessou a sala e postou-se diretamente em frente ao homem-macaco, que permaneceu de pé, como se conservara desde que entrara no aposento, com os braços cruzados sobre o vasto peito e uma expressão de absoluta indiferença no rosto. Lançou um olhar à princesa ao vê-la aproximar-se e notou que era



uma jovem muito bela. Exceto por ocasionais olhares a distância para algumas mulheres em Trohanadalmakus, era a primeira fêmea minuniana que conhecia. Possuía feições impecavelmente cinzeladas, com os macios cabelos pretos elegantemente penteados sob um diadema de grande beleza, incrustado de jóias. Tinha a pele clara, mais macia que o pêssego. Vestia-se inteiramente de branco, a cor apropriada para uma princesa virgem na corte do pai. O vestido, de tecido macio, caía em linhas retas e simples até os arcos dos pés. Tarzan olhou-a nos olhos. Cinzentos, embora as sombras de suas bastas pestanas os fizessem parecer muito mais escuros do que eram realmente. Procurou ali um indício de seu caráter, pois aí estava a jovem que seu amigo Komodoflorensal esperava desposar algum dia e fazer rainha de Trohanadalmakus. Por esse motivo, o homem-macaco estava interessado. Observou as belas sobrancelhas se contraírem subitamente.

— O que é que há com o animal? — exclamou a Princesa. — Ele é feito de madeira?

— Ele não fala nem entende língua alguma — explicou-lhe o pai. — E não emitiu som algum desde que foi capturado.

— É um bruto feio e mal-humorado — disse a Princesa. — Aposto que o farei emitir um som, e isto logo. — Com o que tirou uma fina adaga do cinto e mergulhou-a no braço de Tarzan. Com tal rapidez agiu, que seu ato tomou de surpresa a todos os que o presenciaram. Mas ela dera ao Senhor das Selvas um aviso imediato nas poucas palavras que pronunciara antes de atacar, e foi o suficiente. Não pôde desviar o golpe, mas pôde evitar, e evitou, a satisfação de ver o sucesso do cruel experimento, pois nenhum som emitiu. Talvez ela viesse a feri-lo novamente, pois ficou furiosa. O Rei, porém, falou-lhe secamente:

— Basta, Janzara! Não queremos que mal algum aconteça a este escravo, com que estamos fazendo um experimento que significa muito para o futuro de Veltopismakus.

— Ele ousou olhar-me nos olhos — gritou a Princesa — e recusou-se a falar quando sabia que isto me daria prazer. Ele deve

ser executado!

— Ele não é seu para que o mande matar — retrucou o Rei. — Ele pertence a Zoanthrohago.

— Eu o comprarei — disse. E voltando-se, para um dos guerreiros: — Traga Zoanthrohago!

# Capítulo 10

No momento em que Esteban Miranda recobrou os sentidos, a fogueira em frente do seu rude abrigo estava praticamente reduzida a um monte de cinzas frias e já era quase manhã. Levou a mão à cabeça e descobriu que o cabelo espesso estava empastado de sangue coagulado. Encontrou outra coisa — um grande caroço no couro cabeludo, que o fez estremecer, sentir-se atordoado e desmaiar novamente. Ao reabrir pela segunda vez os olhos já era dia claro. Olhou interrogativamente em volta. Onde se encontrava? Chamou alguém em voz alta, em espanhol — chamou uma mulher com um nome musical. Não, Flora Hawkes, mas um doce nome espanhol que Flora nunca ouvira.

Sentava-se nesse momento e observou a própria nudez com evidente surpresa. Apanhou a tanga que fora cortada de seu corpo. Olhou em volta pelo chão com olhos embotados, estúpidos, inquiridores. Viu as armas e, apanhando-as, examinou-as. Durante longo tempo ficou com elas nas mãos, observando-as, com as sobancelhas contraídas em pensamentos. Repetidas vezes voltou à faca, à azagaia, ao arco e às flechas.

Olhou em volta para a selva e a expressão de surpresa que havia em sua face aprofundou-se. Pôs-se de joelhos. Um surpresa roedor passou correndo pela clareira. Ao vê-lo, o homem agarrou o arco e ajustou uma flecha. O animal, porém, desapareceu antes que ele pudesse soltar o dardo. Ainda ajoelhado e aprofundou-se a expressão confusa de seu semblante, olhou com mudo espanto para a arma que segurava com tanto conhecimento. Levantou-se, agarrou a azagaia, a faca e o resto das flechas e partiu para a floresta.

A uns cem metri os do abrigo encontrou um leão alimentando-se com a carcaça de uma presa, que arrastara para umas moitas próximas da larga trilha de elefantes ao longo da qual andava. O leão rosnou ameaçadoramente. O homem parou, escutando

atentamente. Estava ainda confuso, mas apenas por um momento permaneceu imóvel na trilha. Com o salto de uma pantera, subiu para os ramos baixos da árvore mais próxima. Ali agachou-se durante alguns minutos. Viu Numa, o leão, comendo a carcaça de algum animal — qual, não podia saber. Após algum tempo, o homem saltou silenciosamente da árvore e penetrou na floresta na direção oposta a que, de início, escolhera por acaso. Estava nu, mas não sabia disto. Os diamantes haviam desaparecido. Mas ele não os teria identificado se tivesse visto um deles. Uhha deixara-o, mas não sentia falta dela, pois não sabia que ela jamais existira.

De modo cego, mas ainda eficiente, seus músculos reagiram a cada pressão feita sobre eles em nome da primeira lei da natureza, Não soubera por que saltara para a árvore ao som do rosnado de Numa, nem poderia ter dito por que caminhara em direção oposta quando o viu deitado com a presa. Não sabia que sua mão saltava para uma arma a cada novo som e movimento na selva circundante.

Uhha havia derrotado suas próprias finalidades. Esteban Miranda não estava sendo punido por seus pecados pela razão muito boa de que não estava consciente de pecados ou de qualquer existência. Uhha matara-lhe a mente objetiva. Possuía agora no cérebro um arquivo de memórias que nunca mais seriam elevadas acima do limiar da consciência. Quando acionado pelas forças apropriadas, elas estimulavam os nervos que controlavam os músculos, com resultados aparentemente idênticos àqueles que se teriam seguido se fosse capaz de raciocinar. Uma emergência além da experiência que possuía, em conseqüência, tê-lo-ia deixado inerte, embora totalmente ignorante de sua impotência. Era quase como se um morto caminhasse pela selva. Às vezes, continuava a marcha em silêncio; outras, falava como criança em espanhol ou, talvez, recitasse páginas inteiras de Shakespeare em inglês.

Se Uhha o tivesse visto naquele momento, mesmo ela, a pequena canibal selvagem, poderia ter sentido remorso ao ver o horror de seu trabalho, tornado ainda mais horrível porque sua miserável vítima desconhecia-o inteiramente. Uhha. porém, não

estava ali para ver, nem qualquer outro mortal. E a pobre argila que fora outrora um homem andava sem destino pela selva, matando e comendo quando os nervos apropriados eram excitados, dormindo, conversando, andando como se vivesse como os demais homens. E assim, observando-o de longe, vêmo-lo desaparecer entre a luxuriante folhagem de uma picada na floresta.

A Princesa Janzara de Veltopismakus não comprou o escravo de Zoanthrothago. O pai, o Rei, não o permitira. Furiosa, saiu do aposento onde fora examinar o cativo. Logo que entrou no aposento seguinte e se pôs fora do alcance da visão do pai, voltou-se e fez uma careta em sua direção, prorrompendo em risadas todos guerreiros e as aias.

— Tolo! — sussurrou na direção do pai inconsciente de seus gestos. O escravo será meu e mandarei matá-lo, se quiser.

Os guerreiros e as aias inclinaram a cabeça em sinal de aprovação.

O Rei Elkomoelhago levantou-se languidamente da cadeira.

— Levem-no para as pedreiras — disse, indicando Tarzan com um movimento do polegar. — Mas digam ao oficial encarregado que o rei deseja que ele não seja explorado demais nem ferido. — No momento em que o homem-macaco foi levado por uma porta, o rei saiu do aposento por outra, curvando-se os seis cortesãos segundo o estranho costume minuniano até que ele desapareceu. Um deles dirigiu-se rapidamente até a porta através da qual Elkomoelhago havia desaparecido, encostou-se na parede ao lado da porta e escutou durante um momento. Aparentemente convencido, cautelosamente enfiou a cabeça pelo umbral da porta até poder observar o aposento contíguo com um único olho. Voltou-se para os companheiros.

— O débil mental foi-se — anunciou, embora num sussurro que teria sido inaudível além do aposento em que foi pronunciado, pois, mesmo em Minuni, haviam aprendido que paredes têm ouvidos,

embora dessem forma diferente ao ditado, dizendo: Não confies nem mesmo na lealdade das pedras de teu quarto.

— Vocês já viram uma criatura dotada de vaidade tão delirante? — perguntou um deles.

— Ele se julga mais sábio não só do que qualquer homem, mas de todos os homens reunidos — disse outro. — Certas vezes, penso que não lhe posso tolerar por mais tempo a arrogância.

— Mas tolerará, Gefasto — disse Gofoloso. — Ser Chefe dos Guerreiros de Veltopismakus é um cargo rico demais para ser jogado fora sem um segundo pensamento.

— Quando o indivíduo, ao mesmo tempo, joga também fora a vida — acrescentou Torndali, Chefe das Pedreiras.

— Mas que colossal imprudência a dele! — disse outro, Ma' kahago, Chefe dos Edifícios. — Ele não teve mais participação no sucesso de Zoanthrothago do que eu e, apesar disso, reivindica todo sucesso para si mesmo e lança a culpa de todos os fracassos sobre Zoanthrothago.

— A glória de Veltopismakus está ameaçada pelo seu egoísmo — exclamou Throwaldo, Chefe da Agricultura. — Escolheu-nos como seus conselheiros, seis príncipes, cujos conhecimentos dos seus vários departamentos é maior do que o de qualquer outro indivíduo e cujos conhecimentos combinados das necessidades de Veltopismakus e dos assuntos do Estado deveriam formar um anteparo contra os erros monumentais que ele constantemente comete. Mas jamais ouve nossos conselhos. Considera oferecê-los uma usurpação de suas prerrogativas reais; insistir neles, pouco menos do que traição. Pôr em dúvida seu julgamento implica cortejar a ruína. Que utilidade temos para Veltopismakus? O que, forçosamente, o povo do Estado pensará de nós?

— Todos sabemos o que pensa de nós — respondeu secamente Gofoloso. — Diz que fomos escolhidos não pelo que sabemos, mas pelo que desconhecemos. Nem podemos censurá-lo. Eu, um criador de diadetes, senhor de dez mil escravos que cultivam o solo e

produzem metade de todos os alimentos que a cidade consome, sou escolhido Chefe dos Chefes, preenchendo um cargo de que não gosto e para o qual não tenho preparo, enquanto Throwaldo, que mal distingue a parte superior de uma verdura de suas raízes, é Chefe da Agricultura. Makahago dirigiu os escravos das pedreiras durante cem luas e é transformado em Chefe das Construções, enquanto Torndali, considerado o maior construtor de nossa época, é Chefe das Pedreiras. Apenas Gefasto e Vestako conhecem seus departamentos. O Rei escolheu sabiamente Vestako como Chefe do Domo Real, para que seu real conforto e segurança sejam garantidos. Mas, em Gefasto, cometeu ele a sua maior cincada! Elevou um alegre jovem amante dos prazeres ao cargo de Comandante do Exército de Veltopismakus e descobriu em seu novo Chefe dos Guerreiros um gênio militar tão grande como os maiores que Veltopismakus jamais produziu.

Gefasto inclinou a cabeça ao receber o cumprimento.

— Não tivesse sido por Gefasto, os trohanadalmakusianos nos teriam quase encurralado naquele outro dia — continuou Gofoloso.

— Aconselhei o Rei a desistir do ataque — disse Gefasto — logo que se tornou evidente que não havíamos conseguido surpreendê-los. Devíamos ter-nos retirado. Somente depois de avançarmos, e quando me livreí dele, pude dirigir a luta sem interferência e, como vocês viram, desembarcei sem demora as tropas e retirei-as com tão pouca perda de homens e prestígio quanto possível.

— E foi nobremente feito, Gefasto — disse Torndali. — As tropas o adoram. Gostariam de um rei que as levassem à batalha como você poderia conduzi-las.

— E os deixasse beber vinho, como antigamente — interrompeu Markahago.

— Todos nós cerraríamos fileiras em torno de um rei que nos permitisse o prazer inocente do vinho — disse Gofoloso. — O que é que você diz disto, Vestako?

O Chefe do Domo Real, o mordomo do rei, que permanecera silencioso durante toda a acusação a seu senhor, sacudiu negativamente a cabeça.

— Não é prudente falar em traição no momento — disse. Os três olharam-no espantados e trocaram rápidos olhares.

— Quem é que falou em traição, Vestako? — indagou Gofoloso.

— Vocês todos chegaram muito perto dela para que estejam seguros — disse o untuoso Vestako. Falava em voz muito mais alta do que os demais, pois, muito longe de ter receio de ser ouvido, nutria a esperança de que o fosse. — Elkomoelhago tem sido bom para nós. Encheu-nos de honrarias e riquezas. Nós somos muito poderosos. Ele é um governante sábio. Quem somos nós para pôr em dúvida a sabedoria dos seus atos?

Pouco à vontade, os demais olharam em volta. Gofoloso riu e havia nervosismo em seu riso.

— Você sempre foi lento em compreender uma brincadeira, meu bom Vestako — disse. — Não pode compreender que lhe estávamos pregando uma peça?

— Não posso — respondeu Vestako. — Mas o Rei tem excelente senso de humor. Repetirei a piada para ele e, se ele rir, eu rirei também, pois saberei que é, realmente, uma piada. Mas gostaria de saber sobre quem será a piada!

— Oh, Vestako, não repita o que dissemos. Não, ao rei. Ele poderia não compreender. Nós somos bons amigos e a piada foi dita apenas entre amigos. — Gofoloso estava, era evidente, perturbado. Falava com grande rapidez. — Por falar nisso, meu bom Vestako, acabei de lembrar-me agora mesmo de que outro dia você admirou um dos meus escravos. Resolvi dá-lo a você. Se o aceitar, é seu.

— Eu admiro uma centena de seus escravos — disse Vestako suavemente.

— Eles são seus, Vestako — disse Gofoloso. — Venha comigo e escolha-os. É um prazer dar a meu amigo um presente tão banal.



Vestako olhou com olhos firmes para os outros quatro. Mexeram-se inquietos nas cadeiras em momentâneo silêncio, quebrado por Throwaldo, Chefe da Agricultura:

— Se Vestako aceitasse cem dos meus pobres escravos eu ficaria delirante de alegria — disse.

— Espero que sejam escravos de túnica branca — disse Vestako.

— Serão — prometeu Throwaldo.

— Não posso ser superado em generosidade — disse Torndali. — Você precisa aceitar cem escravos meus.

— E de mim! — exclamou Makahago, Chefe dos Edifícios.

— Se vocês os enviarem ao meu escravo-chefe nos meus aposentos antes que o Sol penetre no Corredor dos Guerreiros ficarei imensamente grato — disse Vestako, esfregando as palmas das mãos e sorrindo untuosamente. Olhou em seguida de modo rápido e sugestivo para Gefasto, Chefe dos Guerreiros de Veltopismakus.

— O melhor que eu posso fazer para mostrar minha amizade pelo nobre Vestako — disse Gefasto, com a fisionomia séria — é assegurar-lhe de que, se possível, impedirei meus guerreiros de enfiar-lhe uma adaga entre as costelas. Caso algum mal me ocorra, contudo, temo que não possa ser responsável pelos atos desses homens, que, segundo ouvi dizer, amam-me. — Durante um momento, olhou Vestako bem dentro dos olhos e, em seguida, deu-lhe as costas e saiu do aposento.

Dos seis que compunham o Conselho Real, Gefasto e Gofoloso eram os mais valentes, embora mesmo eles lisonjeassem o vaidoso e arrogante Elkomoelhago, cujos poderes despóticos transformavam-no em inimigo extremamente perigoso. O costume e a lealdade inerente à família real, além daquele que é mais potente dos meios humanos — o auto-interesse — os mantinham ao serviço do rei. Há tanto tempo vinham conspirando contra ele, porém, e tão geral era o descontentamento na cidade, que cada um deles julgava que podia tornar-se mais ousado com impunidade.

Torndali, Makahago e Throwaldo, tendo sido escolhido pelo Rei pela suposta subserviência e tendo, ao contrário de Gefasto e Gofoloso, justificado as expectativas reais, pouco contavam no rol das coisas, de uma maneira ou de outra. Tal como a maioria dos nobres veltopismakusianos sob o reinado de Elkomoeelho, haviam-se entregue à corrupção, e o auto-interesse lhes orientava cada ato e pensa-

mento. Gefasto desconfiava deles, pois sabia que podiam ser comprados mesmo quando professavam virtude. E Gefasto entregara-se ao estudo dos homens desde o sucesso que obtivera com os guerreiros da cidade — um êxito que o surpreendia tanto quanto aos demais — implantando o conhecimento da crescente insatisfação entre o povo no solo fértil de um cérebro viril e a idéia de que Veltopismakus estava madura para nova dinastia.

Sabia que Vestako era um conhecido e desavergonhado recebedor de propinas. Não acreditava que houvesse um cabelo honesto na cabeça daquele homem, mas ficara surpreso com a velada ameaça de denúncia que usara para despojar os colegas.

— Infeliz, realmente, tem sido a sorte de Veltopismakus — disse a Gofoloso ao descerem os dois o Corredor dos Guerreiros depois de terem deixado a Câmara do Conselho do Rei.

— Exemplificada pela ...? — perguntou o Chefe dos Chefes.

— Pela infâmia de Vestako. Ele não se preocupa nem com o Rei nem com o povo. Por escravos ou ouro, trairia ambos. E Vestako é típico da maioria de nós. A amizade não é mais sagrada, e mesmo de Throwaldo ele cobrou um pagamento pelo silêncio. E sabe-se que Throwaldo é o seu melhor amigo.

— O que foi que nos trouxe à tal situação, Gefasto? — perguntou Gofoloso com ares pensativos. — Alguns a atribuem a uma causa e outros a uma segunda. E embora não haja em Veltopismakus um homem mais capaz de responder às minhas próprias perguntas do que eu confesso que estou desarvorado. Há várias teorias, mas duvido de que a correta já tenha sido exposta.

— Se alguém me perguntasse, Gofoloso, e se você me perguntasse, eu responderia a ele, como estou a responder-lhe, que o problema de Veltopismakus é excesso de paz. A prosperidade segue-se à paz — prosperidade e excesso de ócio. O tempo deve ser ocupado. Quem o ocuparia no trabalho, mesmo no trabalho de preparar-se para defender a paz e a prosperidade, quando pode ser ocupado sem dificuldade na busca dos prazeres? A prosperidade material que se seguiu à paz deu-nos meios de satisfazer a todos os caprichos. Ficamos saciados com coisas que, ontem, considerávamos luxos a serem desfrutados com economia e em ocasiões raras. Em vista disso, fomos forçados a inventar novos caprichos a serem atendidos. E pode ter a certeza de que eles se tornaram mais e mais extravagantes e exagerados em forma e conteúdo até que mesmo a nossa maravilhosa prosperidade sofra para atender às exigências de nossos apetites. A extravagância reina suprema. Repousa, como um incubo maligno, sobre o Rei e o governo. Para reparar os estragos que fez no Tesouro,

o peso do incubo é tirado das costas do governo e posto nas costas do povo sob a forma de impostos escorchantes que nenhum homem pode honestamente pagar e sobrar-lhe o suficiente para satisfazer seus apetites. E assim, sem escolher meios, ele transfere o fardo para os menos afortunados ou menos sabidos.

— Mas a maior tributação recai sobre os ricos — lembrou-lhe Gofoloso.

— Em teoria, mas não de fato — respondeu Gefasto. — É verdade que os ricos pagam a maior parte dos impostos ao Tesouro do Rei, mas, de início, cobram-nos dos pobres em preços mais altos e outras formas de extorsão, na proporção de dois jetaks por cada um que pagam ao coletor de rendas. O custo da coleta do imposto, acrescido da perda de receita pela abolição do vinho, e o custo de impedir os inescrupulosos de fabricá-lo e vendê-lo ilegalmente, reduziriam, se voltassem aos cofres do governo, de tal modo nossos impostos, que eles não seriam fardo para pessoa alguma.

— E você acha que isso solucionaria nossos problemas e devolveria a felicidade a Veltopismakus? — perguntou Gofoloso.

— Não — replicou o outro príncipe. — Precisamos de guerra. Já que descobrimos que não há felicidade duradoura na paz ou na virtude, precisamos de um pouco de guerra e de um pouco de pecado. O pudim feito de um único ingrediente é enjoativo e precisa ser temperado, condimentado. E antes de podermos desfrutar do prazer de comê-lo até o fim, devemos ser forçados a desejá-lo. A guerra e o trabalho, as duas coisas mais desagradáveis do mundo, são, apesar de tudo, as mais essenciais à felicidade e à existência de um povo. A paz reduz a necessidade de mão-de-obra e induz o desmazelo. A guerra completa o trabalhador para que seus estragos sejam removidos. A paz transforma-nos em gordos vermes. A guerra torna-nos homens.

— A guerra e o vinho, então, devolveriam a Veltopismakus o antigo orgulho e felicidade, é isto o que pensa? — riu Gofoloso. — Que incendiário você se tornou desde que assumiu o comando de todos os guerreiros da cidade!

— Você me entendeu mal, Gofoloso — disse Gefasto, com toda paciência. — A guerra e o vinho sozinhos nada conseguirão, salvo nossa ruína. Nada tenho contra a paz, a virtude, ou a temperança. A minha divergência é contra os teóricos desorientados que pensam que a paz apenas, a virtude apenas, ou a temperança apenas farão uma nação forte, viril e contente. Essas qualidades devem ser misturadas com a guerra, o vinho, o pecado e um grande volume de trabalho árduo... especialmente trabalho árduo... e se nada houver, salvo paz e prosperidade, pouca necessidade há de trabalho árduo e somente o homem excepcional trabalha arduamente quando não é obrigado a tanto. Mas, escute, você deve andar depressa para entregar os cem escravos a Vestako antes que o sol penetre no Corredor dos Guerreiros, ou ele contará a sua pequena piada a Elkomoelhago.

Um sorriso melancólico apareceu no rosto de Gofoloso.

— Algum dia — disse — ele pagará por esses cem escravos e o preço será muito alto.

— Se o amo cair — disse Gefasto.

— Quando cair! — corrigiu Gofoloso.

O Chefe dos Guerreiros encolheu os ombros, embora tenha sorrido contente, e sorria ainda quando entrou num corredor de ligação e continuou seu caminho.

# Capítulo 11

Tarzan dos Macacos foi levado em linha reta do Domo Real para as pedreiras de Veltopismakus, que se situam a quatrocentos metros do mais próximo dos oito domos que constituem a cidade. Um nono estava em construção e era para ele que a fila de escravos carregados de pedras coleava a partir da entrada da pedreira à qual foi conduzido o homem-macaco. Imediatamente abaixo da superfície, numa câmara bem iluminada, foi entregue ao comandante da guarda, juntamente com as instruções do Rei.

— Seu nome? — perguntou o oficial, abrindo um grande livro depositado sobre a mesa à qual se sentava.

— Ele é tão estúpido como um zertalacolol — explicou o comandante da escolta. — Por conseguinte, não tem nome.

— Nós o chamaremos então de O Gigante — disse o oficial — pois como tal foi conhecido desde sua captura — e escreveu Zuanthrol, indicando Zoanthrohago como proprietário e Trohanadalmakus como cidade de origem. Voltou-se, então, para um dos guerreiros que mandriavam num banco próximo. — Leve-o à turma de madeira na ampliação do túnel treze, no trigésimo sexto nível, e diga ao Vental encarregado para dar-lhe trabalho leve e providenciar para que nenhum mal lhe ocorra, pois tais são as ordens do thagosoto. Ande! Mas, espere! Eis aqui o número. Prenda-o no ombro dele.

O guerreiro recebeu o pedaço circular de tecido com hieróglifos pretos e gravados, afixou-os no ombro de Tarzan com um grampo de metal e, em seguida, com um gesto, disse-lhe que o seguisse.

Tarzan penetrou num corredor curto e escuro, que logo em seguida se abriu para outro mais largo e mais iluminado ao longo do qual caminhavam inumeráveis escravos descarregados, movendo-se todos na mesma direção em que o guarda o escoltava. Notou que o chão do corredor apresentava um declive constante e

que se voltava sempre para a direita, formando uma grande espiral que mergulhava na terra. As paredes e o teto eram revestidos de madeira, e o assoalho, pavimentado com pedras chatas, amaciadas pelos milhões de pés cobertos de sandálias que passavam por elas. A intervalos bem freqüentes, havia velas em nichos na parte esquerda da parede e, também, a intervalos regulares, outros corredores que para ali se abriam. As aberturas eram encimadas por mais estranhos hieróglifos de Minuni. Conforme Tarzan viria a aprender depois, as indicações designavam os níveis em que se encontravam os túneis e conduziam aos corredores circulares que cercavam a principal pista em espiral. Desses corredores circulares partiam os numerosos túneis horizontais que conduziam às frentes de trabalho em cada nível. Poços de ventilação e saídas de emergência perfuravam os túneis a várias distâncias, correndo da superfície até os níveis mais baixos da pedreira.

Em quase todos os níveis alguns escravos viravam para os túneis laterais, sempre bem iluminados, embora não tão brilhantemente como a espiral. Logo depois de terem iniciado a descida, Tarzan, acostumado desde a infância à atenta observação das coisas, começara a tomar nota dos números das entradas de túneis por onde passava. Mas podia apenas conjecturar sobre a diferença nas profundezas dos níveis para os quais se abriam. Um cálculo aproximado sugeria quatro metros e meio, mas antes de alcançarem o trigésimo sexto, no qual viraram, Tarzan pensou que devia haver um erro nos cálculos, pois tinha certeza de que não poderia estar a cento e setenta metros de profundidade, abaixo da superfície da terra, sem velas e ventilação forçada.

O corredor horizontal em que entraram após terem deixado a espiral curvava-se em ângulo quase reto para a direita e, em seguida, voltava à esquerda. Pouco depois, a passagem cruzava um amplo corredor circular pelo qual caminhavam escravos carregados e descarregados, além dos quais viu duas filas, os carregados com pedras, que se moviam para a direção da qual ele viera, enquanto os outros, transportando madeira, caminhavam na mesma direção que ele. Em ambas as filas havia escravos descarregados.

Após percorrer durante considerável distância o túnel horizontal, alcançaram, por fim, o grupo de trabalho. Tarzan foi entregue ao Vental, um guerreiro que, na organização militar dos minunianos, comandava dez homens.

— Então, este é O Gigante! — exclamou o Vental. — E não podemos puxar muito por ele. — Falava em tom desagradável, de zombaria. — Que gigante! — bradou. — Ora, ele não é mais alto do que eu e, de quebra, têm receio de que trabalhe muito. Ouça, ele vai trabalhar aqui ou provará o chicote. Kalfastoban não admite preguiçosos. — E bateu no peito com jactância.

O guarda que o trouxera pareceu repugnado.

— Você faria bem, Kalfastoban — disse, dando-lhe as costas para voltar à casa da guarda — em prestar atenção às ordens do Rei. Eu odiaria estar no seu lugar se alguma coisa acontecesse a este escravo mudo, que provocou comentários de todo mundo em Veltopismakus e tornou Elkomoelhago tão ciumento de Zoanthrohago que mandaria enfiar uma faca entre as costelas dele se não soubesse que era impossível roubar os aplausos recebidos pelo grande sábio.

— Kalfastoban não teme rei algum — vociferou o Vental — e ainda menos o triste espécime que enodoa o trono de Veltopishago. Ele não engana ninguém. Todos sabemos que Zoanthrohago é seu cérebro e que Gefasto é sua espada.

— Apesar disso — avisou o outro — tome cuidado com o Zuanthrol. — E saiu.

Kalfastoban pôs o novo escravo a trabalhar no revestimento de madeira dos túneis que estavam sendo escavados a partir da grande morena que formava a pedreira. A fila de escravos que vinha da superfície com as mãos vazias descia de um lado do túnel até o fim, soltava cada um deles uma rocha ou, se pesada demais, dois escravos, e voltavam subindo o túnel pelo lado oposto, levando as cargas de volta à pista espiral usada pelos que deixavam as frentes de trabalho e, sempre para cima, até o novo domo. A terra, uma argila leve que enchia os interstícios entre as rochas na



morena, era socada na abertura por trás do madeirame da parede, sendo o túnel deliberadamente aberto com largura suficiente para permitir tal operação. Certos escravos eram designados para esse trabalho; outros transportavam tábuas cortadas nas dimensões certas pela turma apropriada, da qual fazia parte Tarzan. A turma, composta de três pessoas, precisava apenas cavar uma estreita e rasa vala sobre a qual colocava o pé de cada tábua, ajustava-a no lugar certo e corria o madeira-mento do teto sobre elas. Na extremidade de cada tábua do teto havia uma trava, previamente presa à superfície, que impedia o madeirame da parede de cair após ter sido posto no lugar. A areia socada por trás dele prendia-o sólidamente no lugar, constituindo o conjunto um ancoramento seguro e de construção rápida.

O trabalho era leve para o homem-macaco, embora ele ainda estivesse fraco em consequência dos ferimentos. E dava-lhe oportunidade de observar com grande freqüência tudo que ocorria em volta e reunir novas informações a respeito do povo em cujo poder se encontrava. Classificou logo Kalfastoban como um fanfarrão falador, de quem coisa alguma se precisaria temer durante a rotina do trabalho diário, mas que mereceria ser observado se, por acaso, surgisse oportunidade para que ele desse um espetáculo de autoridade ou força física diante dos olhos dos superiores.

Os escravos trabalhavam sem parar, mas não davam impressão de fazê-lo acima de suas forças. Os guardas, que estavam sempre por perto, a razão de um guerreiro por cada quinze escravos, não revelavam, por sua vez, brutalidade no tratamento que davam às pessoas sob sua custódia, tanto quanto Tarzan pôde observar.

O fato que mais o deixou perplexo, desde o momento em que recobrou a consciência, foi a estatura dessas pessoas. Não eram pigmeus, mas homens de altura igual aos europeus comuns. Não havia ninguém tão alto como o homem-macaco, mas não faltavam muitos que precisavam apenas de centímetros para alcançá-lo. Sabia que eram veltopismakusianos, o mesmo povo que vira em combate com os trohanadalmakusianos. Falavam em tê-lo

capturado na batalha que fora travada; chamavam-no de Zuanthrol, O Gigante, embora fossem da mesma altura que ele. E quando deixara o Domo Real a caminho da pedreira vira-lhes os gigantescos domos elevando-se a cento e vinte metros de altura sobre sua cabeça. Embora fosse tudo absurdo e impossível, ele tinha o testemunho de todas suas faculdades de que aquilo era a verdade. Pensar no caso servia apenas para confundi-lo e resolveu renunciar a decifrar o mistério e dedicar-se à coleta de informações a respeito de seus captores e da prisão, aguardando a ocasião, que sabia que algum dia viria, em que os meios de fuga se ofereceriam aos vivos e agudos instintos do animal selvagem que, no coração, ele sempre se considerara.

Em toda parte em que fora em Veltopismakus, e entre todos os que ouvira referir-se ao assunto, pareceu-lhe que o povo, de modo geral, estava insatisfeito com o rei e o governo. E sabia que, entre um povo descontente, a eficiência estaria no ponto mais baixo e a disciplina desmoralizada de tal maneira que, caso observasse sem perder detalhe, descobriria por fim a oportunidade que procurava graças à frouxidão dos responsáveis por sua guarda. Não esperava o acontecimento naquele dia ou no seguinte, mas o hoje e o amanhã eram os dias sobre os quais devia lançar os alicerces da observação que, por fim, revelhar-lhe-iam uma rota de fuga.

Ao aproximar-se o fim do longo dia de trabalho, os escravos eram conduzidos para suas acomodações que, descobriu Tarzan, ficavam sempre em níveis próximos àqueles onde trabalhavam. Ele, em companhia de diversos outros escravos, foi conduzido ao trigésimo quinto nível e levado por um túnel, a extremidade do qual fora ampliada para as proporções de uma grande câmara. A estreita entrada da câmara tinha sido fechada com pedras, exceto por uma pequena abertura, através da qual os escravos eram obrigados a rastejar na entrada e na saída. Logo que o último passava, a abertura era fechada por uma sólida porta, fora da qual dois guerreiros montavam guarda a noite inteira.

Uma vez no interior e de pé, o homem-macaco olhou em volta e descobriu encontrar-se numa câmara tão grande que parecia poder

acomodar sem dificuldade a grande massa de escravos, que devia montar em cinco mil almas de ambos os sexos. As mulheres preparavam alimentos sobre pequenas fogueiras, cuja fumaça se evolava de aberturas no teto. Em vista do grande número de fogueiras, causava espécie o pouco volume de fumaça, fato este, contudo, explicado pela natureza do combustível, uma madeira vegetal dura, sem impurezas. Mas, por que os gases libertados não os asfixiavam era coisa que o homem-macaco não podia compreender, como continuavam misteriosas as chamas das velas e o ar puro nas profundezas em que trabalhavam. As velas queimavam em nichos em todas as paredes e havia pelo menos uma meia dúzia das grandes no assoalho.

Os escravos eram de todas as idades, desde a infância até a meia-idade, mas não se viam figuras veneráveis entre eles. As peles das mulheres e crianças eram as mais alvas que Tarzan já vira. Observou-as espantado até que se lembrou de que alguns dos primeiros e todas as últimas jamais haviam visto a luz do dia desde o nascimento. As crianças nascidas naquele lugar subiriam à superfície algum dia, quando alcançassem uma idade que justificasse o começo do treinamento para as vocações que os seus amos lhes haviam designado. As mulheres capturadas em outras cidades, todavia, ali permaneceriam até que a morte as reclamasse, a menos que ocorresse o mais raro dos milagres — que fosse escolhida por um guerreiro veltopismakusiano como sua companheira. Mas isso era possibilidade difícil, mesmo remota, desde que os guerreiros, quase sem exceção, escolhiam as companheiras entre escravas de túnica branca, com as quais entravam em contato diário nos domos da superfície.

O rosto das mulheres trazia uma marca de tristeza que levantou uma espontânea onda de simpatia no peito do selvagem homem-macaco. Nunca, anteriormente, vira tal expressão de desesperança desenhada numa fisionomia.

Atravessando o aposento, muitos foram os olhares lançados em sua direção, pois era óbvio pelo seu bronzeado profundo que se tratava de um recém-chegado. Da mesma forma, algo havia nele

que o distinguia como argila diferente. Logo depois, sussurros começaram a passar de um grupo a outro da multidão, pois os escravos que com ele haviam entrado identificaram-no para os demais. E quem, mesmo nas entranhas da terra, não ouvira falar do maravilhoso gigante capturado por Zoanthrothago durante a batalha com os trohanadalmakusianos?

Logo depois, uma jovem, ajoelhada em frente a uma grelha onde assava um pedaço de carne, despertou-lhe a atenção e, com um gesto, chamou-o. Aproximando-se, notou que era muito bela, com uma pele de brancura translúcida, acentuada pelo preto retinto da lustrosa cabeleira.

— Você é o gigante? — perguntou.

— Eu sou Zuanthrol — respondeu ele.

— Ele me falou a seu respeito — disse a moça. — Eu cozinharei também para você. A menos — acrescentou com uma nota de embaraço — que haja outra que prefira que cozinhe para você.

— Não há pessoa alguma que eu prefira — assegurou-lhe Tarzan. — Mas quem é ele?

— Eu me chamo Talaskar — disse ela — mas o conheço apenas pelo número. Ele diz que enquanto permanecer escravo não tem nome, que usará sempre o número, que é Oitocentos Elevado à Terceira Mais Vinte e Um. — Observou-lhe o hieróglifo preso ao ombro. — Você tem nome?

— Chamam-me de Zuanthrol.

— Ah — disse ela — você é um homem alto, mas eu dificilmente o chamaria de gigante. Ele, também, é de Trohanadalmakus e tem mais ou menos sua altura. Nunca ouvi dizer que houvesse gigantes em Minuni com exceção daqueles que o povo chama de zertalacolols.

— Eu pensei que você fosse um zertalacolol — disse uma voz ao ouvido de Tarzan.

O homem-macaco voltou-se e viu um dos escravos com quem estivera trabalhando olhá-lo de maneira brincalhona e sorrir.

— Eu sou um zertalacolol para meus senhores — respondeu. O interlocutor alçou as sobrancelhas.

— Compreendo — disse. — Talvez você seja sábio. Não serei eu que o trairei — e continuou em seus negócios.

— O que foi que ele quis dizer com isso? — perguntou a moça.

— Não pronunciei palavra, até agora, desde que fui prisionado — explicou Tarzan — e pensam que sou mudo, embora tenha certeza de que não me pareço com um zertalacolol. Apesar disso, há quem insista que sou um deles.

— Eu nunca vi um deles — disse a moça.

— Teve sorte — respondeu Tarzan. — Nem são agradáveis de ver nem de conhecer.

— Mas eu gostaria de vê-los — insistiu ela. — Eu gostaria de ver qualquer coisa que fosse diferente destes escravos que vejo todos os dias.

— Não perca a esperança — encorajou-a Tarzan — pois, quem sabe, é possível que muito cedo você volte à superfície.

— Voltar — repetiu ela. — Eu nunca estive lá.

— Nunca estive na superfície Quer dizer, desde que foi capturada.

— Eu nasci nesta câmara — explicou ela — e nunca saí dela.

— Você é uma escrava de segunda geração e está ainda confinada às pedreiras. Não compreendo isto. Fui informado de que, em todas as cidades minunianas, os escravos de segunda geração recebem uma túnica branca e a relativa liberdade acima do solo.

— Não para mim. Minha mãe não o permitiu. Ela preferia que eu morresse a que me cassasse com um veltopismakusiano, ou outro escravo, como terei de fazer lá em cima na cidade.

— Mas como consegue evitá-lo? Os senhores certamente não deixam estas coisas à discrição dos escravos.

— Num local onde há tantos, um ou dois podem passar despercebidos para sempre e as mulheres, se mal favorecidas em aparência, não causam comentários de parte dos senhores. Meu nascimento nunca foi comunicado e eles não têm registro de minha existência. Minha mãe tirou um número para mim da túnica de um escravo que morreu e, desta maneira, não atraio atenção nas poucas ocasiões em que nossos senhores ou guerreiros penetram na câmara.

— Mas você não é desfavorecida... O seu rosto, decerto, atrairia atenção em qualquer parte — lembrou-se Tarzan.

Durante um instante ela lhe deu as costas, colocando as mãos no rosto e nos cabelos e, quando se voltou, o homem-macaco viu uma horrenda e enrugada megera para a qual homem nenhum olharia a segunda vez.

— Deus! — exclamou Tarzan.

Lentamente, o rosto da moça relaxou-se, reassumindo as linhas normais da beleza e, com rápidos e hábeis dedos, rearrumou o cabelo desgrenhado. Uma expressão que era quase sorriso apareceu-lhe nos lábios.

— Minha mãe ensinou-me isto — disse — para que, quando viessem e me examinassem, não me quisessem.

— Mas não seria melhor casar com um deles e viver uma vida de conforto lá em cima do que prolongar uma terrível vida aqui embaixo? — perguntou. — Os guerreiros de Veltopismakus não diferem muito, decerto, daqueles de seu próprio país.

Ela sacudiu a cabeça.

— Não para mim — disse. — Meu pai era da distante Mandalamakus. Minha mãe lhe foi roubada e, umas duas luas depois, eu nasci nesta câmara horrenda, longe do ar e da luz do sol de que minha mãe nunca se cansava de falar-me.

— E sua mãe? — perguntou Tarzan. Está aqui? A jovem sacudiu, triste, a cabeça.

Vieram buscá-la há vinte luas e levaram-na. Não sei o que lhe aconteceu.

— E os outros, não a trairão nunca? — indagou.

— Nunca! O escravo que traísse outro seria reduzido a pedaços pelos companheiros. Mas, venha, você deve estar com fome — e ofereceu-lhe a carne que estivera assando.

Tarzan teria preferido crua a sua carne mas não a quis ofender, agradeceu-lhe e comeu o que lhe foi oferecido, agachado em frente a ela, diante da grelha.

— É estranho que Aoponato não venha — observou ela, usando a palavra minuniana para Oitocentos Elevado à Terceira Mais Vinte e Um. — Ele nunca chegou tão tarde antes.

Um escravo musculoso, que se aproximara por trás das costas da moça, parará e olhava carrancudo para Tarzan.

— Talvez seja ele — disse Tarzan à jovem, indicando-o com um gesto.

Talaskar voltou-se com um rápido movimento, quase com uma luz feliz nos olhos. Mas logo que viu quem se encontrava às suas costas, mudou a expressão para outra de asco.

— Não — disse ela — não é ele.

— Está cozinhando para ele? — perguntou o indivíduo, apontando para Tarzan. — Mas não quer cozinhar para mim — disse, acusando-a, e não esperando uma resposta à pergunta, que parecia mais do que óbvia. — Quem é ele para que você cozinhe para ele? Ele é melhor do que eu? Você cozinhará também para mim.

— Há muita gente para cozinhar para você, Caraftap — respondeu Talaskar — e eu não o desejo fazer. Procure outra mulher. Até que haja homens demais temos liberdade de escolher aqueles para quem queremos cozinhar. E eu não o quero escolher.

— Se você sabe o que melhor lhe convém — rosnou o homem — você cozinhará para mim. Você será também minha companheira. Eu tenho direito a você porque lhe pedi muitas vezes antes que eles chegassem. De preferência a que eles a tenham, eu direi ao Vental amanhã a verdade a seu respeito e ele a levará. Você já conhece Kalfastoban?

A moça estremeceu.

— Eu darei um jeito para que Kalfastoban a consiga — continuou Caraftap. — Não permitirão que você continue aqui quando descobrirem que você se recusa a produzir mais escravos.

— Eu preferiria Kalfastoban a você — zombou a moça — mas nenhum dos dois me terá.

— Não fique tão certa assim — exclamou ele e, dando um passo à frente com rapidez, agarrou-a pelo braço antes que ela lhe pudesse escapar. Puxando-a para si, o homem tentou beijá-la. Em vão. Dedos de aço fecharam-se sobre o seu ombro, foi arrancado violentamente de sua vítima e lançado impiedosamente a doze passos de distância, aos trambolhões, estatelando-se no chão. Entre ele e a moça interpõe-se o estranho de olhos cinzentos e cabeleira negra.

Quase bremando de raiva, Caraftap levantou-se atabalhoadamente e atacou Tarzan — atacou-o como faz um touro louco, de cabeça baixa e olhos injetados.

— Por isso, você vai morrer! — gritou.



# Capítulo 12

O filho da Primeira Mulher caminhava orgulhosamente pela floresta. Garboso, carregava a azagaia e levava um arco e flechas presos a tiracolo nas costas. Atrás dele marchavam dez outros machos da mesma raça, armados de idêntica maneira, e cada um deles andava como se fosse dono da terra que pisava. Na direção deles, percorrendo a picada, embora ainda invisíveis, e sem que o som ou o odor lhes tivesse chegado, vinha uma mulher da própria espécie. Ela, também, andava com passadas intemoratas. Momentos depois, os olhos dela se estreitaram e ela parou, empinando as grandes orelhas chatas para escutar melhor. Farejou o ar. Homens! Passou da passada a trote e dirigiu-se para eles. Havia mais de um; havia vários. Se caísse sobre eles sem aviso, ficariam atordoados, confusos, e, sem dúvida, poderia agarrar um antes que fugissem. Se não, as pedras emplumadas à cintura derrubariam um deles.

Durante algum tempo houvera escassez de homens. Numerosas mulheres da tribo que haviam penetrado na floresta para capturá-los não haviam regressado. Ela mesma vira os cadáveres de diversas delas, jazendo na floresta. Perguntara-se o que as havia matado. Mas ali havia, por fim, homens, e desta vez não voltaria para a caverna de mãos abanando.

Em uma súbita volta da picada, avistou-os, mas percebeu também, desolada, que estavam ainda muito longe. Fugiriam, sem dúvida, se a vissem e estava a ponto de esconder-se, quando, compreendeu logo, era tarde demais. Um deles apontava para ela. Soltando um míssil da cinta e segurando com força a clava dirigiu-se para eles a passos rápidos e pesados. Ficou surpresa e satisfeita ao notar que nenhuma tentativa fizeram para fugir. Como deviam estar apavorados para permanecer em tal docilidade enquanto ela se chegava. Mas o que era isso? Avançavam ao seu encontro! E naquele momento divisou-lhes as expressões. Não havia medo ali

— apenas ódio e ameaça. Que coisas estranhas eram aquelas que levavam nas mãos' O que corria para ela, o mais próximo, parou e lançou uma vara de ponta afiada em sua direção. Outro parou e, pondo uma vara menor em diagonal com outra maior cujas pontas eram dobradas para trás com um pedaço de tendão, soltou a pequena vara com um rápido movimento. O dardo voou pelo ar e penetrou-lhe na carne sob um dos braços. Atrás dele, dois outros arremedam para ela, portando armas parecidas. Lembrou-se dos cadáveres das mulheres que vira na floresta e da escassez dos homens nas últimas luas e, embora fosse estúpida, não deixava de possuir capacidade de raciocínio. Comparando os fatos com as ocorrências dos últimos segundos, chegou a uma conclusão que a levou a afastar-se em passadas ressoantes para longe, na direção de onde viera, com tanta rapidez quanto podiam transportá-la as pernas cabeludas. Nem parou na louca corrida até que caiu exausta aos pés da própria caverna.

Os homens não a perseguiram. Não haviam ainda alcançado o estágio na emancipação que lhes daria coragem suficiente e confiança em si próprios para dominar por completo o medo hereditário que as mulheres lhes inspiravam. Afugentá-las era suficiente. Perseguir-las poderia equivaler a desafiar a Providência.

Logo que as outras mulheres da tribo viram a companheira cambalear até a caverna e perceberam que o estado dela era conseqüência do pavor e do esforço físico da longa fuga, agarraram as clavas e correram para a frente, dispostas a enfrentar e vencer o perseguidor, que imediatamente supuseram ser um leão. Leão algum apareceu, contudo, e algumas delas aproximaram-se da mulher que resfolegava de cansaço diante da caverna.

— Do que fugia? — perguntaram na linguagem simples dos sinais.

— Homens — respondeu ela.

Uma iniludível expressão de asco apareceu em cada face. Uma delas deu-lhe um pontapé; outra cuspiu nela.

— Havia muitos — disse-lhes — e eles ter-me-iam matado com as varas voadoras. Olhe! — E mostrou-lhes a ferida da lança e a flecha ainda embebida na carne sob o braço. — Não fugiram de mim. Avançaram e atacaram-me. Assim morreram todas as mulheres cujos corpos nós vimos na floresta durante as últimas luas.

A notícia perturbou-as. Deixaram de atormentar a prostrada mulher. A líder, a mais feroz do grupo, caminhou de um lado para outro, fazendo horríveis caretas. De súbito, parou.

— Venham! — disse em sinais. — Sairemos juntas, encontraremos esses homens, tra-lo-emos e os puniremos. — Sacudiu a clava sobre a cabeça e suas feições se contorceram numa horrível careta.

As demais dançaram em volta dela, imitando-lhe a expressão catos e, quando ela tomou a direção da floresta, seguiram-na enfileiradas, formando uma companhia selvagem e sedenta de sangue — todas, menos a mulher que continuava oprimida à boca da caverna, onde havia caído. Tivera o suficiente dos homens... e não queria saber mais deles pelo resto da vida.

— Por isso, você vai morrer! — bradou Caraftap, arremetendo contra Tarzan dos Macacos na longa galeria da senzala dos escravos na pedreira de Elkomoelhago, Rei de Veltopismakus.

O homem-macaco deu um rápido passo para o lado, evitando-o, e fê-lo cair com um pé, lançando-o de rosto no chão. Caraftap, antes de erguer-se, olhou em volta como se procurasse uma arma. Caindo seus olhos sobre a grelha quente, estendeu a mão e agarrou-a. Subiu um murmúrio de desaprovação entre os escravos, que, estando ocupados por ali, haviam presenciado todo o começo da discussão.

— Armas, não! — exclamou um deles. — Não é permitido entre nós. Lute com as mãos nuas, ou desista.

Caraftap, porém, estava embriagado demais pelo ódio e ciúme para escotá-los ou prestar-lhes atenção. Agarrou, portanto, a grelha e, erguendo-a, arremeteu contra Tarzan, para lançá-la em seu rosto. Nesta ocasião, foi outro que o fez cair estendendo o pé e, desta vez, dois escravos saltaram sobre ele e lhe tomaram a grelha das mãos.

— Lute lealmente! — advertiram-no, e puseram-no de pé. Tarzan permanecia sorridente e indiferente, pois a fúria dos demais o divertia quando era maior do que as circunstâncias justificavam. Esperava por Caraftap. Quando o adversário viu-lhe o sorriso, isto serviu apenas para aumentar-lhe a irritação e ele quase que saltou sobre o homem-macaco na loucura para destruí-lo. Tarzan enfrentou-o com a mais surpreendente das defesas que Caraftap, que durante longo tempo fora um ferrabras entre os escravos, jamais encontrara: um punho fechado na extremidade de um braço reto que o alcançou na ponta do queixo, lançando-o de costas no chão. Os escravos, que por essa ocasião haviam-se reunido em número considerável para observar a luta, manifestaram aprovação no agudo “Ee-ah-ee-ah”, que constituía uma das formas de aplauso.

Confuso e atordoado, Caraftap levantou-se cambaleante mais uma vez e, de cabeça baixa, olhou em volta como se à procura do inimigo. A moça Talaskar aproximara-se de Tarzan e olhava-o no rosto.

— Você é muito forte — disse ela, embora a expressão nos seus olhos dissessem mais ou, pelo menos, assim pareceu a Caraftap. Pareceu-lhe falar de amor, ao passo que era apenas a admiração que uma mulher normal sente pela força usada em prol de uma causa nobre.

Caraftap emitiu um som que pareceu mais o grunhido de um porco furioso e, mais uma vez, arremeteu contra o homem-macaco. Por trás deles, alguns escravos eram introduzidos no corredor e, uma vez que a abertura estava descerrada, um dos guerreiros por trás dela, que por acaso estava agachado, viu o que se passava no interior. Viu muito pouco, embora o que visse fosse suficiente — um

grande escravo com uma basta cabeleira negra levantando outro corpulento escravo bem acima da cabeça e lançando-o violentamente ao solo. O guerreiro, empurrando os escravos para o lado, correu pelo corredor e para o centro da câmara. Antes que lhe percebessem a presença, postou-se em frente a Tarzan e Talaskar. Era Kalfastoban.

— O que significa isto? — bradou e, em seguida: — Ah, ah! Compreendo. É o Gigante. Quer mostrar aos outros escravos como é forte? Olhou para Caraftap, que procurava, com esforço, levantar-se, e seu rosto tornou-se muito sombrio. Caraftap era seu favorito. — Tais coisas não são permitidas aqui, companheiro! — gritou, sacudindo o punho diante do rosto do homem-macaco, esquecendo na sua ira que o novo escravo nem falava nem compreendia coisa alguma. Logo depois, porém, lembrou-se e, com um gesto, disse a Tarzan que o seguisse. — Cem chicotadas explicarão a ele que não deve brigar — bradou em voz alta para ninguém em particular, mas olhando para Talaskar.

— Não o castigue — disse a moça, esquecendo-se de sua situação. — Foi tudo culpa de Caraftap, e Zuanthrol agiu em legítima defesa.

Kalfastoban não podia tirar os olhos do rosto da moça e, logo depois, percebendo o perigo que corria, ela corou, mas permaneceu onde estava, intercedendo pelo homem-macaco. Um sorriso tortuoso apareceu na boca de Kalfastoban e ele pousou uma mão íntima sobre o ombro da moça.

— Que idade tem? — perguntou. Ela lhe disse, tremendo.

— Procurarei seu amo e a comprarei — disse. — Não aceite companheiro.

Tarzan observava-a e pareceu-lhe que ela murchava, como murcha uma flor em atmosfera envenenada. Em seguida, Kalfastoban voltou-se para ele.

— Você não me pode compreender, sua besta estúpida — disse — mas posso dizer-lhe, e os que estão em volta podem escutar e,

talvez, desse modo evitar confusões. Desta vez, deixo-o escapar, mas se isto acontecer novamente, receberá cem vergastadas, ou pior ainda, talvez. Se ouvir dizer que você teve alguma coisa com esta moça, que eu tenciono comprar e levar para a superfície, será ainda pior para você. — E com as últimas palavras dirigiu-se para a entrada e passou para o corredor.

Partindo o Vental e fechada a porta da câmara, uma mão foi posta sobre o ombro de Tarzan e uma voz chamou-o por trás.

— Tarzan!

O nome soou estranho em seus ouvidos, no fundo da câmara sepultada sob o solo, numa cidade estrangeira e em meio de gentes estranhas, nenhuma das quais jamais lhe ouvira o nome. Ao voltar-se para o homem que o cumprimentava, uma expressão de reconhecimento e um sorriso de prazer espalharam-se pelo seu rosto.

— Kom!... — começou a dizer, mas o outro levou um dedo aos lábios. — Não, aqui — disse. — Aqui sou Aoponato.

— Mas sua estatura! Você é tão alto como eu. Não consigo compreender. O que aconteceu para dar à raça dos minunianos estas proporções relativamente gigantescas?

Komodoflorensal sorriu.

— O egoísmo humano não lhe permitirá atribuir a mudança a uma causa oposta do que aquela a que a atribuí — disse.

Tarzan contraiu as sobrancelhas e olhou durante longo tempo, pensativo, para o real amigo. Uma expressão em que se misturavam incredulidade e divertimento subiu-lhe gradualmente a seu rosto.

— Quer dizer — disse, medindo as palavras — que fui reduzido em tamanho à estatura de um minuniano?

Komodoflorensal inclinou afirmativamente a cabeça.

— Não é mais fácil de acreditar nisso do que pensar que uma raça inteira e todas suas posses, mesmo seus locais de resistência e

as pedras de que elas são construídas, todas suas armas e até seus diadetes, foram aumentados em tamanho até alcançar sua estatura?

— Mas eu lhe digo que isso é impossível! — exclamou o homem-macaco.

— Eu teria dito a mesma coisa há algumas luas — respondeu o Príncipe. — Mesmo quando ouvi o boato aqui que o haviam reduzido de tamanho, não acreditarei, não durante longo tempo, e estava ainda um pouco céptico quando entrei nesta câmara e o vi com meus próprios olhos.

— Como é que foi feito isso? — perguntou Tarzan.

— A mente mais poderosa de Veltopismakus, e talvez de toda Minuni, é a de Zoanthrohago — explicou Komodoflorensal. — Reconhecemos isto há muitas luas, pois, durante os intervalos ocasionais em que estamos em paz com Veltopismakus, há certo intercâmbio de idéias e mercadorias entre nossas duas cidades. Ouvimos falar, assim, das numerosas maravilhas atribuídas a este que é o maior dos walmaks.

— Nunca ouvi falar desse sábio em Minuni até agora — disse Tarzan, pois pensou que tal era o significado da palavra walmak, e talvez seja, tanto quanto pode ser traduzida. Um cientista que faz milagres seria, talvez, melhor definição.

— Foi Zoanthrohago quem o capturou — continuou Aoponato — cercando sua queda de meios simultaneamente científicos e miraculosos. Depois que você caiu, ele o fez perder a consciência e, enquanto se encontrava nessa situação, você foi arrastado até aqui por dezenas de diadetes atrelados a uma padiola improvisada na hora, construída com pequenas árvores amarradas com nós fortes umas às outras, depois de removidos os ramos. Somente depois que você estava em segurança aqui em Veltopismakus, Zoanthrohago começou a trabalhar para reduzir-lhe a estatura, utilizando aparelhos que ele mesmo construiu. Ouvi-os discutindo o assunto e dizem que não consumiu muito tempo.

— Tenho a esperança de que Zoanthrothago tenha o poder de desfazer tudo o que fez — disse o homem-macaco.

— Dizem que isto é duvidoso. Ele jamais foi capaz de tornar uma criatura maior do que fora antes, embora em seus numerosos experimentos tenha reduzido o tamanho de muitos animais inferiores. O fato é que — continuou Aoponato — procura meios de aumentar o tamanho dos veltopismakusianos de modo que eles possam dominar todos os povos de Minuni, mas conseguiu apenas formular um método que produz resultados que são o total oposto do que procura. Assim, se ele não pode ampliar a estatura dos outros, duvido que possa fazê-lo mais alto do que é agora.

— Eu ficaria bastante inerte entre os inimigos do meu próprio mundo — disse Tarzan em tons melancólicos.

— Não precisa aborrecer-se por isso, meu amigo — disse em voz carinhosa o Príncipe.

— Por quê? — perguntou o homem-macaco.

— Porque é mínima a possibilidade de que volte a seu povo — disse Komodoflorensal com certa tristeza. — Eu não tenho a menor esperança de ver Trohanadalmakus outra vez. Somente através da derrota completa de Veltopismakus pelos guerreiros de meu pai poderia eu alimentar a esperança de socorro, desde que coisa alguma pode dominar a guarda na entrada da pedreira. Muito embora capturemos amiúde escravos de túnica branca de cidades inimigas, é muito raro prendermos um de túnica verde. Somente em casos raros, de ataques de surpresa durante o dia, podem ocorrer, e apenas uma vez na vida de um homem, ou nunca.

— Você acredita que vamos passar o resto de nossas vidas neste buraco subterrâneo? — perguntou-lhe Tarzan.

— A menos que tenhamos oportunidade de ser usados como trabalhadores durante o dia na superfície, uma vez ou outra — respondeu o Príncipe de Trohanadalmakus com um sorriso irônico.

O homem-macaco encolheu os ombros.

— Isto veremos — disse.



Após a saída de Kalfastoban, Caraftap havia-se afastado manquejando para a extremidade mais distante da câmara, murmurando para si mesmo, com o rosto sombrio e carrancudo.

— Receio que ele vá causar-lhe problemas — disse Talaskar indicando o desapontado escravo com uma inclinação da bem conformada cabeça. — E lamento que tudo tenha acontecido por minha causa.

— Sua causa? — perguntou Komodoflorensai.

— Sim — disse a moça. — Caraftap ameaçava-me quando Aoponato interferiu e castigou-o.

— Aoponato? — indagou Komodoflorensai.

— O meu número — explicou Tarzan.

— E foi por causa de Talaskar que vocês estiveram brigando? Eu lhe agradeço, meu amigo. Lamento não ter estado aqui para protegê-la. Talaskar cozinha para mim. É uma boa moça. — Komodoflorensai olhava-a enquanto falava e Tarzan notou que os olhos dela baixavam e que delicado rubor lhe subia ao rosto. Compreendeu a situação e sorriu.

— Então este é o Aoponato de quem me falou? — perguntou Talaskar.

— Sim, é ele.

— Sinto muito ter sido capturado, mas é bom encontrar um amigo aqui — disse o homem-macaco. — Nós três poderemos descobrir algum plano de fuga. — Mas eles sacudiram as cabeças, com uma expressão de tristeza nos sorrisos.

Durante algum tempo, depois de terem feito a refeição, continuaram a conversar, participando algumas vezes outros escravos, pois Tarzan fizera muitos amigos ali desde que castigara Caraftap. Teriam conversado a noite inteira se o homem-macaco não tivesse perguntado a Komodoflorensai quais eram os costumes de dormida dos escravos.

Komodoflorensai riu e apontou aqui e ali para figuras deitadas sobre o duro chão de terra. Homens, mulheres e crianças dormiam, na maior parte, no local onde haviam feito a refeição da noite.

— Os verdes não são mimados — respondeu em curtas palavras.

— Eu posso dormir em qualquer local — disse Tarzan — embora mais facilmente no escuro. Esperarei até que as luzes sejam apagadas.

— Esperará, então, para sempre — disse-lhe Komodoflorensai.

— As luzes nunca são apagadas?

— Se fossem, todos nós morreríamos logo — replicou o Príncipe.  
— Estas chamas servem a duas finalidades: dissipam a escuridão e consomem os gases prejudiciais que, de outro modo, nos asfixiariam em pouco tempo. Ao contrário das chamas comuns; estas velas, aperfeiçoadas com base nas descobertas e invenções de antigos cientistas minunianos, consomem os gases prejudiciais e libertam oxigênio. É por esse motivo, ainda mais do que pela luz, que são usadas exclusivamente em toda Minuni. Até mesmo nossos domos seriam lugares escuros, mal cheirosos e nocivos não fossem por elas, ao passo que as pedreiras não poderiam, em absoluto, ser exploradas.

— Então não esperarei até que elas sejam apagadas disse Tarzan estendendo-se a fio comprido no sujo assoalho com um gesto de cabeça e um “Tuano!” — o “Boa Noite!” minuniano — para Talaskar e Komodoflorensai.

# Capítulo 13

Enquanto Talaskar preparava-lhes o desjejum na manhã seguinte, Komodoflorensal observou que gostaria que estivessem empregados na mesma turma, para que pudessem estar sempre juntos.

— Se houver alguma possibilidade de fuga, que você parece pensar que algum dia se apresentará — disse ele — seria útil se estivéssemos juntos.

— Quando formos — disse Tarzan — devemos levar Talaskar conosco.

Komodoflorensal lançou um rápido olhar para o homem-macaco, mas não comentou a sugestão.

— Vocês me levariam consigo! — exclamou ela. — Ah, se apenas tal sonho pudesse ser realizado! Eu iria com você a Trohanadalmakus e seria sua escrava, pois sei que não me faria mal. Mas, infelizmente, nada mais pode ser do que um sonho agradável, durante apenas um curto espaço de tempo, pois Kalfastoban falou em meu nome, e meu amo sem dúvida alguma ficará satisfeito em vender-me a ele, pois ouvi contar entre os escravos que ele vende muitos dos seus todos os anos para conseguir o dinheiro dos impostos.

— Nós faremos o que pudermos — disse Tarzan — e se Aoponato e eu descobirmos um meio de fuga, nós a levaremos conosco. Mas, em primeiro lugar, ele e eu devemos encontrar uma maneira de permanecermos mais tempo juntos.


— Eu tenho um plano — disse Komodoflorensal — que talvez seja útil. Eles acreditam que você nem fala nem compreende nossa língua. Trabalhar com um escravo com quem não se pode comunicar é, para fazer o mínimo, irritante. Eu direi a eles que me posso comunicar com você e é muito provável que nos ponham na mesma turma.

— Mas de que maneira poderia comunicar-se comigo sem usar a língua minuniana? — indagou o homem-macaco.

— Deixe isso comigo — respondeu Komodoflorensal. — Até que descubram, de alguma maneira, que você fala minuniano, posso continuar a enganá-los.

Não se passou muito tempo antes que os frutos do plano de Komoflorensal amadurecessem. Os guardas haviam vindo buscar, os escravos e os vários grupos já haviam saído do dormitório, juntando-se no corredor externo aos vários milhares que desciam para a cena dos seus trabalhos diários. O homem-macaco incorporou-se à turma de revestimento de madeira na ampliação do túnel treze, no nível trinta e seis, onde, mais uma vez, entregou-se ao monótono trabalho de ancorar os lados e o teto da galeria com um entusiasmo que provocou elogios até mesmo do mal-humorado Kalfastoban, embora Caraftap, que removia rochas imediatamente à frente de Tarzan, vez por outra lhe lançasse venenosos olhares.

O trabalho continuava havia talvez duas ou três horas quando dois guerreiros desceram o túnel e pararam ao lado de Kalfastoban. Escoltavam um escravo de túnica verde, a quem Tarzan não prestou mais atenção do que a dedicada aos guerreiros até que um fragmento da conversação entre ele e Kalfastoban chegou-lhe aos ouvidos. Neste momento, lançou um rápido olhar naquela direção e viu que o escravo era Komodoflorensal, Príncipe de Trohanadalmakus, ou 8003 + 19, que é escrito em hieróglifos

minunianos como . O número de Tarzan, Aoponato, 8003 + 21, aparecia da seguinte maneira na ombreira de sua túnica verde:



Embora a forma minuniana ocupe menos espaço do que o faria o nosso equivalente do número de Tarzan, que era 512.000.021, seria mais difícil lê-lo expresso em nossas palavras, pois seria, dez vezes dez vezes oito, elevado ao cubo, mais sete vezes três. Os minunianos, porém, não o traduzem de tal maneira. Para eles,

constitui um número inteiro. Ao ponto, que representa à primeira vista uma única quantidade com tanta certeza como 37 dígitos representam para nossa mente um volume invariável, uma certa e medida definida de quantidade, em que nunca pensamos como três vezes dez, mais sete, o que é, na realidade. O sistema numérico minuniano, embora inconcebivelmente desajeitado e incômodo do ponto de vista ocidental, não deixa, contudo, de ter seus méritos.

Levantando Tarzan a vista, Komodoflorensal captou-lhe a atenção e piscou-lhe um olho. Kalfastoban fez um sinal ao homem-macaco, que atravessou o corredor e permaneceu em silêncio diante do Vental.

— Quero ouvir você falar-lhe — exclamou Kalfastoban para Komodoflorensal. — Não acredito que ele o entenda. Como poderia, se não nos entende? — O indivíduo não podia conceber outra língua que não a sua.

— Eu perguntarei a ele na sua própria língua — disse Komodoflorensal. — Se ele me compreender, o senhor verá que ele acena afirmativamente com a cabeça.

— Muito bem — exclamou Kalfastoban. — Perguntou-lhe.

Komodoflorensal voltou-se para Tarzan e emitiu uma dúzia de sílabas de tagarelice incompreensível. Ao terminar, o homem-macaco inclinou a cabeça afirmativamente.

— Viu? — perguntou Komodoflorensal. Kalfastoban cocou a cabeça.

— É como você diz — admitiu, de má vontade. — Os zertalacolols têm uma língua.

Tarzan não sorriu, embora sentisse vontade de fazê-lo diante da maneira inteligente como Komodoflorensal lograra convencer os veltopismakusianos que se comunicava com Tarzan na estranha língua. Enquanto ele pudesse agir para pôr todas as comunicações em perguntas que pudessem ser respondidas com um sim ou não, o logro poderia ser mantido sem problemas. Mas, em circunstâncias que tornasse isto impossível, dever-se-ia esperar algum embaraço.

E perguntou-se de que modo o inteligente trohanadalmakusiano conseguiria lidar com a situação.

— Diga-lhe — disse um dos guerreiros a Komodoflorensal — que seu amo, Zoanthrohago, mandou buscá-lo, e pergunte-lhe se ele entende, como deve, que é um escravo e que de sua boa conduta depende seu tratamento. Sim, mesmo a vida dele, pois Zoanthrohago tem o poder de vida e morte sobre ele. Tanto quanto o tem a Família Real. Se ele for documento até seu amo e lhe for obediente, não se dará mal, mas se for indolente, imprudente, ou ameaçador, pode esperar provar a ponta da espada de um homem livre.

Komodoflorensal emitiu, desta vez, uma série muito mais longa de sílabas sem sentido até que dificilmente pôde manter a conduta com seriedade.

— Diga-lhes — disse Tarzan em inglês, que naturalmente nenhum deles compreendia — que, na primeira oportunidade, eu quebrarei o pescoço do meu senhor, que precisaria muito pouco incentivo para apanhar uma destas tábuas e quebrar o crânio de Kalfastoban e do resto dos guerreiros em torno de nós. E, por fim, que fugirei na primeira oportunidade e que o levarei, não esquecendo Talaskar.

Komodoflorensal escutou atentamente até que Tarzan terminou. Voltou-se, então, para os dois guerreiros que haviam chegado em sua companhia em busca do homem-macaco.

— Zuanthrol diz que entende muito bem sua situação e que está feliz por servir ao nobre e ilustre Zoanthrohago, do qual pede apenas uma mercê — traduziu com bastante liberdade o príncipe trohanadalmakusiano.

— E que mercê é esta? — perguntou um dos soldados.

— Que eu tenha permissão para acompanhá-lo, de modo que ele possa assim melhor cumprir os desejos do amo, desde que, sem mim, ele nem mesmo saberia o que se quer dele — explicou Aoponato.

Tarzan compreendeu agora como Komodoflorensal superaria quaisquer dificuldades de comunicação que pudessem porventura surgir. E pensou que estaria seguro nas mãos do vivíssimo amigo enquanto resolvesse fingir ignorância da língua minuniana.

— Pensamos nisso também, escravo, quando ouvimos dizer que podia comunicar-se com este indivíduo — respondeu o guerreiro a quem Komodoflorensal endereçou a sugestão. — Ambos serão levados a Zoanthrothago que, sem dúvida, decidirá como quiser, sem consultar vocês ou qualquer outro escravo. Venham! Kalfastoban Vental, assumimos responsabilidade pelo escravo Zuanthrol. — E entregaram ao Vental um pedaço de papel onde havia desenhado alguns curiosos hieróglifos.

Com as espadas desembainhadas, disseram com gestos a Komodoflorensal e a Tarzan que deviam precedê-los ao longo do corredor, pois a estória da maneira como Tarzan lidara com Caraftap chegara mesmo à sala de guarda da pedreira e esses guerreiros não queriam correr riscos.

O caminho atravessava um corredor reto e subia a pista em espiral até a superfície, onde Tarzan recebeu luz do sol e o ar fresco quase com um soluço de gratidão, pois estar privado deles mesmo por um curto dia era para o homem-macaco um verdadeiro castigo. Viu mais uma vez a vasta e incontável multidão de escravos transportando pesados fardos para frente e para trás, os elegantes guerreiros que marcavam passo arrogantemente de cada lado da longa linha, os nobres ricamente vestidos das castas mais altas e os inumeráveis escravos de túnica branca, que andavam correndo de um lado para outro trabalhando para seus senhores, ou entregues aos seus próprios negócios e prazeres, pois muitos deles tinham certa liberdade e independência que lhes davam quase a situação de homens livres. Os escravos de túnica branca eram sempre propriedade de algum amo, mas, especialmente no caso dos artesões especializados, mais ou menos a única obrigação que tinham para com o senhor era pagar-lhe certa percentagem de suas rendas. Constituíam a burguesia de Munini e também a casta mais alta da classe servidora. Ao contrário dos escravos de túnica verde,

nenhuma guarda os seguia para evitar-lhes a fuga, desde que pouco era o perigo de que a tentassem, não havendo cidade alguma em Minuni onde sua situação fosse melhorada, pois todas as outras cidades que não a de seu nascimento os tratariam como prisioneiros estrangeiros reduzindo-os imediatamente à condição de túnica verde e a trabalhos forçados enquanto vivessem.

Os domos de Veltopismakus eram tão imponentes como os de Trohanadalmakus. De fato, na opinião de Tarzan, pareciam infinitamente maiores, desde que media agora um quarto do tamanho que tivera quando deixara Trohanadalmakus. Oito deles estavam com a capacidade esgotada, havendo um nono em construção, pois a população de superfície de Veltopismakus já somava quatrocentos e oitenta mil almas, o congestionamento não era permitido no domo do rei e os sete restantes já estavam cheios até as bordas com seres humanos.

Tarzan e Komodoflorensal foram conduzidos até o domo real, mas não entraram pelo Corredor do Rei, diante de cujos portões flutuava o pavilhão real branco e dourado. Foram escoltados até o Corredor dos Guerreiros, que se abre para o oeste. Ao contrário da cidade de Trohanadalmakus, Veltopismakus era bela nas áreas entre os domos, ornamentadas de flores, arbustos e árvores, através das quais coleavam passeios e largas estradas. O domo real dava frente para uma grande praça de paradas onde um grupo de guerreiros montados fazia exercícios. Havia mil deles, formando um amak, constituído de quatro novands de duzentos e cinqüenta homens cada, sendo a unidade maior comandada por um kamak e a menor por um novand. Cinco entex de cinqüenta homens cada compõem uma novand, havendo cinco entals de dez homens em cada entex. Estas últimas unidades são comandadas, respectivamente, por Vental e um Ventex. As evoluções do amak eram executadas com caleidoscópica velocidade, tão rápidos sobre os pés e bem treinados eram os minúsculos diadetes. Houve uma evolução, em particular, executada enquanto passava, que interessou profundamente ao homem-macaco. Dois novands formaram uma linha numa das extremidades do campo e a segunda



na outra. A um comando do Kamak, o milheiro de homens lançou-se à carga com enorme velocidade em duas sólidas fileiras que se aproximaram uma da outra com a rapidez de um trem expresso. No exato momento e que parecia impossível que um acidente sério pudesse ser evitado, quando, em outro instante, diadetes e cavaleiros colidiriam numa sangrenta confusão de ossos quebrados, os guerreiros que corriam em alta velocidade para o leste ergueram as ágeis montarias, que, para todos os efeitos, voaram sobre as cabeças da força oposta, caindo sobre o outro lado e continuando em linha inteiriça até a extremidade do campo.

Tarzan comentava a manobra e as belezas da paisagem da cidade de Veltopismakus com Komodoflorensal enquanto caminhavam pelo Corredor dos Guerreiros, mas em tons bastantes baixos à frente da escolta para que a guarda não percebesse que ele usava a língua de Minuni.

— É uma bela evolução — respondeu Komodoflorensal — e foi executada com uma precisão que somente em casos raros se consegue. Ouvei dizer que as tropas de Elkomoelhago são famosas pela perfeição de seus exercícios, como, com toda justiça, o é Veltopismakus pela beleza de suas ruas e jardins. Mas, meu amigo, estas próprias coisas constituem a fraqueza da cidade. Enquanto os guerreiros de Elkomoelhago estão praticando para aperfeiçoar a aparência no campo de paradas, os de meu pai, Adendrohahkis, estão embrenhados no campo, fora da vista de mulheres admiradoras ou de escravos espiões, praticando a arte da guerra em condições de campo e acampamento. Os amaks de Elkomoelhago poderiam facilmente derrotar os de Adendrohahkis num concurso para descobrir qual o mais belo. Mas não está longe o dia em que você viu menos de quinze mil trohanadalmakusianos repelirem nada menos do que trinta mil guerreiros de Veltopismakus, pois eles nunca atravessaram a linha de infantaria naquele dia. Sim, fazem belos exercícios no campo de paradas e são corajosos, todos os minunianos são, mas não foram treinados na arte mais rigorosa da guerra. Não é esse o jeito de Elkomoelhago. Ele é mole e efeminado. Não se interessa pela

guerra. Escuta os conselhos que mais aprecia — o conselho dos débeis e das mulheres que insistem com ele para que se abstenha por completo da guerra, o que não seria em absoluto um mal caso se pudesse persuadir o outro lado a abster-se também.

“As belas árvores e arbustos que quase transformam Veltopismakus numa floresta — prosseguiu — e que você tanto admira, eu também admiro, especialmente na cidade do inimigo. Como seria fácil para um exército trohanadalmakusiano entrar sorrateiramente à noite, ocultado pelas árvores e arbustos, até os próprios portões dos domos de Veltopismakus? Compreendeu agora, meu amigo, por que viu manobras menos perfeitas nos campos de parada de minha cidade do que aqui e por que, embora amemos as árvores e os arbustos, não temos nenhum deles plantado no interior da cidade de Trohanadalmakus?”

Um dos guardas que se aproximara célere da retaguarda tocou Komodoflorensal no ombro.

— Você disse que o Zuanthrol não compreende nossa língua. Por que, então, fala-lhe neste idioma se ele não pode compreender? — perguntou o indivíduo.

Komodoflorensal não sabia quanto o guerreiro havia ouvido. Se tivesse ouvido Tarzan falar em minuniano, poderia ser difícil persuadi-lo de que o gigante não compreendia a língua, mas devia agir na suposição de que somente ele fora escutado.

— Ele deseja aprender e eu estou tentando ensinar-lhe — disse, sem perda de tempo.

— Ele aprendeu alguma coisa? — perguntou o guerreiro.

— Não — respondeu Komodoflorensal. — Ele é muito estúpido. Após isto, prosseguiram em silêncio, subindo tortuosos, longos e suaves aclives, ou escadas primitivas que os minunianos usam para alcançar os níveis superiores de suas casas-domos, entre aqueles que não são ligados pelas pistas inclinadas, freqüentemente interrompidas para fins de defesa. As escadas podem ser puxadas

sem dificuldade para cima por defensores em apuros e o avanço inimigo detido sem maiores problemas.

O domo real de Elkomoeelho possuía vastas proporções, com o cume a uma altura de cento e vinte metros, se tivesse sido construído segundo escala correspondente ao tamanho relativamente maior da humanidade comum. Tarzan subiu até que chegou tão acima do solo como estivera abaixo na pedra. Enquanto que os corredores dos níveis mais baixos haviam estado congestionados de gente, os que agora percorriam pareciam quase destituídos de vida. Vez por outra passavam por uma câmara ocupada, embora, de modo mais geral, os quartos fossem utilizados para fins de depósitos, sobretudo de alimentos, grande quantidade dos quais, curados e cuidadosamente embrulhados, eram armazenados até o teto em numerosas grandes câmaras.

A decoração das paredes era menos complicada e os corredores mais estreitos, de modo geral, do que nos níveis inferiores. Apesar disso, passaram por muitas grandes câmaras ou saguões, berrantemente decorados, em diversos dos quais havia várias pessoas de ambos os sexos e de todas as idades entregues a variadas atividades, domésticas ou trabalho de artesanato de uma arte ou outra.

Aqui havia um homem trabalhando a prata, talvez modelando um bracelete de filigrana delicada ou outro cortando belos arabescos em couro; ali, oleiros, fiadores, modeladores de metal, pintores, fabricantes de velas, parecendo predominar estas últimas, pois as velas eram, na verdade, a vida desses povos.

Por fim, chegaram ao mais alto dos níveis, muito acima do solo, onde os quartos estavam muito mais perto da luz do dia em virtude da espessura menor das paredes na parte superior do domo, embora mesmo aí estivessem as onipresentes velas. Quando menos esperavam, as paredes do corredor assumiram rica decoração, aumentando o número de velas. Tarzan desconfiou de que se aproximavam dos aposentos de um homem rico ou de um poderoso

nobre. Pararam diante de uma porta onde os guerreiros de escolta falaram com a sentinela.

— Diga a Zoanthrohago Zertol que trouxemos Zuanthrol e outro escravo que pode comunicar-se com ele numa estranha língua.

A sentinela bateu num pesado gongo com a lança. Sem demora, vindo do interior da câmara, apareceu um homem a quem a sentinela transmitiu a mensagem do guerreiro.

— Deixe-os entrar — disse o recém-chegado, que era um escravo de túnica branca. — Meu glorioso senhor Zoanthrohago Zertol, espera este escravo Zuanthrol. Sigam-me!

Seguiram-no através de várias câmaras até que, por fim, chegaram à presença de um guerreiro ricamente vestido, sentado por trás de uma grande mesa, ou escrivaninha, sobre a qual havia numerosos instrumentos estranhos, grandes volumes, aparentemente difíceis de manusear, blocos do grosso papel de escrita minuniano e os necessários implementos para escrever. O homem levantou os olhos quando entraram na sala.

— É o vosso escravo, Zuanthrol, Zertol — anunciou o indivíduo que os introduzira.

— Mas, o outro? — perguntou o Príncipe Zoanthrohago apontando para Komodoflorensai.

— Ele entende a estranha língua que o Zuanthrol fala e foi trazido para que possais comunicar-vos com o Zuanthrol, caso desejeis. — Zoanthrohago inclinou a cabeça.

Voltou-se para Komodoflorensai.

— Pergunte-lhe — disse — se sente alguma diferença desde que lhe reduzi o tamanho.

Logo que a questão foi apresentada a Tarzan na imaginária língua em que supostamente se comunicavam, o homem-macaco sacudiu a cabeça, pronunciando ao mesmo tempo algumas palavras em inglês.

— Ele diz que não, Príncipe ilustre — traduziu Komodoflorensal da própria cabeça — e pede-lhe que lhe restaure o tamanho normal e permita-lhe voltar ao próprio país, que fica muito longe de Minuni.

— Como minuniano ele deve saber — respondeu o Zertol — que jamais terá permissão para voltar a seu próprio território... Trohanadalmakus não o verá nunca mais.

— Mas ele não é de Trohanadalmakus, nem é minuniano — explicou Komodoflorensal. — Ele veio até nós, e nós não o fizemos escravo. Tratamo-lo como amigo porque ele é de um país distante com o qual nunca estivemos em guerra.

— Que país é esse? — perguntou Zoanthrothago.

— Isto não sabemos, mas ele disse que há um grande país além dos espinheiros, onde moram muito milhões de homens tão grandes como ele. Falou que seu povo não será nosso inimigo e que, por esse motivo, não devemos escravizá-lo, mas tratá-lo como um hóspede.

Zoanthrothago sorriu.

— Se você acredita nisto, deve ser um indivíduo muito simplório trohanadalmakusiano — disse. — Todos sabemos que nada há além de Minuni, salvo florestas impenetráveis de espinhos que vão até a parede externa do domo azul dentro do qual todos nós vivemos. Posso muito bem acreditar que este indivíduo não seja um trohanadalmakusiano, mas ele decerto é um minuniano, desde que todas as criaturas, qualquer que seja sua espécie vivem em Minuni. Sem dúvida ele é uma forma estranha de zertalacolol, membro de uma tribo que habita algum ermo nas montanhas, que nunca descobrimos. Mas, seja o que for, ele nunca...

Nesta ocasião, o Príncipe foi interrompido pelas reverberações do grande gongo situado na parte exterior de seus apartamentos. Parou para escutar as batidas e, quando elas chegaram a cinco e pararam, voltou-se para os guerreiros que haviam conduzido Tarzan e Komodoflorensal à sua presença.

— Leve os escravos para aquela câmara — ordenou, apontando para uma porta na parte do aposento em que os recebera. — Logo que o Rei se for, mandarei chamá-los.

Cruzando a porta que Zoanthrohago indicara, um guerreiro parou à entrada principal da câmara e anunciou:

— Elkomoelhago, Thagosoto de Veltopismakus, Governador de Todos os Homens, Senhor das Coisas Criadas, Todo-Sábio, Todo-Corajoso, Todo-Glorioso! Ajoelhem-se diante do Thagosoto!

Tarzan lançou um olhar para trás quando deixava a câmara e viu Zoanthrohago e os demais na sala ajoelharem-se e inclinarem-se muito para trás com os braços erguidos sobre a cabeça no momento em que Elkomoelhago entrou com uma guarda de doze guerreiros luxuosamente ataviados. Não pôde deixar de comparar esse governante com o simples e digno soldado que governava Thohanadalmakus e que andava pela cidade sem espetáculo ou pompa e, muitas vezes, sem outra escolta que um único escravo, um governante diante de quem ninguém se ajoelhava, mas a quem se prestava a máxima veneração e respeito.

Elkomoelhago vira os escravos e os guerreiros deixarem a câmara no momento em que nela penetrou. Respondeu à saudação de Zoanthrohago e sua gente com um seco movimento da mão e disse-lhes que se levantassem.

— Quem saiu do apartamento quando entrei? — perguntou, olhando desconfiado para Zoanthrohago.

— O escravo Zuanthrol e outro que interpreta sua estranha língua para mim — explicou o Zertol.

— Mande-os voltar — ordenou o Thagosoto. — Eu gostaria de ouvi-los conversar com você a respeito dos zuanthrols.

Zoanthrohago mandou um dos escravos buscá-los e, nos curtos momentos em que isso se fazia, Elkomoelhago tomou uma cadeira atrás da escrivaninha onde estivera sentado o dono da casa. Logo que Tarzan e Komodoflorensal entraram na câmara, a guarda que os acompanhava fê-los parar a alguns passos diante da

escrivaninha onde se sentava o Rei. E aí mandaram-nos ajoelhar e prestar vassalagem ao Thagosoto.

Conhecedor desde a infância de todas as tradições da escravidão, era Komodoflorensal, o trohanadalmakusiano. Quase com espírito de fatalismo aceitara a situação de servidão em que as fortunas da guerra o haviam lançado e, assim, sem pergunta ou hesitação, caiu sobre um joelho em saudação servil a esse Rei estrangeiro. Mas, não assim Tarzan dos Macacos. Ele pensava em Adendrohahkis.

Não dobrara o joelho para ele e não se propunha a fazer maior honraria a Elkomoelhago, desprezado pelos próprios cortesões e escravos, do que fizera ao Rei verdadeiramente grande de Trohanadalmakus.

Elkomoelhago olhou-o furioso.

— Esse indivíduo não se está ajoelhando — sussurrou para Zoanthrohago, que estivera tão inclinado para trás que não notara o ato de desrespeito do novo escravo.

O Zertol lançou um irritado olhar para Tarzan.

— Ajoelhe-se, homem! — exclamou e, recordando-se de que ele não compreendia minuniano, ordenou a Komodoflorensal que o instrísse a ajoelhar-se, mas, logo que o Príncipe trohanadalmakusiano fingiu transmitir-lhe a ordem, Tarzan apenas sacudiu negativamente a cabeça.

Elkomoelhago, com um sinal, mandou que os demais se erguessem.

— Deixaremos que isto passe desta vez — disse, pois algo na atitude do escravo dizia-lhe que Zuanthrol jamais se ajoelharia diante dele e ele era valioso em virtude do experimento de que era objeto. O Rei, portanto, preferiu engolir o orgulho do que arriscar-se a ter de ordenar a morte do escravo num esforço para compeli-lo a ajoelhar-se.

— Ele é apenas um ignorante zertalacolol. Providencie para que seja devidamente instruído antes que o vejamos novamente.

# Capítulo 14

As mulheres alalus, em número de cinqüenta, penetraram na floresta com a intenção de castigar os recalcitrantes machos. Levavam as pesadas clavas e numerosas pedras emplumadas, embora, mais formidável de tudo, fosse a fúria que as consumia. Nunca na memória de uma delas havia um homem ousado disputar-lhes a autoridade, nunca, antes, tivera a presunção de mostrar outra coisa que medo. Agora, porém, eles, em vez de fugirem covardemente quando se aproximavam, ousavam desafiá-las, atacá-las, matá-las! Tal situação, porém, era demasiado absurda, excessivamente antinatural para existir, nem perduraria por muito mais tempo. Possuíssem o dom da fala teriam dito isso e muitas outras coisas mais. A situação parecia ominosa para os homens; as mulheres estavam num perigoso estado de espírito — mas o que mais se poderia esperar de mulheres a quem se nega o dom da fala?

Nesse estado de espírito encontraram os homens numa grande clareira, onde os renegados haviam construído uma fogueira e assavam a carne de certo número de antílopes. Nunca anteriormente haviam as mulheres visto seus homens tão lustrosos e elegantes. Sempre, antes, pareciam tão magros que lembravam cadáveres, pois, no passado, não haviam passado tão bem desde o dia em que Tarzan dos Macacos dera armas ao filho da Primeira Mulher. Ao passo que antes passavam a vida fugindo amedrontados das terríveis mulheres, mal tendo tempo para caçar alimento decente, agora possuíam ócio e paz de espírito, dando-lhe as novas armas carne que, em outras circunstâncias, não teriam provado nem uma vez por ano. De lagartas e vermes tinham passado a uma dieta quase permanente de carne de antílope.

As mulheres, porém, muito pouca atenção prestaram no momento à aparência física dos homens. Haviam-nos encontrado. Isso era suficiente. Aproximavam-se sorratamente quando um



dos homens levantou os olhos e descobriu-as. Tão forte são as exigências do hábito que ele esqueceu a independência recém-conquistada e, levantando-se com um salto, disparou para as árvores. Os outros, mal esperando para descobrir a causa da fuga precipitada, seguiram-no nos calcanhares. As mulheres correram pela clareira no momento em que os homens desapareceram entre as árvores no outro lado. Sabiam o que eles fariam. Uma vez na floresta, parariam atrás das árvores mais próximas e olhariam para trás para ver se as perseguidoras iam na mesma direção. Era esse tolo hábito dos machos que permitia que fossem capturados sem dificuldade pelas fêmeas menos ágeis.

Mas nem todos os homens haviam desaparecido. Um deles dera alguns passos na louca corrida para a segurança, mas parará, dera a volta e enfrentava as mulheres. Era o filho da Primeira Mulher e a ele Tarzan transmitira algo mais do que conhecimento no uso de armas, pois com o Senhor das Selvas, a quem adorava com a dedicação de um cão, adquirira os primeiros rudimentos de coragem. E assim aconteceu que, quando seus companheiros mais medrosos pararam por trás das árvores e olharam, viram-no sozinho, enfrentando as cinquenta enfurecidas fêmeas. Observaram-no ajustar uma flecha ao arco. As mulheres viram-no também, mas não compreenderam — não logo. Viram a corda do arco esticar-se e a mulher mais adiantada cair com uma flecha no coração. As outras, porém, não pararam, porque a coisa fora feita com tal rapidez que sua plena importância não lhes penetrara ainda nos espessos crânios. O filho da Primeira Mulher armou a segunda flecha e soltou-a. Outra mulher caiu rolando pelo chão. Nesse momento, as outras hesitaram — hesitaram e isto foi a sua perdição, pois a pausa momentânea deu coragem aos outros homens que espiavam por trás das árvores. Se um deles podia enfrentar cinquenta mulheres e fazê-las parar, o que não poderiam onze realizar? Correram para a frente com azagaias e flechas no exato momento em que as mulheres reiniciavam o ataque. As pedras emplumadas voaram espessas e rápidas, porém, mais rápidas ainda e mais certeiras voaram as flechas dos homens. As

mulheres da primeira fila correram sem medo para o corpo-a-corpo, onde poderiam usar as clavas e agarrar os homens com as possantes mãos, mas aprenderam na ocasião que azagaias eram armas mais formidáveis do que clavas. Em consequência, as que não caíram feridas deram a volta e fugiram.

Nesse momento, o filho da Primeira Mulher revelou possuir uma fagulha de liderança que resolveu o caso naquele dia e, talvez, para todo o sempre. O seu ato marcou época na existência dos zertalacolols. Em vez de satisfazer-se com repelir as mulheres, em vez de repousar sobre os lauréis da vitória gloriosamente conquistada, virou a mesa sobre as inimigas hereditárias atacou-as, sinalizando aos companheiros para que o acompanhassem. Logo que viram as mulheres fugindo, tão entusiasmados ficaram com essa inversão de costumes velhos como as idades, que saltaram em alta velocidade e deram início à perseguição.

Pensaram que era intenção do filho da Primeira Mulher matar todas as mulheres inimigas e ficaram surpresos quando o viram alcançar uma bem conformada jovem fêmea e, agarrando-a pelos cabelos, desarmá-la. Tão notável isto lhes pareceu que um deles, tendo uma mulher em seu poder, não a matou imediatamente. Foram obrigados a parar e reunir-se em torno dele, fazendo perguntas na estranha língua de sinais.

— Por que a segura? Por que não a mata? Está com medo de que ela o mate? — foram algumas das muitas perguntas que lhe lançaram em saraivada.

— Vou conservá-la — respondeu o filho da Primeira Mulher. — Não gosto de cozinhar. Ela cozinhará para mim. Se ela recusar, furá-la-ei com isto. — E simulou um golpe contra as costelas da mulher com a azagaia, gesto este que a fez acovardar-se e cair medrosamente sobre um joelho.

Os homens saltaram no ar de excitação quando o valor do plano e o evidente pavor da mulher pelo homem penetraram-lhes nas almas estúpidas.

— Onde estão as mulheres? — perguntaram uns aos outros em sinais. As mulheres, porém, haviam desaparecido.

Um deles partiu na direção por onde elas haviam desaparecido.

— Eu vou! — disse com sinais. — Voltarei com uma mulher minha, para cozinhar para mim! — Numa louca corrida os demais seguiram-no, deixando o filho da Primeira Mulher com sua fêmea. Ele se voltou para ela.

— Você cozinhará para mim? — perguntou ele.

Ela respondeu aos sinais apenas com um rosto rosnante e mal-humorado. O filho da Primeira Mulher ergueu a azagaia e, com a haste, atingiu a jovem na cabeça, derrubando-a, enquanto permanecia em pé sobre ela, rosnante e de cara amarrada, ameaçando-a com punição ulterior, enquanto ela se acovardava no local onde havia tombado.

— Levante-se! — ordenou ele.

Lentamente, ela se pôs de joelhos e, abraçando-lhe as pernas, levantou a face com uma expressão de adulação e dedicação caninas.

— Você cozinhará para mim? — perguntou ele mais uma vez.

— Para sempre! — respondeu ela na língua de sinais de seu povo.

Tarzan permaneceu apenas durante curto momento no quarto contíguo àquele em que Zoanthrohago recebera Elkomoelhago, quando foi convocado a comparecer diante deles, sozinho. Entrando, o senhor com um gesto indicou-lhe para aproximar-se da escrivaninha, atrás da qual sentavam-se os dois homens. Nenhuma outra pessoa estava no aposento e até mesmo os guerreiros haviam sido dispensados.

— Você tem absoluta certeza de que ele nada entende de nossa língua? — perguntou o Rei.

— Ele não pronunciou uma única palavra desde que foi capturado — respondeu Zoanthrohago. — Supúnhamos que ele constituísse uma nova forma de zertalacolol até que se descobriu que ele possuía uma linguagem através da qual podia comunicar-se com outro escravo trohanadalmakusiano. É absolutamente seguro falar diante dele, Todo-Sábio.

Elkomoelhago lançou um rápido e desconfiado olhar para o companheiro. Ele teria preferido que Zoanthrohago, entre todos os homens, o chamasse de Todo-Glorioso. Era menos definido em suas implicações. Poderia enganar outras pessoas, até a si mesmo, quanto à sua sabedoria, mas sabia, além de qualquer dúvida, que não poderia enganar Zoanthrohago.

— Nós nunca discutimos — disse o Rei — todos os detalhes deste experimento. Foi com esta finalidade que vim hoje ao laboratório. Agora que temos o sujeito aqui, vamos até o fundo da questão e vejamos que passo seguinte devemos tomar.

— Sim, Todo-Sábio — respondeu Zoanthrohago.

— Chame-me de Thagosoto — disse secamente Elkomoelhago.

— Sim, Thagosoto — disse o Príncipe, usando a palavra minuniana correspondente a Chefe-Real, ou Rei, como Elkomoelhago ordenara. — Discutamos a matéria, por certo. Apresenta ela possibilidade de grande importância para vosso trono. — Ele sabia que Elkomoelhago interpretava discutir a matéria como meramente receber de Zoanthrohago uma explicação detalhada da maneira como reduzira a estatura do escravo Zuanthrol a um quarto de suas proporções originais. Mas ele se propunha, se possível, a obter o valor correspondente pela informação, que sabia que o Rei usaria para engrandecimento próprio, não lhe dando crédito algum pelas descobertas ou a todas as longas luas que dedicara à realização desse maravilhoso milagre científico.

— Antes de começarmos a discussão, ó, Thagosoto — disse —, peço-lhe que me conceda uma mercê, que há longo tempo desejei e que hesitei até agora em solicitar, sabendo que eu não merecia o

reconhecimento que peço para os meus pobres talentos e meus humildes serviços a vossa ilustre e justamente renomada governança.

— Que mercê deseja? — perguntou Elkomoelhago, irascivelmente. No íntimo, temia este, que era o mais sábio dos homens, e, como o covarde que era, com o medo misturava-se o ódio. Se pudesse ter destruído Zoanthrohago, com prazer o teria feito. Mas não podia fazê-lo, pois deste que era o maior dos walmaks vinha qualquer exibição de saber científico que o rei podia fazer, bem como todas as numerosas e notáveis invenções para a salvaguarda da pessoa real.

— Eu gostaria de ser membro do Conselho Real — disse Zoanthrohago simplesmente.

O Rei mexeu-se, inquieto. Entre todos os nobres de Veltopismakus ali estava o último que queria ver nomeado como um dos conselheiros reais, que havia escolhido levando em conta, especialmente, a obtusidade de cada um.

— Não há vagas — disse, por fim.

— O governante de todos os homens pode, sem dificuldade, criar uma vaga — sugeriu Zoanthrohago — ou criar um novo posto... Chefe dos Chefes-Assistente, por exemplo, de modo que, quando Gofoloso estiver ausente, haja alguém para tomar-lhe o lugar. De outra maneira, eu não teria de comparecer às reuniões de vosso conselho, dedicando meu tempo ao aperfeiçoamento de nossas invenções e descobertas.

Havia aí uma saída e Elkomoelhago agarrou-a. Não tinha objeções a que Zoanthrohago se tornasse conselheiro real e, destarte, escapasse do pesado imposto de renda, que os autores da lei tributária haviam tido cuidado para que não lhes pesasse, e sabia que, com toda probabilidade, esse era o único motivo por que Zoanthrohago desejava ser conselheiro. Não, o Rei não tinha objeção à nomeação, contando que se pudesse arranjar que o novo ministro não comparecesse a qualquer reunião do conselho, pois o próprio Elkomoelhago ter-se-ia encolhido um pouco ao reclamar,

como suas, todas as grandes descobertas de Zoanthrothago, caso este estivesse presente.

— Muito bem — disse o Rei — você será nomeado ainda hoje... e quando eu quiser que você compareça às reuniões do conselho, mandarei avisá-lo.

Zoanthrothago curvou-se.

— E agora — disse — passemos à discussão de nossos experimentos, que esperamos revele um método para aumentar a estatura dos nossos guerreiros quando saírem à luta com nossos inimigos e de reduzi-los à estatura normal depois que voltarem.

— Eu odeio a menção de batalhas — exclamou o Rei, com um estremecimento.

— Mas precisamos estar preparados para vencê-las quando nos forem impostas — sugeriu Zoanthrothago.

— Acho que sim — concordou o Rei —, mas logo que aperfeiçoemos este nosso modelo, precisaremos apenas de alguns guerreiros e os demais poderão ser desviados para ocupações pacíficas e úteis. Não obstante, prossiga com a discussão.

Zoanthrothago ocultou um sorriso e, erguendo-se, deu a volta da mesa e parou ao lado do homem-macaco.

— Aqui — disse ele colocando um dedo na base do crânio de Tarzan — existe, como sabeis, um pequeno corpo oval, avermelhado, contendo um líquido que influencia o crescimento dos tecidos e órgãos. Há muito tempo me ocorreu que a interferência no funcionamento normal dessa glândula alteraria o crescimento do sujeito a qual pertencesse. Experimentei com pequenos roedores e consegui resultados notáveis. Mas a coisa que queria atingir, o aumento da estatura do homem, não consegui realizar. Tentei numerosos métodos e algum dia descobrirei o correto. Penso que estou na pista certa e que se trata agora apenas de uma questão de experimentação. Sabeis que acariciando o rosto ligeiramente com um pequeno pedaço de pedra produz-se uma sensação agradável. Aplique-se a mesma pedra à mesma face, da mesma

maneira, mas com força muito aumentada, e produz-se uma sensação diametralmente oposta. Esfregue-se a pedra bem devagar para a frente e para trás muitas vezes e repita-se o mesmo movimento com grande rapidez durante o mesmo número de vezes, e se descobrirá que os resultados são inteiramente diferentes. Estou tão perto assim de uma solução. Tenho o método correto, mas não, na totalidade, ainda, a aplicação correta. Posso reduzir o tamanho de criaturas, mas não posso aumentá-lo. E embora possa reduzi-las com a maior facilidade, não posso determinar o período ou duração da redução. Em alguns casos, os sujeitos não recobriram o tamanho normal em menos de trinta e nove luas e, em outros, fizeram-no num período tão curto como três luas. Houve casos em que a estatura normal foi restabelecida gradualmente durante um período de sete sóis, e outros em que o sujeito passou subitamente do tamanho reduzido para o tamanho normal em menos de cem pulsações. Este último fenômeno sempre se fez acompanhar de desmaio e inconsciência quando ocorreu durante as horas de vigília.

— Naturalmente — comentou Elkomoelhago. — Agora, vejamos, acredito que a questão é mais simples do que você imagina. Diz que, para reduzir o tamanho desse sujeito, você lhe bate com uma pedra na base do crânio. Por conseguinte, para aumentar-lhe o tamanho, a coisa mais natural e científica seria aplicar-lhe um golpe análogo na testa. Vá buscar uma pedra e provaremos a correção de minha teoria.

Durante um momento Zoanthrohago ficou sem saber como ladear a estúpida intenção do Rei sem humilhar-lhe o orgulho e despertar-lhe o ressentimento. Os cortesãos de Elkomoelhago, porém, estavam acostumados a pensar com rapidez em emergências semelhantes e Zoanthrohago, sem demora, encontrou uma solução para o dilema.

— A vossa sagacidade é o orgulho de vosso povo, Thagosoto — disse —, e as vossas brilhante hipérboles o desespero de vossos cortesãos. Numa interessante figura de palavra sugeris o caminho para o êxito. Invertendo a maneira como reduzimos a estatura do

Zuanthrol poderemos aumentá-la. Mas, infelizmente, tentei isto antes e fracassei. Mas, espere, repitamos o experimento de modo exato como foi originariamente executado e, então invertendo-o, poderemos, talvez, determinar por que falhei no passado.

Deu um rápido passo pela sala em direção a uma série de grandes armários que forravam a parede e, abrindo a porta de um deles, tirou uma gaiola onde havia diversos roedores. Escolhendo um deles, voltou à mesa, onde, com cravos de madeira e pedaços de corda, prendeu seguramente o animal a uma prancha lisa, com as pernas estiladas e o corpo achatado, repousando a parte inferior da mandíbula sobre uma placa de metal no mesmo nível da prancha. Em seguida, trouxe uma pequena caixa de madeira e um grande disco de metal, o último montado verticalmente entre suportes, o que permitia que fosse girado com grande rapidez por intermédio de uma manivela. Montado rigidamente sobre o mesmo eixo do disco giratório havia outro que permanecia estacionário. O último disco parecia ter sido fabricado com sete segmentos, todos de materiais diferentes entre si. De cada um dos segmentos uma almofada, ou escova, projetava-se o suficiente para premir de leve o disco giratório.

Ao lado oposto de cada um dos sete segmentos do disco estacionado estava preso um fio. Zoanthro hago ligou estes a sete colunas que se projetavam da parte superior da caixa de madeira. Um único fio, ligado a uma coluna situada no lado da caixa, tinha na outra extremidade uma pequena chapa curva de metal presa à parte interna de uma coleira de couro. Zoanthro hago ajustou a coleira em torno do pescoço do roedor, de modo que o metal entrava em contato com a pele do animal na base do crânio e tão perto da hipófise quanto possível.

Dirigiu a atenção mais uma vez para a caixa de madeira, sobre a parte superior da qual, além das sete colunas de ligação, havia um instrumento circular consistindo de um mostrador, quase na periferia do qual via-se uma série de hieróglifos. Do centro do mostrador projetavam-se sete eixos concêntricos tubulares, cada qual servindo de suporte a uma agulha, modelada ou pintada de



maneira característica, enquanto que, na parte inferior do mostrador, sete pequenos discos de metal eram montados na tampa da caixa, formando o arco de um círculo a partir do centro do qual um eixo de metal giratório era arranjado de tal modo que sua extremidade livre podia ser orientada para qualquer um dos sete discos de metal, à vontade do operador.

Tendo sido feitas as ligações, Zoanthrothago moveu a extremidade livre do eixo de um dos discos de metal para outro, mantendo olhos atentos sobre o mostrador, as sete agulhas do qual se moviam de modo variado à medida que ele mudava o eixo de um ponto a outro.

Elkomoelhago era observador atento, embora confuso. O escravo, Zuanthrol, sem que ninguém desse por isso, aproximara-se da mesa para observar também o experimento que poderia significar tanto para ele.

Zoanthrothago continuou a manipular o eixo giratório. As agulhas moviam-se daqui para ali, de uma série de hieróglifos para outro, até que o valmak pareceu satisfeito.

— Não é sempre fácil — disse — ajustar o instrumento à frequência do órgão com que estamos trabalhando. De toda a matéria e mesmo de coisa tão incorpórea como o pensamento emanam partículas idênticas, tão infinitesimais que mal são registradas pelos meus instrumentos mais sensíveis. Estas partículas constituem a estrutura básica de todas as coisas, sejam elas animadas ou inanimadas, corpóreas ou incorpóreas. A frequência, quantidade e ritmo das emanações determinam a natureza da substância. Tendo localizado neste mostrador o coeficiente da glândula sob discussão, torna-se agora necessário a fim de interferir de tal modo no funcionamento apropriado, que o crescimento da criatura em causa seja não apenas detido, mas realmente invertido, que seja diminuída a frequência, aumentada a quantidade e multiplicado o ritmo dessas emanações. Isto é o que farei agora. — Ao que, manipulou vários pequenos botões colocados

de um dos lados da caixa. Girando a manivela, o disco livre revolveu com grande rapidez.

O resultado foi instantâneo e espantoso. Diante de seus olhos, Elkomoelhago, o Rei, e Zuanthrol, o escravo, observaram o roedor encolher a olhos vistos, mantendo ao mesmo tempo inalteradas as proporções. Tarzan, que seguira cada movimento e palavra do walmak, inclinou-se muito para que ficasse indelevelmente impressa na sua memória a posição das sete agulhas. Elkomoelhago levantou a vista e percebeu-lhe o interesse.

— Nós não precisamos deste indivíduo agora — disse ele, dirigindo-se a Zoanthrohago. — Mande-o embora.

— Sim, Thagosoto — respondeu Zoanthrohago, chamando um guerreiro, a quem deu ordens para transferir Tarzan e Komodoflorensal para uma câmara onde poderiam ser mantidos até que a presença de ambos fosse mais uma vez necessária.

# Capítulo 15

Através de várias câmaras e corredores foram conduzidos em direção ao centro do domo, no mesmo nível do aposento onde haviam deixado o Rei e o walmak até que, por final, empurraram-nos para dentro de um pequeno quarto, cuja porta foi batida e fechada atrás deles.

Não havia vela na câmara. Uma luz mortíça, contudo, aliviava a escuridão de modo que se discernia o interior do aposento. A câmara continha dois bancos e uma mesa, e nada mais. A luz que a iluminava levemente entrava por uma estreita seteira, de fortes grades. Mas, evidentemente, era dia.

— Estamos sozinhos — sussurrou Komodoflorensal — e, por fim, podemos conversar. Mas devemos ter cautela — acrescentou. — “Não confies demais nem na lealdade das pedras de tua câmara!” — citou.

— Onde estamos nós? — perguntou Tarzan. — Você conhece melhor o interior dos edifícios minunianos do que eu.

— Estamos no mais alto nível do Domo Real de Elkomoelhago — respondeu o Príncipe. — Com tal informalidade o Rei não visita outros domos da cidade. Pode ficar certo de que é o de Elkomoelhago. Estamos numa das câmaras mais internas, nas proximidades do poço central que atravessa o domo do nível mais baixo até o teto. Por este motivo, não precisamos de uma vela para manter a vida. Obtemos oxigênio suficiente através da seteira. E agora, conte-me o que aconteceu no interior da sala com Elkomoelhago e Zoanthroago.

— Descobri como me reduziram a estatura — respondeu Tarzan — e além disso, que quase a qualquer momento posso recuperar meu pleno tamanho — uma ocorrência que pode ter lugar de três a trinta e nove luas após a data de minha redução. O próprio Zoanthroago não pode determinar quando isso acontecerá.

— Esperemos que não ocorra enquanto você estiver nesta pequena câmara — exclamou Komodoflorensal.

— Eu teria uma dificuldade dos demônios para cair fora — concordou Tarzan.

— Você nunca conseguiria sair — assegurou-lhe o amigo. — Enquanto que poderia, antes de sua redução, ter rastejado por alguns dos maiores corredores do primeiro nível, ou mesmo por vários dos inferiores, não poderia espremer-se pelos corredores menores dos superiores, que são reduzidos de tamanho à medida que a necessidade de apoios diretos do telhado aumentam quando nos aproximamos da parte superior do domo.

— Então é conveniente sair daqui com tanta rapidez quanto possível — disse Tarzan.

Komodoflorensal sacudiu a cabeça.

— A esperança é uma bela coisa, meu amigo — disse — mas, se você fosse minuniano, saberia que nas circunstâncias em que nos encontramos ela constitui um desperdício de energia mental. Olhe para essas grades — e dirigiu-se à seteira e sacudiu os pesados ferros que corriam de um lado a outro da abertura. — Acha que poderia passar por eles?

— Não os examinei ainda — respondeu o homem-macaco — mas jamais renunciarei à esperança de fugir. O que seu povo faz é, sem dúvida alguma, a principal razão por que permanece para sempre na escravidão. Você é excessivamente fatalista, Komodoflorensal.

Falando, Tarzan atravessou a sala e, postando-se ao lado do Príncipe, segurou as grades da seteira.

— Não parecem excessivamente pesadas — observou e, ao mesmo tempo, exerceu pressão sobre elas. Curvaram-se! Tarzan ficou interessado e o mesmo aconteceu a Komodoflorensal. O homem-macaco lançou toda sua força no esforço seguinte, com o resultado de que duas barras quase se dobraram e foram arrancadas do encaixe.

Komodoflorensal olhou-o, atônito.

— Zoanthrothago reduziu-lhe o tamanho, mas deixou-lhe a antiga força física — exclamou.

— De nenhuma outra maneira isto pode ser explicado — respondeu Tarzan que, nesse momento, uma por uma, removia as barras restantes da seteira. Endireitou uma das mais curtas e entregou-a a Komodoflorensal. — Isto será uma boa arma — disse — se formos forçados a lutar pela nossa liberdade — e endireitou outra para si mesmo.

O trohanadalmakusiano olhou-o espantado.

— E você tenciona — perguntou — desafiar uma cidade de quatrocentos e oitenta mil pessoas armado apenas com uma barra de ferro?

— E também com minha inteligência — disse Tarzan.

— Você precisará dela — disse o Príncipe.

— E a usarei — assegurou-lhe o homem-macaco.

— Quando começará? — perguntou-lhe zombeteiramente Komodoflorensal.

— Hoje à noite, amanhã, na próxima lua... Quem sabe? — respondeu o homem-macaco. — É preciso que as condições estejam maduras. Durante todos os momentos estarei observando e planejando. Nesse sentido, comecei a fugir no mesmo instante em que recobrei a consciência e soube que era prisioneiro.

Komodoflorensal sacudiu a cabeça.

— Você não tem fé em mim? — perguntou-lhe Tarzan.

— Isto é exatamente o que eu tenho... fé — respondeu ele. — Meu julgamento diz que você não pode ter êxito mas, apesar disso, arriscar-me-ei com você, alimentando esperança de sucesso, sim, acreditando em sucesso. Se isto não é fé, não sei de que possa ser chamado.

O homem-macaco sorriu. Raras vezes, se é que algumas, gargalhava.

— Começemos — disse. — Em primeiro lugar, arranharemos essas barras para que tenham, da porta, a aparência de que não foram alteradas, pois imagino que teremos um visitante ocasional. Alguns nos trarão, pelo menos, alimentos, e quem quer que venha de nada deve suspeitar.

Juntos, arrumaram as barras de modo que pudessem ser facilmente removidas e postas no lugar sem demora. Por essa altura estava muito escuro dentro da câmara. Pouco depois de haverem terminado com as barras, abriu-se a porta e dois guerreiros, iluminando o caminho com velas, apareceram escoltando um escravo que trazia alimentos em receptáculos parecidos com baldes e água em garrafas feitas de louça vitrificada.

No momento em que se retiravam levando as velas, após depositar o alimento e a bebida do outro lado da soleira da porta, Komodoflorensal dirigiu-se a eles.

— Nós estamos sem velas, guerreiro — disse ao mais próximo. — Não nos quer deixar uma das suas?

— Vocês não precisam de velas nesta câmara — respondeu ele. — Uma noite no escuro lhes fará bem e amanhã vocês voltam às pedreiras. Zoanthrothago já sabe o que queria com vocês. Nas pedreiras vocês terão todas as velas que quiserem — e saiu, fechando a porta.

Os dois escravos ouviram a pesada lingüeta ser empurrada do outro lado. Estava muito escuro. Sem dificuldade, encontraram os receptáculos de comida e as garrafas de água.

— Bem? — perguntou Komodoflorensal enfiando a mão num dos receptáculos de alimento. — Acha que vai ser fácil agora, quando amanhã você estará de volta à pedreira, talvez a cento e cinquenta metros abaixo da superfície?

— Mas não estarei — respondeu Tarzan —, nem você.

— Por que não? — perguntou o Príncipe.

— Porque, desde que pretendem levar-nos para as pedreiras amanhã, segue-se que precisamos escapar hoje à noite — explicou Tarzan.

Komodoflorensal riu apenas.

Terminada a refeição, Tarzan levantou-se e dirigiu-se até a janela, onde removeu as grades. Tomando aquela que escolhera para si, rastejou pela passagem que conduzia à extremidade oposta da seteira, pois mesmo tão perto do ápice do domo, a parede era bastante espessa, talvez de dez huals. O hual, que mede dez centímetros e meio pelos nossos padrões, constitui a unidade básica da medição dos minunianos, correspondendo ao nosso centímetro. Nesse nível, a seteira era muito menor do que as que se abriam nos níveis inferiores, todas as quais tinham altura suficiente para permitir que um guerreiro caminhasse no seu interior. Ali, porém, Tarzan foi forçado a caminhar de gatinhas.

Ao fim da mesma, levantou os olhos e viu um vazio negro acima do qual brilhavam as estrelas. Em torno delas havia reflexos pontilhados vagos das luzes interiores, assinalando as câmaras iluminadas no interior do domo. Acima dele, uma curta distância até o ápice do domo e, abaixo, uma queda livre de quatrocentos huals.

Tendo visto o que podia da boca da seteira, Tarzan voltou para a câmara.

— Qual a distância, Komodoflorensal — perguntou —, do assoalho desta seteira até o telhado do domo?

— Talvez doze huals — respondeu o trohanadalmakusiano.

Tarzan tirou a mais longa das barras da seteira e mediu-a com tanta perfeição como podia.

— Longe demais — disse.

— O que é que fica longe demais? — indagou Komodoflorensal.

— O telhado — explicou-lhe Tarzan.

— Que diferença faz onde se encontra o telhado? Você não esperava escapar pelo telhado do domo, esperava?

— Com toda certeza... se fosse acessível — respondeu o homem-macaco. — Mas agora teremos de ir pelo poço o que significa atravessar todo o domo, do poço interior até a periferia. O outro caminho teria acarretado menos perigo de detecção.

Komodoflorensal riu em voz alta.

— Você parece pensar que para escapar de uma cidade ininuniana basta ir-se afastando. Isto não pode ser feito. O que me diz das sentinelas? E das patrulhas externas? Você seria descoberto antes que estivesse a meio caminho do lado de fora do domo, contando que conseguisse chegar até lá sem se despencar para a morte.

— Neste caso, então o poço talvez seja mais seguro — disse Tarzan. — Haverá menos possibilidade de descoberta antes de chegarmos até o fundo, pois, pelo que pude ver, está escuro como breu no poço.

— Descer pelo poço! — exclamou Komodoflorensal. — Você está louco! Você não poderia descer deste nível até o próximo sem cair e deve haver nada menos de quatrocentos huals até o fundo.

— Espere! — admoestou-o Tarzan.

Komodoflorensal ouviu o companheiro mexendo-se no interior da escura câmara. Ouviu a raspagem de metal na terra e, logo depois, uma batida, não alta, mas surda.

— O que é que você está fazendo? — perguntou.

— Espere! — respondeu Tarzan.

Komodoflorensal esperou, dando tratos à bola. Tarzan falou em primeiro lugar.

— Poderia encontrar a câmara em que Talaskar está presa na pedreira? — perguntou.

— Por quê? — indagou o Príncipe.

— Vamos buscá-la — explicou Tarzan. — Nós lhe prometemos que não iríamos sem ela.



— Posso encontrá-la — disse Komodoflorensal mal-humorado, segundo pareceu a Tarzan.

Durante algum tempo, o homem-macaco trabalhou em silêncio, quebrado apenas pelas batidas abafadas e o som de raspagem de ferro sobre pedra e de ferro sobre ferro.

— Você conhece todo mundo em Trohanadalmakus? — perguntou-lhe subitamente Tarzan.

— Ora, não — respondeu Komodoflorensal. — Há milhões de almas, incluindo todos os escravos. Não poderia conhecê-los a todos.

— Você conhece de vista todos os que moram no domo real? — continuou o homem-macaco.

— Não, nem mesmo os que vivem na casa real — respondeu o trohanadalmakusiano —, embora, sem dúvida, conheça praticamente todos os nobres e a classe dos guerreiros de vista, se não de nome.

— Alguém o conhece? — perguntou Tarzan.

— Duvido — foi a resposta.

— Ótimo! — exclamou Tarzan.

Mais uma vez fez-se silêncio, novamente interrompido pelo inglês.

— Pode um guerreiro ir a qualquer lugar sem ouvir perguntas em qualquer domo de sua própria cidade? — perguntou.

— A qualquer parte, em circunstâncias comuns, exceto no domo do Rei durante a noite.

— Não poderíamos então circular à noite por aqui? — perguntou-lhe Tarzan.

— Não — respondeu o companheiro.

— Durante o dia pode um guerreiro ir e voltar às pedreiras se quiser?

— Se ele parecer ter um trabalho, não será habitualmente interpelado.

Tarzan trabalhou um pouco mais em silêncio.

— Venha! — disse em seguida. — Estamos prontos para ir.

— Irei — disse Komodoflorensal — porque gosto de você e porque penso que será melhor morrer do que permanecer como escravo. Pelo menos, teremos algum prazer no que nos resta de vida, mesmo que não seja uma longa vida.

— Acho que teremos algum prazer, meu amigo — respondeu Zuanthrol. — Talvez não possamos escapar, mas, como você, eu prefiro morrer agora do que permanecer escravo toda a vida. Escolhi a noite de hoje como nosso primeiro passo para a liberdade porque compreendi que, uma vez de volta à pedreira, nossas possibilidades de uma arremetida bem sucedida para a liberdade serão reduzidas à quase nada. E hoje é a nossa única noite na superfície.

— De que modo acha que podemos escapar desta câmara?

— Pelo poço central — respondeu Tarzan. — Mas, em primeiro lugar, diga-me uma coisa, um escravo de túnica branca pode entrar livremente nas pedreiras durante o dia?

Komodoflorensal perguntou-se que importância essas perguntas aparentemente irrelevantes poderiam ter para o problema da fuga. Mas respondeu sem perder a paciência:

— Não, as túnicas brancas nunca são vistas na pedreira.

— Você tem consigo a barra de ferro que endireitei para você?

— Sim.

— Então, siga-me pela seteira. Traga as outras barras que deixarei na abertura. Eu levarei a maior parte. Venha!

Komodoflorensal ouviu Tarzan rastejar pela seteira, quebrando as barras de ferro que ele levava o silêncio da pequena câmara. Seguiu-o, depois. Na boca da seteira encontrou as barras que Tarzan deixara para que ele carregasse. Havia quatro delas, as

extremidades das quais torcidas em forma de anzol. Fora nisso que Tarzan trabalhara na escuridão, tendo Komodoflorensal se perguntado com que finalidade. Logo depois, o seu avanço foi detido pelo corpo de Tarzan.

— Um momento — disse o homem-macaco. — Estou fazendo um buraco no peitoral da janela. Quando estiver terminado, estaremos prontos. — Um momento depois, virou a cabeça para o companheiro. — Passe as barras — disse.

Após ter entregue as barras curvas a Tarzan, Komodoflorensal viu-o trabalhando com elas, em absoluto silêncio, durante vários minutos. Ouviu o som que ele fez quando moveu o corpo pelos estreitos confins da seteira e, logo depois, quando o homem-macaco falou novamente, o trohanadalmakusiano compreendeu que ele se havia voltado e que sua cabeça estava junto da do companheiro.

— Irei em primeiro lugar, Komodoflorensal — disse.— Venha até a borda da seteira e, quando me ouvir assoviar uma vez, siga-me.

— Aonde? — perguntou o Príncipe.

— Pelo poço até a primeira seteira que nos dê um apoio aos pés. E rezemos para que haja uma diretamente abaixo desta até os próximos dezoito huals. Eu enganchei uma barra na outra, com a extremidade superior presa no buraco que fiz na borda e a inferior pendendo a uma distância de dezoito huals.

— Adeus, meu amigo — disse Komodoflorensal.

Tarzan sorriu e deslizou pela borda da seteira. Numa das mãos levava a barra que conservara como arma enquanto que com a outra segurava a borda do peitoril da janela. Abaixo dele, estendendo-se por dezoito huals, pendia a esguia escada de anzóis de ferro. Abaixo, quatrocentos huals de escuridão de breu escondiam as pedras do pátio interno. Talvez fosse o teto da grande sala do trono central do rei, como acontecia no domo real da Adendrohahkis. Talvez fosse apenas um pátio aberto. A verdade era

irrelevante se o fraco apoio escorregasse do raso buraco do peitoril, ou se um dos anzóis se endireitasse sob o peso do homem-macaco.

Segurou a seção superior da escada com a mão que mantinha a arma improvisada, removeu a mão do peitoril e agarrou mais uma vez a barra, ainda mais baixa. Movia-se com grande lentidão por dois motivos, o mais importante dos quais era julgar que qualquer súbita tensão sobre a série de anzóis poderia endireitar um deles e o precipitar no abismo abaixo; a segunda, a necessidade de silêncio. Estava muito escuro, mesmo assim, tão perto do ápice do domo, mas isso era mais vantagem do que outra coisa, pois lhes ocultava a presença de qualquer observador ocasional que porventura olhasse por uma das seteiras na parede oposta do poço. À medida que descia, tenteava em ambas as direções procurando uma seteira, e chegara quase ao fim da escada quando se balançou levemente para uma delas. Ao descer ainda mais e olhar para dentro da abertura, notou que estava escura, numa indicação de que não conduzia a uma câmara habitada, fato este pelo qual se sentiu satisfeito. Alimentava a esperança, também, de que a extremidade da seteira não estivesse gradeada, nem a porta do outro lado fechada pelo lado de fora.

Assoviou uma vez, muito baixo, para Komodoflorensal e, um momento depois, sentiu o movimento da escada de ferro, dizendo-lhe que o companheiro iniciara a descida. A seteira onde se encontrava era mais alta do que a que acabavam de deixar, permitindo-lhe permanecer de pé. Aí esperou pelo trohanadalmakusiano, que logo depois chegou ao seu lado no peitoril.

— Uau! — exclamou o Príncipe num sussurro. — Eu odiaria fazer isso durante o dia, quando poderia ver todo o caminho até o fundo. O que, agora? Já fomos mais longe do que jamais sonhei ser possível. Começo a acreditar que a fuga possa estar dentro do reino das possibilidades.

— Nós não começamos ainda — garantiu-lhe Tarzan. — Mas vamos começar, agora. Venha comigo!

Segurando as grosseiras armas, os dois caminharam furtivamente por todo o comprimento da seteira. Não havia grades para impedir-lhes o progresso e eles saltaram para o assoalho da câmara. Com muito cuidado, tentando antes de adiantar um pé, Tarzan sondou o caminho pela câmara, que descobriu estar cheia de barris e garrafas, estas últimas de madeira e vime. Komodoflorensal seguiu-o nos calcanhares.

— Nós estamos em um dos aposentos onde os nobres encarregados de fazer cumprir as leis contra o vinho esconderam a bebida confiscada — sussurrou o trohanadalmakusiano. — Ouvi muita conversa sobre o assunto desde que aprisionado. Os guerreiros, e os escravos, também, parece que não falam de outra coisa do que disto e dos altos impostos. A possibilidade é que a porta esteja muito bem fechada. Guardam estas bebidas proibidas como nunca guardaram o ouro ou as jóias.

— Encontrei a passagem que leva à porta — murmurou Tarzan — e posso ver luz do outro lado.

Percorreram furtivamente a passagem. Empunharam com mais força as armas quando Tarzan experimentou suavemente o ferrêlo. Cedeu! Muito devagar, o homem-macaco entreabriu a porta. Através da pequena abertura viu parte da sala. Tinha o assoalho coberto de ricos tapetes, grossos e maciços. A parte da parede que viu estava coberta por pesados cortinados, tecidos em numerosas cores e estranhos padrões, esplêndidos, bárbaros. Diretamente na linha de visão, notou o corpo de um homem estendido a fio comprido, de rosto virado para baixo — numa poça de sangue que manchava o tapete branco sob sua cabeça.

Tarzan abriu a porta um pouco mais, descobrindo os corpos de quatro outros homens. Dois jaziam no chão e um terceiro num baixo diva. A cena, esplêndida no colorido, trágica na sugestão de mistério e morte violenta, prendeu os olhos do homem-macaco um momento mais antes de abrir ainda mais a porta e saltar rapidamente para o centro do aposento, com a arma em posição sobre a cabeça, não dando a um possível inimigo oculto atrás da

porta a oportunidade de derrubá-lo como se tivesse entrado à sorrelfa no aposento.

Um rápido olhar em volta revelou os corpos de sete homens, que não haviam sido visíveis da porta parcialmente aberta. Estavam empilhados num dos cantos da sala.

# Capítulo 16

Komodoflorensal colocou-se ao lado de Tarzan, a arma em posição para entrar no entrevero com quem quer que pudesse contestar-lhes a presença ali. Logo depois, porém, a extremidade da barra de ferro baixou-se para o solo e ele abriu a face num grande sorriso.

Tarzan fitou-o.

— Quem são eles? — perguntou. — E por que foram mortos?

— Eles não estão mortos, meu amigo — respondeu Komodoflorensal. — São os nobres encarregados de combater o uso do vinho. Não estão mortos... Estão embriagados.

— Mas o sangue debaixo da cabeça deste aqui a meus pés! — indagou o homem-macaco.

— É vinho tinto, e não sangue — assegurou-lhe o companheiro.

Tarzan sorriu.

— Eles não podiam ter escolhido uma melhor noite para a orgia — disse. — Se tivessem permanecido sóbrios, a porta pela qual saímos do depósito estaria bem fechada, segundo penso.

— Por certo, e teríamos uma guarda sóbria de guerreiros para enfrentar nesta câmara, em vez de dez nobres bêbados. Nós temos muita sorte, Zuanthrol.

Mal acabara de falar quando a porta à frente foi aberta, revelando dois guerreiros, que entraram imediatamente na câmara. Olharam para os dois à frente e um deles lançou um olhar para as formas inertes dos ocupantes do aposento.

— O que estão fazendo aqui, escravos? — perguntou um dos recém-chegados.

— Psiu! — advertiu-o Tarzan, levando um dedo aos lábios. — Entre e feche as portas para que ninguém ouça.

— Não há ninguém por certo para ouvir — disse um deles secamente, mas entraram e fecharam a porta. — O que significa isto?

— Que vocês são nossos prisioneiros! — exclamou o homem-macaco passando por eles com um salto e colocando-se diante da porta, com a barra de ferro na mão.

Uma expressão de zombaria contorceu a boca dos dois veltopismakusianos, que sacaram dos floretes e saltaram em direção ao homem-macaco, ignorando por um momento o trohanadalmakusiano, que, aproveitando a oportunidade, lançou para o lado a barra de ferro e sacou um florete da cintura de um dos nobres embriagados — uma substituição de arma que tornaria Komodoflorensal adversário perigoso em qualquer parte de Minuni, pois não há melhores espadachins entre todos os clãs belicosos do que os de Trohanadalmakus, cujas lâminas são famosas naquele país.

Entretanto, armado com uma barra de ferro, dois hábeis espadachins, estava Tarzan dos Macacos numa desvantagem que poderia ter sido fatal não fosse a presença de Komodoflorensal que, tão logo se apropriou da arma, saltou para frente e engajou um dos guerreiros. O outro atacou Tarzan com ganas de matá-lo.

— Seu prisioneiro, hem, escravo? — zombou, mergulhando contra o adversário. Mas, talvez menos hábil no jogo de espada do que seu antagonista, o Senhor das Selvas não enfrentara Bolgani e Numa sem nada aprender. Seus movimentos tinham a rapidez do raio, sua força era tão grande como antes de Zoanthrohago lhe ter reduzido a estatura. Ao primeiro ataque do guerreiro, saltara para um dos lados a fim de evitar a lâmina e, tanto para espanto seu quanto do adversário, o que ele tencionava fosse um ágil passo para o lado levou-o até o canto do aposento. O homem havia-o atacado novamente, enquanto o outro estava tão ocupado quanto podia com o Príncipe de Trohanadalmakus.

Duas vezes Tarzan aparou golpes cortantes com a desajeitada barra e, em seguida, um golpe de ponta errou-o por uma fração de



milímetro, dando um passo ao lado exatamente na hora. Quase não escapava, pois o homem visara seu abdômen — um momento difícil para Tarzan e morte para o adversário, pois logo que a ponta passou sem o tocar, o homem-macaco descarregou a barra sobre a cabeça desprotegida do veltopismakusiano, que, com um grunhido, desmoronou-se no solo, com o crânio fendido até a ponta do nariz.

Tarzan voltou-se para auxiliar Komodoflorensal, mas o filho de Adendrohahkis não carecia de ajuda. Lançara o adversário contra a parede e enfiou-lhe a lâmina no coração no momento em que Tarzan se voltou em sua direção. Caindo o homem, Komodoflorensal voltou-se para o centro do aposento e, ao pôr os olhos no homem-macaco, um sorriso passou-lhe pelo rosto.

— Com uma barra de ferro você venceu um espadachim de Minuni! — exclamou. — Eu não acreditava que isso fosse possível e, por isso, apressei-me a despachar meu homem para vir em sua ajuda antes que fosse tarde demais.

Tarzan riu.

— Pensei a mesma coisa a seu respeito — disse.

— E você poderia ter muito bem agüentado se eu não tivesse conseguido o florete — assegurou-lhe Komodoflorensal. — Mas, o que faremos agora? Mais uma vez fomos muito mais longe do que parece possível. Coisa alguma me surpreenderá mais de agora em diante.

— Vamos trocar de roupa com estes dois infelizes cavalheiros — disse Tarzan tirando a túnica verde enquanto falava.

Komodoflorensal soltou uma risadinha ao seguir o exemplo do companheiro.

— Existem outros povos tão grandes como os minunianos — declarou —, embora, até que eu o houvesse encontrado, meu amigo, jamais pudesse ter acreditado nisso.

Momentos depois os dois apareciam com todo o garbo dos guerreiros veltopismakusianos enquanto Tarzan enfiava a túnica verde no cadáver do homem que havia matado.

— Mas por que está fazendo isto? — perguntou o príncipe.

— Faça a mesma coisa com o seu e verá logo em seguida — respondeu Tarzan.

Komodoflorensal fez o que o outro mandava e, logo que foi completada a troca de roupa, o homem-macaco lançou um dos cadáveres sobre o ombro e conduziu-o para o depósito, seguido de perto por Komodoflorensal com o segundo. Caminhando através da janela da seteira até a borda do poço, Tarzan lançou o fardo no espaço e, estendendo a mão, tomou o de Komodoflorensal e deu-lhe o mesmo destino.

— Se não os examinarem bem de perto — disse —, o estratagema pode servir para convencê-los de que morremos tentando escapar. — Enquanto falava, destacou dois dos ganchos da escada por onde haviam descido do cárcere e lançou-os atrás dos cadáveres.

— Estes emprestarão cor à sugestão — explicou.

Juntos, voltaram ao aposento onde jaziam os nobres embriagados e onde Komodoflorensal começou a surripiar as gordas bolsas de dinheiro dos indivíduos inconscientes.

— Nós precisaremos de tudo isto que pudermos conseguir, se quisermos passar por guerreiros veltopismakusianos por algum tempo — disse. — Conheço a reputação destas pessoas e o ouro comprará muitas das coisas de que poderemos precisar — a cegueira dos guardas e a complacência dos oficiais, se não chegarem muito perto da varanda, perguntando-se quem somos.

— Isto é uma parte que tem que ficar a seu cargo, Komodoflorensal — disse Tarzan —, pois não conheço os costumes de seu povo. Mas não podemos ficar aqui. Estes cavalheiros nos serviram bem, e a si próprios, também, pois o não cumprimento do dever e o deboche salvaram-lhes a vida, enquanto os dois que seguiram sóbrios o caminho do dever foram destruídos.

— As coisas são ordenadas de modo estranho — comentou Komodoflorensal.

— Em Minuni como em qualquer outro lugar — concordou Tarzan, tomando o caminho até a porta da câmara, que abriram para um corredor, em vez de outra câmara, como haviam esperado que acontecesse num ponto assim tão próximo do poço central.

Em silêncio, desceram o corredor, que estava deserto a essa hora da manhã. Passaram por câmaras iluminadas, onde homens e mulheres dormiam, tranqüilos, à luz de numerosas velas. Viram uma sentinela adormecida diante da porta dos aposentos de um nobre. Ninguém os descobriu e, assim, desceram uma série de pistas inclinadas e ao longo de inumeráveis corredores até alcançarem um ponto muito distante daquela parte do domo real em que haviam sido encarcerados e onde seria a coisa mais natural que começassem a procurá-los na eventualidade de que os corpos que haviam lançado no poço não fossem imediatamente descobertos, ou fossem identificados pelo que eram, na verdade, e não o que os dois fugitivos queriam fazê-los parecer.

Nesse momento, um escravo de túnica branca aproximou-se deles pelo corredor. Passou sem lhes dar a menor atenção e, logo em seguida, outro e mais outro, até que os dois compreenderam que a manhã se aproximava e que os corredores estariam, dentro de pouco, regurgitantes de habitantes do domo.

— Será melhor — disse Komodoflorensal — procurar um esconderijo até que haja mais gente por aí. Ficaremos mais seguros numa multidão do que apenas entre algumas pessoas, pois neste caso seremos mais visíveis.

Quase todas as câmaras por onde passaram a partir daquele momento eram ocupadas por famílias, ao passo que as vazias não dispunham de velas e, por conseguinte, representavam riscos como esconderijos durante qualquer longo período. Logo depois, Komodoflorensal tocou no braço de Tarzan e apontou para um hieroglifo ao lado da porta de onde se aproximavam.

— Exatamente o lugar — disse.

— O que é? — perguntou Tarzan, ao chegarem à porta aberta.

— Ora está cheia de homens! Quando despertarem, nós seremos descobertos.

— Mas não reconhecidos — retorquiu o trohanadalmakusiano — ou, pelo menos, são remotas as possibilidades disso. Trata-se de uma câmara comum onde qualquer homem pode alugar uma cama para a noite. Sem dúvida há visitantes de outros domos e estranhos não serão especialmente visíveis por esse motivo.

Entrou no quarto, seguido de Tarzan. Um escravo de túnica branca aproximou-se.

— Velas para dois — pediu Komodoflorensal, entregando ao escravo uma das menores moedas de ouro que havia surripiado dos nobres embriagados.

O indivíduo levou-os a um canto distante do aposento, onde havia bastante espaço no chão, acendeu as duas velas e deixou-os. Um momento depois, estavam espichados no chão, com o rosto virado para a parede, como proteção adicional contra o reconhecimento. Logo depois, adormeceram.

Ao despertar, Tarzan verificou que ele e Komodoflorensal eram os únicos ocupantes da câmara, fora o escravo que os havia recebido. Despertou o companheiro, acreditando que não deviam fazer coisa alguma que chamasse para eles mais do que a atenção comum. Foi-lhes trazido um balde de água e fizeram as abluções num esgoto que corria em volta do aposento, passando pela base de cada parede, como era costume em toda Minuni, sendo a água servida levada em canos para os campos além das cidades, onde era usada para irrigar as colheitas. Desde que toda água tinha de ser conduzida aos domos e aos diferentes níveis em baldes, o volume usado para abluções era reduzido ao mínimo, ficando os guerreiros e os nobres com a maior parte, enquanto os escravos de túnica branca recorriam principalmente aos rios, próximos dos quais os domos eram sempre construídos, quando queriam tomar banho. Os escravos de túnica verde eram os que mais sofriam, às vezes seriamente, por falta de instalações de banho, pois os minunianos constituem um povo de boa higiene. Mas conseguiam aliviar até

certo ponto a provação nos casos em que os chefes das pedreiras mostravam-se mais bondosos, mediante emprego da água estagnada dos vazamentos, que se acumula em todas as pedreiras nos níveis mais baixos e que, não servindo para beber, pode ser usada pelos escravos para banho, quando lhes dão tempo para isso.

Tendo-se lavado, Tarzan e Komodoflorensal saíram para o corredor, uma larga avenida na cidade-domo, onde passaram por duas sólidas linhas de pessoas que se moviam em direções opostas, sendo o próprio número a melhor garantia contra a identificação. Velas colocadas a intervalos freqüentes emitiam luz brilhante e purificavam o ar. Portas abertas revelavam lojas de vários tipos, dentro das quais homens e mulheres barganhavam mercadorias. Naquele momento Tarzan teve seu primeiro vislumbre real da vida veltopismakusiana. Todas as lojas eram dirigidas por escravos de túnica branca, embora escravos e guerreiros se misturassem como fregueses, estando representados os dois sexos de ambas as classes. Foi também a primeira oportunidade de Tarzan de ver as mulheres da classe dos guerreiros fora de suas casas. Conhecera a Princesa Janzara nos aposentos do palácio e, através das portas de várias divisões do domo, vira outras de várias situações na vida. Estas, porém, eram as primeiras que via na rua, de perto. Tinham os rostos pintados de vermelho profundo, as orelhas azuis e o traje arranjado de tal modo que a perna e o braço esquerdos eram deixados nus, embora, se até mesmo o tornozelo direito ou o punho daquele lado aparecessem, elas apressadamente endireitavam os vestidos para ocultá-los, dando todas mostras de confusão e embaraço. Observando-as, o homem-macaco lembrou-se das gordas viúvas que vira na Inglaterra, cujos, vestidos de noite as deixavam nuas até os rins, mas que preferiam ter morrido a mostrar um joelho.

A frente das lojas era decorada com desenhos brilhantes, habitualmente representando as mercadorias à venda, juntamente com hieróglifos descrevendo os artigos e dando o nome do proprietário. Um deles finalmente chamou a atenção do

trohanadalmakusiano. Ele tocou no braço de Tarzan e apontou para o estabelecimento.

— Um restaurante — disse. — Vamos comer alguma coisa.

— Coisa alguma me agradaria mais. Estou esfaimado — garantiu-lhe Tarzan. Os dois entraram no pequeno restaurante onde diversos fregueses já se encontravam sentados no solo, com pequenos bancos puxados para perto, sobre os quais a comida era servida em pratos de madeira. Komodoflorensal encontrou um espaço vazio perto dos fundos do restaurante, não longe de uma porta que abria para outra câmara, que era também uma loja de outro tipo, desde que nem todos os locais de negócio estavam, por sorte, localizados no corredor, mas possuíam entradas, como esta, através de outro estabelecimento.

Tendo-se sentado e puxado um banco, olharam em volta enquanto esperavam para serem servidos. Era, evidentemente, um restaurante modesto, disse Komodoflorensal a Tarzan, freqüentado pela casta dos escravos e guerreiros mais pobres, dos quais havia diversos sentados diante de bancos em várias partes da sala. Pelo traje e equipamento, usado e puído, poder-se-ia facilmente imaginar-lhes a pobreza. Na loja contígua diversos outros da mesma classe de guerreiros desafortunados consertavam as roupas com materiais comprados ao pobre botequineiro.

A refeição foi servida por um escravo de túnica branca, de material muito barato, que ficou muito surpreso quando o pagamento pela comida e o serviço foi feito em ouro.

— É raro — disse — que guerreiros suficientemente ricos para possuir ouro venham ao meu pobre restaurante. Moedas de ferro e peças de chumbo, juntamente com muito dinheiro de madeira, entram nos meus cofres. Mas só de raro em raro eu vejo ouro. Outrora, sim, e muitos dos meus fregueses figuravam entre os mais ricos da cidade. Vêem aquele homem ali com a face profundamente enrugada? Outrora, ele foi rico... o guerreiro mais rico do seu domo. Olhem-no agora! E vejam na sala contígua, realizando trabalhos humildes, homens que no passado tiveram escravos. E tão

prósperos eram que estes, por seu lado, contratavam outros escravos para fazerem seus serviços mais humildes. Vítimas, todos eles, dos impostos que Elkomoelhago lançou sobre a indústria.

— Ser pobre — continuou — assegura ao homem uma vida mais fácil do que se ele fosse rico, pois o pobre não tem que pagar impostos, enquanto que aqueles que trabalham arduamente e acumulam riqueza têm em pagamento apenas seu trabalho, desde que o governo lhes toma tudo em impostos.

— Ali — prosseguiu — há um homem que foi muito rico. Trabalhou muito durante toda vida e acumulou uma vasta fortuna. Durante vários anos depois de posta em vigor a nova lei de Elkomoelhago, ele lutou muito para que sua renda fosse, pelo menos, igual aos impostos e o custo de vida. Mas descobriu que isso era impossível. Ele tinha um único inimigo, um homem que lhe fizera uma grande injúria. Esse homem era muito pobre e a ele deu o que restava de sua grande fortuna e propriedades. Foi uma terrível vingança. Outrora homem contente, essa vítima do rancor de outro homem é agora um encovado mulambo, trabalhando sem cessar dezoito horas por dia numa inútil tentativa para conseguir uma renda que lhe permita pagar os impostos.

Tendo terminado a refeição, os dois fugitivos voltaram ao corredor e continuaram o caminho descendente através do primeiro nível do domo, mantendo-se sempre nos corredores mais congestionados, onde a detecção parecia menos provável. A partir daquele momento, homens montados eram vistos um atrás do outro no corredor. E com tanta rapidez e desprezo pelos demais corriam os guerreiros pelos corredores nas suas montarias que era difícil ao pedestre evitar ser atropelado e pisoteado. Pareceu a Tarzan um milagre que tivessem chegado ao destino incólumes. Tendo finalmente alcançado o nível mais baixo, começaram a procurar um dos quatro corredores por onde poderiam deixar o domo. Nesse momento, tiveram o caminho impedido por um grande ajuntamento que se reunira no cruzamento de dois corredores. Os que se encontravam na parte de trás espichavam o pescoço para observar o que ocorria no centro da multidão. Faziam todos

perguntas aos vizinhos, mas, até aquele momento, ninguém na parte externa da multidão parecia saber o que havia acontecido até que, finalmente, fragmentos de boatos começaram a filtra-se até os mais distantes. Tarzan e Komodoflorensal, embora não ousassem fazer perguntas, mantinham os ouvidos bem abertos e, antes de muito tempo, foram recompensados ao ouvir acidentalmente o que parecia ser um relato oficioso do que transpirara sobre o motivo do ajuntamento. Em resposta a uma pergunta feita por alguém na multidão, um indivíduo que abria a cotoveladas caminho a partir do centro explicou àqueles em frente que parará para ver os restos de dois escravos que haviam morrido quando tentavam fugir.

— Eles estavam encarcerados em uma das celas de escravos de Zoanthrogo no mais alto nível — disse ao interpelante — e tentaram escapar descendo por uma escada improvisada pelo poço central. A escada quebrou e eles foram precipitados sobre o telhado da sala do trono, onde seus corpos, horrivelmente mutilados, acabam de ser encontrados. Estão sendo levados agora para as feras. Um deles foi uma grande perda para Zoanthrogo, pois era o escravo Zuanthrol, com o qual fazia experimentos.

— Ah! — exclamou o ouvinte. — Eu os vi ontem.

— Devia vê-los agora — condescendeu em dizer o informante —, tão terrivelmente desfigurados têm os rostos.

Logo que rareou a multidão, Tarzan e Komodoflorensal continuaram o caminho, descobrindo que o Corredor dos Escravos abria-se diretamente à frente. E era por esse caminho que os corpos das vítimas de ambos na noite anterior estavam sendo transportados.

— O que é que ele quis dizer quando falou em levá-los para as feras? — perguntou o homem-macaco.

— É dessa maneira que nos livramos dos cadáveres dos escravos — respondeu o trohanadalmakusiano. — São levados até a borda da floresta e devorados pelos animais selvagens. Há leões velhos e desdentados nas proximidades de Trohanadalmakus que subsistem por completo com carne de escravo. São nossos coveiros



e estão tão acostumados a ser alimentados que, freqüentemente, adiantam-se para acompanhar os grupos que lhes trazem os cadáveres, acompanhando-os, rosando e bramindo, até ser alcançado o local onde são depositados os corpos.

— Vocês se livram de todos os mortos desta maneira?

— Somente dos escravos mortos. Os corpos dos guerreiros e dos nobres são queimados.

— Dentro de pouco tempo, então — continuou Tarzan —, não haverá perigo de haver jamais uma identificação correta daqueles dois — e indicou com o polegar o corredor à frente, onde os cadáveres dos dois guerreiros estavam sendo sacudidos pelo trote dos diadetes.

# Capítulo 17

— Para onde, agora? — perguntou Komodoflorensal no momento em que os dois emergiram da entrada do Corredor dos Escravos e pararam por um instante sob a brilhante luz do sol.

— Tome a frente até a pedreira em que estivemos presos e a câmara onde dormimos.

— Você deve estar cansado de sua curta liberdade — observou o trohanadalmakusiano.

— Nós vamos voltar para buscar Talaskar, como prometi — lembrou-lhe Tarzan.

— Eu sei — disse o Príncipe — e louvo sua lealdade e bravura, ao mesmo tempo que duvido de sua sensatez. Será impossível salvar Talaskar. Se houvesse alguma chance, eu seria o primeiro a correr em sua ajuda. Mas eu sei, e Talaskar sabe, que para ela a fuga é uma esperança vã. Conseguiremos apenas lançar-nos mais uma vez nas mãos dos nossos senhores.

— Esperemos que não — disse Tarzan. — Mas, se julga, como diz, que nossa missão está condenada ao fracasso e que seremos recapturados, não me acompanhe. Minha única necessidade real é que me guie até o aposento onde Talaskar está confinada. Se puder levar-me até lá, é tudo o que lhe peço.

— Você pensa que eu estava tentando evitar o perigo? — perguntou Komodoflorensal. — Não! Onde você for, eu irei. Se for capturado, eu serei, também. Poderemos falhar, mas não nos separaremos. Estou pronto para ir aonde você for.

— Ótimo — comentou Tarzan. — Agora, vamos à pedreira, use seus conhecimentos das coisas minunianas e aplique ao máximo sua inteligência para que possamos entrar sem muitas conversas.

Passaram, sem interpelação alguma ao longo dos passeios sombreados entre os domos de Veltopismakus e pela grande praça

de parada onde guerreiros luxuosamente vestidos executavam intrincadas evoluções com a maior precisão, prosseguindo além dos domos pelas batidas trilhas percorridas pelos escravos e seus arrogantes guardas. Nesta altura, puseram-se ao lado da grande coluna que se movia em direção à pedreira em que haviam sido aprisionados, tomando seus lugares nas colunas dos guardas. Desta maneira, chegaram à entrada.

Superficialmente, foi contado o número de escravos entrados, anotando-se seu número num grande livro. Mas, para alívio de Tarzan, notou que nenhuma atenção era dada aos guardas, que acompanhavam os escravos e desciam o corredor sem ser identificados ou mesmo contados. Com eles desceram Komodoflorensal, Príncipe Real de Trohanadalmakus, e Tarzan dos Macacos.

Uma vez no interior da caverna e além da casa da guarda, os dois recuaram gradualmente para a cauda da coluna, de modo que quando ela virou para um nível acima do que queriam alcançar, puderam afastar-se sem ser notados. Deixar uma coluna significava ligar-se a outra, pois não havia interrupção nelas e, muitas vezes, diversas moviam-se à frente. Mas, ao alcançarem o trigésimo quinto nível e entrarem no túnel que conduzia à câmara onde Talaskar estava presa, descobriam que estavam a sós, desde que há pouca ou nenhuma atividade nos corredores que conduzem às senzalas, salvo bem cedo pela manhã, quando os homens são levados ao trabalho, e novamente à noite, quando voltam.

Diante da porta da câmara encontraram um único guerreiro de guarda. Estava agachado no assoalho do túnel, encostado à parede, mas, ao se aproximarem os dois, levantou-se e interpelou-os.

Komodoflorensal, que ia na frente, aproximou-se e parou.

— Vimos buscar a moça Talaskar — disse.

Tarzan, que estava justamente atrás de Komodoflorensal, viu aparecer uma súbita luz nos olhos do guerreiro. Seria reconhecimento?

— Quem os enviou? — perguntou o guerreiro.

— O seu amo, Zoanthrothago — replicou o trohanadalmakusiano.

Na face do guerreiro apareceu uma expressão de astúcia.

— Entre e vá buscá-la — disse, desferrolhando a porta e abrindo-a.

Komodoflorensal caiu sobre os joelhos e rastejou pela longa abertura. Tarzan, porém, permaneceu onde se encontrava.

— Entre! — disse o guarda.

— Ficarei onde estou — respondeu o homem-macaco. — Não serão necessários dois de nós para ir buscar uma única escrava e trazê-la pelo corredor.

Durante um momento, o guerreiro hesitou. Em seguida, fechou apressadamente a porta e correu os pesados ferrolhos. Ao voltar para Tarzan mais uma vez, que estava sozinho no corredor, tinha uma espada desembainhada. Mas encontrou a sua frente o Zuanthrol com o florete na mão.

— Renda-se — exclamou o guerreiro. — Reconheci-os imediatamente.

— Pensei que sim — disse Zuanthrol. — Você é vivo, mas seus olhos não são. São tolos, porque o traem.

— Mas minha espada não é nenhuma tola — disse secamente o indivíduo, atacando-o violentamente no peito.

O Tenente Paul D'Arnot, da Marinha francesa, é reconhecido como um dos mais hábeis espadachins das forças armadas e ao seu amigo Greystoke transmitira grande parte de sua habilidade durante as muitas horas em que ambos haviam praticado com espadas. Naquele dia, Tarzan dos Macacos disse em voz baixa uma prece de gratidão por aquele amigo distante, cujo cuidadoso treinamento haveria, depois de tantos anos, de prestar bons serviços ao homem-macaco, pois logo compreendeu que, embora seu antagonista fosse um mestre de esgrima, não estava sendo

totalmente superado, e, além disso, à sua habilidade juntavam-se grande força e agilidade.

Lutavam havia apenas um minuto quando o veltopismakusiano compreendeu que esgrimia contra um adversário de peso e que o fazia com desvantagem porque não podia recuar quando Tarzan atacava, enquanto o adversário tinha às costas todo o túnel. Tentou fazer Tarzan recuar, mas nisto falhou, recebendo um golpe no ombro pelo esforço. Começou, então, a gritar por socorro. O homem-macaco compreendeu que devia silenciá-lo, e sem demora. Esperando a oportunidade que logo se apresentou, com uma esquivia que evitou um selvagem golpe de ponta, Tarzan entrou rapidamente na abertura e cravou a espada no coração do veltopismakusiano. No mesmo momento em que retirava a lâmina do corpo do adversário puxava os ferrolhos que prendiam a porta, abrindo-a. Além dela, pálido, agachava-se Komodoflorensal. Ao ver Tarzan e o corpo do guarda caído por trás dele, um sorriso curvou-lhe os lábios e um instante depois estava no corredor ao lado do amigo.

— Como foi que isso aconteceu? — perguntou.

— Ele nos reconheceu. Mas, o que é que há com Talaskar? Ela não vem?

— Ela não está aqui. Kalfastoban levou-a. Comprou-a a Zoanthrothago.

Tarzan deu a volta.

— Feche novamente a porta e vamos cair fora daqui — disse. Komodoflorensal fechou e aferrolhou a porta.

— Para onde, agora? — perguntou.

— Procurar o lugar onde mora Kalfastoban — respondeu o homem-macaco.

Komodoflorensal encolheu os ombros e seguiu-o. Refizeram os passos até a superfície sem incidente até chegar em frente ao décimo sexto nível, onde uma frente de trabalho se lhes deparou sob a forma de uma coluna de escravos que cruzava a pista de um

túnel lateral para outro. Durante apenas um momento os olhos de um escravo cruzaram-se com os de Tarzan e, logo depois, o indivíduo entrou numa das aberturas e desapareceu.

— Vamo-nos apressar — sussurrou Tarzan ao companheiro.

— Por que agora mais do que antes? — perguntou Komodoflorensal.

— Não notou o indivíduo que acabou de passar por mim e que se virou para olhar-me durante um segundo?

— Não. Quem foi?

— Caraftap — respondeu Tarzan.

— Ele o reconheceu?

— Quanto a isso, não sei. Mas, evidentemente, achou algo conhecido em minha aparência. Esperemos que não me tenha identificado, embora eu tema que sim.

— Então não podemos perder tempo em sair daqui e também de Veltopismakus.

Apressaram os passos.

—i Onde ficam os aposentos de Kalfastoban? — perguntou Tarzan.

— Não sei. Em Trohamadalmakus, os guerreiros são designados para as pedreiras apenas durante pouco tempo e não transferem sua residência ou seus escravos durante o período em que nelas permanecem. Não conheço os costumes daqui. Kalfastoban pode ter concluído seu tempo de trabalho. Por outro lado, guerreiros podem ser destacados para esse serviço durante muito tempo e os aposentos dos mesmos talvez se situem no nível superior da pedreira. Teremos que perguntar.

Pouco depois, Tarzan dirigiu-se a um guerreiro que se movia na mesma direção que ele e Komodoflorensal.

— Onde posso encontrar os aposentos de Kalfastoban Vental? — perguntou o homem-macaco.

— Dirão na casa da guarda, se isto for negócio de vocês — respondeu, lançando um rápido olhar aos dois. — Eu não sei.

Depois de passarem pelo indivíduo, aumentaram a velocidade na primeira volta que os ocultou, pois ambos estavam-se tornando desconfiados de cada incidente estranho e o único desejo que os animava agora era escapar da pedreira. Nas proximidades da entrada, juntaram-se a uma coluna de escravos que subia cansadamente com suas pesadas cargas e, em companhia deles, chegaram à casa da guarda, onde os escravos eram contados. Os oficiais e amanuenses trabalhavam de maneira mecânica. E pareceu que seria tão fácil sair como haviam entrado, quando o oficial contraiu inesperadamente as sobrancelhas e recomeçou a contagem.

— Quantos escravos nesta turma? — perguntou.

— Cem — respondeu um dos guerreiros que os acompanhavam.

— Então, por que quatro guardas — perguntou o guerreiro.

— Nós não estamos com eles — respondeu Komodoflorensal apressadamente.

— O que é que estão fazendo aqui? — indagou o oficial.

— Se pudermos falar-lhe em particular, poderemos explicar facilmente — respondeu o trohanadalmakusiano.

O oficial com um gesto mandou que a turma de escravos prosseguisse e, com um aceno, pediu a Komodoflorensal e a Tarzan que o seguissem a um aposento contíguo, onde encontraram uma pequena ante-sala, na qual dormia.

— Agora — disse ele — mostrem-me seus passes.

— Não os temos — respondeu Komodoflorensal.

— Não têm passes! Isto será difícil de explicar, não?

— Não, a um homem de sua inteligência — respondeu o Príncipe, sacudindo acidentalmente as moedas de ouro na bolsa. — Estamos procurando Kalfastoban. Sabemos que ele possui uma escrava que tencionamos comprar e, não podendo obter passes

para as pedreiras no tempo tão curto à nossa disposição, aventuramo-nos a vir, numa missão tão simples, desprovido deles. Podia dizer-nos onde poderemos encontrar Kalfastoban? — E novamente fez tilintar as moedas.

— Ficarei deliciado — respondeu o oficial. — Os seus aposentos ficam no quinto nível do Domo Real, no corredor central, e mais ou menos a meio caminho entre o Corredor do Rei e o Corredor dos Guerreiros. Como foi dispensado esta manhã, não tenho dúvida de que o encontrarão lá.

— Nós lhe agradecemos — disse Komodoflorensal, curvando-se muito para trás na mesura minuniana. — E agora — acrescentou como se um pensamento lhe ocorresse — se o senhor permitir, ficaremos profundamente gratos se pudermos sair deixando esta ligeira mostra de nossos agradecimentos — disse, tirando uma grande moeda da bolsa e entregando-a ao oficial.

— Para que não pareça ingrato — respondeu o oficial — preciso aceitar seu gracioso presente, com o qual poderei aliviar os sofrimentos dos pobres. Que a sombra do desastre nunca caia sobre os senhores.

Os três se curvaram e Tarzan e Komodoflorensal deixaram a casa da guarda. Um momento depois, estavam livres no ar fresco da superfície.

— Mesmo em Minuni — disse Tarzan em voz baixa.

— O quê? — perguntou o amigo.

— Eu estava apenas pensando na minha simples e honesta selva e nas criaturas de Deus que os homens chamam de feras.

— Como é que deviam chamá-las? — perguntou Komodoflorensal.

— Se julgadas pelos padrões feitos pelo próprio homem, e que não observam, deviam ser chamadas de semideusas — respondeu o homem-macaco.



— Entendo o que você quer dizer — riu o outro. — Mas, pense! Se um leão estivesse guardando a entrada da pedreira nenhuma peça de ouro teria passado de um lado para outro. As fraquezas dos homens não deixam de encerrar virtudes. Por causa delas, o bem triunfou sobre o mal e o suborno adquiriu as vestimentas da virtude.

Voltando ao Domo Real, passaram em torno do lado leste da estrutura até a frente norte, onde fica o Corredor dos Escravos de todos os domos. Ao deixar o domo, haviam saído pelo Corredor dos Escravos do Oeste e julgaram que apenas aumentariam as possibilidades de detecção caso passassem com excessiva frequência pela mesma rota, onde alguém, reconhecendo-os sem muita certeza na primeira vez, poderia fazê-lo mais fielmente na segunda ou terceira inspeção.

Alcançar o quinto nível requeria apenas alguns minutos depois de terem chegado à entrada do domo. Com o maior desprante dirigiram-se para o ponto no corredor central no qual o oficial dissera que encontrariam os aposentos de Kalfastoban e, talvez, ele mesmo. Mas permaneciam em alerta constante, pois ambos sabiam que o maior perigo de detecção residia na possibilidade de que Kalfastoban pudesse recordar-se deles, desde que, entre todos os veltopismakusianos, teria maior probabilidade de fazê-lo, pois fora quem os vira mais amiúde, eu pelo menos vira Tarzan com maior frequência, desde que ele pusera o verde dos escravos.

Haviam alcançado um ponto a meio caminho entre o Corredor dos Escravos e os dos Guerreiros quando Komodoflorensal deteve uma jovem escrava e perguntou-lhe onde ficava localizado o aposento de Kalfastoban.

— É necessário passar pelos aposentos de Hamadalban para chegar aos de Kalfastoban — respondeu a moça. — Vão até a terceira entrada — e apontou para o longo do corredor, na direção em que vinha.

Ao afastar-se a moça, Tarzan perguntou a Komodoflorensal se pensava haver alguma dificuldade em entrar nos aposentos de

Kalfastoban.

— Não — respondeu. — O problema consiste em saber o que faremos quando chegarmos lá.

— Nós sabemos o que vimos fazer — replicou o homem-macaco. — Basta fazermos isso, removendo todos os obstáculos que surjam.

— Muito simples — riu o Príncipe. Tarzan foi obrigado a sorrir.

— Para ser franco — reconheceu —, eu não tenho a mínima idéia do que vamos fazer depois de entrar, ou depois de sair, tampouco, se pudermos encontrar Talaskar e trazê-la conosco. Mas isto não é estranho, desde que nada conheço, ou quase nada, das condições que devo esperar encontrar de momento a momento nesta cidade estranha, de um mundo desconhecido. Tudo que devemos esperar, é fazer o melhor que pudermos. Chegamos até aqui com muito maior facilidade do que eu esperava — talvez possamos percorrer toda a distância sem maiores atritos — ou podemos parar para sempre nos próximos doze passos.

Parando diante da terceira entrada, lançaram um olhar para o interior, descobrindo diversas mulheres agachadas no chão. Duas delas eram da classe dos guerreiros; as outras, escravas de túnica branca. Komodoflorensal entrou ousadamente.

— Estes são os aposentos de Hamadalban? — perguntou.

— Sim — respondeu uma das mulheres.

— E os de Kalfastoban ficam adiante?

— Sim.

— E além dos de Kalfastoban? -- perguntou.

— Uma longa galeria que dá para o corredor externo. Sobre a galeria abrem-se muitas câmaras, onde vivem centenas de pessoas. Não os conheço todas. Quem procura?

— Palastokar — respondeu Komodoflorensal sem perda de tempo, escolhendo o primeiro nome que lhe ocorreu.

— Não me lembro deste nome — disse a mulher, contraindo, pensativa, as sobancelhas.

— Mas eu o encontrarei, graças à senhora — disse Komodoflorensal —, pois minhas instruções eram de passar pelos aposentos de Hamadalban a Kalfastoban, de onde entraria numa galeria que se abre para os aposentos de Palastokar. Mas, talvez se Kalfastoban estiver, ele me possa orientar com maior certeza.

— Kalfastoban saiu com Hamadalban — respondeu a mulher. — Mas aguardo-os de volta a qualquer momento. Se esperar, eles logo chegarão.

— Obrigado — disse Komodoflorensal às pressas —, mas tenho certeza de que não haverá problemas para encontrar os aposentos de Palastokar. Que suas velas queimem com luz viva e por muito tempo! — e sem esperar ou cerimônia ulterior, atravessou o aposento e penetrou no quarto de Kalfastoban, seguido nos tornozelos por Tarzan dos Macacos.

— Penso, meu amigo, que teremos de trabalhar sem demora. Tarzan olhou rapidamente em volta na primeira câmara em que entraram. Estava vazia. Dela se abriam diversas portas. Estavam todas fechadas com portas de madeira ou com cortinados. O homem-macaco deu um passo para a mais próxima e experimentou o ferrolho. Cedeu e ele empurrou a porta. Escuridão total no interior.

— Traga uma vela, Komodoflorensal — disse. O Príncipe tirou duas dos nichos na parede.

— Um depósito — disse quando os raios das velas iluminaram o interior. — Alimentos, velas e roupas. Kalfastoban não é nenhum mendigo. O coletor de impostos não o arruinou ainda.

Tarzan, de pé à porta do depósito, imediatamente atrás de Komodoflorensal, voltou-se num súbito movimento e olhou para a outra câmara. Ouviu vozes nos aposentos de Hamadalban — vozes de homem. Uma delas reconheceu um instante depois — a voz de Kalfastoban.

— Venha! — rugiu a voz de touro do Vental. — Venha aos meus aposentos, Hamadalban, e eu lhe mostrarei a minha nova escrava.

Tarzan empurrou Komodoflorensal para o depósito e, seguindo-o, fechou a porta.

— Ouviu? — sussurrou.

— Sim, Kalfastoban.

A porta do depósito era ornamentada com uma pequena grade aberta, coberta com um cortinado de algum tecido pesado pelo lado de dentro. Puxando o cortinado, podiam ver a maior parte do interior da câmara externa. E podiam ouvir tudo que era dito pelos dois homens que agora entravam vindos dos aposentos de Hamadalban.

— Digo-lhe que foi a maior pechincha que jamais fiz — exclamou ele. — Mas, espere, vou buscá-la. — E dirigiu-se para outra porta, que abriu com uma chave. — Saia! — rugiu, abrindo-a inteiramente.

Com a postura arrogante de rainha, a moça entrou sem pressa no aposento mais amplo — e não havia nela indício algum da escrava acovardada. Levava o queixo alto, o olhar firme. Olhou quase desdenhosa para o Vental. E era bela. Era Talaskar. Komodoflorensal compreendeu que nunca percebera como era realmente bela a escrava que para ele cozinhou. Kalfastoban dera-lhe uma túnica branca de boa qualidade, que destacava mais ainda a cor oliva de sua pele e o retinto do cabelo com muito melhor efeito do que o verde barato em que sempre a haviam visto.

— Ela pertencia a Zoanthrothago — explicou Kalfastoban ao amigo —, mas duvido de que ele a tenha visto alguma vez, pois, de outra maneira, jamais tê-la-ia vendido pela ninharia que paguei.

— Vai aceitá-la como mulher e elevá-la à nossa classe? — perguntou Hamadalban.

— Não — respondeu Kalfastoban —, pois, então, ela não mais seria escrava e eu não a poderia vender. Mulheres são caras demais. Eu a conservarei durante algum tempo e, depois, vendê-la-ei enquanto seu valor for ainda alto. Ela deve dar-me um bom lucro.

Os dedos de Tarzan fecharam-se como se sobre a cabeça de um inimigo. A mão direita de Komodoflorensal desceu para o cabo do florete.

Uma mulher entrou vindo dos aposentos de Kamadalban e permaneceu em pé à porta.

— Dois guardas da pedreira estão aqui com um escravo verde, perguntando por Kalfastoban — disse ela.

— Mande-os entrar — ordenou o Vental.

Um momento depois os três entraram. O escravo era Caraftap.

— Ah — exclamou Kalfastoban —, o meu bom escravo, Caraftap! O melhor da pedreira. Por que foi trazido aqui?

— Ele diz que tem informações de grande valor — respondeu um dos guardas. — Mas não as dirá a ninguém, salvo ao senhor. Ele apostou a vida contra o valor da informação e o Novand da guarda mandou que ele fosse trazido aqui.

— Que informações tem você? — perguntou Kalfastoban.

— É de grande importância — gritou Caraftap. — O nobre Zoanthroago e mesmo o Rei ficarão muito gratos por ela. Mas se eu a desse e tivesse que voltar às pedreiras, os outros escravos me matariam. O senhor sempre foi bom para mim, Kalfastoban Vental, e assim pedi para ser trazido a sua presença, pois sei que se prometer que eu serei recompensado com uma túnica branca, se meu serviço for considerado digno dela, ficarei em segurança.

— Você sabe que eu não posso fazer isso — respondeu Kalfastoban.

— Mas o Rei pode, e se o senhor interceder junto a ele, ele não recusará.

— Posso prometer interceder junto ao Rei em seu nome se a informação que você traz tiver valor. Mas isto é tudo que posso fazer.

— Isso é suficiente... se prometer — disse Caraftap.

— Muito bem, prometo. O que é que você sabe que o Rei gostaria de saber?

— As notícias correm depressa em Veltopismakus — disse Caraftap — e nós na pedreira ouvimos falar da morte dos dois escravos, Aoponato e Zuanlhrol, logo depois que os corpos foram descobertos. Desde que ambos haviam sido escravos de Zoanthrothago, estivemos confinados na mesma câmara e, assim, conhecia-os muito bem. Imagine minha surpresa, quando, cruzando um dos principais espirais com uma turma de outros escravos, vi Zuanthrol e Aoponato vestidos como guerreiros, subindo para a superfície.

— Qual a aparência dos dois? — perguntou subitamente um dos guerreiros que haviam acompanhado Caraftap desde a pedreira.

O escravo descreveu-os com tanta fidelidade quanto podia.

— Os mesmos! — exclamou o guerreiro. — Esses dois me detiveram no espiral e perguntaram pela morada de Kalfastoban.

Um grupo de mulheres e homens reuniu-se à porta da câmara de Kalfastoban, tendo sido atraídos pela presença do escravo verde acompanhado por membros da guarda da pedreira. Uma das mulheres uma jovem escrava.

— Eu, também, fui interrogada por esses mesmos homens — exclamou ela — há apenas algum tempo, e eles me fizeram a mesma pergunta.

Uma das mulheres de Hamadalban soltou um pequeno grito.

— Eles passaram pelos nossos aposentos há pouco tempo — gritou — e entraram no de Kalfastoban, mas não perguntaram pelos seus aposentos. O nome que mencionara era-me estranho... um estranho nome.

— Palastokar — lembrou-lhe uma das companheiras.

— Sim, Palastokar, e disseram que ele tinha seus aposentos na galeria que sai dos aposentos de Kalfastoban para o corredor externo.

— Não há tal nome no Domo Real — disse Kalfastoban. — Foi um estratagema para entrarem aqui.

— Ou passarem por aqui — sugeriu um dos guardas da pedreira.

— Devemos correr atrás deles — disse o outro.

— Mantenha Caraftap aqui até que voltemos, Kalfastoban — disse o primeiro guarda —, e dê também uma busca cuidadosa nos seus próprios aposentos e nos vizinhos. Vamos! — e, com um gesto para os demais guardas, cruzou a câmara e partiu ao longo da galeria que conduzia ao corredor externo, seguido não apenas pelo companheiro, mas também por Hamadalban e todos os outros homens que se haviam reunido na câmara, deixando Kalfastoban e Caraftap, juntamente com as mulheres nos aposentos do Vental.

# Capítulo 18

Kalfastoban voltou-se imediatamente para iniciar a busca das várias câmaras de seus aposentos, mas Caraftap pôs uma mão cautelosa em seu braço.

— Espere, Vental — implorou. — Se eles estão aqui, não seria melhor assegurar-lhes a captura fechando as portas que saem de seu aposento?

— Uma boa idéia, Caraftap — respondeu Kalfastoban — e, então, poderemos dar uma cuidadosa busca, sem pressa. Fora daqui, vocês, mulheres! — berrou, mandando-as ir com um gesto para os aposentos de Hamadalban. Um momento depois, as duas portas que davam entrada para os aposentos de Hamadalban e a galeria foram fechadas e aferrolhadas.

— E agora, senhor — sugeriu Caraftap —, desde que há dois deles, não seria bom que me desse uma arma?

Kalfastoban enfunou o peito.

— Uma dúzia como eles Kalfastoban poderia vencer sozinho — berrou. — Mas, para sua própria proteção, apanhe uma espada naquele quarto ali enquanto eu tranco novamente esta gata na cela.

No momento em que Kalfastoban seguiu Talaskar até o quarto em que ela fora confinada, Caraftap cruzou a porta para o depósito onde o Vental dissera que encontraria a arma.

O Vental chegou à porta do quarto imediatamente atrás da moça e, estendendo a mão, segurou-a pelo braço.

— Não com tanta pressa, minha bela! — exclamou. — Um beijo antes de deixar-me. Mas não se agite! No momento em que tivermos certeza de que esses escravos criminosos não se encontram nestes aposentos, voltarei para você. Não fique anelante, portanto, pelo seu Kalfastoban.



Talaskar voltou-se e esbofeteou-o.

— Não ponha suas mãos sujas sobre mim, seu animal! — exclamou, lutando para libertar-se.

— Ho, ho! Uma gata, realmente! — exclamou ele. Mas não a soltou e, assim, lutaram até desaparecer no interior da cela. No mesmo momento, Caraftap, o escravo, pôs a mão no ferrolho do depósito e, abrindo-o, entrou.

Ao fazê-lo, dedos de aço saíram da escuridão e fecharam-se em torno de sua garganta. Teria gritado de horror, mas sem algum podia escapar de uma garganta assim tão fechada. Lutou e atacou a coisa que o segurava — uma coisa tão poderosa que percebeu que não podia ser humana. Nesse momento, uma voz, fria e apavorante, sussurrou-lhe no ouvido:

— Morra, Caraftap! — disse a voz. — Vá ao encontro do destino que você merece, e que sabia muito bem que merecia quando disse que não ousava voltar aos aposentos dos escravos de Zoanthrohago após trair dois de seus colegas. Morra, Caraftap! E saiba, antes de morrer, que aquele que ia trair é o seu assassino. Você procurou Zuanthrol... e encontrou-o! — Com as últimas palavras os dedos terríveis fecharam-se sobre a garganta do homem. Espasmodicamente, o escravo lutou, tentando respirar. Em seguida, as mãos viraram-se sem pressa em direção opostas, e a cabeça do traidor foi arrancada do corpo.

Lançando o cadáver ao lado, Tarzan saltou para a câmara principal dos aposentos do Vental e correu para a porta da cela de Talaskar, seguido nos calcanhares por Komodoflorensal. A porta do pequeno quarto fora empurrada pelos contendores, em luta no interior. Abrindo-a, Tarzan viu a moça nas garras do enorme Vental que, evidentemente enlouquecido pela resistência oferecida, perdera a paciência por completo e tentava uma saraivada de golpes contra o rosto na moça, que procurava evitá-los agarrando-lhe os braços e as mãos.

Uma mão pesada caiu-lhe sobre os ombros.

— Você nos procura! — sussurrou-lhe ao ouvido uma voz baixa.  
— Aqui estamos!

Kalfastoban soltou a moça e voltou-se, estendendo ao mesmo tempo a mão para a espada. Diante dele viu os dois escravos, ambos armados, embora apenas Aoponato tivesse sacado da arma. Zuanthrol, que o segurava, não havia ainda desembainhado a sua.

— Uma dúzia como eles Kalfastoban poderia vencer sozinho — repetiu Tarzan. — E aqui estamos, fanfarrão, e somos apenas dois. Mas não podemos esperar até que nos mostre como você é possante. Sentimos muito. Se não tivesse molestado a moça, eu teria simplesmente trancafiado você no aposento, do qual logo depois teria sido solto. Mas a sua brutalidade merece apenas um castigo: — morte.

— Caraftap! — gritou Kalfastoban. Não parecia mais fanfarrão, rouquejador e desafiador. A voz estava aguda de medo e ele tremia nas mãos do homem-macaco. — Caraftap! Socorro! — gritou.

— Caraftap está morto — disse Tarzan. — Morreu porque traiu os colegas. Você morrerá porque foi brutal com uma indefesa escrava. Passe-lhe a espada, Komodoflorensal! Não temos tempo a perder aqui.

No momento em que o trohanadalmakusiano retirou a espada do coração de Kalfastoban Vental e o cadáver deslizou para o chão da cela, Talaskar correu e lançou-se aos pés do homem-macaco.

— Zuanthrol e Aoponato! — exclamou. — Nunca pensei em vê-los novamente. O que foi que aconteceu? Por que estão aqui? Vocês me salvaram, mas agora estão perdidos. Fugam, não sei para onde, mas saiam daqui! Não deixem que os encontrem aqui. De qualquer modo, não posso compreender por que estão aqui.

— Estamos tentando escapar — explicou Komodoflorensal — e Zuanthrol não irá sem você. Deu uma busca na pedreira a sua procura e agora no Domo Real. Ele fez o impossível, mas, encontrou-a.

— Por que fez isto por mim? — perguntou Talaskar, olhando espantada para Tarzan.

— Porque você foi bondosa comigo quando fui levado à câmara dos escravos de Zoanthrohago — respondeu o homem-macaco — e porque prometi que, quando chegasse a hora da fuga, nós três iríamos juntos.

Levantou-a do chão e levou-a para a câmara principal. Komodoflorensal permaneceu de lado, com os olhos baixos. Tarzan lançou-lhe um olhar, e uma expressão de perplexidade apareceu-lhe nos olhos, mas qualquer que tenha sido o pensamento que a ocasionou, deve tê-lo expulso sem demora, tendo em vista considerações mais urgentes.

— Komodoflorensal, você conhece melhor do que eu em que rotas de fuga haverá menos perigos de descoberta. Devemos sair pelos aposentos de Hamadalban ou através da galeria que eles mencionaram? São questões que não posso responder de maneira a convencer-me. E, olhe! — os seus olhos haviam estado percorrendo o aposento. — Há uma abertura no teto. Para onde poderá dar?

— Pode levar a quase qualquer parte, ou a nenhuma, absolutamente! — respondeu o trohanadalmakusiano. — Muitas câmaras possuem tais aberturas. Às vezes, acabam em sótãos que não conduzem a qualquer outra câmara. Outras vezes, desembocam em aposentos secretos, ou mesmo em corredores em outro nível.

Ouviram batidas na porta que dava para os aposentos de Kalfastoban e uma voz de mulher chamando em voz alta:

— Kalfastoban, abra! Está aqui um ental da guarda da pedreira à procura de Caraftap. A sentinela em frente dos aposentos dos escravos de Zoanthrohago foi encontrada morta e eles desejam interrogar Caraftap, acreditando haver uma conspiração entre os escravos.

— Temos que ir pela galeria — sussurrou Komodoflorensal, dirigindo-se em passos rápidos para a porta naquela direção.

Ao alcançá-la, alguém pôs a mão no ferrolho do lado oposto e tentou abri-la.

— Kalfastoban! — gritou a voz da galeria. — Deixe-nos entrar! Os escravos não saíram por aqui. Vamos, abra logo!

Tarzan dos Macacos olhou, rápido, em volta. Mostrou um pouco os dentes, pois era mais uma vez a besta acuada. Mediu a distância do solo até a clarabóia no teto e, em seguida, com uma pequena corrida, saltou sem esforço. Esquecera até que ponto a redução do peso lhe afetara a agilidade. Esperara encontrar apoio para as mãos na parte superior da abertura, mas, em vez disso, passou inteiramente por ela, caindo em pé sobre o assoalho de uma câmara escura. Voltando-se olhou para os amigos embaixo. A consternação estava escrita em sinais bem visíveis nos rostos de ambos. Mas não poderia ele mesmo deixar de estar espantado. Estava quase tão surpreendido quanto ambos.

— É muito alto para vocês saltarem? — perguntou.

— Muito alto! — responderam.

Ele se pendurou, então, de cabeça para baixo pela abertura, segurando a borda da clarabóia com a parte interna dos joelhos. À porta da galeria as pancadas tornaram-se insistentes e, naquela que se abria para os aposentos de Hamadalban, uma voz de homem suplantava a da mulher. O indivíduo exigia furioso que o deixassem entrar.

— Abra! — berrou. — Em nome do Rei, abra!

— Abra você mesmo! — gritou o indivíduo que estivera batendo na porta oposta, pensando que o pedido para abrir viera do interior da câmara onde queria entrar.

— De que modo posso abrir? — mugiu o outro. — A porta está fechada do seu lado!

— Não está fechada do meu lado. Está fechada do seu — berrou o outro, furioso.

— Você está mentindo! — berrou o que queria entrar vindo dos aposentos de Hamadalban — e você pagará caro quando isto for comunicado ao Rei.

Tarzan pendeu, de cabeça para baixo, com as mãos estendidas para os companheiros.

— Erga-me Talaskar — disse a Komodoflorensai. E quando o outro assim fez, segurou os pulsos da moça e levantou-se até que ela pudesse segurar parte de seu talabarte de couro e agüentar-se sem cair. Segurou-a em seguida mais embaixo e levantou-a ainda mais alto e, desta maneira, ela conseguiu subir para a alcova.

Os furiosos guerreiros às duas portas estavam agora evidentemente enfurecidos e tentavam derrubá-las. Pesados golpes caíam sobre as grossas almofadas, que ameaçavam estalar a qualquer momento.

— Encha a bolsa de velas, Komodoflorensai — disse Tarzan — e, em seguida, salte para minhas mãos.

— Apanhei todas as velas que podia transportar quando estivemos no depósito — respondeu o outro. — Segure-se! Vou saltar.

Uma almofada estalou e pedaços de madeira voaram para o centro do assoalho vindos da porta da galeria no momento em que Tarzan agarrou as mãos estendidas de Komodoflorensai. Um instante depois, ambos ajoelharam-se na escuridão do sótão e olharam para a câmara. A porta do outro lado abriu-se e dez guerreiros que compunham o ental entraram violentamente nos calcanhares do Vental em comando.

Durante um instante, olharam em volta em total surpresa. Por fim, tiveram a atenção despertada pelas batidas na outra porta. Um sorriso passou pela face do Vental quando deu um rápido passo à frente em direção à porta da galeria e abriu-a. Guerreiros furiosos caíram sobre ele, mas logo que ele explicou a confusão com que ambos os grupos haviam tentado entrar na câmara, prorromperam em gargalhadas, ainda que um pouco envergonhados.

— Mas quem estava aqui? — perguntou o Vental que trouxera os soldados da pedreira.

— Kalfastoban e o escravo verde Caraftap — disse uma das mulheres de Hamadalban.

— Devem estar escondidos! — exclamou o guerreiro. r»£(»m uma bnsrn! - - comandou o Vental.

— Não demorará muito a encontrar um deles — disse outro guerreiro, apontando para o assoalho logo depois da porta do depósito.

Os demais olharam e viram uma mão humana no solo. Os dedos, imobilizados, lembravam garras. Sem palavras, proclamavam a morte. Um dos guerreiros entrou sem demora no depósito, abriu a porta e puxou o cadáver de Caraftap, ao qual a cabeça prendia-se ainda por um fiapo de carne. Até mesmo os guerreiros recuaram, horrorizados. Examinaram rapidamente a câmara.

— Ambas as portas estavam fechadas por dentro — disse o Vental. — O que quer que tenha feito isto deve estar ainda aqui.

— Não pode ter sido coisa deste mundo — sussurrou a mulher que os acompanhara desde o aposento vizinho.

— Procurem cuidadosamente — disse o Vental e, como era homem valente, entrou em uma câmara após outra. Na última, encontraram Kalfastoban, com o coração perfurado por um golpe de espada.

— É tempo de cairmos fora daqui se houver alguma rota de fuga — sussurrou Tarzan a Komodoflorensai. — Um deles examinará sem demora esta abertura.

Com toda cautela, os dois tentaram, na direção oposta, em volta das paredes do sótão escuro e abafado. Poeira profunda, a poeira de idades incontáveis, erguia-se em torno deles, sufocando-os, confirmando que o aposento não fora usado durante anos. Logo depois, Komodoflorensai ouviu um "Psiu!" do homem-macaco, que o chamava.

— Venham aqui, vocês dois. Encontrei alguma coisa.

— O que foi? — perguntou Talaskar, aproximando-se.

— Uma abertura na base da parede — respondeu Tarzan. — É bastante grande para um homem rastejar por ela. Acha, Komodoflorensal, que seria seguro acender uma vela?

— Não, não agora — respondeu o Príncipe.

— Irei sem ela, então — disse o homem-macaco — pois precisamos saber, de qualquer maneira, onde desemboca este túnel.

Caiu de joelhos. Talaskar, que estivera de pé ao seu lado, ouviu-o afastar-se. Não podia vê-lo — estava escuro demais no sombrio sótão.

Embora esperassem, Zuanthrol não voltou. Ouviram vozes no aposento embaixo. Perguntaram-se lá com seus botões se os investigadores logo depois examinariam o sótão. Os investigadores resolveram sitiar o local — seria mais seguro do que rastejar por aquele buraco escuro atrás de uma coisa que podia arrancar a cabeça de um homem.

Quando descesse, como teria que descer, estariam à espera para destruí-la. Mas, entretentes, contentavam-se em esperar.

— O que foi que aconteceu com ele? — sussurrou Talaskar nervosamente.

— Você se preocupa muito com ele, não? — perguntou Komodoflorensal.

— Por que não? — perguntou a moça. — Você se preocupa também, não?

— Sim — respondeu ele.

— Ele é maravilhoso — disse a moça.

— Sim — concordou Komodoflorensal.

Como que lhes atendendo aos desejos, ouviram um baixo assóvio das profundezas do túnel pelo qual Tarzan rastejara.

— Venham! — sussurrou o homem-macaco.

Entrando Talaskar em primeiro lugar, seguiram-no, rastejando sobre as mãos e os joelhos através de um tortuoso túnel, tentando pela escuridão, até que, finalmente, uma luz tremeluziu à frente e viram Zuanthrol acender uma vela numa pequena câmara, que tinha altura suficiente apenas para que um homem permanecesse de pé.

— Cheguei até aqui — disse-lhes — e como oferecia um bom esconderijo, onde podemos ter luz sem medo de descoberta, fui chamá-los. Podemos ficar aqui durante algum tempo em conforto relativo, até que eu possa explorar o túnel mais adiante. Pelo que posso julgar, nunca foi usado durante a existência de qualquer veltopismakusiano vivo e, assim, há pouca probabilidade de que alguém pense em procurar-nos aqui.

— Acha que nos seguirão? — perguntou Talaskar.

— Acho que sim — respondeu Komodoflorensal — e desde que não podemos voltar, é melhor continuar imediatamente, pois parece razoável supor que a extremidade deste túnel termine em outra câmara. Possivelmente, lá encontraremos caminho para fugir.

— Você tem razão, Komodoflorensal — concordou Tarzan. — Coisa alguma podemos ganhar permanecendo aqui. Eu vou na frente. Deixe que Talaskar me siga e, você, feche a retaguarda. Se o lugar for um beco sem saída, não ficaremos em pior situação por tê-lo investigado.

Iluminado o caminho desta vez com velas, os três rastejaram penosa e dolorosamente pelo chão de pedra irregular do túnel, que virava com freqüência de um lado para outro como se passasse em torno de câmaras até que, para alívio geral, a passagem ampliou-se abruptamente, tanto em largura como altura, e eles puderam continuar andando. O túnel, em seguida, caiu em profundo declive para outro nível, e, um momento depois, os três entraram numa pequena câmara, onde Talaskar subitamente colocou a mão no braço de Tarzan, inalando uma súbita respiração.



— O que é aquilo, Zuanthrol! — murmurou ela, apontando para a escuridão à frente.

Sobre o assoalho de um dos lados do aposento discernia-se uma figura agachada junto ao muro.

— E aquilo! — exclamou a moça, apontando para outra parte do aposento.

O homem-macaco sacudiu a mão da moça e deu um rápido passo à frente, com a vela erguida alta na mão esquerda, tendo a direita no cabo da espada. Aproximou-se da figura agachada e inclinou-se para examiná-la. Colocou as mãos sobre ela e a forma desmoronou-se num monte de pó.

— O que é? — perguntou a jovem.

— Era um homem — respondeu Tarzan —, mas está morto há muitos anos. Estava acorrentado à parede. O ferrugem corroeu a corrente.

— E os outros dois? — perguntou Talaskar.

— Há diversos deles — disse Komodoflorensal. — Está vendo? Ali, e ali.

— Pelo menos eles não nos podem deter — disse Tarzan, e atravessou novamente a câmara em direção a uma porta na parede oposta.

— Mas contam-nos, possivelmente, alguma coisa — aventurou Komodoflorensal.

— O quê? — perguntou o homem-macaco.

— Que este corredor dá para os aposentos de um veltopismakusiano muito poderoso — respondeu o Príncipe. — Tão poderoso que podia liquidar desta forma os inimigos, sem provocar perguntas. É conta-nos também que tudo isto aconteceu há muitos e muitos anos.

— O estado do corpo contou-nos isso — disse Tarzan.

— Não, inteiramente — respondeu Komodoflorensal. — As formigas o teriam reduzido àquele estado dentro de pouco tempo. Em idades passadas, os mortos eram deixados no interior dos domos e as formigas, que eram nossas coveiras, pouco depois os consumiam, mas elas, às vezes, atacavam os vivos. Transformaram-se num aborrecimento e, por fim, numa ameaça. Todas as precauções foram, então, tomadas para não atraí-las. Além disso, nós as combatemos. Houve grandes batalhas em Trohanadalmakus entre os minunianos e as formigas e milhares de nossos guerreiros foram comidos vivos. E embora matássemos bilhões delas, suas rainhas podiam reproduzir-se com rapidez ainda maior do que matávamos as operárias assexuadas que nos atacavam, juntamente com os soldados. Finalmente, voltamos a atenção para as painelas. Nesse caso, a carnificina foi terrível, mas conseguimos matar-lhes as rainhas e desde então nenhuma formiga entrou em nossos domos. Vivem em volta de nós, mas nos temem. Apesar disso, não nos arriscamos a atraí-las novamente deixando os mortos no interior dos domos.

— Então você acredita que este corredor conduz aos aposentos de algum grande nobre? — perguntou Tarzan.

— Acredito que conduzia, outrora. As idades acarretam mudanças. A saída pode estar murada agora. A câmara aonde conduz pode ter hospedado um filho de rei quando estes ossos eram jovens. Hoje, talvez seja um quartel, ou um estábulo de diadetes. Mais ou menos tudo que sabemos com certeza — concluiu Komodoflorensal — é que não foi usado durante longo tempo e, com toda probabilidade, por conseguinte, é desconhecido dos modernos veltopismakusianos.

À frente da câmara da morte, o túnel caía rapidamente para níveis mais baixos, entrando, finalmente, numa terceira câmara, maior do que as anteriores. Sobre o chão viram os corpos de numerosos homens.

— Estes não estavam acorrentados às paredes — observou Tarzan.

— Não, morreram lutando, como se pode ver pelas espadas nuas e pela posição dos ossos.

No momento em que os três passaram para olhar em volta da câmara, chegou-lhes ao ouvido o som de uma voz humana.

# Capítulo 19

Passando-se os dias sem a volta de Tarzan, o filho tornou-se crescentemente apreensivo. Mensageiros foram enviados às aldeias próximas, voltando todos eles com a mesma informação. Ninguém vira o Grande *Bwana*. Korak, em vista disso, enviou mensagens do posto de telégrafo mais próximo inquirindo em todos os principais pontos da África, onde o homem-macaco poderia ter aterrado, se alguém o tinha visto ou ouvido notícias dele. As respostas, como sempre, foram negativas.

Finalmente, vestido apenas de tanga e nada transportando salvo as armas primitivas, Korak, o Matador, tomou a trilha, com uma dúzia dos mais rápidos e valentes waziris, dando início à busca. Por muito tempo e sem descanso procuraram na selva, muitas vezes solicitando os serviços amigos das aldeias nas proximidades das quais faziam pesquisas até que cobriram, como se com um pente-fino, um vastíssimo território. Cobriram-no como não o poderia ter feito qualquer outro grupo. Mas, apesar de todo o cuidado e esforço, nenhum indício descobriram sobre o fim ou o paradeiro de Tarzan dos Macacos. Desanimados, mas infatigáveis, continuaram a procurar através dos amaranhados quilômetros da quente e úmida floresta e através de platôs rochosos tão inospitais como os espinheiros nanicos que os pontilhavam.

No Domo Real de Elkomoelhago, Thagoseto de Veltopismakus, três pessoas pararam numa câmara oculta emparedada e ouviram uma voz humana, que lhes pareceu sair da própria pedra das paredes que os cercavam. Sobre o assoalho em torno deles, jaziam os corpos de homens há muito tempo mortos. Em volta deles subia a poeira impalpável de eras remotas.

A moça aproximou-se de Tarzan.

— Quem é? — sussurrou.

Tarzan sacudiu negativamente a cabeça.

— É uma voz de mulher — disse Komodoflorensal.

O homem-macaco levantou a vela bem acima da cabeça e deu um passo para a parede esquerda. Em seguida, parou e apontou. Os demais olharam na direção indicada pelo dedo de Tarzan e viram uma abertura na parede, de um hual ou dois acima de sua cabeça. Tarzan entregou a vela a Komodoflorensal, tirou a espada e colocou-a no chão e, em seguida, saltou sem esforço para a abertura. Durante um momento, permaneceu seguro à borda, escutando e, em seguida, deixou-se cair de volta à câmara.

— Está escuro como breu do outro lado — disse. — Quem quer que seja a dona daquela voz está em outra câmara, mais adiante daquela para que olhei. Não havia ser humano no outro apartamento.

— Se estava em escuridão total, como pode saber disso? — perguntou Komodoflorensal.

— Se estivesse alguém ali, eu lhe teria percebido o cheiro — respondeu o homem-macaco.

Os outros olharam-no, atônitos.

— Tenho certeza disso — falou Tarzan — porque senti perfeitamente uma corrente de ar subindo, através da abertura, e entrando nesta câmara. Caso tivesse havido um ser humano ali, o seu cheiro teria sido transportado diretamente para minhas narinas.

— E você o teria captado? — perguntou Komodoflorensal. — Meu amigo, posso acreditar em muita coisa a seu respeito, mas isso, não.

Tarzan sorriu.

— Pelo menos, tenho a coragem das minhas convicções — disse — pois vou até lá investigar. Pela clareza com que a voz nos chega, tenho certeza de que não passa por uma parede sólida. Deve forçosamente haver uma abertura para a câmara onde se encontra a mulher e, desde que devemos pesquisar todos os possíveis meios

de fuga, eu investigarei este. — Mais uma vez aproximou-se da parede abaixo da abertura. .

— Oh, não nos separemos — exclamou a moça. — Onde vai um vão todos.

— Duas espadas são melhores do que uma única — concordou Komodoflorensal, sem muita convicção.

— Muito bem — respondeu Tarzan. — Eu irei em primeiro lugar e, então, você pode passar-me Talaskar.

Komodoflorensal inclinou a cabeça. Um minuto ou dois depois, os três estavam de pé sobre a parede oposta do muro. As velas revelaram uma estreita passagem que mostrava indicações de uso muito mais recente do que aquelas por onde haviam passado, vindo dos aposentos de Kalfastoban. A parede que haviam cruzado para alcançá-la era de pedra, mas a da parede oposta parecia de madeira áspera, guarnecida de tachas.

— Esta passagem foi construída ao longo do lado de uma sala apainelada — sussurrou Komodoflorensal. — O outro lado destas tábuas ásperas suportam painéis belamente polidos de madeira brilhante ou metais polidos.

— Então deve haver uma porta, não acha, abrindo-se desta passagem para a câmara contígua? — perguntou Tarzan.

— Um painel secreto, com maior probabilidade — respondeu ele.

Avançaram pela passagem, todos ouvidos. De início, conseguiram perceber apenas que a voz era de mulher. Naquele momento ouviram as palavras.

— ... se mo tivessem entregue — foram as primeiras que distinguiam.

— Gloriosa senhora, isto não teria acontecido — respondeu outra voz feminina.

— Zoanthrothago é um imbecil e merece morrer. Mas o meu ilustre pai, o Rei, é um imbecil ainda maior? — disse a primeira voz. — Ele matará Zoanthrothago e, com ele a possibilidade de descobrir

o segredo de fazer gigantes dos nossos guerreiros. Caso me tivessem deixado comprar esse Zuanthrol, ele não teria escapado. Eles pensavam que eu o teria matado, mas esta era a minha última intenção.

— O que teria feito com ele, maravilhosa Princesa?

— Isto não é coisa que uma escrava pergunte ou deva saber — respondeu secamente a senhora.

Durante algum tempo houve silêncio.

— É a Princesa Janzara que está falando — sussurrou Tarzan a Komodoflorensai. — É a filha da Elkomoelhago, que você queria capturar e fazer sua princesa. Você teria as mãos cheias.

— Ela é tão bonita como dizem? — perguntou Komodoflorensai.

— É muito bela, mas um demônio.

— Teria sido meu dever aceitá-la — disse Komodoflorensai. Tarzan permaneceu em silêncio. Um plano tomava corpo no interior de sua mente. A voz do outro lado da divisão falou mais uma vez.

— Ele era maravilhoso — disse. — Muito mais maravilhoso do que nossos guerreiros. — E, então, após um silêncio: — Pode ir, escrava, e veja que eu não seja acordada antes que o sol fique a meio caminho entre o Corredor das Mulheres e o Corredor do Rei.

— Que vossas velas queimem tão imortalmente como vossa beleza, Princesa — disse a escrava, recuando até o fim do apartamento.

Um momento depois, os três por trás dos painéis ouviram a porta fechar-se.

Tarzan rastejou furtivamente pela passagem, procurando o painel secreto que abria para o apartamento onde a Princesa Janzara preparava-se para dormir. Mas foi Talaskar quem o encontrou.

— Aqui! — sussurrou e, juntos, os três examinaram o fecho. Era simples e evidentemente poderia ser aberto do outro lado mediante pressão em certo ponto do painel.

— Esperem aqui! — disse Tarzan aos companheiros. — Vou buscar a Princesa Janzara. Se não pudermos escapar com ela, deveremos poder comprar nossa liberdade com tal refém.

Sem explicar a conveniência de seu ato aos demais, puxou suavemente para trás o fecho que segurava o painel e empurrou-o um pouco para o lado. Viu diante de si o apartamento de Janzara — uma criação de deslumbrante barbarismo no centro do qual, sobre uma laje de mármore, a princesa jazia de costas, com uma gigantesca vela queimada à cabeça e outra aos pés.

A despeito do luxo do meio em que viviam, da riqueza, ou das posições, os minunianos nunca dormiam sobre substância mais macia do que uma única dobra de pano, que lançavam sobre o chão, ou sobre lajes de dormir de madeira, pedra ou mármore, dependendo da casta e riqueza de cada um.

Deixando o painel aberto, o homem-macaco entrou sem ruído no apartamento e dirigiu-se sem hesitação para a Princesa, que estava de olhos fechados, já dormindo, ou seguramente cortejando Morfeu. Estava a meio caminho da fria cama quando uma súbita corrente de ar abriu o painel com um ruído que poderia ter despertado os mortos.

Instantaneamente, a Princesa levantou-se e encarou-o. Durante um momento, permaneceu em silêncio, olhando-o fixamente. Logo em seguida, dirigiu-se em lentos passos para ele, sugerindo ao Senhor das Selvas as sinuosas ondulações do seu corpo uma certa similaridade com a majestade selvagem de Sabor, a leoa.

— É você, Zuanthrol! — suspirou ela. — Veio buscar-me?

— Vim buscá-la, Princesa — respondeu o homem-macaco. — Não grite e nenhum mal lhe acontecerá.

— Eu não gritarei — sussurrou Janzara e, com olhos semicerrados, deslizou para ele e lançou os braços em torno de seu pescoço.

Tarzan recuou e suavemente soltou-se.



— Você não entende, Princesa — disse-lhe. — Você é minha prisioneira. Você virá comigo.

— Sim — suspirou ela. — Eu sou sua prisioneira, mas é você que não compreende. Eu o amo. É meu direito escolher o escravo que eu quiser que seja meu Príncipe. Eu o escolhi.

Tarzan sacudiu a cabeça, impaciente.

— Você não me ama — disse. — Sinto muito que pense assim, pois eu não a amo. Não tenho tempo a perder. Venha! — E aproximou-se para segurar-lhe o pulso.

Os olhos dela se estreitaram.

— Você está louco? — perguntou. — Ou talvez não sabia quem sou?

— Você é Janzara, filho de Elkomoelhago — respondeu Tarzan. — Sei muito bem quem você é.

— E você despreza meu amor! — Ela respirava com dificuldade, subindo-lhe e descendo-lhe os seios com o tumulto das emoções.

— Não se trata de uma questão de amor entre nós — respondeu o homem-macaco. — Para mim e para o meu companheiro é apenas uma questão de vida e liberdade.

— Você ama outra mulher? — perguntou Janzara.

— Sim — respondeu-lhe Tarzan.

— Quem é ela? — perguntou a Princesa.

— Virá por bem, ou serei obrigado a levá-la à força? — perguntou-lhe o homem-macaco, ignorando-lhe a pergunta.

Durante um momento a mulher permaneceu silenciosa, cada músculo tenso, parecendo seus olhos dois poços em chamas. Subitamente, a expressão mudou. Relaxou a face e estendeu-lhe uma mão.

— Eu o ajudarei, Zuanthrol — disse. — Ajudá-lo-ei a fugir. Porque o amo, faça isto. Venha! Siga-me! — Voltou-se e atravessou sem ruído o apartamento.

— Mas os meus companheiros! — disse o homem-macaco. — Não posso ir sem eles.

— Onde estão eles?

Tarzan não lhe disse, pois não estava ainda seguro dos seus motivos.

— Mostre-me o caminho — respondeu ele — e eu voltarei para buscá-los.

— Sim — respondeu ela. — Vou mostrar-lhe e, então, talvez você me ame mais do que a ama.

Na passagem por trás do apainelamento, Talaskar e Komodoflorensal esperaram o resultado da aventura de Tarzan. Clara aos seus ouvidos chegava cada palavra da conversação entre o homem-macaco e a Princesa.

— Ele a ama — disse Komodoflorensal. — Está vendo, ama-a.

— Não vejo nada disso — retrucou Talaskar. — Porque não ama a Princesa Janzara, isto não é prova que me ama.

— Mas ele a ama... E você o ama! Percebi isto desde que ele apareceu. Queria que ele não fosse meu amigo, porque, neste caso, eu o mataria.

— Por que o mataria se ele me amasse... se amasse? — perguntou a moça. — Serei eu tão humilde que você preferiria ver seu amigo morto a casado comigo?

— Eu... — ele hesitou. — Não lhe posso dizer o que penso. A moça riu e, subitamente, ficou séria.

— Ela o está levando para longe do apartamento. Seria melhor segui-lo.

No momento em que Talaskar pôs os dedos sobre a mola que acionava a fechadura do painel, Janzara levava Tarzan pela câmara em direção a uma porta em um dos muros laterais mas não a porta através da qual saía a escrava.

— Siga-me — sussurrou a Princesa — e você verá o que significa o amor de Janzara.

Tarzan, ainda não de todo convencido das intenções da mulher, seguiu-a, cauteloso.

— Você está com medo — disse ela. — Não confia em mim! Muito bem, venha aqui e olhe, você mesmo, para esta câmara antes de entrar.

Komodoflorensal e Talaskar acabavam de entrar no apartamento quando Tarzan se aproximou da porta ao lado da qual se postava Janzara. Viram o assoalho ceder subitamente sob seus pés e, um instante depois, Tarzan desapareceu. Caindo pela calha polida, ele ouviu o riso selvagem de Janzara a segui-lo pela escuridão do desconhecido.

Komodoflorensal e Talaskar saltaram rapidamente através da câmara, mas tarde demais. O assoalho que cedera sob Tarzan voltara sem ruído ao lugar. Janzara permaneceu no mesmo lugar, tremendo de fúria, olhando fixamente para o ponto por onde desaparecera o homem-macaco. Sacudiu-se como uma víbora se sacode à brisa — sacudiu-se na tempestade alucinada de suas paixões desenfreadas.

— Se não for meu, nunca será de ninguém! — gritou. Voltou-se, neste momento, e viu Komodoflorensal e Talaskar correndo para ela. O que se seguiu ocorreu de modo tão rápido que seria impossível registrar os fatos no curto espaço de tempo que realmente consumiram. Acabou-se quase antes de Tarzan alcançar o fundo da calha e levantar-se do chão de terra onde fora depositado.

O local onde se encontrava era iluminado por várias velas, queimado em nichos protegidos por guarnições de ferro. A sua frente havia uma pesada grade de barras de ferro, através da qual viu outro apartamento iluminado, no qual um homem, com o queixo caído tristemente sobre o peito, sentava-se sobre um banco de pouca altura. Ao som da precipitada entrada de Tarzan na câmara

vizinha, o homem suspendeu os olhos e, ao vê-lo, levantou-se com um salto.

— Depressa! À esquerda! — exclamou. Tarzan, voltando-se, viu duas grandes feras de olhos verdes agachando-se para saltar.

O seu primeiro impulso foi esfregar os olhos, como poderia fazer uma pessoa para afastar tigres de pesadelo, pois o que viu eram dois gatos mosqueados africanos comuns — comuns nas formas e nas pintas, embora de tamanho gigantesco. Durante um instante, o homem-macaco esqueceu que tinha apenas um quarto do tamanho normal e que os gatos, que lhe pareceram tão grandes como leões, eram, na realidade, espécimes médios de sua raça.

Ao se aproximarem, sacou da espada, disposto a lutar pela vida com esses grandes felinos, como fizera tantas vezes antes com seus primos mais possantes na sua própria floresta.

— Se puder mantê-los ao largo até alcançar este portão — gritou o homem da câmara contígua — posso deixá-lo entrar. O ferrolho fica deste lado. — Mas, no exato momento em que falava, os gatos atacaram.

Komodoflorensal, passando por Janzara, saltou sobre o local no assoalho em que Tarzan desaparecera e, quando este cedeu aos seus pés, ouviu um grito selvagem dos lábios da Princesa de Veltopismakus.

— Então, é você que ele ama? — gritou ela. — Mas ele não a terá...! Nem mesmo na morte! — E isto foi tudo que Komodoflorensal ouviu ao ser engolido pelo negro alçapão.

Talaskar, desafiada pela enfurecida Janzara, parou e, em seguida, recuou, pois a Princesa corria para ela com uma adaga na mão.

— Morra, escrava! — gritou, mergulhando para o alvo seio de Talaskar. A escrava, porém, segurou-lhe o punho e, um momento depois, giravam pelo chão, uma agarrada à outra. Juntas, rolaram, tentando a filha de Elkomoelhago mergulhar a fina lâmina no peito

da escrava, enquanto Talaskar lutava para evitar o aço ameaçador e fechar os dedos em torno da garganta da antagonista.

No momento em que o primeiro gato atacou, o outro seguiu-o, para não ser roubado de sua parte na carne da presa, pois ambos estavam quase mortos de fome. Enfrentando o ataque do primeiro, o homem-macaco deu um passo para o lado para evitar o impacto e, aproximando-se com um salto, feriu-lo no flanco. Nesse momento viu Komodoflorensal, que desembainhara a espada ao entrar no apartamento de Janzara, entrar como uma bala no covil subterrâneo, caindo quase nos dentes da segunda fera. Esta ficou tão desconcertada com o aparecimento súbito do segundo ser humano que se voltou e saltou para a extremidade mais distante da toca antes de reunir coragem para outro ataque.

Na câmara em cima, Talaskar e Janzara lutavam selvagememente, dois tigres em forma humana. Rolaram de um lado para o outro do quarto, agarrando-se e ferindo-se.

Janzara gritou:

— Morra, escrava! Você não o terá! — Talaskar, porém, resistiu e economizou o fôlego e, lentamente, começava a dominar a adversária, quando, por acaso, rolaram sobre o próprio local por onde haviam desaparecido Tarzan e Komodoflorensal.

Ao compreender o que acontecera, Janzara soltou um grito de horror:

— Os gatos! Os gatos! — e as duas desapareceram pelo poço negro.

Komodoflorensal não seguiu o gato que se retirara para a extremidade mais distante do poço. Saltou imediatamente em ajuda a Tarzan e, juntos, mantiveram a distância o primeiro animal enquanto recuavam juntos para o portão, onde se encontrava o homem da câmara contígua, pronto para recebê-los na segurança de seu próprio apartamento.

Os dois gatos atacaram e, em seguida, retiraram-se, saltando para frente e para trás com grande rapidez, pois haviam sentido o gosto do aço afiado com o qual os humanos se defendiam. Os dois homens estavam quase no portão e, em outro instante, poderiam saltar para o outro lado. Os gatos atacaram novamente e, mais uma vez, foram expulsos para a extremidade oposta do buraco. O homem na câmara vizinha abriu o portão.

— Rápido! — gritou e, no mesmo instante, duas figuras saíram velozmente pela boca da calha e, ferozmente engalfinhadas rolaram pelo buraco do assoalho diretamente no caminho dos carnívoros atacantes.

## Capítulo 20

Vendo que Talaskar e Janzara estavam expostas ao ataque selvagem das esfaimadas feras, Tarzan e Komodoflorensal saltaram sem demora na direção das duas moças. Da mesma forma que ocorrera quando Komodoflorensal caíra inesperadamente no poço, os gatos ficaram surpresos com o súbito aparecimento dos dois novos seres humanos e, no primeiro instante, saltaram novamente para a extremidade mais distante da toca.

Janzara perdera a adaga ao deslizarem as duas pela calha. Talaskar viu-a naquele instante ao lado. Soltando a Princesa, agarrou a arma e pôs-se de pé com um salto. Tarzan e Komodoflorensal já estavam a seu lado e os gatos voltavam ao ataque.

Janzara ergueu-se devagar, meio estonteada. Olhou em volta, o pavor desfigurando-lhe a maravilhosa beleza. Neste momento, o homem da câmara vizinha reconheceu-a.

— Janzara! — exclamou. — Minha Princesa, espere! — e agarrando o banco sobre o qual se sentara, a única coisa na câmara que podia ser convertida numa arma, levantou-o alto nos ares e saltou no aposento onde os quatro enfrentavam as feras que, naquele momento, estavam absolutamente enfurecidos.

Ambos os animais, sangrando por numerosos ferimentos, estavam enlouquecidos de dor, raiva e fome. Rugindo e rosnando, lançaram-se contra as espadas dos dois homens, que, com as moças às costas, para onde as haviam empurrado, recuavam devagar para o portão. O homem do banco juntou-se nesse momento a Tarzan e Komodoflorensal, e os três repeliram os ataques dos carnívoros furiosos.

O banco mostrou-se arma de defesa tão boa como as espadas e, juntos, os cinco recuaram aos poucos até que, com total subitaneidade e sem o menor aviso, os dois gatos saltaram

rapidamente para os lados e correram por trás do grupo, como se percebessem que as mulheres seriam presas mais fáceis. Um deles quase chegou a abocanhar Janzara, não fosse o homem do banco, por todas as aparências imbuído de uma fúria demoníaca, que saltou sobre a fera com a estranha arma e bateu-lhe com tanta raiva que ela foi forçada a abandonar a Princesa.

Mesmo assim o homem não deixou de persegui-lo e, brandindo o banco, acuou-o e ao outro animal com tais gritos apavorantes e prodigiosos golpes que, para fugirem dele, ambos os gatos entraram na câmara que o homem ocupara. E antes que os animais pudessem voltar à carga, ele, com o banco, empurrou com estrondo o portão e fechou-o pelo outro lado. Em seguida, voltou-se e encarou-os.

— Vosso escravo! — respondeu o nobre, caindo sobre um joelho e inclinando-se muito para trás, com os braços estendidos.

— Você me salvou a vida, Zoanthrohago — disse Janzara — depois de todas as indignidades que lancei sobre você! De que modo posso recompensá-lo?

— Eu a amo, Princesa, como sabe há muito tempo — respondeu o homem. — Mas agora é tarde demais, pois amanhã morrerei por ordem do Rei. Elkomoelhago falou e, mesmo que você seja filha dele, não hesito em dizer que sua própria ignorância impede-lhe de reformar uma decisão, uma vez tenha sido tomada.

— Eu sei — disse Janzara. — Ele é meu pai, mas não o amo. Ele matou minha mãe num acesso injustificado de ciúme. Ele é um imbecil, o imbecil dos imbecis.

Subitamente, voltou-se para os outros.

— Estes escravos gostariam de fugir, Zoanthrohago — exclamou ela. — Com minha ajuda, poderiam fazê-lo. Em companhia deles, poderíamos fugir também, e encontrar asilo na terra deles.

— Se um deles tiver poder suficiente em sua cidade nativa — respondeu Zoanthrohago.



— Este — disse Tarzan, vendo uma milagrosa oportunidade de liberdade — é o filho de Adendrohahkis, Rei de Trohanadalmakus — o primogênito e Zertolosto.

Janzara olhou para Tarzan durante um momento depois de ter ele terminado de falar.

— Eu fui má, Zuanthrol — disse. — Mas pensei que o amava e, sendo filha do Rei, raramente me negaram o que eu queria. — E, para Talaskar: — Leve seu homem, minha filha, e seja feliz com ele. — E empurrou Talaskar suavemente na direção do homem-macaco. Talaskar, porém, recuou.

— Você está enganada, Janzara — disse. — Eu não amo Zuanthrol, nem ele me ama.

Komodoflorensal olhou rapidamente para Tarzan como se esperasse que ele negasse a declaração de Talaskar. O homem-macaco, porém, inclinou a cabeça afirmativamente.

— Você quer dizer — perguntou Komodoflorensal — que não ama Talaskar? — E olhou no fundo dos olhos do amigo.

— Pelo contrário, amo-a muito — respondeu —, mas não da maneira como pensou, ou devo dizer, temeu? Amo-a porque ela é uma boa moça, uma amiga leal e bondosa, e também porque ela estava em dificuldades e precisava de amor e proteção que somente você e eu podíamos dar-lhe. Mas como o homem ama sua companheira não a amo, pois tenho uma companheira em meu país além dos espinheiros.

Komodoflorensal nada disse, mas pensou muito. Refletiu no que significaria voltar para sua própria cidade onde era o Zertolosto e onde, de acordo com costume velho de idades, deveria casar-se com uma princesa de outra cidade. Mas ele não queria uma princesa — queria Talaskar, a pequena escrava de Veltopismakus, que mal conhecera a mãe e, com toda probabilidade, nunca ouvira falar do pai, se é que a mãe o conhecia.

Queria Talaskar, mas podia tê-la em Trohanadalmakus apenas como escrava. O amor que sentia por ela era profundo e, por isso,

não insultaria pensando em tal possibilidade. Se não a pudesse fazer princesa, não a teria absolutamente e, por isso, Komodoflorensal, o filho de Adendrohahkis, sentiu-se triste.

Mas não dispunha em absoluto de muito tempo para pensar em mágoas, pois os demais já planejavam as melhores maneiras de escapar.

— Os tratadores descem para alimentar os gatos deste lado — disse Zoanthrothago, indicando uma pequena porta na parede do poço em frente da câmara onde fora encarcerado.

— Indubitavelmente, não está fechada — disse Janzara —, pois um prisioneiro não a poderia alcançar sem passar pela gaiola onde os gatos eram conservados.

— Veremos — disse Tarzan, e dirigiu-se para a porta.

Um momento bastou para abri-la, revelando um estreito corredor mais além. Um depois do outro os cinco rastejaram pela pequena abertura e, seguindo o corredor, subiram um aclone, iluminando o caminho com velas tiradas do interior do covil dos carnívoros. Na parte superior, uma porta abria-se para um largo corredor, a curta distância da qual um guerreiro montava guarda diante de uma porta.

Janzara olhou pela pequena fresta aberta por Tarzan, viu o corredor e o homem.

— Ótimo! — disse. — É o meu próprio corredor e o guerreiro está de guarda em frente à minha porta. Conheço-o bem. Graças a mim deixou de pagar impostos nas últimas trinta luas. Ele morreria por mim. Venha! Nada temos a temer! — E pisando sem medo no corredor, aproximou-se da sentinela, seguida de perto pelos demais.

Até que a reconhecesse, havia o perigo de que o indivíduo soltasse o alarme, mas, no momento em que a viu, transformou-se em cera nas suas mãos.

— Você é cego — disse-lhe ela.

— Se a Princesa Janzara assim quiser — respondeu ele.

Ela lhe disse o que queria — cinco diadetes e alguns pesados capotes de guerreiros. Ele observou os que a acompanhavam e, por certo, reconheceu Zoanthrothago e desconfiou de quem eram os dois outros.

— Eu não apenas serei um cego pela minha Princesa — disse — mas amanhã morrerei por ela.

— Traga então seis diadetes — disse a Princesa. Em seguida, voltou-se para Komodoflorensai.

— Você é o Príncipe Real de Trohanadalmakus? — perguntou.

— Sou.

— Se nós lhe mostrarmos o caminho para a liberdade, não nos escravizará?

— Eu os levarei à cidade como meus próprios escravos e os libertarei — disse ele.

— Isto é algo raramente feito, se é que já o foi — disse ela, pensativa. — Não na memória da pessoa viva em Veltopismakus. Fico na dúvida se seu pai o permitirá.

— O fato não é sem precedentes — respondeu Komodoflorensai.

— Foi feito, embora de raro em raro, mas foi feito. Penso que podem contar com uma recepção cordial na corte de Adendrohahkis, onde o saber de Zoanthrothago não deixará de ser apreciado e recompensado.

Passou-se longo tempo antes que o guerreiro voltasse com os diadetes. Tinha o rosto coberto de suor e sangue nas mãos.

— Tive de lutar por eles — disse — e teremos de lutar para usá-los, se não nos apressarmos. Aqui, Príncipe, trouxe-lhe armas. — \* E entregou uma espada e uma adaga a Zoanthrothago.

Montaram rapidamente. Era a primeira experiência de Tarzan com as musculosas, ativas e pequeninas montarias dos minunianos.

Mas descobriu que a sela era bem concedida e que o diadete se deixava controlar facilmente.

— Eles me seguirão a partir do Corredor do Rei — explicou Oratharc, o guerreiro que fora buscar os diadetes. — Seria melhor, neste caso, sair por um dos outros.

— Trohanadalmakus fica a leste de Veltopismakus — disse Zoanthrohago — e se partirmos pelo Corredor das Mulheres com dois escravos de Trohanadalmakus, suporão que fomos naquela direção. Mas, se partirmos por outro corredor, não terão certeza, e se perderem até mesmo pouco tempo para dar início à perseguição, dar-nos-ão outro tanto de vantagem. Se formos diretamente para Trohanadalmakus seremos quase sem dúvida alcançados, pois os diadetes mais velozes serão usados na perseguição. A nossa única esperança reside em enganá-los sobre nossa rota ou destino e, para conseguir isso, acho que devemos partir ou pelo Corredor dos Guerreiros ou pelo dos Escravos, cruzar as colinas ao norte da cidade, fazer um grande círculo pelo norte e leste, não voltando ao sul até estarmos muito além de Trohanadalmakus. Desta maneira, poderemos aproximar-nos da cidade vindo do leste, enquanto nossos perseguidores estarão patrulhando o território a oeste de Trohanadalmakus até Veltopismakus.

— Vamos pelo Corredor dos Guerreiros, então — sugeriu Janzara.

— As árvores e arbustos nos ocultarão até passarmos para o norte da cidade — disse Komodoflorensal.

— Precisamos partir imediatamente — insistiu Oratharc.

— Vá, então, à frente, com a Princesa — disse Zoanthrohago — pois há possibilidade de que a guarda à entrada a deixe passar com um grupo. Nós nos ocultaremos bem dentro de nossos capotes de guerreiro. Vamos, tome a frente!

Com Janzara e Oratharc à frente e os outros seguindo de perto, trotaram pelo corredor circular em direção ao Corredor dos Guerreiros. Somente quando entraram neste último, ouviu-se o

primeiro sinal de perseguição. Ainda assim, embora escutassem vozes de homens à retaguarda, hesitaram em irromper num galope mais vivo para não despertar as suspeitas dos guerreiros da guarda, por quem deveriam passar perto da boca do corredor.

Nunca parecera o Corredor dos Guerreiros tão longo a qualquer um dos veltopismakusianos do grupo como naquela noite; nunca tiveram maior vontade de disparar com os diadetes como naquele instante; mas mantiveram as montarias em trote regular que jamais teria sugerido ao mais desconfiado que seis pessoas procuravam fugir, a maioria da morte.

Haviam chegado quase à porta quando perceberam que os perseguidores haviam entrado no Corredor dos Guerreiros e que avançavam rapidamente.

Janzara e Oratharc recolheram as rédeas junto à sentinela estacionada à boca do corredor, que se adiantara para impedir-lhes a passagem.

— A Princesa Janzara! — anunciou Oratharc. — Afaste-se e dê passagem à Princesa Janzara!

A Princesa tirou o capuz do capote de guerreiro, revelando um rosto bem conhecido de todos os guerreiros do Domo Real — e muito temido. O soldado hesitou.

— Afaste-se, homem! — Exclamou a Princesa. — Ou eu o derrubarei.

Um grande alarido prorrompeu no corredor atrás. Guerreiros montados em diadetes a galope saltaram no corredor em direção a eles. Os guerreiros gritavam alguma coisa, cujo sentido era ocultado pelo ruído. A sentinela, porém, ficou desconfiado.

— Espere até que eu chame o Novand da guarda, Princesa — gritou ele. — Há alguma coisa errada e eu não ousou deixar ninguém passar sem ordens. Mas, espere! Aqui está ele. — O grupo voltou-se na sela e viu emergindo da porta o Novand da guarda seguido por certo número de guerreiros.

— A galope! — gritou Janzara e esporeou o diadete diretamente contra a única sentinela que lhes barrava o caminho.

Os demais ergueram rapidamente as montarias e seguiram-no. A sentinela caiu, atacando em vão com a espada as pernas e ventres dos animais que voavam à frente. O Novand e seus homens saíram correndo da casa da guarda exatamente a tempo de colidir com os perseguidores, que imediatamente supuseram ser membros atrasados do grupo de fugitivos. Os curtos minutos em que lutaram, antes que explicações pudessem ser oferecidas e compreendidas, deram aos fugitivos tempo para costear as árvores para o lado leste da cidade e, virando para o norte, tomar a direção das colinas, apenas indistintamente percebidas à luz de uma noite clara, mas sem lua.

Oratharc, que disse conhecer perfeitamente as trilhas das colinas, ia na frente, seguindo-o os demais tão próximos quanto possível, fechando Komodoflorensal e Tarzan a retaguarda. Continuaram, assim, em silêncio durante a noite, através de tortuosas e alcantiladas trilhas montanhosas, pulando aqui e ali de pedra a pedra, onde, na própria trilha, não conseguiam encontrar apoio; deslizando para úmidas ravinas, subindo através de vegetação espessa e árvores ao longo de picadas que pareciam túneis e que lhes acompanhavam o colear, ou galgavam os paredões de estreitas cordilheiras ou largos platôs. Durante toda a noite, nenhum som ouviram de perseguição.

Chegou por fim a manhã e, com ela, do cume de uma altaneira cordilheira, viram um panorama de uma larga planície, que se estendia até o norte, colinas distantes, florestas e regatos. Resolveram, então, descer para uma das numerosas clareiras, lembrando um parque, que viam aninhada nas colinas embaixo, para dar repouso às montarias e deixá-las alimentarem-se, pois fora duro para elas o trabalho da noite.

Sabiam que, nas colinas, podiam esconder-se quase para sempre, tão selvagens e tão pouco viajadas eram. Armaram acampamento, porém, num pequeno vale em forma de taça,

cercado por grandes árvores, dessedentando e alimentando as montarias com um senso de segurança maior do que haviam sentido desde que deixaram Veltopismakus.

Oratharc saiu a pé e abateu certo número de codornas. Tarzan matou a lança dois peixes no regato. Prepararam-nos e comeram-nos e, revezando-se os homens de sentinela, dormiram até a tarde, pois nenhum deles dormira na noite anterior.

Recomeçando a fuga em meados da tarde, estavam já bem adentrados na planície quando a noite os alcançou. Komodoflorensal e Zoanthrohago cavalgavam bem distantes pelos flancos, procurando um local apropriado para o acampamento. Foi o segundo quem o encontrou e, quando se reuniram em torno dele, Tarzan nada viu, à luz minguante do dia, que fizesse o local parecer, em qualquer coisa, um acampamento melhor do que qualquer outro na planície: um pequeno grupo de árvores, mas haviam passado por muitos deles, e coisa alguma a respeito deste parecia oferecer maior segurança do que qualquer outro. Para dizer a verdade, a Tarzan pareceu qualquer coisa, menos um local desejável de acampamento. Não havia água, pouco era o abrigo contra o vento e nenhum contra o inimigo. Mas talvez penetrassem entre as árvores. Isto seria melhor. Olhou com amor para os altaneiros galhos. Como pareciam enormes essas árvores! Conhecia-as pelo que eram, árvores de tamanho médio, embora, para ele agora, elas erguessem as copas como se fossem verdadeiros gigantes.

— Eu entrarei primeiro — ouviu Komodoflorensal dizer e voltou-se para verificar ao que ele se referia.

Os outros três homens estavam de pé à boca de um grande buraco, para dentro do qual olhavam. Tarzan sabia que a abertura era entrada de um buraco de texugo, o membro africano da família das marmotas, e perguntou-se por que algum dos companheiros queria entrar ali. Aproximou-se e ficou ao lado dos outros. Neste momento, viu Komodoflorensal rastejar para a abertura com a espada desembainhada na mão.

— Por que ele está fazendo isso? — perguntou a Zoanthrohago.

— Para expulsar, ou matar o canbom, se ele estiver lá — respondeu o Príncipe, dando ao texugo o nome minuniano.

— E por quê? — perguntou Tarzan. — Não, certamente, para comer-lhe a carne!

— Não, mas queremos a casa dele para passar a noite — respondeu Zoanthrothago. — Esqueci-me de que você não é minuniano. Passaremos a noite nas câmaras subterrâneas do canbom, a salvo dos ataques do gato e do leão. Seria melhor que já estivéssemos lá agora. Esta é uma má hora da noite para minunianos estarem ao largo na planície ou na floresta, pois é a hora em que o leão caça.

Minutos depois Komodoflorensal emergiu do buraco.

— O canbom não está aqui — disse. — O buraco estava vazio. Encontrei apenas uma serpente, que matei. Entre, Oratharc, e Janzara e Talaskar o seguirão. Vocês têm velas?

Tinham e, um a um desapareceram pela boca do buraco até que Tarzan, que pedira para ficar por último, permaneceu sozinho na clareira, olhando para a boca do buraco do texugo, com um sorriso nos lábios. Parecia-lhe ridículo que Tarzan dos Macacos jamais pensasse em esconder-se de Numa num ninho de texugo ou, pior ainda, fugir do pequeno Skree, o gato-do-mato. E enquanto permanecia ali, sorrindo, um vulto despontou sombriamente entre as árvores. Os diadetes, pastando nas proximidades, soltos, fungaram e afastaram-se. Ao virar-se, Tarzan contemplou o maior leão que vira até aquele momento — um leão que se alteava a duas alturas acima da sua.

Como era imenso e quão apavorante Numa parecia para uma pessoa do tamanho dos minunianos.

O leão agachou-se com a cauda estendida, a ponta da qual movia-se muito lentamente. O homem-macaco, porém, não se deixou enganar. Imaginou o que estava a caminho e, no exato momento em que o grande gato saltou, voltou-se e mergulhou de cabeça no buraco do texugo. Por trás dele chocalhou a terra solta



empurrada para a boca do buraco por Numa, ao aterrar sobre o ponto onde Tarzan estivera.

# Capítulo 21

Durante três dias viajaram em direção ao leste. Finalmente, no quarto, viraram para o sul. Uma grande floresta despontava no longínquo horizonte sul, estendendo-se também por grande distância em direção ao leste. Ao sul, ficava Trohanadalmakus, a uns bons dois dias de jornada dos cansados diadetes. Tarzan freqüentemente se perguntava que descanso obtinham as pequenas criaturas. À noite, eram soltas para pastar. Mas o seu conhecimento dos hábitos dos carnívoros assegurava-lhe que os pequenos antílopes deviam passar a maior parte da noite em apavorada vigília ou em fuga. Apesar disso, todas as manhãs as montarias estavam de volta ao acampamento, esperando as ordens dos seus senhores. O motivo de não terem escapado para sempre deve-se, decerto, a dois fatos. O primeiro, que haviam sido criados durante idades incontáveis nos domos minunianos — não conheciam outra vida que em companhia de seus senhores — e, segundo, a extrema bondade e afeição que os minunianos dedicam às maravilhosas alimárias, atitudes essas que conquistaram o amor e a confiança dos pequenos animais a tal ponto que o diadete só se sente contente quando em companhia do homem.

Na tarde do quarto dia da fuga, Talaskar subitamente chamou-lhes a atenção para uma pequena onda de poeira muito à retaguarda do grupo. Durante algum tempo os seis olharam-na atentamente, à medida que ela aumentava de tamanho e se aproximava.

— Deve ser a longamente esperada perseguição — disse Zoanthroago.

— Ou alguém de meu povo, vindo de Trohanadalmakus — sugeriu Komodoflorensal.

— Quem quer que seja, são muito superiores em número — disse Janzara — e penso que devemos procurar abrigo até lhes

descobrirmos a identidade.

— Podemos chegar à floresta antes que nos alcancem — disse Oratharc — e na floresta poderemos enganá-los, se for preciso.

— Tenho medo da floresta — disse Janzara.

— Não temos alternativa — respondeu Zoanthrothago — mas, mesmo agora, duvido de que a possamos alcançar antes deles. Vamos! Precisamos andar depressa.

Nunca, anteriormente, Tarzan dos Macacos cobrira distância com tal rapidez no lombo de um animal. Os diadetes voavam pelo ar em grande saltos. Por trás deles, o núcleo da nuvem de pó tomou a forma de uma dúzia de guerreiros montados, contra os quais as suas quatro lâminas teriam sido inúteis. A única esperança, portanto, consistia em alcançar a floresta à frente dos perseguidores e, num momento, parecia que podiam fazê-lo e, no seguinte, que seria impossível.

A floresta, até então distante, parecia correr em direção a eles, enquanto Tarzan observava os diminutos chifres da graciosa montaria. Atrás, o inimigo ganhava terreno. Eram veltopismakusianos — estavam bastante próximos para que fossem distinguidas as insígnias em seus capacetes — e haviam reconhecido os perseguidos, pois gritaram em voz alta que parassem, chamando vários deles pelos nomes.

Um dos perseguidores galopou à frente dos demais. Aproximou-se por trás de Zoanthrothago que corria na retaguarda ao lado de Tarzan. A meio caminho, à frente de Zoanthrothago, estava Janzara. O indivíduo gritou-lhe em voz alta.

— Princesa! — bradou. — O perdão do Rei para todos vós se nos devolver os escravos. Renda-se e tudo será esquecido.

Tarzan dos Macacos ouviu e perguntou-se o que fariam os veltopismakusianos. Deve ter sido grande a tentação. Não tivesse sido por Talaskar, ele os teria aconselhado a voltar para os amigos. Mas não admitia que a escrava fosse sacrificada. Puxou a espada e

diminuiu um pouco a marcha postando-se ao lado de Zoanthrohago, embora o outro jamais lhe desconfiasse das intenções.

— Rendam-se e tudo será perdoado! — gritou novamente o perseguidor.

— Nunca! — gritou Zoanthrohago.

— Nunca! — ecoou Janzara.

Então, agüentem as conseqüências — gritou o mensageiro.

E continuaram a desabalada carreira, perseguidores e perseguidos, em direção à sombria floresta. Na franja da floresta, olhos selvagens observavam a furiosa corrida e línguas vermelhas passavam prelibando, sobre lábios esfomeados.

Tarzan ficara satisfeito ao ouvir a resposta dada por Zoanthrohago e Janzara, que considerava companheiros agradáveis e bons camaradas. A atitude de Janzara mudara por completo desde que se reunira a eles na tentativa de fuga. Não era mais a filha estragada de um déspota, mas uma mulher que buscava a felicidade no novo amor que encontrara, ou o velho amor que acabara de reencontrar, pois dizia com freqüência a Zoanthrohago que sabia agora que sempre o amara. E este novo fator na sua vida enchia-a de mais consideração e amor pelos demais. Ela parecia estar tentando compensar Talaskar pela crueldade do ataque, quando a conhecera. A paixonite insana por Tarzan reconhecia à sua verdadeira luz — porque fora recusada, queria-o, e o teria aceito como príncipe contra a vontade do pai, a quem odiava.

Komodoflorensal e Talaskar cavalgavam juntos, mas o trohanadalmakusiano não disse palavra de amor à pequena escrava. Uma grande resolução cristalizava-se em sua mente, embora não houvesse tomado ainda forma definitiva. E Talaskar, parecendo feliz em estar apenas próxima, corria cheia de felicidade nos primeiros dias da única liberdade que jamais conhecera. Mas, naquele instante, tudo estava esquecido, salvo o perigo imediato de captura e as concomitantes alternativas de morte e escravidão.

Esporearam as esforçadas montarias. A floresta estava tão próxima! Ah, se apenas pudessem alcançá-la! Ali um guerreiro poderia valer tanto quanto três e as desvantagens contra eles seriam reduzidas, pois na floresta os doze não podiam engajá-los simultaneamente em combate e, mediante manobras cuidadosas, poderiam, sem dúvida, separá-los.

Iam ter êxito! Um grande grito subiu aos lábios de Oratharc no momento em que seu diadete saltou para a sombra das primeiras árvores e foi repetido pelos demais durante um curto instante e, em seguida, morreu-lhes nos lábios ao verem uma mão gigantesca baixar-se e arrancar Oratharc da sela. Tentaram parar e virar as montarias, mas era tarde demais. Já estavam na floresta, cercados de todos os lados por uma horda de medonhos zertalacolols. Um a um foram arrancados dos diadetes, enquanto os perseguidores, que devem ter visto o que ocorria na floresta, davam a volta e galopavam para longe.

Talaskar, contorcendo-se nas mãos de uma alalu, voltou-se para Komodoflorensal.

— Adeus — gritou. — Isto é o fim. Mas posso morrer a seu lado e, por isso, estou mais feliz em morrer do que estive em viver até que você veio a Veltopismakus.

— Adeus, Talaskar! — respondeu ele. — Vivendo, não ousava dizer-lhe, mas, morrendo, posso proclamar meu amor. Diga-me que me ama.

— Com todo meu coração, Komodoflorensal! — Pareciam ter esquecido que existiam outras pessoas, salvo elas mesmas. Na morte, estavam sozinhos com seu amor.

Tarzan descobriu que estava nas mãos de um macho e começou a perguntar-se, no próprio momento em que enfrentava a morte certa, como é que este grande bando de machos e fêmeas alalus poderia estar caçando em conjunto. Notou, então, as armas dos machos. Não eram as grosseiras clavas e fundas que haviam usado outrora, mas longas e elegantes azagaias, arcos e flechas.

Na criatura que o erguera até a altura do rosto e o examinava atentamente, Tarzan percebeu uma expressão de reconhecimento e espanto no semblante bestial e, ele, por seu lado, reconheceu o captor. Era o filho da Primeira Mulher. Tarzan não esperou para descobrir qual o estado de espírito do velho conhecido. Possivelmente a relação estava alterada agora. Recordou-se da devoção canina da criatura quando a vira pela última vez e experimentou-a imediatamente.

— Ponha-me no chão! — sinalizou peremptoriamente. — E diga a sua gente para pôr no chão todos meus amigos. Não lhes faça mal!

Sem demora, a grande criatura colocou Tarzan suavemente no chão e fez imediatos sinais aos companheiros para que fizessem o mesmo com os cativos. Os homens obedeceram imediatamente e todas as mulheres, com exceção de uma. Ela hesitou. O filho da Primeira Mulher saltou contra ela com a azagaia erguida como um chicote. A fêmea acovardou-se e pôs Talaskar no chão.

Muito orgulhoso, o filho da Primeira Mulher explicou a Tarzan, tanto quanto podia, a grande mudança pela qual haviam passado os alalus desde que o homem-macaco dera armas a um deles e o filho da Primeira Mulher descobrira o que o uso apropriado delas significaria para os machos da raça. Naquele momento, todos os machos tinham uma mulher que cozinhava para eles — pelo menos uma e, alguns deles — os mais fortes — mais de uma.

Para divertir Tarzan e mostrar-lhe que grandes progressos a civilização fizera na terra dos zertolocolols, o filho da Primeira Mulher agarrou uma fêmea pelo cabelo e, puxando-a, bateu-lhe fortemente na cabeça e rosto com o punho fechado. A mulher caiu de joelhos e acariciou-lhe as pernas, olhando ansiosamente para ele, com o rosto brilhante de amor e admiração.

Naquela noite, os seis dormiram cercados pelos grandes zertalocolols e, no dia seguinte, partiram pela planície em direção a Trohanadalmaskus, onde Tarzan resolvera permanecer até recuperar a estatura normal, ocasião em que faria um esforço

determinado para abrir caminho pela floresta de espinhos até seu próprio território.

Os zertalocolols acompanharam-nos durante uma curta distância pela planície e homens e mulheres tentaram em sua rude e selvagem maneira mostrar a Tarzan a gratidão sentida pela mudança que operava entre eles e pela nova felicidade que lhes tinha dado.

Dois dias depois, os seis fugitivos aproximaram-se dos domos de Trohanadalmakus. Haviam sido vistos pela sentinela ainda muito longe e um destacamento de guerreiros galopou à frente para recebê-los, pois é sempre prudente descobrir a natureza dos negócios de um visitante em Minuni antes que ele se aproxime muito.

Ao descobrirem que Komodoflorensal e Tarzan haviam voltado, os guerreiros gritaram de alegria e certo número deles galopou à frente para espalhar a notícia na cidade.

Os fugitivos foram conduzidos imediatamente à sala do trono de Adendrohahkis. O grande Rei tomou o filho nos braços e chorou, tão grande era a felicidade de vê-lo de volta são e salvo. Tampouco esqueceu Tarzan, embora passasse algum tempo antes que ele e outros trohanadalmakusianos pudessem acostumar-se ao fato de que este homem, não mais alto do que eles, era o grande gigante que ali morara poucas luas antes.

Adendrohahkis chamou Tarzan ao pé do trono e ali, diante dos nobres e guerreiros de Trohanadalmakus, elevou-o à categoria de Zertol, ou príncipe, deu-lhe diadetes e riquezas e designou-lhe aposentos de acordo com sua posição, suplicando-lhe que permanecesse para sempre entre eles.

A Janzara, Zoanthrohago e Oratharc deu a liberdade e permissão para permanecerem em Trohanadalmakus. Por fim, Komodoflorensal puxou Talaskar para os pés do trono.

— E agora para mim, peço uma mercê, Adendrohahkis — disse.  
— Como Zertolosto, sou forçado pelos costumes a casar-me com

uma princesa prisioneira, tomada a outra cidade. Mas, nesta jovem escrava, encontrei aquela a quem amo. Permita-me renunciar aos meus direitos ao trono e tê-la, em vez disso.

Talaskar levantou a mão, como se fosse protestar. Komodoflorensal, porém, não deixou que ela falasse. Adendrohahkis levantou-se, desceu os degraus até onde se encontrava Talaskar e, tomando-lhe a mão, levou-a para um lugar ao lado do trono.

— Você é obrigado somente pelos costumes, Komodoflorensal — disse — a casar-se com uma princesa. Mas o costume não é lei. Um trohanadalmakusiano pode casar-se com quem quiser.

— E mesmo que ele fosse obrigado pela lei — disse Talaskar — a casar-se com uma princesa, poderia ainda desposar-me, pois sou filha de Talaskhago, Rei de Mandalamakus. Minha mãe foi capturada pelos veltopismakusianos algumas luas antes do meu nascimento, que ocorreu na mesma câmara em que Komodoflorensal me encontrou. Ela me ensinou que eu devia suicidar-me antes de casar com outra pessoa que não um príncipe. Mas eu lhe teria esquecido os ensinamentos se Komodoflorensal tivesse sido filho de um escravo. Que fosse filho de rei foi coisa com que não sonhei até que deixamos Veltopismakus e eu já lhe tinha dado meu coração muito antes, embora ele não soubesse disto.

Passaram-se semanas e, apesar disso, nenhuma mudança ocorreu em Tarzan dos Macacos. Sentia-se feliz em companhia dos minunianos, mas, ainda assim, tinha saudades de sua própria gente e da companheira, que deviam estar sofrendo por sua causa. Assim, resolveu partir como estava, passar pela floresta de espinheiros e dirigir-se para o lar, confiando em que pudesse, por acaso, escapar dos incontáveis perigos que lhe infestariam o caminho e, talvez, voltar ao tamanho normal durante a longa viagem.

Os amigos tentaram dissuadi-lo, mas ele estava resolvido e, por fim, não admitindo mais demora, partiu em direção ao sueste onde pensava ficar o ponto por onde entrara na terra de Minuni. Um kamak, um grupo de mil guerreiros montados, acompanhou-o até a



grande floresta, onde, após uma demora de alguns dias, o filho da Primeira Mulher encontrou-o. Os minunianos despediram-se e, quando os viu cavalgar para longe em suas graciosas montarias, subiu-lhe à garganta uma coisa que somente ocorria nas raras vezes na vida em que Tarzan dos Macacos sabia o que era saudade.

O filho da Primeira Mulher e seu selvagem bando escoltaram-no até a borda da floresta de espinhos. Mais adiante não podiam ir. Um momento depois, viram-no desaparecer entre os espinhos com um gesto de adeus. Durante dois dias, Tarzan, não mais alto do que um minuniano, abriu caminho pelo espinheiro. Encontrou pequenos animais, na ocasião bastante grandes para representarem perigo, mas coisa alguma que não pudesse enfrentar. À noite dormia nos ninhos de grandes animais subterrâneos. Aves e ovos eram seu alimento.

Na segunda noite, acordou sentindo uma náusea percorrer-lhe o corpo. Assaltou-o uma premonição de perigo. Era escuro como uma cova o buraco que escolhera para passar a noite. Subitamente ocorreu-lhe o pensamento de que poderia estar prestes a passar pela provação de recuperar a estatura normal. Deixar que isso acontecesse enquanto jazia enterrado no pequeno buraco significaria a morte, pois seria esmagado, estrangulado ou sufocado antes de recuperar os sentidos.

Já se sentia estonteado, como uma pessoa prestes a perder a consciência. Pôs-se de joelhos com esforço e subiu, agarrando-se no solo, o aclave que conduzia à superfície. Chegaria a ela a tempo? Tropeçou e, subitamente, uma lufada de ar fresco chegou-lhe às narinas. Levantou-se cambaleando. Estava fora do buraco! Estava livre!

Atrás dele, ouviu um baixo rosnado. Agarrando a espada, mergulhou para frente entre os espinheiros. Que distância percorreu e em que direção, não soube. Era ainda escuro quando tropeçou e caiu sem sentidos no solo.

## Capítulo 22

Um waziri, voltando da aldeia de Obebe, o canibal, viu um osso ao lado da trilha. Isto, em si, coisa alguma tinha de notável. Numerosos ossos coalham as trilhas selvagens da África. Esse osso, porém, levou-o a estacar. Era um osso de criança. Mas não foi isso apenas que levou o guerreiro a apressar-se através de um território hostil de volta a seu próprio povo.

Usula, porém, ouvira estranhas estórias na aldeia de Obebe, o canibal, onde os boatos o levaram em busca do amado senhor, o Grande *Bwana*. Obebe nada vira ou ouvira de Tarzan dos Macacos. Havia anos não via o gigante branco. Garantiu isso a Usula numerosas vezes. Com outros membros da tribo, porém, descobriu que um homem branco fora mantido como prisioneiro por Obebe durante um ano mais ou menos e que, desde então, escapara. De início Usula pensou que o homem branco pudesse ter sido Tarzan, mas, ao conferir a declaração da época decorrida desde que o homem fora capturado, compreendeu que não podia ter sido seu senhor. Tomou assim, a picada na floresta de volta ao lar. Mas, ao ver os ossos de uma criança na trilha diversos dias depois, recordou-se da estória da perda Uhha e parou, apenas por um momento, para examinar os ossos. Ao observá-los, viu algo mais — uma pequena sacola de couro, entre outros ossos, a alguns passos da trilha. Curvou-se e apanhou a sacola. Abriu-a e despejou-lhe o conteúdo nas mãos. Sabia o que eram essas coisas e que haviam pertencido a seu senhor, pois Usula era um chefe que sabia muitas coisas dos negócios do senhor. Estes eram os diamantes que haviam sido roubados do Grande *Bwana* muitas luas antes pelos brancos que descobriram Opar. Ele os levaria de volta à mulher do grande *Bwana*.

Três dias depois, movendo-se silenciosamente pela trilha próxima à Grande Floresta de Espinhos, parou subitamente, apertando a mão, em preparativo, em torno da pesada azagaia.

Numa pequena clareira viu um homem, quase nu, deitado no chão. Estava vivo — viu-o mexer-se — mas o que fazia? Usula aproximou-se silenciosamente. Deu uma volta até poder observá-lo de outro ângulo e viu, então, um espetáculo horrendo. O homem era branco e jazia no meio da carcaça de um búfalo morto muito tempo antes, devorando, faminto, os restos do couro que se prendiam aos ossos descorados.

O homem levantou um pouco a cabeça e Usula, observando-o melhor, emitiu um grito de horror. O homem levantou os olhos e riu. Era o Grande *Bwana!*

Usula correu para ele, colocou-o de joelhos, mas ele apenas riu e falou ininteligivelmente como uma criança. Ao seu lado, preso num dos chifres do búfalo, pendia o medalhão de ouro incrustado de grandes diamantes. Usula recolocou-o em torno do pescoço do homem. Construiu para ele um forte abrigo nas proximidades e saiu à caça e, durante muitos dias, ali permaneceu até voltarem as forças do homem. A sua mente, porém, não voltou. E assim, nesta condição, o fiel Usula levou-o para casa.

Encontraram-lhe numerosos ferimentos e contusões no corpo e cabeça, algumas velhas, outras novas, banais umas, sérias outras. Chamaram da Inglaterra um grande cirurgião para vir restaurar a pobre coisa que fora outrora Tarzan dos Macacos.

Os cães que haviam amado Lord Greystoke fugiam da criatura. Jad-bal-ja, o Leão de Ouro, rosnava quando o homem aproximava-se de sua jaula.

Korak, o matador, andava de um lado para outro em estúpido desespero, pois a mãe estava de volta da Inglaterra, e que efeito teria sobre ela o terrível golpe? Hesitava mesmo em pensar no assunto.

Khamis, o feiticeiro, procurava incansavelmente por Uhha, a filha que o Demônio do Rio raptara da aldeia de Obebe, o canibal.

Fizera viagens a outras aldeias, algumas delas muito distantes de seu território, mas não encontrara traços do raptor.

Voltava certo dia de outra infrutífera busca que se estendera muito a leste da aldeia de Obebe, ladeando a Grande Floresta de Espinhos a alguns quilômetros ao norte do Ugogo. Era cedo, pela manhã. Acabara de abandonar o solitário acampamento e iniciara a última etapa da viagem de volta quando seus agudos olhos descobriram alguma coisa à borda de uma pequena clareira, a uns cem metros à direita. Vira apenas um vislumbre de algo que não fazia parte da vegetação circundante. Não sabia o que era. O instinto, porém, levou-o a investigar. Movendo-se cautelosamente para mais perto, identificou logo a coisa como um joelho, projetando-se acima da baixa relva que cobria a clareira. Aproximou-se mais e, de súbito, seus olhos se estreitaram e ele emitiu um único e estranho som ao sugar rapidamente o ar na reação mecânica de surpresa, pois viu o Demônio do Rio deitado de costas, com um joelho flexionado — o joelho que avistara por cima da relva.

Com a azagaia à frente e em posição, aproximou-se até ficar em frente ao corpo imóvel. Estaria morto ou dormindo o Demônio do Rio? Colocando a ponta da azagaia contra o peito bronzeado, Khamis cutucou-o. O Demônio não acordou. Não estava dormindo, então. Nem parecia morto. Khamis ajoelhou-se e colocou o ouvido contra o peito do homem. Não estava morto!

O feiticeiro pensou rapidamente. No íntimo, não acreditava em Demônios do Rio. Apesar disso, havia a possibilidade de que talvez existissem, e, quem sabe, este estivesse fingindo inconsciência, ou temporariamente ausente do corpo enquanto assumia um disfarce com o qual podia andar entre os homens sem lhes despertar as suspeitas. Mas, igualmente, era o raptor de sua filha. O pensamento encheu-o de fúria e coragem. Precisava extrair a verdade desses lábios, mesmo que a criatura fosse o próprio Demônio.

Desenrolou um pedaço de corda de fibra da cintura e, virando o corpo de costas, amarrou-lhe sem demora os pulsos. Em seguida, sentou-se ao lado dele, à espera. Passou-se uma hora antes que aparecesse os primeiros sinais de recuperação dos sentidos. O Demônio do Rio abriu os olhos.

— Onde está Uhha, minha filha? — perguntou o feiticeiro. O Demônio do Rio tentou libertar os braços, mas estavam bem seguros. Não respondeu à pergunta de Khamis. Era como se não a tivesse ouvido. Deixou de lutar e continuou como estava, repousando. Após algum tempo, abriu os olhos e olhou para Khamis, mas não falou.

— Levante-se! — ordenou-lhe o feiticeiro e cutucou-o com a azagaia.

O Demônio do Rio rolou sobre um dos lados, flexionou o joelho direito, ergueu-se sobre um cotovelo e, finalmente, pôs-se de pé. Khamis cutucou-o na direção da trilha. Mais ou menos ao anoitecer chegaram à aldeia de Obebe.

No momento em que guerreiros, mulheres e crianças viram quem Khamis trazia, ficaram extremamente excitados e, não tivesse sido pelo feiticeiro, que temiam, teriam esfaqueado e apedrejado o prisioneiro até provocar-lhe a morte. Khamis, porém, não queria que o Demônio do Rio morresse... ainda não. Queria, em primeiro lugar, obrigá-lo a contar a verdade sobre Uhha. Até aquele momento não conseguira extrair uma única palavra do prisioneiro. O interrogatório incessante, ajudado por muitas cutucadas da ponta da azagaia, em nada havia resultado.

Khamis lançou o prisioneiro na mesma choça de onde havia escapado o Demônio do Rio. Mas amarrou-o fortemente e pôs dois guerreiros de guarda. Não tinha idéia de soltá-lo novamente. Obebe veio vê-lo. Ele, também, interrogou-o. O Demônio do Rio apenas o olhou com expressão vazia.

— Eu o farei falar — disse Obebe. — Depois de terminarmos de comer, nós o tiraremos daqui e o obrigaremos a falar. Eu conheço muitas maneiras.

— Você não deve matá-lo — disse o feiticeiro. — Ele sabe o que aconteceu a Uhha, e até que ele me conte, ninguém o vai matar.

— Ele falará antes de morrer — disse Obebe.

— Ele é o Demônio do Rio e nunca morrerá — disse Khamis, voltando à velha controvérsia.

— Ele é Tarzan — exclamou Obebe. E os dois discutiam ainda quando saíram do alcance da voz, deixando o prisioneiro deitado na imundície da choça.

Depois de terem comido, viu-os aquecer ferros numa fogueira próxima à choça do feiticeiro, que, agachado na entrada, fazia com rapidez numerosos encantamentos, utilizando fragmentos de madeira embrulhados em folhas, pedaços de pedra, alguns seixos e uma cauda de zebra.

Os aldeões reuniram-se em torno de Khamis e, depois de certo momento, o prisioneiro não pôde mais vê-lo. Logo depois, um negrinho aproximou-se e disse alguma coisa aos guardas. Foi tirado da prisão e empurrado violentamente para a choça do feiticeiro.

Observou que Obebe estava lá, logo que os guardas abriram caminho entre a multidão. Permanecia ao lado da fogueira, no centro do círculo. Era apenas uma pequena fogueira. Apenas o suficiente para um par de ferros em brasa.

— Onde está Uhha, minha filha? — indagou Khamis.

O Demônio do Rio não respondeu. Não falara nem uma única vez desde que fora capturado pelo feiticeiro.

— Queime-lhe um dos olhos — disse Ubebe. — Isto o obrigará a falar!

— Corte-lhe a língua — gritou uma mulher. — Corte-lhe a língua!

— Então ele não poderá falar, sua idiota.

O feiticeiro levantou-se e repetiu a pergunta, mais uma vez sem resposta. Desferiu pesado golpe no rosto do Senhor da Selva. Khamis perdera a cabeça e não temia nem mesmo o Demônio do Rio.

— Você vai responder-me agora! — gritou e, curvando-se, apanhou um ferro vermelho em brasa.

— O olho direito, primeiro! — guinchou agudamente Obebe.

O médico chegou ao bangalô do homem-macaco. Lady Greystoke trouxe-o consigo. Três cansados e empoeirados viajantes desmontaram finalmente diante da entrada orlada de rosas — o famoso cirurgião londrino, Lady Greystoke e Flora Hawkes, a empregada. O cirurgião e Lady Greystoke dirigiram-se imediatamente para a sala onde Tarzan se sentava numa improvisada cadeira de rodas. Levantou para eles olhos vazios quando entraram.

— Não me reconhece, John? — perguntou a mulher.

O filho segurou-lhe os ombros e levou-a para longe, em prantos.

— Ele não reconhece pessoa alguma — disse. — Espere até a operação, mamãe, antes de vê-lo novamente. Você não pode fazer coisa alguma por ele e, vê-lo assim, é um sofrimento para você.

Enfermeiras e dois médicos de Nairóbi, contratados no dia em que chegaram a essa cidade, seguiam Lady Greystoke e o cirurgião londrino, alcançando o bangalô um dia depois. A operação teve lugar na manhã seguinte.

Lady Greystoke, Korak e Merie esperaram num quarto contíguo o veredicto do cirurgião. Seria a operação um fracasso ou um sucesso? Sentados, sem pronunciar palavra, olhavam para a porta da improvisada sala de operações. Por fim, ela foi aberta depois do que pareceu um tempo imenso, mas que talvez tenha sido apenas uma hora. O cirurgião entrou. Olhos embotadamente suplicantes fizeram-lhe uma pergunta que os lábios não ousavam articular.

— Não lhes posso dizer coisa alguma ainda — começou — senão que a operação, como ato cirúrgico, foi sucesso. O que será o resultado somente o tempo dirá. Dei ordens para que ninguém entre neste quarto, com exceção das enfermeiras, durante dez dias. Elas tem instrução para não lhe falar, nem permitir que ele fale,

durante o mesmo espaço de tempo. Mas ele não quererá falar, pois eu o manterei em estado de semi-inconsciência por meio de entorpecentes até que tenham passado os dez dias. Até então, Lady Greystoke, podemos apenas nutrir esperança. Mas posso assegurar-lhe de que seu marido tem todas as possibilidades de uma recuperação completa. Penso que, com certeza, pode ter esperança.

O feiticeiro pôs a mão esquerda no ombro do Demônio do Rio. Na direita, segurava o ferro em brasa.

— O olho direito, primeiro! — guinchou agudamente Obebe, mais uma vez.

Subitamente, os músculos das costas e ombros do prisioneiro entraram em ação, rolando sob a pele bronzeada. Durante um instante, ele pareceu aplicar uma força terrível, ouviu-se um som de coisa que se partia e caíram as correias que lhe prendiam os pulsos. Um momento depois, dedos de aço caíram sobre o punho direito do feiticeiro. Olhos em chamas queimaram-no. Deixou cair o ferro, os dedos paralisados pela pressão no pulso e, gritando, viu a morte no rosto enfurecido do Deus.

Obebe levantou-se com um salto. Guerreiros aproximaram-se, mas não o suficiente para ficar ao alcance do Demônio do Rio. Nunca haviam tido certeza do bom senso de tentar a Providência de uma maneira como Khamis e Obebe quase faziam. Agora, olhe só o resultado! A ira do Demônio do Rio caíra sobre todos eles. Recuaram, alguns deles, e isto foi o sinal para que os outros debandassem também. Nas mentes de todos havia o mesmo pensamento — se não me meter nisto o Demônio do Rio não ficará zangado comigo. Deram as costas e correram para suas choças, tropeçando sobre mulheres e crianças que tentavam passar à frente dos seus amos e senhores. Obebe voltou-se para fugir também. O Demônio do Rio levantou Khamis, ergueu-o com as duas mãos bem acima da cabeça e correu atrás de Obebe, o Chefe. Este mergulhou na própria choça. Mal alcançara o centro da cabana quando ouviu o



terrível som de uma coisa que caía sobre o fino telhado de palha, que cedeu sob um grande peso. Um corpo descendo sobre o chefe encheu-o de pavor. O Demônio do Rio saltara pelo telhado para destruí-lo! O instinto de autoconservação abafou momentaneamente o medo do sobrenatural, pois agora estava convencido de que Khamis tivera razão e que a criatura que por tanto tempo mantivera prisioneira era, realmente, o Demônio do Rio. Sacou a faca da cintura e mergulhou-a uma, duas, três vezes, repetidas vezes no corpo da criatura que saltara sobre ele e, quando sentiu que a vida estava extinta, levantou-se e, puxando o corpo, saiu da choça para a luz da lua e das fogueiras.

— Venha, meu povo! — bradou. — Nada têm a temer, pois eu, Obebe, o vosso chefe, matei o Demônio do Rio com minhas próprias mãos. — Olhou para a coisa que arrastava, deixou escapar um som estrangulado e, inesperadamente, sentou-se na areia da rua da aldeia, pois o corpo que tinha aos calcanhares era o de Khamis, o feiticeiro.

O povo veio e, ao ver o que havia acontecido, nada disse, mas olhou apavorado. Obebe examinou a choça e o terreno em volta. Chamou diversos guerreiros e deu uma busca na aldeia. O estranho partira. Foi até o portão. Estava fechado. Mas na areia diante dele viu a marca de um pé — o pé descalço de um homem branco. Voltou à choça, em seguida, onde o povo amedrontado o esperava.

— Obebe tinha razão — disse. — A criatura não era o Demônio do Rio. Era Tarzan dos Macacos, pois somente ele poderia lançar Khamis tão alto sobre a cabeça para que ele caísse sobre o teto de uma choça e somente ele poderia passar sem ajuda por cima de nosso portão.

Chegara o décimo dia. O grande cirurgião continuava no bangalô dos Greystokes, esperando o resultado da operação. O paciente emergia lentamente dos efeitos da última dose de entorpecentes que lhe fora dada na noite anterior, embora recobrasse a consciência mais devagar do que o cirurgião esperara. As longas

horas arrastaram-se, a manhã transformou-se em tarde, chegou a noite e, ainda assim, nenhuma palavra emanou do quarto do doente.

Escureceu. Os candeeiros foram acesos. A família reuniu-se na grande sala de estar. Subitamente, a porta abriu-se e uma enfermeira apareceu. Atrás dela, vinha o doente. Havia uma expressão de perplexidade em seu rosto. O rosto da enfermeira, porém, estava aureolado de sorrisos. O cirurgião apareceu atrás, ajudando o homem, que a longa inatividade deixara fraco.

— Penso que agora Lord Greystoke ficará logo bom — disse ele. — Há muitas coisas que a senhora tem que contar-lhe. Ele não sabia quem era ao recuperar a consciência. Mas isto não é estranho em casos como este.

O paciente deu alguns passos pela sala, olhando espantado em volta.

— Eis aí a sua esposa, Greystoke — disse bondosamente o cirurgião.

Lady Greystoke levantou-se e atravessou a sala em direção ao mando, com os braços estendidos. Um sorriso surgiu no rosto do doente ao dar um passo à frente para recebê-la e tomá-la nos braços. De súbito, porém, alguém interpôs-se entre eles. Era Flora Hawkes.

— Meu Deus, Lady Greystoke! — gritou. — Ele não é seu marido. É Miranda. Esteban Miranda! A senhora não acha que eu o reconheceria entre um milhão? Eu não o vira desde que voltamos, nunca estive no quarto do doente, mas suspeitei de algo quando ele entrou na sala e tive a certeza quando ele sorriu.

— Flora! — exclamou a perturbada esposa. — Tem certeza? Não! Não! Você deve estar enganada! Deus não me devolveu o marido apenas para roubá-lo de novo. John! Diga-me, é você? Você não me mentiria?

Durante um momento, o homem ficou silencioso. Balançou de um lado para outro, como se estivesse tonto. O cirurgião adiantou-

se e amparou-o.

— Eu estive muito doente — disse. — Possivelmente mudei. Mas eu sou Lord Greystoke. Eu não me lembro desta mulher — disse, indicando Flora Hawkes.

— Ele mente! — exclamou a moça.

— Sim, ele mente — disse uma voz tranqüila atrás deles. Voltaram-se todos e viram a figura de um gigante branco entre as janelas francesas que se abriam para a varanda.

— John! — gritou Lady Greystoke, correndo para ele. — Como pude cometer este engano... — O resto da frase, porém, perdeu-se no momento em que Tarzan dos Macacos, saltando para o centro da sala, tomou a companheira nos braços e cobriu-lhe os lábios de beijos.

**FIM**